



PROFLETRAS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

ELIZABETE BEZERRA DA SILVA

**VARIAÇÃO E DIVERSIDADE LINGUÍSTICA: AMPLIANDO A
CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA DOS ALUNOS DA ZONA RURAL POR MEIO
DAS TIRAS DA “TURMA DO XAXADO”**

MAMANGUAPE-PB

2020

ELIZABETE BEZERRA DA SILVA

**VARIAÇÃO E DIVERSIDADE LINGUÍSTICA: AMPLIANDO A
CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA DOS ALUNOS DA ZONA RURAL POR MEIO
DAS TIRAS DA “TURMA DO XAXADO”**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB (*Campus IV*), na área de concentração em Linguagens e Letramento, subárea: Sociolinguística e Dialetologia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Erivaldo Pereira do Nascimento

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Roseane Batista Feitosa Nicolau

MAMANGUAPE-PB

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S568v Silva, Elizabete Bezerra da.

Variação e diversidade linguística: ampliando a
consciência linguística dos alunos da zona rural por
meio das tiras da "turma do xaxado" / Elizabete Bezerra
da Silva. - Mamanguape, 2020.

228 f. : il.

Orientação: Erivaldo Pereira do Nascimento.
Coorientação: Roseane Batista Feitosa Nicolau.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/PROFLETRAS.

UFPB/CCAÉ

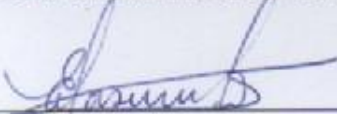
CDU 81'27

ELIZABETE BEZERRA DA SILVA

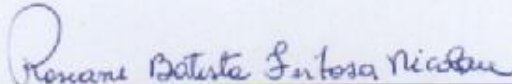
**VARIAÇÃO E DIVERSIDADE LINGUÍSTICA: AMPLIANDO A CONSCIÊNCIA
LINGUÍSTICA DOS ALUNOS DA ZONA RURAL POR MEIO DAS TIRAS DA "TURMA
DO XAXADO"**

Aprovada em 19/02/2020.

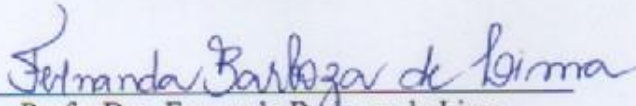
BANCA EXAMINADORA



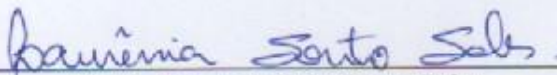
Prof. Dr. Erivaldo Pereira do Nascimento
(Orientador)



Profa. Dra. Roseane Batista Feitosa Nicolau
(Co-Orientadora)



Profa. Dra. Fernanda Barboza de Lima
(Examinadora Externa)



Profa. Dra. Laurênia Souto Sales
(Examinadora Interna)

As minhas filhas e razões de minha vida, Anne Vitória e Laura
Eliza, por todo amor e sorrisos que me impulsionam e alegram
meus dias...

Por quem eu respiro e levanto todas as manhãs...

AGRADECIMENTOS

A Deus, autor de minha vida e fé, a quem devo todas as conquistas, vitórias e livramentos. Por suas mãos estendidas sobre minha vida, glórias a Ele sempre...

Aos meus pais, Sueli Rafael e Luiz Bezerra, por todo amor e orações...

A José Carlos, amor de minha vida e companheiro fiel, pelo cuidado, amor dedicado, compreensão e por compartilhar meus sonhos...

A minha filha, Anne Vitória, que é a alegria de minha vida, pelo amor, sorrisos, beijos e abraços, e pela tentativa, mesmo criança, de compreender minhas ausências nos períodos dedicados a construção de trabalho.

A minha caçula, Laura Eliza, pela grata surpresa de sua chegada, que, durante a conclusão desse trabalho, encontra-se no meu ventre, dando seus chutinhos, lembrando-me o quanto sou duplamente abençoada pela dádiva de ser mãe pela segunda vez.

Aos meus irmãos, Ednaldo e Evandi, Elias, pelo amor, cuidado e ajuda nas horas de necessidade...

À minha querida orientadora, professora Dra. Roseane Nicolau, exemplo de mulher, educadora, mãe, pela parceria, paciência e compreensão e por acreditar que esse trabalho seria possível.

Aos meus queridos alunos, a quem me dedico de corpo e alma na busca de um aprendizado significativo.

Aos pais e responsáveis pelos meus alunos, que acreditaram no meu trabalho, pela confiança e por permitirem que seus pupilos participassem da pesquisa.

As gestoras da escola em que a intervenção ocorreu, Nelma e Nalva, pela ajuda, confiança e compreensão.

A minha amiga e irmã, Fabrini Bilro, que sempre acreditou e torceu por mim, pelo carinho e incentivo.

As minhas queridas amigas e irmãs do coração, Adrielly Zhong, Manuela Xavier e Maria Hosana, companheiras de viagem, pelas risadas que tornaram nossas idas e vindas à universidade mais alegres e leves, pelo apoio, orações e incentivo.

A coordenadora do PROFLETRAS, Campus IV, professora Dra. Laurênia Souto Sales, pelo incentivo, compreensão e toda ajuda possível.

Ao querido professor Dr. Erivaldo Pereira do Nascimento, por tão gentilmente ter ficado como meu orientador na ausência de minha orientadora professora Roseane Nicolau e sempre ter se colocado a minha disposição na construção desse trabalho.

A professora Dra. Fernanda Barbosa de Lima, que compôs a minha banca de defesa, pelas preciosas dicas para a melhoria deste trabalho.

Aos professores do PROFLETRAS, da Universidade Federal da Paraíba, Campus IV, pela dedicação e esforço em tempos tão difíceis para a educação brasileira, e por não cessarem de buscar uma transformação educacional.

Aos colegas da turma V, do PROFLETRAS, por todo carinho, sorrisos compartilhados e apoio mútuo.

A todos os professores que fizeram parte de minha vida escolar, pois cada um, a seu modo, plantou em mim a semente do amor pela educação.

Ao meu querido professor de matemática, Walter, por acreditar em seus alunos e me ajudar a ingressar na faculdade de formação de professores.

GRATIDÃO!!!

Há, por exemplo, tantas espécies de vozes no mundo, e nenhuma delas é sem significação.

(I Coríntios, 14:10 – Bíblia Sagrada).

RESUMO

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) recomenda um trabalho com a língua que a reconheça como fenômeno (geo) político, histórico, cultural, variável, heterogêneo e sensível aos contextos desses usos, vivenciando suas formas de expressão identitárias, pessoais e coletivas. Percebe-se assim, nesse documento, que os aspectos da diversidade e da variação são reconhecidos como algo *per se* à linguagem e aponta, ainda, que se deve buscar um ensino que valorize também a adequação e a pertinência da variedade linguística às situações comunicativas, em função dos campos de atuação social, do contexto e dos interlocutores, através da estilização, seleção e organização dos recursos linguísticos. Nessa direção, este trabalho objetiva realizar com alunos da zona rural do município de Sobrado – PB uma investigação de caráter intervencionista que propicie a reflexão e conscientização sobre a diversidade e variação linguística, por meio de atividades com tiras da Turma do Xaxado que possibilitem o combate ao preconceito linguístico. Para o seu desenvolvimento, foram utilizadas as considerações de Bagno (2007, 2002, 2001), Faraco (2008) e Lucchesi (2015), os quais comungam que não há língua homogênea e que a diversidade linguística é fator de riqueza e dinamismo. Foram utilizados, também, os estudos de Vergueiro e Santos (2015), Vergueiro e Ramos (2009, 2007) e Ramos (2017), que advogam o uso dos quadrinhos como importante instrumento de ensino da língua. As tiras da “Turma do Xaxado”, que apresentam uma linguagem híbrida, lúdica e com narrativas ambientadas na zona rural, foram utilizadas como instrumento de apoio. Nesse percurso, por meio de uma abordagem interventiva, aplicou-se o modelo de análise sociolinguística dos contínuos de Bortoni-Ricardo (2004), trabalhando os fenômenos da diversidade linguística presentes nas tirinhas e no contexto social em que os discentes estão inseridos nas análises dos dados sob o viés da Sociolinguística. Diante das questões e discussões levantadas ao longo da aplicação do trabalho, os resultados obtidos mostraram que os alunos possuíam alguma percepção, ainda que em construção, sobre a existência da variação na língua. Pudemos constatar, também, que os comportamentos sociais e linguísticos das personagens sendo associados aos dos alunos possibilitaram a ampliação da consciência sobre a diversidade linguística através de reflexões sobre o valor social atribuído a algumas variantes e a compreensão de que seus modos de falar podem ser submetidos a julgamentos positivos e negativos que podem contribuir para o surgimento do preconceito linguístico, inclusive no ambiente escolar. Os relatos dos alunos mostraram que alguns já foram vítimas de preconceito pelo uso da língua e que outros até reproduziram esse comportamento com seus interagentes, mas, a partir das discussões em sala, perceberam a importância de uma mudança na atitude.

Palavras-chave: Variação e diversidade linguística. Tiras quadrinísticas. Consciência linguística.

ABSTRACT

The National Common Curricular Base (BRAZIL, 2017) recommends working with the language that recognizes it as a (geo) political, historical, cultural, variable, heterogeneous phenomenon and sensitive to the contexts of these uses, living its forms of identity, personal and collective expression. Thus, It can be seen in this document that the aspects of diversity and variation are recognized as something “*per se*” to language and also points out that one must seek an education that also values the adequacy and relevance of linguistic variety to communicative situations, depending on the fields of social activity, the context, and the interlocutors, through the stylization, selection, and organization of linguistic resources. In this direction, this resourch aims to carry out an interventionist investigation with students from the rural area of the city of Sobrado - PB that promotes reflection and awareness about linguistic diversity and variation, through activities with strips from the Turma do Xaxado that allow the combat linguistic prejudice. For its development, the considerations of Bagno (2007, 2002, 2001), Faraco (2008), and Lucchesi (2015) were used, who share that there is no homogeneous language and that linguistic diversity is a factor of wealth and dynamism. The studies by Vergueiro and Santos (2015), Vergueiro and Ramos (2009, 2007), and Ramos (2017) were also used, which advocate the use of comics as an important language teaching tool. The “Turma do Xaxado” strips, which have a hybrid language, playful and with narratives set in the countryside, were used as a support tool.

Along this path, utilizing an interventional approach, was applied the model of sociolinguistic analysis of the continuous by Bortoni-Ricardo (2004), working on the phenomena of linguistic diversity present in the comic strips and in the social context in which students are inserted in the analysis of students data under the bias of Sociolinguistics. Because of the questions and discussions raised during the application of the research, the results obtained showed that the students had some perception, although under construction, about the existence of variation in the language. We could also see that the social and linguistic behaviors of the characters being associated with those of the students made it possible to increase awareness of linguistic diversity through reflections on the social value attributed to some variants and the understanding that their ways of speaking can be submitted to positive and negative judgments that can contribute to the emergence of linguistic prejudice, including in the school environment. The students' reports showed that some were already victims of prejudice against the use of language and that others even reproduced this behavior with their pairs, but, from the discussions in the classroom, they realized the importance of a change in attitude.

Keywords: Variation and linguistic diversity. Quadrinistic strips. Linguistic awareness.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tira da “Turma do Xaxado”, de Antonio Cedraz	23
Figura 2 - Personagens da “Turma do Xaxado”, de Antonio Cedraz	44
Figura 3 - Tira da “Turma do Xaxado”, de Antonio Cedraz	46
Figura 4 - Tira da “Turma do Xaxado”, de Antonio Cedraz	74
Figura 5 - Tira da “Turma do Xaxado”, de Antonio Cedraz	82
Figura 6 - Tira da “Turma do Xaxado”, de Antonio Cedraz	86
Figura 7 - Tira da “Turma do Xaxado”, de Antonio Cedraz	91
Figura 8 - Tira da “Turma do Xaxado”, de Antonio Cedraz	96
Figura 9 - Tira da “Turma do Xaxado”, de Antonio Cedraz	102

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1 – Contínuo de urbanização	27
Esquema 2 – Contínuo oralidade – letramento	28
Esquema 3 – Contínuo monitoração estilística	31
Esquema 4 – Modelo de análise sociolinguística dos contínuos	47
Esquema 5 – Modelo de análise sociolinguística dos contínuos	48

LISTA DE SÍMBOLOS USADOS PARA TRANSCRIÇÃO

[...]	Supressão de trechos
((texto))	Esclarecimentos
...	Pausa
/	Truncamentos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 - DOCUMENTOS E ESTUDOS SOBRE A DIVERSIDADE E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA VOLTADOS PARA O ENSINO DA LÍNGUA.....	16
1.1 Compreendendo o fenômeno da diversidade e da variação linguística.....	20
1.2 O contínuo de Bortoni-Ricardo – ferramenta de análise da variação e da diversidade linguística.....	25
CAPÍTULO 2 - TIRAS QUADRINÍSTICAS: DA CRIAÇÃO À FERRAMENTA DE ESTUDO DA LÍNGUA	33
2.1 A linguagem dos quadrinhos	37
2.1.1 A linguagem visual e verbal nos quadrinhos.....	39
2.2 Os quadrinhos e o ensino de língua portuguesa	42
2.3 As tiras infantis da “Turma do Xaxado”	43
2.3.1 “Erros de português” ou variedades linguísticas nas tiras da “Turma do Xaxado”.....	46
CAPÍTULO 3 - AÇÕES METODOLÓGICAS.....	51
3.1 Caracterização da pesquisa.....	51
3.2 Sujeitos, <i>lôcus</i> , processo avaliativo, contexto da pesquisa e posicionamento ético da pesquisadora	52
3.3 Procedimentos metodológicos e geração de dados.....	55
3.4 Coleta dos dados por meio de ações planejadas	57
3.4.1 Primeira Roda de Conversa e avaliação diagnóstica	57
3.4.2 A Linguagem dos quadrinhos e “Turma do Xaxado”	58
3.4.3 Realização de atividades a partir das tiras da “Turma do Xaxado”.....	59
3.4.4 Segunda Roda de Conversa	59
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS DADOS	61
4.1 Análise da Primeira Roda de Conversa	61
4.2 Trabalhando a variação e a diversidade linguística com as tiras da “Turma do Xaxado”	72
4.3 Reflexões sobre as atividades aplicadas: última Roda de Conversa	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS	115
APÊNDICES	118

ANEXOS.....	221
-------------	-----

INTRODUÇÃO

É fato que a sociedade brasileira é heterogênea e plural. Essa heterogeneidade e pluralidade vêm sendo construída e moldada desde a colonização do Brasil no início do século XVI. É certo, também, que muitos fatores contribuíram com essa miscigenação cultural e linguística. Dentre tantos fatores, podemos citar a influência e “domínio” de outras culturas, além de uma história marcada por intensas lutas sociais em busca de uma identidade social e cultural.

Um retrato dessa mistura e diversidade cultural pode ser observado bem de perto nas escolas brasileiras. Na escola, há o imbricamento de diversos pensamentos e linguagens. Por isso, cabe a ela, como espaço democrático destinado à promoção do saber, abraçar, sem distinção, toda essa heterogeneidade social, cultural e linguística. Nesse viés, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017, p. 70) de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental propõe, além de uma escola que seja capaz de acolher a todos, uma escola que se encarregue, da mesma forma, da tarefa de fazer com que seus alunos sejam capazes de “[...] conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da variedade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos [...]” nas modalidades oral e escrita da língua.

Por sua vez, a diversidade linguística, derivada dessa heterogeneidade social, pode ser verificada nas “multiformas” dos falares do português brasileiro, ou seja, pode ser observada, ainda, em todos os “cantos” onde a linguagem, mediadora das interações e relações humanas ocorre, seja nos grandes centros urbanos (com seus milhões de habitantes!), seja nas zonas rurais (que apresentam um contingente populacional bem pequeno, em muitas localidades).

Para o professor, é um desafio trabalhar a diversidade linguística, afastando toda e qualquer forma de preconceito e discriminação linguísticos. Assim, norteamos nosso trabalho a fim de abordar a diversidade linguística de forma reflexiva em sala de aula, chamando a atenção para a desigualdade social brasileira, buscando contribuir para que o aluno da zona rural possa desenvolver uma consciência crítica diante preconceito linguístico no próprio contexto social e escolar.

Acreditamos que o fato de os estudantes assumirem uma atitude crítica diante de sua prática é o primeiro passo na busca de um ensino reflexivo e significativo de língua materna. É claro que, para que isso ocorra, o docente de língua materna não deve apenas conhecer intimamente seu idioma, mas, também, ser um pesquisador, estudioso e admirador de sua língua, ou seja, “além de ser aquele que ensina conteúdo, é alguém que pode ensinar o valor

que a língua tem, demonstrando o valor que tem para si” (BRASIL, 1997, p. 38). Somente conhecendo, pesquisando e respeitando a riqueza do português brasileiro, os professores e alunos serão capazes de afastar qualquer forma de implementação de supremacia preconceituosa em relação às variantes linguísticas, que podem se configurar nas salas de aula.

Nessa perspectiva, o professor de português brasileiro não será apenas um mero reprodutor de regras e normas gramaticais, mas será aquele que fará de sua sala de aula um laboratório linguístico, um espaço de observação, de descoberta, de transformação, de reflexão e construção de conhecimento sobre a língua portuguesa do Brasil. Estará esse professor contribuindo para a formação de indivíduos capazes de, em diversos contextos de uso da língua, desenvolver sua competência comunicativa, sabendo adequá-la às diferentes situações de interação, pois, como afirma Bortoni-Ricardo (2004), em todos os domínios sociais, há regras e convenções que determinam as ações linguísticas que ali são realizadas.

Diante do exposto, esta pesquisa de caráter qualitativo e intervencionista se justifica, primeiro, pela necessidade de colocar o estudo sobre a diversidade linguística no centro das discussões das aulas de língua materna. Depois, a pesquisa se destaca pelo fato de pôr em teste uma proposta de ensino que visa, a partir do reconhecimento de que “qualquer língua, falada, por qualquer comunidade, exibe sempre variações” (MUSSALIM *et al.*, 2006, p. 33), ampliar a consciência linguística dos discentes por meio do reconhecimento sobre a riqueza da diversidade linguística brasileira, que possa contribuir com a diminuição do preconceito linguístico, principalmente no meio escolar.

Temos como objeto de estudo, portanto, a heterogeneidade linguística e o uso da linguagem oral em diferentes contextos comunicativos de ensino com alunos do 6º ano de uma escola municipal de Sobrado-PB. Para realizar este estudo, usamos como instrumento de apoio o gênero tirinha, mais especificamente as tiras da “Turma do Xaxado”, do mestre quadrinista Antonio Cedraz, que tem suas narrativas ambientadas em uma pequena comunidade rural do Nordeste brasileiro.

A ludicidade e hibridade dos gêneros quadrinizados como as tiras, na qual há a semiose entre duas linguagens distintas (icônica e verbal), produzindo sentido, atraem a atenção de leitores de todas as idades, principalmente de crianças e adolescentes. Esse fato cria em algumas pessoas a falsa impressão de se tratar de uma leitura simples, e que, por conseguinte, dispensa todas as habilidades e estratégias (fazer inferências, mobilizar conhecimento prévios e outros) mobilizadas para uma leitura mais complexa. No entanto, existem determinados textos quadrinísticos que exigem, como afirma Dionísio *et al.* (2010),

sofisticadas técnicas de leitura para a compreensão global do texto, [...] “além de um alto grau de conhecimento prévio” [...], sendo necessário, como também adverte Vergueiro (2007), uma alfabetização para este tipo de linguagem.

Sobre o uso das tiras como ferramenta pedagógica, Ramos (2017, p. 169), diz que:

Apesar de serem tendencialmente curtas, as tiras reúnem muita informação. Essas duas características – o tamanho diminutivo, de fácil reprodução e edição, e a densidade conteúdo – são dois ingredientes que ajudam a incluir essa forma de história em quadrinhos na receita do ensino brasileiro. Não por acaso, elas figuram em livros didáticos, apostilas, vestibulares, em documentos oficiais relacionados à educação.

Atestamos, com isso, que existem múltiplas possibilidades de utilização das tiras como instrumento pedagógico, inclusive para o estudo da variação linguística. Tudo depende, salienta ainda o autor, da criatividade e do querer fazer do professor. Não é por acaso que os PCN (BRASIL, 1997) já propuseram uma reformulação nos conteúdos a serem trabalhados na Educação Básica e elencaram a tirinha como um dos gêneros privilegiados para o estudo de língua materna no Ensino Fundamental, por apresentarem características dos textos multimodais, agregando elementos verbais e visuais (imagem, cor, balões e outros elementos) para a construção de sentido, alargando, assim, o sentido de letramento, colocando-o no plural, como atesta Dionisio (2011), e refletindo as ocorrências plurais, multimodais e heterogêneas da linguagem.

Duas décadas depois, a BNCC (2017) lembra que, nas práticas linguísticas contemporâneas, os textos multissemióticos, como as tirinhas, têm conquistado cada vez mais recursos multimidiáticos e permitem igualmente novas formas de produção, configuração e interação com várias linguagens, que, para sua interpretação e análise, é necessário considerar também as formas de composição e estilo de cada elemento linguístico que as compõem.

Sendo a pesquisadora docente da turma, ela tem, consequentemente, sua própria ação pedagógica como alvo de investigação sistemática e teoricamente orientada, o que a caracteriza como pesquisa-ação de natureza aplicada e cunho intervencionista, posto que atua no processo de aprendizagem dos alunos no que tange, especificamente, ao ensino de língua materna.

Assim, no presente trabalho, temos como objetivo geral:

- Realizar com alunos da zona rural do município de Sobrado – PB uma investigação de caráter intervencionista que propicie a reflexão e a ampliação da consciência sobre a diversidade e a variação linguística, possibilitando o estudo do uso da linguagem oral em seus contextos de uso e o combate ao preconceito linguístico.

E, de modo mais específico, objetivamos:

- Conhecer o entendimento dos discentes sobre a variação linguística e sobre sua própria variante linguística (avaliação diagnóstica) por meio de uma roda de conversa;
- Aplicar o modelo da análise dos três contínuos (contínuo de urbanização, oralidade-letramento e contínuo de monitoração estilística), a fim de trabalhar os fenômenos da diversidade linguística presentes nas tiras e no contexto social em que os discentes estão inseridos;
- Verificar os avanços alcançados pelos discentes, por meio de uma roda de conversa, após aplicação de atividades referentes aos fenômenos da diversidade e variação linguística no que se refere ao uso da linguagem e de sua variedade, observando se eles perceberam a riqueza linguística brasileira e compreenderam que, para cada situação comunicativa (oral e escrita), deve-se utilizar uma performance linguística adequada.

No desenvolvimento da pesquisa e diante dessas observações, pautamos nossas discussões teóricas em Bagno (2007, 2002, 2001), Faraco (2008), Lucchesi (2015), e outros que defendem que não há língua homogênea e que a diversidade linguística é fator de riqueza e dinamismo. Foram utilizados, também, os estudos de Vergueiro e Santos (2015), Vergueiro e Ramos (2009, 2007), Ramos (2017), que advogam o uso dos quadrinhos como importante instrumento de ensino da língua. Nesse percurso, aplicamos, ainda, o modelo de análise sociolinguística dos três contínuos de Bortoni-Ricardo (2004, 2005), voltando-nos para um trabalho com os fenômenos da diversidade linguística presentes nas tirinhas da “Turma do Xaxado” e no contexto social em que os discentes estão inseridos.

Em suma, sob o viés da Sociolinguística, que busca conhecer e analisar os fenômenos e relações existentes entre linguagem e sociedade, sentimos a necessidade de trabalhar o ensino de língua materna conscientizando os alunos sobre a riqueza da diversidade linguística brasileira, postura que pode favorecer a diminuição do preconceito linguístico, sobretudo no ambiente escolar, pois, muitas vezes, como critica Mussalim *et al.* (2006, p. 71), “a escola brasileira reproduz, em vez de diminuir, as desigualdades sociais”.

Por isso, é urgente construir junto aos discentes um ensino e uma consciência crítica a respeito dos valores sociais atribuídos as muitas variantes linguísticas do país, buscando afastar o tratamento estereotipado atribuído, muitas vezes, aos fenômenos da diversidade, próprios de qualquer língua.

Nossa investigação está dividida em quatro partes:

No primeiro capítulo, analisamos o que recomendam os documentos oficiais voltados para o ensino, a respeito do trabalho com a diversidade da língua em sala de aula. Discutimos,

também, sobre os fenômenos que permeiam a variedade linguística, apresentando como instrumento de análise dela os três contínuos de Bortoni-Ricardo (2004), a saber: o contínuo de urbanização, o de oralidade-letramento e o contínuo de monitoração estilística.

No segundo capítulo, após discorrermos sobre alguns aspectos da história dos quadrinhos e o percurso transcorrido com esse gênero para que ele se tornasse importante ferramenta no ensino, inclusive no ensino de língua portuguesa, passamos a abordar as características que constituem essa linguagem semiótica. Em seguida, apresentamos as tiras infantis da “Turma do Xaxado” e analisamos as características linguísticas de alguns personagens, na tentativa de situá-las ao longo dos três contínuos de Bortoni-Ricardo (2004).

No terceiro capítulo, apresentamos informações acerca das características da pesquisa e, também, dados referentes os sujeitos envolvidos no estudo. Apresentamos, também, o *locus* da pesquisa, o método adotado para avaliação, o contexto de aplicação, bem como o posicionamento ético adotado pela professora pesquisadora. Em seguida, descrevemos o percurso metodológico adotado, o procedimento para a coleta dos dados e apresentamos, ainda, a descrição das Rodas de Conversas.

No último capítulo, passamos a análise dos dados coletados durante a primeira e última Roda de Conversa, a partir das atividades aplicadas, trabalhando a variação e a diversidade linguísticas com as tiras da “Turma do Xaxado”.

Inserida no âmbito do PROFLETRAS, que prevê uma atuação direta na realidade escolar do professor-pesquisador, a fim de contribuir positivamente na realidade social dos educandos e no fazer pedagógico do docente, nossa pesquisa apresenta objetivos que visam ampliar a discussão a respeito da língua, reconhecendo que ela é permeada de diversidade e que essa pluralidade no falar é, muitas vezes, submetida a avaliações negativas que podem gerar o preconceito linguístico.

Salientamos que não é nosso intuito esgotar ou generalizar a discussão sobre o tema da variedade da língua, que, diversas vezes, pode suscitar complexas discussões e polêmicas, mas contribuir para a reflexão acerca da variação que está intrinsecamente ligada à linguagem, usando como instrumento de apoio para isso os textos quadrinísticos das tirinhas.

CAPÍTULO 1 - DOCUMENTOS E ESTUDOS SOBRE A DIVERSIDADE E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA VOLTADOS PARA O ENSINO DA LÍNGUA

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa - PCNLP (BRASIL, 1998), há duas décadas, recomendam um trabalho com a língua em aulas de língua portuguesa que valorize os aspectos da diversidade linguística, reconhecendo a variação como algo inerente à língua. Eles apontam, também, que deve-se primar pelo ensino que valorize a adequação e a pertinência da variedade linguística às situações comunicativas, em função da intenção, do contexto e dos interlocutores.

O documento afirma também, que, para a escola ensinar a língua numa perspectiva democrática, inclusiva e emancipatória, é preciso que seus agentes se desvinculem de velhas crenças que ainda permeiam o ensino de língua materna, como, por exemplo, a ideia de que há apenas uma forma “suprema” e correta de falar, que seria aquela que mais se aproxima da língua escrita; que os falares de algumas regiões se sobrepõem a outros ou, ainda, que o português é uma língua difícil e, por isso, os brasileiros não sabem falar bem o seu próprio idioma, sendo necessário corrigir o falar errado dos alunos.

Apesar dos avanços alcançados pelas políticas educacionais ao longo de duas décadas de homologação dos PCNLP, no que se refere ao trabalho com a variação linguística nas práticas pedagógicas, muito ainda precisa ser feito no sentido de construir um ensino de língua materna que reconheça a diversidade linguística existente nas comunidades, e, por conseguinte, nas escolas que as representam, valorizando e não negando a identidade cultural dos alunos.

Na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017), um dos mais recentes documentos que normatizam a educação no país, numa perspectiva mais ampla e inovadora sobre o trabalho com a linguagem, destaca-se a necessidade do estudo da língua em práticas situadas de uso e não como um fim em si mesmo, adotando uma postura de respeito e valorização das realidades linguísticas brasileiras que revelam um imenso patrimônio cultural e linguístico.

Destacamos o termo “realidades” no plural, já que o próprio documento reconhece a pluralidade cultural do Brasil, bem como as constantes transformações pelas quais passa a linguagem, assim como sua dinamicidade. Destaque-se, ainda, que a BNCC recomenda que a mobilização das aprendizagens, no que se refere aos fenômenos da variedade linguística, perpassa todas as modalidades e eixos (oralidade, leitura – escuta escrita – multissemiótico e análise linguística – semiótica) de ensino da língua.

Com essa postura, a BNCC busca não apenas compreender esses casos, mas, também, valorizá-los como integrantes de um sistema vivo e heterogêneo que é a língua, atitude que se constitui também como ferramenta que pode contribuir para afugentar o preconceito linguístico, ainda tão enraizado em nossa sociedade. Em outros termos,

[...] é relevante no espaço escolar conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico (BRASIL, 2017, p. 70).

Essa discussão é pertinente no ambiente escolar, pois, mesmo sendo a Língua Portuguesa o idioma oficial do Brasil, instituída pelo art. 13 da Constituição (1988), e mais de duzentos anos antes, em 1759, sendo defendido o mito da hegemonia do idioma, um alvará tornou obrigatório o uso do português em todo território nacional (BRASIL, 2012), de modo que coexistem no país muitas línguas indígenas, afro-brasileiras e crioulas de imigração, além da língua brasileira de sinais. Assim, são mais de 205 línguas faladas, além da diversidade apresentada pelo português brasileiro, que é, em grande parte, desconhecida pela maioria da população que estuda esta língua, como se fosse homogênea e imutável.

Essa maioria, por sua vez, além de não conhecer a realidade linguística do país, faz uso das variedades desprestigiadas socialmente, como aponta Matta (2009). Dado que pode evidenciar o quanto o ensino escolar da língua materna tem, de certa forma, reverberado os preconceitos e discrepâncias sociais do Brasil.

Por isso, a BNCC, em diversos pontos, alerta para a necessidade de trazer para a seara da sala de aula a reflexão sobre a variação e os aspectos sociofuncionais em práticas situadas e significativas de linguagem e os preconceitos que esses temas podem suscitar. Vejamos a recomendação no eixo da análise linguística/semiótica:

Cabem também reflexões sobre o fenômeno da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e as variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado (BRASIL, 2017, p. 81).

Ou seja, tais reflexões podem permitir também a compreensão sobre a necessidade de mudança de postura dos docentes sobre um ensino mecanicista da língua em que o que for diferente da norma de maior prestígio social deve ser desprezado e veementemente corrigido. Essa postura acaba favorecendo o desprezo à diversidade que é inerente a qualquer língua, como também vai de encontro com o que recomenda o documento a respeito do trabalho com a linguagem no tópico variação linguística no Ensino Fundamental (anos finais):

- Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos.
- Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica (BRASIL, 2017, p. 83).

Nas mesmas bases, o documento segue recomendando o trabalho com a diversidade existente na língua como uma das habilidades a serem alcançadas pelo aluno em todos os campos de atuação social e linguística (leitura, escuta, produção de texto e análise linguística/semiótica), como podemos observar, a seguir, nessas orientações dadas como habilidades que o aluno deve desenvolver. Vejamos:

(EM13LP10)¹ Analisar o fenômeno da variedade linguística, em seus diferentes níveis (variação fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, história, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos (BRASIL, 2017, p. 508).

Desta forma, é importante conhecer a língua e posteriormente analisar os fenômenos de sua diversidade, heterogeneidade e dinamicidade que lhe é própria. Essa atitude pode contribuir para dissipar a errônea ideia de que um modo de falar seria melhor que outro, concepção associada aos falares dos grupos de maior poder político e econômico.

Essa mudança de postura será possível se, na sala de aula, o ensino de português for ressignificado no sentido de descentralizar a imposição da gramática normativa, “cujas regras foram fixadas há mais de dois mil anos, mas são até hoje consideradas dignas de reverência quase religiosa”, como sendo a única responsável pela emancipação linguística do discente (BAGNO, 2002, p. 16). Fica evidente, portanto, que Bagno critica essa postura que despreza os conhecimentos linguísticos prévios do aluno, concebendo-o como uma tábula rasa, esquecendo-se que esse chega à escola com um relativo conhecimento no que concerne ao uso da língua, conhecimento esse advindo do seu grupo familiar e social, ou seja, “desconsidera-se seu uso intuitivo, eficaz e criativo dos recursos da língua” (BAGNO, 2002, p. 21).

No país marcado por profundas desigualdades sociais, como o Brasil, em que grande parcela da população é constantemente privada do mínimo necessário para que se possa viver

¹ Código alfanumérico que na BNCC (2017) identifica cada objetivo de aprendizagem, em que o primeiro par de letras aponta a etapa de Ensino Médio (EM); o primeiro par de números (13) indica que as habilidades descritas podem ser desenvolvidas em qualquer série do Ensino Médio conforme a definição dos currículos; já a segunda sequência de letras (LP = Língua Portuguesa) indica o componente curricular e os números finais, por sua vez, indicam a competência específica à qual se relaciona a habilidade (1º número) e a sua numeração no conjunto de habilidades relativas a cada competência (dois últimos números).

dignamente com acesso aos direitos sociais, a desigualdade é refletida, também, no uso da língua, regida por um mecanismo simples e que se perpetua até hoje, em que: “[...] os detentores das variedades de prestígio controlam o poder político das instituições, que emana das relações econômicas e sociais, e são também detentores da autoridade de vincular a língua à variedade que empregam” (MUSSALIM *et al.*, 2006, p. 59).

Portanto, na construção de uma sociedade letrada, a escola deve assumir papel central, uma vez que é responsável por garantir, junto com seus agentes, acesso igualitário à educação linguística de qualidade que medeia às relações humanas nos diversos grupos sociais. Isto é:

o objetivo da escola, no que diz respeito à língua, é formar cidadãos capazes de se exprimir de modo adequado e competente, oralmente e por escrito, para que possam se inserir de pleno direito na sociedade e ajudar na construção e na transformação dessa sociedade – é oferecer a eles uma verdadeira educação linguística (BAGNO, 2002, p. 80).

Educação linguística que não é um fim em si mesmo, como defende Bagno (2002), mas um processo contínuo que perpassa todas as áreas de ensino de língua materna e se projeta para fora da escola, estendendo-se às relações sociais do indivíduo.

Posto isto, fica evidente que a questão do ensino da língua não é algo meramente linguístico, mas político, pois está ligado intrinsecamente aos valores e dogmas autoritários de uma sociedade ainda excludente em que as desigualdades sociais e a má distribuição de bens públicos e culturais são bastante evidentes. E, sendo a língua um fator de identidade, cabe a escola, como um todo, abrir espaço para as muitas vozes que ali existem nas pessoas dos seus discentes, que são representantes de uma viva cultura, e romper com a cultura impositiva e excludente de um ensino de linguística pautado na imposição de regras da gramática normativa descontextualizada e intransigente.

Esse modelo de ensino de língua adotado pela escola brasileira tende a desconsiderar os fenômenos linguísticos, ignorando as diferenças sociolinguísticas que são representadas pelos alunos. Postura teórica, conforme aponta Bortoni-Ricardo (2005), que vai de encontro ao que recomendam os estudos sociolinguísticos que advogam o ensino da norma de prestígio na escola seja em consonância com a valorização dos saberes sociolinguísticos e culturais dos discentes aos seus saberes empíricos. “Resguarda-se, assim, o direito que o educando possui à preservação de sua identidade cultural específica, seja ela rural ou urbana, popular ou elitista.” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 26). Sob esse pressuposto, o ensino da norma de prestígio funciona como uma ampliação da competência comunicativa do discente que o ajudará a adequar sua linguagem aos diferentes contextos comunicativos. Porém, o primeiro passo a ser dado nesta direção, inicia-se com o ensino da variação linguística.

1.1 Compreendendo o fenômeno da diversidade e da variação linguística

A língua é um sistema organizado gramaticalmente que permite aos seus falantes produzirem enunciados através de combinações. Mas, além de organizada em estruturas, a língua também é flexível nos seus usos, o que permite aos falantes se servirem de múltiplas alternativas para produzir significado. Assim, é possível escolher o ‘melhor’ uso para as diversas situações de interação.

Portanto, o português brasileiro não é falado da mesma forma em todo o Brasil. O singular da nomenclatura ‘português’ designa uma realidade plural, isto é, “um conjunto de inúmeras variedades reconhecidas histórica, política e culturalmente como manifestações de uma mesma língua por seus falantes” (FARACO, 2008, p. 32). Isso, porque os falantes variam, mudam e adequam o seu falar conforme os papéis sociais que exercem. Desde a situação ou a representação dos interlocutores, tudo é motivo para dar diferentes roupagens aos nossos falares. A forma como o falante varia seu falar depende de fatores que podem ser analisadas ao longo dos três contínuos: de urbanização, de oralidade/letramento e de monitoração estilística (BORTONI-RICARDO, 2004), como veremos no tópico a seguir.

Sabemos, contudo, que isso não é uma característica inerente apenas ao português, pois o inglês, o francês, o alemão, dentre outras línguas, também sofreram mudanças e variações ao longo da sua história. O que não quer dizer, no entanto, que essas mudanças e transformações foram vistas como boas ou aceitas sem resistência. Pelo contrário, esse processo de evolução sofreu forte resistência por parte dos chamados ‘puristas’ que viram esse processo como declínio da língua, baseados apenas em juízos de valor, subjetivos (LUCCHESI, 2015). Isso evidencia, portanto, que nenhuma língua é uma caixa fechada em si mesma, ou seja, homogênea e uniforme.

Em toda língua há variação, há mudanças que podem ser observadas na estrutura da própria língua (gramática), no léxico e na pronúncia. Toda essa diversidade toma corpo em contextos geográficos e sociais. Assim, a língua é heterogênea, porque o homem e sua história também o são. A história das comunidades humanas, por sua vez, reflete essa diversidade. Logo, podemos afirmar que não existe apenas uma língua portuguesa organizada em uma gramática, mas línguas portuguesas, organizadas em diversas normas e gramáticas internalizadas nos falares de seus usuários.

Segundo Faraco (2008), o conceito de norma surgiu da necessidade de se delimitar a heterogeneidade da língua. Na prática, a língua é constitutiva por diversidade, não sendo

possível separar a variedade da língua: “empiricamente a língua é o próprio conjunto das variedades” (FARACO, 2008, p. 31).

Por outro lado, há a concepção de língua de Saussure, que a coloca como um sistema social, porém uno e que se materializa nos usos individuais. Essa perspectiva dicotômica denominada de *langue & parole* (língua e fala) se mostrou insuficiente para demonstrar os fenômenos linguísticos, basicamente para dar conta da variabilidade supra individual (social) que constitui a língua. Concebia, então, a língua como um sistema único, invariável.

De modo a complementar essa concepção, Faraco (2008), defendendo que toda e qualquer variedade linguística possui uma organização, explica que o linguista romeno/alemão Eugenio Coseriu, no início da década de 1950, trouxe uma nova perspectiva para o estudo da língua, colocando a norma como intermediária entre sistema e fala; seria, agora, tricotômica – sistema/norma/fala. Surgia, então, o conceito de norma.

Segundo Faraco (2008, p. 35), a perspectiva tricotômica, segundo destacou Coseriu, buscava dar mais exatidão ao conceito, afirmando que “uma norma não corresponde ao que “se pode dizer” (tarefa do sistema), mas ao que já “se disse” e tradicionalmente “se diz” na comunidade considerada”. Ou seja, há realizações linguísticas reconhecidas pelo seu uso histórico. Por isso, são normais em determinados contextos de uso da língua. É, portanto, um grupo de fenômenos linguísticos “que são correntes, costumeiros, habituais, numa dada comunidade de fala”.

Faraco (2008) enfatiza ainda que, mesmo que a ideia de norma tenha nascido de pressupostos teóricos estruturalistas de inspiração saussuriana, ela perpassa outros quadros teóricos. Desse modo, empiricamente, qualquer teoria linguística verbal deve alinhar-se à variabilidade supraindividual, quer dizer, diante das variedades que constituem a língua. Destarte, [...] “se adotarmos um olhar gerativista, diremos que cada norma corresponde uma gramática. Se adotarmos um olhar variacionista (sociolinguístico ou dialetológico), será produtivo equiparar norma e variedade” (FARACO, 2008, p. 35).

Assim, se de fato toda norma possui uma organização estrutural, isto é, uma gramática, então não cabe dizer que algumas pessoas falam sem gramática, porque toda expressão linguística, toda variedade é organizada em uma norma ou gramática. Essa dinâmica nos faz pensar sobre a noção de “erro” que circula atualmente na escola e na mídia. Não é raro ouvirmos na mídia afirmações do tipo “a língua portuguesa é maltratada” ou “estão assassinando o português” e outras do tipo. Esses discursos reverberam na escola.

Sobre isso, Bagno (2002), fazendo uma reflexão sobre o que o autor chama de “doutrina do erro”, afirma que o preconceito social advindo do uso da língua parte de uma

avaliação nada linguística, mas, sim, corresponde aos valores sociais que são atribuídos ao falante devido ao poder aquisitivo e renda, nível de escolaridade, origem geográfica, cor da pele, sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais, fato que é constatado, quando determinado termo tido como “errado”, se usado por alguém de certo prestígio social ou renome, é considerado como “licença poética”. Se, por outro lado, o mesmo termo for usado por um indivíduo socialmente estigmatizado, configura-se como “atentado contra a língua”.

Por isso, o autor defende que a escola, na pessoa do professor, precisa, além de ampliar o letramento por meio de reflexões sobre o uso da língua, [...] “apresentar os valores sociais atribuídos a cada variedade linguística” (BAGNO, 2002, p. 70).

Compreendemos, assim, que questões concernentes às variantes que compõem o sistema linguístico precisam ser discutidas nas aulas de língua materna. Todavia, como critica Bortoni-Ricardo (2005), o fato de que num país como o Brasil, em que as desigualdades sociais são tão evidentes e o uso da língua distingue os grupos sociais, “as diferenças linguísticas socialmente condicionadas não são seriamente levadas em conta” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 14). A escola funciona como agência padronizadora da língua, centrando o ensino de língua materna apenas na variante de maior prestígio, a língua da cultura dominante. O que não se enquadrar no padrão dessa variante é considerado erro e deve ser descartado.

O apreço ao “falar correto” ou bem falar é um costume cultural que aqui no Brasil, em especial, atinge todas as camadas e níveis da sociedade, desde os mais ricos e escolarizados, até os mais pobres e menos escolarizados.

A seguinte tira da “Turma do Xaxado”, de Cedraz (2012) (Figura 1), contextualiza com propriedade o quanto o preconceito advindo do uso da língua é uma realidade latente e velada. Nela, Marieta, personagem-criança da “Turma do Xaxado”, que gosta de estudar e de ler e que vive numa comunidade rural, com falar regional característico, costuma usar uma variante que mais se aproxima da urbana, ou seja, usar expressões que não são normalmente utilizadas por uma criança de oito ou nove anos da zona rural. Acrescente-se que, em muitas tiras, esta personagem aparece se opondo ou corrigindo os falares das pessoas com quem interage, como se observa na tira abaixo.

Figura 1 – Tira da Turma do Xaxado, de Antonio Cedraz



Fonte: 1000 tiras em quadrinhos (CEDRAZ, 2012, p. 80).

Esse comportamento não é exclusivo da personagem, pois existe na sociedade a ideia preconcebida de que, quem não se expressar de acordo com os padrões preestabelecidos pela mídia e grupo dominante, deve ser excluído, “expulso”. Isto é, a maioria, de forma geral, prestigia ou supervaloriza a norma de maior prestígio na sociedade. Observamos que o padre da tirinha também compartilha da opinião da menina, de que há quem fale errado “... pare de expulsar os jogadores *só por falarem errado*”, uma vez que entendemos o contexto da tira pelo falar do personagem padre, associado à linguagem não-verbal.

Bortoni-Ricardo (2005) diz que o que pode evidenciar igualmente esse fenômeno é o fato das lideranças políticas se esforçarem para falar em “português correito” em suas manifestações públicas, o que nem sempre ocorre com êxito, devido a sua civilização ter sido construída no campo das variedades populares. No entanto, a autora afirma:

O prestígio associado ao português-padrão é sem dúvida um valor cultural muito arraigado, herança colonial consolidada nos nossos cinco séculos de existência como nação. Podemos e devemos questioná-lo, desmistificá-lo e demonstrar sua relatividade e efeitos perversos na perpetuação das desigualdades sociais, mas negá-los, não há como (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 14).

Esse fenômeno é evidenciado ainda mais na má distribuição de renda e bens culturais que vem se perpetuando no Brasil há séculos. Neste cenário, a escola é levada a ensinar apenas a língua da cultura hegemônica, de forma impositiva, e o que não for condicionado a isso será alvo de estigma e preconceito. Desenvolve, por sua vez, consequências, que, do ponto de vista de Bortoni-Ricardo (2005), são desastrosas, pois os antecedentes linguísticos e culturais dos alunos são desrespeitados, o que acarreta um sentimento de insegurança linguística e, em contrapartida, a língua-padrão não lhe é ensinada eficientemente.

A escola, nesta conjuntura, não deve ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores, por seu turno, em sua prática diária, precisam criar meios para que os alunos desenvolvam sua consciência linguística, reconhecendo que existem ou coexistem múltiplas formas de se dizer a mesma coisa. Essas formas irão variar dependendo do contexto,

evidenciando que algumas variantes do português brasileiro recebem uma carga de prestígio maior do falante e que outras, antiteticamente, se não forem utilizadas dentro de um contexto linguístico adequado, podem submeter seus usuários a uma carga depreciativa, negando-lhes oportunidades.

Compreendemos, assim, que o ensino de línguas eficiente, pautado na sociolinguística educacional, deve valorizar a cultura linguística do aluno e, simultaneamente, garantir-lhe o direito de aprender a variante de maior prestígio social.

Esse conhecimento, se for negado ao indivíduo, pode fechar-lhe portas “[...] já estreitas, da ascensão social. O caminho para uma democracia é a distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15). Convém, portanto, deixar de lado a cultura de repressão dos falares populares e ensino proativo, criativo e competente de língua materna.

No Brasil, ainda segundo Bortoni-Ricardo (2005), a influência da diversidade linguística no processo educacional não recebeu a devida atenção. A ciência linguística, por sua vez, tem caminhado muito lentamente em se tratando de apontar meios que visem aumentar a produtividade da educação e garantir os direitos do educando a uma educação de qualidade.

A autora diz ainda que não existe no Brasil uma longa tradição referente aos estudos linguísticos voltados à diversidade linguística. Só partir da década de 1960, com o crescimento da linguística nacional, influenciada pela teoria gerativo-transformacional norte-americana, é que se observam buscas universais linguísticas e foco na competência do falante. Em paralelo, crescia nos Estados Unidos e Europa a escola sociolinguística, que se pautava nas diversidades presentes nos repertórios linguísticos de diferentes comunidades, dando às funções sociais desempenhadas pela linguística a mesma importância que até o momento era atribuída apenas aos aspectos formais da língua (BORTONI-RICARDO, 2005).

Ainda, segundo Bortoni-Ricardo (2005, p. 20), os estudos sociolinguísticos voltavam-se para três vertentes, a saber:

- ✓ Sociedades multilíngues ou multidialetais;
- ✓ Comunidades de línguas crioulas ou pós-crioulas e
- ✓ Dialeto ou variedades urbanas e étnicas em países industrializados de alfabetização universal.

Porém, essas vertentes não se adequam à realidade sociolinguística brasileira, por ser o Brasil um país de grande extensão territorial e populacional e “monolíngue”². Apenas pequenos grupos sociais, como indígenas e descendentes europeus e asiáticos, não têm o português como língua materna. Entretanto, cabe salientar que “monolingüismo não significa homogeneidade linguística” (BORTONI-RICARDO, 2005, p.20).

Enquanto comunidade de fala, o Brasil apresenta como característica “[...] a grande variação no repertório verbal e o acesso limitado à norma-padrão. Apresenta, todavia, a característica da fluidez e permeabilidade típica das sociedades modernas, que resulta numa situação de um gradiente de variedades linguísticas, muito diferente da dialeção discreta e compartimentada das sociedades castas” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 22). Ou seja, a diversidade linguística brasileira não é estanque. Pelo contrário, apresenta fronteiras fluidas e sobrepostas, representadas pela autora por contínuos, sem fronteiras rígidas, como já mencionamos acima, com mudanças condicionadas por fatores sociais, históricos, geográficos, instrucionais do falante, como, também, acesso aos meios de comunicação de massa.

1.2 O contínuo de Bortoni-Ricardo – ferramenta de análise da variação e da diversidade linguística

Bortoni-Ricardo (2004), em seu livro “Educação em língua materna”, numa reflexão da sociolinguística na sala de aula, traz algumas observações e sugestões de análise para auxiliar o trabalho do professor que atua tanto na zona urbana como na zona rural. A autora afirma que “podemos, então, dizer que a variação linguística depende de fatores socioestruturais e de fatores sociofuncionais” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 49).

A partir dessa perspectiva, a variação linguística está diretamente ligada aos aspectos estruturais que determinam as características das escolhas linguísticas dos falantes, tais como: os grupos etários (a idade dos falantes); gênero (homens e mulheres não falam da mesma forma); *status* socioeconômico (distribuição de bens e acesso à cultura); grau de escolarização

² A Constituição da República Federativa do Brasil (1988), em seu art. 13, instituiu o português como idioma oficial do País “A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil”, tornando o Brasil um país “oficialmente monolíngue”. No entanto, a Constituição em seu art. 210, § 2º faculta as comunidades indígenas o pleno direito à ministração do ensino em suas línguas maternas “O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, asseguradas as comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”. Portanto, o bilinguismo de grupos indígenas, como também de descendentes de imigrantes asiáticos e europeus não deve ser ignorado nos estudos linguísticos, porém, como adverte Bortoni-Ricardo (2005, p.20), tal fenômeno, devido suas proporções, “não compromete a característica de monolínguíssimo no país”.

(neste, Bortoni-Ricardo defende que o que deve ser considerado não é apenas o fato dos discentes terem acesso à escola, mas a qualidade da escola que pode influenciar no repertório linguístico desses sujeitos) e mercado de trabalho (relacionado à atuação profissional). Por outro lado, os fatores sociofuncionais estariam ligados às redes sociais dos indivíduos, isto é, o nosso falar que também recebe influências das pessoas com as quais convivemos.

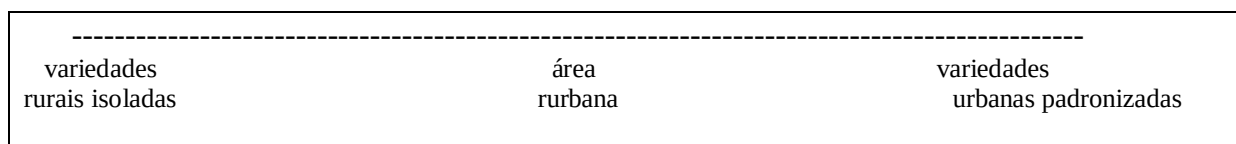
Igualmente, devemos considerar o “grupo de referência”, ou seja, pessoas com quem os falantes não interagem fisicamente ou por meio das mídias digitais, porém constitui modelo de referência. “Geralmente esse grupo de referência é escolhido pela experiência vicária, isto é, a experiência que o indivíduo adquire assistindo novelas de televisão, filmes, ou ouvindo relatos” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 49).

A autora propõe, ainda, uma análise das variações linguísticas do português brasileiro em três linhas imaginárias que a ela denomina de “contínuos”, a saber: “contínuo de urbanização”; “de oralidade-letramento” e “monitoração estilística”. Por meio desses três contínuos, seria possível situar qualquer falante. Ressaltamos que, dada sua relevância para os estudos da língua materna, Faraco (2008, p.44) afirma que essa perspectiva de análise “[...] parece fornecer o melhor instrumento para o registro da diversidade já estudada [...]”. Esta proposta, dos três contínuos, está sendo adotada pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), do Ministério da Educação, como também Lucchesi (2015), atestando a eficácia do modelo de análise linguística dos contínuos de Bortoni-Ricardo (2004) e fazendo um paralelo entre este e o seu “modelo de polarização sociolinguística brasileira”³, afirma que tanto um como o outro asseveram que os aspectos centrais da realidade sociolinguística do Brasil provêm “das mesmas contradições nas relações econômicas e sociais” (LUCCHESI, 2015, p. 152).

No “contínuo de urbanização” estariam, numa extremidade, os falares rurais, por estarem geograficamente mais isolados e receberem menos influências externas. O contrário acontece, no entanto, no outro extremo com os falares urbanos, que, com a efetivação de culturas de letramento, recebem diversas influências de codificação (definição de padrão correto de escrita, pronúncia, composição de gramática e dicionário) no seu processo sócio-histórico de formação, numa tentativa de ‘encapsulamento’ linguístico. Segue a representação do contínuo de urbanização (Esquema 1):

³ O modelo de polarização sociolinguística brasileira de Lucchesi (2015) traz um retrato da realidade linguística do país a partir de um estudo sobre as contraposições observadas nos padrões linguísticos das classes mais privilegiadas economicamente e os padrões linguísticos das classes menos favorecidas, adotando como critério para análise a observação de três critérios; a saber: “as frequências de emprego das variantes linguísticas quanto a avaliação subjetiva do uso da língua e as tendências de mudança em curso” (LUCCHESI, 2015, p. 151).

Esquema 1 – Contínuo de urbanização



Fonte: Bortoni-Ricardo (2004, p. 52).

Entre os contínuos rural e urbano estariam os grupos “rurbanos”, formados pelos falantes que se deslocam da zona rural para a zona urbana. Nesta lógica, quanto mais o falante se afastar da zona rural, seu falar receberá influências culturais e linguísticas urbanas. Em outros termos:

Os grupos rurbanos são formados pelos migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semirurais, que estão submetidas à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52).

Em tal caso, há, como afirma Faraco (2008), um ‘espraiamento’ das características da fala urbana, ou seja,

“[...] uma comunidade ainda essencialmente rural que, no entanto, tem contato contínuo com as normas urbanas por meio da rádio, da televisão e da escola e pense-se no espraiamento de características urbanas na fala dessa comunidade – espraiamento que será tanto maior quanto mais positiva for a orientação dela em direção à cultura urbana” (FARACO, 2008, p. 42).

Logo, o contínuo de urbanização, se tomado como instrumento de análise linguística, pode, levando em consideração a região onde nasceu e vive o falante, localizar linguisticamente qualquer falante do português brasileiro.

Bortoni-Ricardo (2004) salienta, ainda, que as fronteiras que separam os falares rurais, rurbanos e urbanos são tênues e que existe uma sobreposição entre eles que cria, ao longo do contínuo, traços “descontínuos” (típicos dos falares situados no polo rural e que vão desaparecendo à proporção em que os falantes ficam mais perto dos polos urbanos) e traços “graduais” (que estão presentes na fala de todos os brasileiros, e, portanto, se distribuem ao longo de todo o contínuo, permanecendo mesmo com o encontro dos polos.).

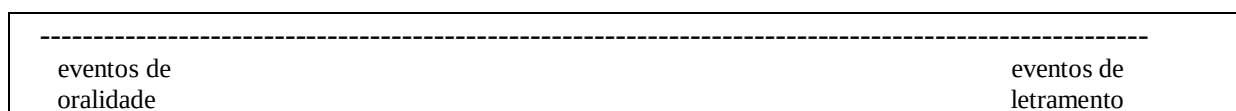
Corroborando com esse ponto de vista, Faraco (2008, p.42) diz que as diversas variantes do português brasileiro se organizam dentro de uma determinada norma e que “não existe, em suma, uma norma “pura”: as normas absorvem características umas das outras”.

Verificamos com isso quão complexo é o trabalho com a variação linguística. O que faz com que, em sala de aula, muitas vezes, o estudo da heterogeneidade linguística seja

deixado em segundo plano. Assim, as aulas de língua materna caem no marasmo da reprodução, memorização e decodificação de regras e normas gramaticais soltas que não possuem relação com o contexto social do aluno. Nessa direção, fugir disso constitui-se “erro”, que deve ser duramente combatido e reprimido.

O segundo contínuo imaginado por Bortoni-Ricardo (2004) é o de “oralidade-letramento”, que traz a representação em que os eventos de oralidade estão numa extremidade (em que não há influência direta da língua escrita) e, no extremo oposto, os eventos de letramento (mediados pela escrita), não havendo entre eles, também, fronteiras rígidas, podendo existir entrecruzamentos entre os dois polos. Observemos a representação do contínuo de oralidade-letramento (Esquema 2):

Esquema 2 – Contínuo oralidade - letramento



Fonte: Bortoni-Ricardo (2004, p. 62).

Para exemplificar, podemos pensar em situações de interações mediadas pela fala e pela escrita ao mesmo tempo – uma aula em que os eventos de oralidade e letramento se alternam e se cruzam em diversos momentos que vão desde a leitura de textos, anotações de resumos no quadro pelo professor e no caderno pelo aluno até às explicações do assunto dadas pelo professor, como também, debates e conversas entre os discentes. Isso nos faz refletir sobre os processos de interação que podem ocorrer durante uma aula, sobre os eventos de letramento especificamente, se pensarmos em evento de letramento com a seguinte definição:

ocasião em que a fala se organiza ao redor de textos escritos e lidos, envolvendo a sua compreensão. Segue as regras de usos da escrita da instituição em que acontece. Está relacionado ao conceito de evento de fala, que é governado por regras e obedece às restrições impostas pela instituição (KLEIMAN, 2005, p. 23).

Concordamos com a posição defendida acima por Kleiman (2005) sobre eventos de letramento, e compreendemos, ainda, que, estes eventos de letramento podem ocorrer numa aula, e neles podemos verificar uma preocupação com as funções que envolvem todos os atores na dinâmica da aula, os papéis sociais desempenhados por cada um (professores e alunos); os textos (verbais, não verbais e orais) que ali circulam; os eventos de fala e as regras ou restrições que esses eventos impõem.

Fazendo um adendo neste ponto, Marcuschi (2010) também expõe uma análise sobre as relações que amalgamam as atividades interacionais de oralidade e letramento – fala e escrita –, chamando a atenção para o fato das duas não serem opostas, opondo-se a visão sustentada por alguns de que a escrita “manifestação formal do letramento” seria melhor e superior à oralidade, porque preservaria em si os padrões normativos da língua.

Desse modo, observando as práticas sociais e culturais que envolvem os usos da linguagem em que a oralidade e o letramento são ações interativas complementares, reconhecemos que na contemporaneidade a escrita enquanto manifestação dos diversos tipos de letramento:

[...] se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia a dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural. Neste sentido, pode ser vista como essencial à própria sobrevivência no mundo moderno. Não por virtudes que lhes são imanentes, mas pela forma como se impôs e a violência com que penetrou nas sociedades modernas e impregnou nas culturas de um modo geral. Por isso, friso que ela se tornou indispensável, ou seja, sua prática e avaliação social a elevaram a um status mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder (MARCUSCHI, 2010, p. 16).

No entanto, o autor salienta que tal pressuposto não coloca a escrita como superior à fala (oralidade), mas que a razão de ser das línguas, em suas modalidades orais e escritas, está nos usos que os indivíduos fazem dela. Ou seja, “[...] o que determina a variação linguística em todas as suas manifestações são os usos que fazemos da língua [...]” (MARCUSCHI, 2010, p. 16). Portanto, apesar de possuírem suas peculiaridades, não são dicotômicas, pois; tanto a oralidade como a escrita possibilitam a produção de textos coesos e coerentes, com ferramentas capazes de assegurar, no processo de fala e escrita, o completo entendimento.

Sendo assim, os aspectos mais importantes a serem observados sobre oralidade e letramento são os sociais, que envolvem os usos dessas modalidades na língua, demarcando valoração atribuída à fala e à escrita (letramento) e seu imbricamento sócio-histórico num contínuo de práticas. Corroborando com esse entendimento, Kleiman (2015), entre outros autores, define a oralidade e o letramento como os efetivos usos da linguagem, dos discursos e das formas de organizar a realidade.

Esses usos da linguagem, provenientes da interação humana, muitas vezes são híbridos e multissemióticos, mesclando oralidade e letramentos, o que não significa, no entanto, a completa aprendizagem do sistema escrito, posto que, há pessoas analfabetas, tidas como “iletradas”, envoltas em contextos comunicativos diversos com a presença da escrita.

O letramento, por sua vez, envolve as mais diversas práticas da escrita (nas suas variadas formas) na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas letrado na medida em

que identifica o valor do dinheiro, identifica o ônibus que deve tomar, consegue fazer cálculos complexos, sabe distinguir as mercadorias pelas marcas etc., mas não escreve cartas nem lê jornal regularmente [...] (MARCUSCHI, 2010, p. 25).

Como esclarece Marcuschi (2010, p. 19), parafraseando Street (1995), são os “[...] letramentos sociais que surgem e se desenvolvem à margem da escola, não precisando por isso serem depreciados [...]”. Ou seja, a despeito da escolarização, o letramento abrange a sociedade. Porém, tal entendimento não anula a importância e a necessidade da alfabetização, ensino e trabalho com a língua, assim como todos os processos educacionais que a escolarização envolve.

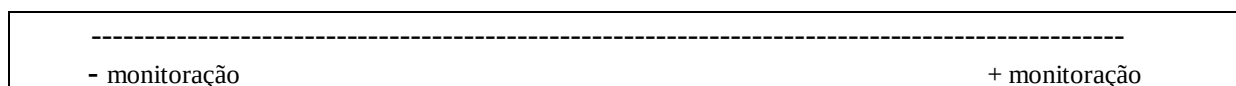
É na escola, como “[...] a mais importante agência de letramento da sociedade [...]” (KLEIMAN, 2015, p. 38), que os usos da oralidade e escrita, que coexistem num contínuo de práticas sociais e efetivam os usos sociais das linguagens, devem ser debatidos e discutidos.

Indiscutível é que a própria sala de aula se constitui um excelente laboratório para o estudo dos aspectos e contextos de uso da língua, como sistema vivo, variável, heterogêneo, flexível, que sofre influência das condições de produção em suas realizações concretas interacionais.

Assim, retomando a discussão sobre a dinâmica que envolve os indivíduos numa aula, podemos pensar sobre as variações existentes quando, por exemplo, o professor, ao interagir com os alunos, faz isso de maneira diferente da que interage verbalmente numa roda entre amigos. Ou quando esse mesmo professor “polícia” e monitora o seu falar nas explanações sobre determinado assunto estudado. Na mesma linha a respeito das influências que envolvem as interações em aula, podemos refletir sobre os alunos, ao se dirigirem ao professor, que o fazem de forma espontânea como se estivessem conversando com outro aluno da sala ou monitoram seu estilo de fala. Portanto, pensando criticamente: o que nos leva a monitorar os nossos falares?

Para nos ajudar a entender essas e outras questões que permeiam todas as esferas da interação humana, Bortoni-Ricardo (2005) propõe o terceiro contínuo, denominado de “monitoração e estilística”. Neste contínuo, temos interações totalmente espontâneas (-monitoradas) num extremo, e as que são planejadas preliminarmente no oposto, pois exigem muita atenção do falante (+monitoradas). Vejamos o Esquema 3:

Esquema 3 – Contínuo monitoração estilística



Fonte: Bortoni-Ricardo (2004, p. 62).

Então, o professor, ao ministrar a sua aula, monitora o seu estilo em função de três fatores, a saber: *o ambiente, o interlocutor e o tópico da conversa*. O primeiro deles (o ambiente) é uma sala de aula, que requer de seus atores uma postura de amizade e respeito, por ser um dos espaços de aprendizagem. O segundo (o interlocutor) são seus alunos, que veem na figura do professor alguém que exerce certa ‘autoridade’ e respeito. No que se refere ao terceiro item (o tópico da conversa), devemos crer que a fala do discente deve ser mais monitorada, uma vez que há a necessidade de adequar (variar) a linguagem em função do conteúdo ministrado em aula. No entanto, o professor poderá oscilar seu estilo para mais ou menos monitorado, dependendo da mudança do tópico da conversa.

Quando o tópico da conversa mudar, o locutor dará sinais ou pistas de que a conversa tomou outro rumo, passando “metamensagens”, “que podem ser verbais ou não-verbais e que transmitem informações do tipo: “é uma brincadeira”, “estou falando sério”, “estou ralhando com você” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 63).

Por conseguinte, podemos reiterar o quanto os “contínuos” desenvolvidos por Bortoni-Ricardo (2005) podem ser excelentes ferramentas de pesquisa no âmbito da sociolinguística variacionista e de apoio ao professor em sala de aula por auxiliarem na compreensão da complexidade de alguns aspectos do português falado no Brasil que, como veremos, apresenta uma rica variedade.

Até este ponto podemos observar o imbricamento entre os contínuos (contínuo de urbanização, de oralidade-letramento e monitoração estilística) que se manifesta à medida que o falante se afasta do polo rural, no contínuo de urbanização, e se aproxima mais do polo das variedades urbanas padronizadas, consequentemente, assim, dos eventos de letramento, no contínuo de oralidade-letramento, em que as práticas letradas demonstram que o falante vai adquirindo, além de elevado grau de escolaridade, um acentuado aumento no repertório linguístico, que o coloca no contínuo de monitoração-estilística, utilizando uma linguagem mais monitorada. Ou seja:

Um maior grau de letramento, associado à diversidade da cultura urbana, amplia sobremaneira o repertório linguístico do falante urbano com alto grau de escolaridade, o que exhibe, assim, espectro da variação estilística muito mais amplo que o de um falante rural iletrado (LUCCHESI, 2015, p. 153).

Dando continuidade a fundamentação teórica, no próximo capítulo, apresentamos a tira, gênero de apoio para o estudo que pretendemos realizar sobre a variação e a diversidade linguísticas da nossa região. Iniciaremos a abordagem das tiras como produto de massa até sua chegada à sala de aula, bem como seu estudo pelo viés dos contínuos de Bortoni-Ricardo (2004).

CAPÍTULO 2 - TIRAS QUADRINÍSTICAS: DA CRIAÇÃO À FERRAMENTA DE ESTUDO DA LÍNGUA

As tiras ou tirinhas podem variar de acordo com o suporte. Nas suas primeiras publicações, no século XIX, elas eram constituídas de duas a três vinhetas na horizontal, na sua forma mais tradicional. É válido destacar que isso era feito para se enquadrar ao seu suporte mais antigo: os jornais. No século XXI, surgiram outros formatos, bem como outros suportes, como a internet, por exemplo (RAMOS, 2017).

Também chamadas de *comic strip*, as tirinhas surgiram como forma de substituir os grandes painéis que originaram as Histórias em Quadrinhos (HQs) nos Estados Unidos e Europa no século XIX. Esses painéis traziam em um mesmo quadro uma enorme quantidade de imagens e textos em que todas as personagens falavam e agiam ao mesmo tempo (VERGUEIRO, 2015).

Compartilhando, assim, as características dos textos quadrinísticos, como os diálogos das personagens geralmente em balões, a presença de onomatopeias, a combinação de linguagem verbal e não-verbal e os elementos da narrativa sequencial, as tiras são classificadas por Ramos (2017), apoiando-se nas teorias de hipergênero do linguista francês Dominique Maingueneau, como um gênero derivado do hipergênero quadrinhos. Assim:

O hipergênero quadrinhos (ou histórias em quadrinhos, forma equivalente) seria algo como um grande guarda-chuva que abrigaria os variados gêneros autônomos das histórias em quadrinhos. Todos seriam distintos uns dos outros, mas teriam em comum a linguagem quadrinizada, os códigos verbo-visuais, a tendência de sequência narrativa, bem como a presença de representações da fala e dos elementos narrativos (RAMOS, 2017, p. 63).

Sob esse pressuposto, as charges, cartuns e os diversos tipos de tiras (de humor, seriadas, cômicas seriadas, livres e meta-tiras) seriam gêneros que utilizam a linguagem dos quadrinhos, ou seja, mesmo sendo autônomos, compartilham características em comuns com os quadrinhos.

Ramos (2017) defende, ainda, que as tiras cômicas, tipo mais comum desse gênero, apresentam como uma de suas características a produção de humor que é construído, assim como nas piadas, pela quebra de expectativa. Assim, para provocar humor, as tiras cômicas dividem, também, algumas características com o gênero piada.

O autor acrescenta que, entre as tiras cômicas e a piada, há outras características em comum: ambas são textos curtos, com a presença de personagens fixos ou não, e que, para compreender o texto em sua totalidade, o leitor/ouvinte precisa fazer inferências e acionar

seus conhecimentos de mundo. Caso contrário, não compreenderá o sentido ou mensagem que o autor tentou transmitir. Às vezes, a “chave” para provocar humor está na parte verbal, no visual (imagem-quadrinhos mudos) ou na combinação de ambas. Porém, ressaltamos que “quanto mais condensada é a narrativa, maior tende a ser o volume de inferência feito pelo leitor” (RAMOS, 2017, p. 72).

Isso reforça a ideia de que a leitura dos textos quadrinísticos não é, como alguns pensam, uma leitura fácil. A constatação disso é que muitos alunos apresentam dificuldades para compreender a leitura dos quadrinhos, pois, para que o aluno compreenda a multimodalidade da sequência narrativa dos quadrinhos em que “dois códigos atuam em constante interação: o visual e o verbal” (VERGUEIRO, 2007, p. 31), é preciso que ele seja letrado, ou seja, ser “capaz de atribuir sentidos a mensagens oriundas de múltiplas fontes de linguagem, bem como ser capaz de produzir mensagens, incorporando múltiplas fontes de linguagem”, de acordo com Dionísio (2011, p. 138). Envolve, portanto, diferentes formas de linguagens que requerem do leitor múltiplos letramentos e o acionamento de diversas habilidades⁴ cognitivas e metacognitivas para sua total interpretação.

Mesmo assim, possuindo uma linguagem rica e complexa, no que se refere a seu funcionamento discursivo, que se constitui um rico material pedagógico a ser utilizado em diversas áreas de ensino, o trajeto dos quadrinhos ao longo da sua história foi alvo de preconceito e discriminação por parte de pais e, até de professores, antes de se tornarem o que são hoje: uma linguagem gráfica sequencial que fascina e encanta, com grande potencial didático.

Como meio de comunicação de massa, o crescimento e fortalecimento da indústria jornalística e da tipografia foram determinantes para o igual crescimento por todo o mundo dos quadrinhos. Porém, foi nos Estados Unidos que os *comics* (como é denominado nos EUA, por apresentarem inicialmente enredos cômicos) obtiveram maiores condições de se tornar um forte e importante produto de massa no final do século XIX.

⁴ Solé (1998), analisando os complexos processos que envolvem a leitura e as estratégias utilizadas pelo leitor para alcançar a compreensão leitora, afirma que a capacidade cognitiva está intimamente relacionada à metacognição. A primeira, ligada aos processos voluntários e automáticos realizados pelo cérebro, e a última ao domínio que o indivíduo tem sobre seu próprio entendimento, ou seja, a capacidade de avaliar sua compreensão. Ainda sobre esse tema, FEFFA (1996, p. 49) classifica as atividades cognitivas como “conhecimento declarativo” que abrangeria apenas a consciência da atividade a ser executada. Assim, “o indivíduo sabe o que tem que fazer e é capaz de fazê-lo”. Quanto à atividade metacognitiva, o autor denomina de “conhecimento processual”, porque, além de envolver a consciência da tarefa a ser realizada, abrangeria também a “consciência da própria consciência” que é quando a pessoa “[...] não apenas sabe, mas sabe que sabe [...]”.

Mesmo que brevemente, uma vez que esse tema é assunto para muitas discussões, é preciso esclarecer alguns fatores que levaram os quadrinhos a serem objeto de repúdio por parte de alguns setores da sociedade. Vejamos:

O fato é que, como esclarece Vergueiro (2007), a partir da década de 1940, as Histórias em Quadrinhos (HQs) sofreram grande crítica e perseguição por diversos setores da sociedade compostos por estudiosos conservadores, teóricos, grupos religiosos e, conseqüentemente, pais e professores. Isso porque eram vistas como influenciadoras de comportamentos violentos e, segundo os críticos, possuíam um baixíssimo nível cultural. O preconceito era tanto que os *comics* eram, a princípio, destinados às camadas populares mais pobres e consideradas de baixo nível intelectual.

Ainda segundo Vergueiro *et al.* (2015), essa visão negativa sobre os quadrinhos se espalhou por todo o mundo. Na Europa, até os estudos pioneiros sobre esses textos revelam a sua repressão. E, em muitos países, os quadrinhos foram alvo de muitas reservas e críticas. No entanto, nos Estados Unidos, essas críticas ganharam suas versões mais severas e agressivas.

O surgimento dos *comics books*, aqui no Brasil chamados de gibi⁵, fortaleceu ainda mais a popularização desse estilo de quadrinhos. Antes dessas revistas quadrinísticas, quem figurava no cenário jornalístico, com publicações diárias, eram as tiras, que ganharam popularidade nos jornais americanos, trazendo diversos enredos satíros, com estilo cômico de personagens caricaturados, que ganharam popularidade mundial por meio dos *Syndicates* (agências responsáveis pela distribuição dos conteúdos dos jornais pelo mundo como as notícias e matérias de entretenimento em geral) e foram incumbidos de mostrar, assim como o cinema, a cultura e os valores norte-americanos.

Como aponta Vergueiro (2007), fatos históricos, como a Segunda Guerra Mundial, foram também determinantes para o crescimento da popularidade dos quadrinhos que traziam em seus enredos heróis bélicos. Ao final da Segunda Guerra, entraram em cena as narrativas quadrinizadas com imagens realistas de histórias de terror que impulsionaram, ainda mais, o seu crescimento e ganharam mais leitores adolescentes. O aumento da popularidade dos quadrinhos, contudo, assustou bastante a sociedade, que temia sua negativa influência no amadurecimento intelectual dos jovens.

Neste ambiente de desconfiança, o psiquiatra alemão Fredric Werthan encontrou o espaço propício para criar uma campanha contra os quadrinhos, por meio de artigos e entrevistas na mídia, palestras nas escolas e até a publicação de um livro intitulado “*Seduction*

⁵ Conforme Cagnin (1975, p. 23), esse último nome veio da revista mensal “Gibi”, editada pela revista Globo, do Rio, nos anos 40 e relançada pela Rio Gráfica e Editora S. A., em outubro de 1974.

of the Innocente”, em que alegava que eles (os quadrinhos) eram influenciadores de maus comportamentos e distúrbios dos jovens, baseando-se em quadrinhos de histórias de terror (VERGUEIRO, 2007, p. 12).

As denúncias feitas por parte de Werthan foram o estopim para que todos os quadrinhos fossem vistos como deturpadores da moral e dos bons costumes da sociedade e, por isso, deveriam ser refreados e acompanhados bem de perto por pais, mães e grupos religiosos.

O impacto negativo foi tanto que, para acalmar os ânimos, foi preciso criar, em 1940, um código intitulado *Comic Code*, que pretendia regular e garantir a sociedade que os conteúdos dos quadrinhos não feririam a moral e a intelectualidade de crianças e jovens. As revistas que passassem e fossem “aprovadas” pelo crivo do código receberiam um selo que servia para atestar a qualidade dos conteúdos dos quadrinhos.

Também aqui, no Brasil, em 1976, um grupo de editores criou o seu *Comic Code* – chamado de “Código de Ética dos quadrinhos”, que trazia em seus dezoito tópicos instruções sobre como deveriam ser os conteúdos dos quadrinhos.

Segundo Vergueiro (2007), o resultado dessa espécie de cassada aos quadrinhos foi devastador, porque muitas editoras chegaram a falir e as poucas que sobreviveram passaram a ter seus conteúdos “pasteurizados”, tolhendo a criação de seus roteiristas e desenhistas. Sobre isso, Vergueiro afirma que as revistas de quadrinhos após o *Comic Code*:

Caminharam decididamente para a mediocridade, passando a veicular, em sua grande maioria, histórias pírias e sem grandes pretensões criativas, que realmente pouco contribuíram para o aprimoramento intelectual de seus leitores (VERGUEIRO, 2007, p. 13).

A partir de então, transformar os quadrinhos em instrumento pedagógico era algo fora de cogitação, pois estava construída uma sólida barreira entre essa arte sequencial e a educação.

No entanto, os avanços nos meios de comunicação do final do século XX fizeram com que os quadrinhos recebessem o *status* de manifestação artística com características próprias e visto de forma menos negativa pela sociedade. Nessa perspectiva, Vergueiro (2007, p. 17) destaca que as narrativas quadrinizadas passaram a receber “[...] um pouco mais de atenção das elites intelectuais e passando a ser aceitas como um elemento de destaque do sistema global de comunicação [...]”.

Essa nova concepção floresceu inicialmente na Europa e, posteriormente, espalhou-se pelo mundo. Assim, o “redescobrimento” dos quadrinhos, como diz Vergueiro (2007), precisou romper com muitas barreiras negativas que haviam sido construídas ao longo dos

anos. Foi necessário observar que grande parte das críticas aos *comics* foram solidificadas com base em pressuposições e preconceito sem nenhuma fundamentação.

No livro “Como Usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula”, Vergueiro (2007, p. 17-18) detalha a trajetória percorrida pelos quadrinhos até conquistar o ambiente educacional, e diz que, antes de conquistar pais e professores e ser visto como instrumento para o ensino, no meio quadrinístico, algumas revistas norte americanas já utilizavam textos quadrinísticos como ferramenta de apoio pedagógico na década de 1940, como a “*True Comics, Real Life e Real Fact Comics*”, que retratavam em forma de quadrinhos a antologia de personagens históricos famosos e eventos históricos, como também os grandes clássicos da literatura mundial, como as obras de William Shakespeare, Victor Hugo, Edgar Allan Poe, entre outros que tiveram suas obras convertidas para essa linguagem. Não tardou muito para que surgissem quadrinhos para vários fins e com diversas temáticas, como, por exemplo, vender ideias religiosas como “*Picture Stones from The bible, Topix Comic e Treasure Chest*”, que retratavam a vida de personagens bíblicos e santos católicos.

O autor nos informa ainda que, na China, na década de 1950, histórias em quadrinhos eram usadas pelo governo em campanhas educativas, com narrativas sobre a vida dos soldados que tentavam transmitir uma imagem de “vidas exemplares”. Nos Estados Unidos, durante a II Guerra Mundial, os quadrinhos foram empregados nos manuais de treinamentos de soldados.

Nesse contexto, a utilização dos quadrinhos com fins didáticos ascendeu inicialmente como instrumento para a transmissão de conteúdos pedagógicos nos livros didáticos, de forma tímida, porque ainda havia o medo de que sofressem resistência por parte de pais e professores. Porém, essa inclusão foi gradualmente ampliando-se.

No Brasil, atualmente, com o incentivo e recomendações de leis educacionais como a LDB (1996), PCNs (1998) e BNCC (2017), a linguagem dos quadrinhos tem sido usada livremente no ambiente escolar e nos materiais didáticos de professores de diversas disciplinas.

2.1 A linguagem dos quadrinhos

A ótima aceitabilidade dos quadrinhos por crianças e jovens decerto se explica pelos elementos constitutivos de sua linguagem, dentre eles a imagem gráfica que sempre, desde o

princípio da humanidade, faz parte da vida do homem primitivo, que registrava de forma rústica nas paredes das cavernas imagens da fauna e flora daquele período.

Podemos afirmar, além disso, que o homem aceita muito bem as imagens, porque, desde a mais tenra idade, as primeiras representações de mundo feitas por uma criança são feitas através de desenhos. Ou seja, o homem representa o mundo por meio de imagens e símbolos. Corroborar com essa ideia o que diz Cagnin (1975):

O homem entende as coisas do mundo que o cerca e se comunica por meio de sinais: se vir a fumaça, pensará logo em fogo. A fumaça é sinal de fogo; o céu carregado é sinal de chuva; a luz vermelha do semáforo faz os carros pararem; as pessoas obedecem a uma ordem falada ou escrita (CAGNIN, 1957, p. 25).

Assim, podemos inferir que as imagens e suas representações estão em todos os lugares com as mais diversas classificações. E o que é mais importante é o fato dessas imagens se prestarem a interação e a comunicação humana. Os quadrinhos se enquadram neste rol, uma vez que, como afirma Cagnin (1975, p.25), consistem em “um sistema narrativo formado de dois códigos de signos gráficos: - a imagem, obtida pelo desenho; - a linguagem escrita”. Deste modo, a linguagem quadrinística, com suas peculiaridades de codificação e peculiaridades discursivas, possui um rico acervo para análise e pesquisa como um sistema narrativo formado pela combinação de dois elementos: a imagem gráfica e a escrita.

Destarte, como afirma Vergueiro (2015, p. 34) sobre a linguagem construtiva dos quadrinhos:

[...] sustenta-se no amálgama sógnico formado pelo sintagma narrativo imagem-texto, que se apresenta em escalas diferentes (do predomínio absoluto do elemento pictórico à preponderância da palavra). O texto pode explicar o imagético, complementar ou redundar a imagem e esta, por sua vez, serve de ilustração para o verbal ou, a partir dele, criar mundos, personagens e situações.

Por conseguinte, por meio da junção e combinação desses dois elementos é possível a criação de histórias que possuem, em sua estrutura complexa, todos os elementos da narrativa, que é característica essencial dos quadrinhos. Fatos narrados quadro a quadro em uma sequência lógica, com personagens caracterizados, fixos ou não, que se movimentam num espaço e tempo.

Pressupomos, assim, que o leitor, para preencher as lacunas e construir fluxo narrativo coerente, necessita empreender um esforço cognitivo maior, estando diante de um texto multimodal, não apenas pelas múltiplas linguagens envolvidas na sua constituição, mas,

também, como afirma Dionísio (2011, p. 141), pelas diversas possibilidades de “disposição gráfica do texto no papel ou na tela de computador”.

Desta forma, mesmo contendo os elementos da narrativa, a linguagem dos quadrinhos é complexa, uma vez que possui características específicas e linguagens, como a cinematográfica, por exemplo. Isso faz com que

“o ambiente da linguagem dos quadrinhos gere uma forma de comunicação específica com o leitor, mas, ao mesmo tempo, essa linguagem não deixa de ter pontos em comum com outras linguagens (verbais, não-verbais, pictóricas, audiovisuais etc.)” (VERGUEIRO *et al.*, 2015, p. 27).

Na narrativa sequencial quadrinística, portanto, o leitor necessita fazer vários tipos de leitura e inferências num mesmo quadrinho. O fluxo narrativo, muitas vezes, é marcado pelo texto e pela imagem ao mesmo tempo. Assim, palavras (que podem também trazer informações) e imagens assumem uma complexa e harmoniosa relação de complementariedade. Por outro lado, para construir sentido, o leitor das narrativas gráficas assume papel crucial, uma vez que participa do complexo processo de decodificação que, muitas vezes, não possui uma estrutura linear.

Sobre isso, Vergueiro (2007), diz que se faz necessário uma alfabetização na linguagem dos quadrinhos para que o aluno decodifique com proficiência as múltiplas mensagens contidas nele. É por meio da leitura dos quadrinhos, com seus elementos que atuam em constante interação na produção de sentidos, que os alunos desenvolvem habilidades para interpretar múltiplas linguagens.

Cabe ressaltar, também, que, nos quadrinhos, a estrutura de seu código linguístico foi sendo criada e ampliada ao longo do tempo por seus artistas que, conjuntamente, nesse processo foram personalizando seu trabalho.

2.1.1 A linguagem visual e verbal nos quadrinhos

Surgida como produto cultural no final do século XIX, não dá para pensar em quadrinhos sem desenho e imagens, pois, como afirma Vergueiro (2007), a imagem é um elemento básico dos quadrinhos. Neles, a história é contada por meio de imagens fixas que tentam produzir, com o auxílio de recursos visuais e linguísticos, a movimentação e ação.

Essa movimentação se passa em requadros, que são, na maioria das vezes, delimitados por um espaço em banco chamado calha ou sarjeta e têm a função de moldurar os objetos e ações e às vezes se constituem como elementos da própria linguagem não-verbal da arte sequencial.

Cada elemento que compõe as cenas e vinhetas (movimento de uma HQ, expresso por meio de uma ilustração) nos requadros é meticulosamente pensado como forma de manter a atenção do leitor, assim “a constituição de uma página de quadrinhos é feita de modo a considerar todos os elementos que influenciam na leitura, buscando criar uma dinâmica interna que facilita o entendimento” (VERGUEIRO, 2007, p. 50).

Nessa perspectiva, tudo é pensado para produzir sentido. Deste modo, cores, tonalidades, sombra e massa influenciam diretamente tanto no aspecto gráfico, quanto na composição da mensagem e na caracterização do ambiente e de seus personagens.

Nos quadrinhos, os diálogos se dão por meio do discurso direto, onde as falas aparecem dentro dos balões que se constituem também como imagem dos quadrinhos. Afinal, “o balão é a interseção entre imagem e palavra” (VERGUEIRO, 2007, p. 56).

Sendo elemento que já está associado aos quadrinhos, os balões fazem parte da estrutura dessa linguagem. Possuem diversos formatos (balão fala, cochicho, pensamento, eletrônico, glacial, tremido, uníssono, *off*, mudo, de fala intercalada) que irão variar de acordo com a função comunicativa que desempenham. Eles se ligam aos personagens por meio de um apêndice, também chamado de rabicho. Isso permite que os discursos se liguem de forma direta aos personagens, sem que seja necessária a ação do narrador, por exemplo.

Outro recurso que os quadrinhos utilizam para introdução da linguagem verbal é a legenda, que representa a voz do narrador ou pensamento do personagem. Também pode ser chamado de “recordatório”. Isso, porque, segundo Vergueiro *et al.* (2015, p. 30), como as “tiras de aventura contínuas publicadas em jornais, eles eram usados para alojar a síntese da história até aquele momento”, ou seja, traziam um resumo dos fatos ou recapitulação das ações passadas.

As onomatopeias, por sua vez, trazem sonoridade às narrativas. “É explosão sonora dos quadrinhos” (CAGNIN, 1975, p. 135), possuindo um duplo aspecto que pode ser linguístico e analógico. O primeiro, por ser uma representação gráfica de sons e ruídos, e o segundo, por conter tamanhos e formas variadas.

Os títulos, igualmente, constituem-se como elemento verbal, com diversos estilos e tamanhos de fontes. Aparecem no início de cada história e, geralmente, acompanham o estilo do quadrinho que representa. Podem apresentar formas fixas e se constituem em uma marca registrada ou “selo” que vai estar sempre da mesma forma no começo da história. As formas variadas dos títulos, por outro lado, apresentam-se como quadro resumo. Em outros termos, na história “representa as cenas mais significativas” ou concatena vários momentos significativos da narrativa (CAGNIN, 1975).

Alguns estudiosos vêm tentando ao longo do tempo estabelecer as características definidoras dos quadrinhos. No entanto, esta tarefa não é fácil e simples, pois as estruturas dessa arte gráfica sequencial variam muito de autor para autor.

Há, por exemplo, os quadrinhos compostos por uma sequência de características apresentadas acima, como narrativa sequencial, com personagens fixos ou não, em que as falas não apresentam o discurso direto em balões.

Mas o que dizer dos quadrinhos que possuem apenas imagens? E quando os autores não utilizam balões para introduzir a fala das personagens? Como afirma Vergueiro (2015, p. 14), “esses elementos não têm qualquer peso”, porque há quadrinhos em que seus autores “preferem” colocar os textos embaixo das figuras.

Analisando esse aspecto, Cagnin (1975, p.32) diz que “a imagem nos quadrinhos tem uma função de complementadora na narrativa”. Isso, porém, não diminui a sua importância, pois, como já foi mencionado anteriormente, existem quadrinhos que narram uma história numa sequência lógica e coerente apenas com imagens. Em outros termos, apenas com as imagens constroem sentidos nos fatos narrados, dispondo apenas com elas o tempo histórico, cronológico, meteorológico. Enfim, sua importância é vital para manter a unidade de sentido textual.

Quando há a disposição do icônico e do linguístico na transmissão de sentido nos quadrinhos, ocorre uma semiose entre esses dois elementos, que podem variar conforme a intenção comunicativa de seu autor. “A imagem e o texto fazem um intercâmbio frequente de funções: há uma função linguística da imagem, como há uma função icônica da escrita.” (CAGNIN, 1975, p. 87).

Portanto, podemos constatar, assim, que os quadrinhos, na composição de sua estrutura linguística multimodal em que imagem e palavras mantêm uma relação semiótica, evidenciam o que diz Dionísio (2011, p.138) que “todos os recursos utilizados na construção dos gêneros textuais exercem uma função retórica na construção de sentidos dos textos”. Com isso, apreendemos que, mesmo as imagens sendo, muitas vezes, polissêmicas, permitindo mais de uma interpretação nas narrativas quadrinizadas, a linguagem verbal dilui as múltiplas interpretações polissêmicas da imagem, mas não a dispensa para produzir sentido. Em contrapartida, podem ocorrer ambiguidades e/ ou redundância produzidas pelo texto verbal que são dissipadas pela imagem e vice-versa.

2.2 Os quadrinhos e o ensino de língua portuguesa

Como abordado acima, antes de se tornar um importante instrumento pedagógico, os quadrinhos foram alvo de uma maciça perseguição por parte de diversos setores da sociedade. Grupos religiosos, pais e professores se uniram no mundo todo para combater o avanço do que já era um meio de comunicação de massa de grandes proporções, destinado prioritariamente ao público infanto-juvenil.

Sendo produzidos em larga escala e aumentando, cada vez mais, o número de tiragens, os quadrinhos pareciam destinados apenas ao público jovem e inexperiente. Por isso, seu conteúdo seria desprovido de elementos que levassem a aprendizagem e reflexão mais profunda, ou seja, os adultos não acreditavam que, por possuírem objetos essencialmente comerciais, os quadrinhos pudessem também contribuir para o aprimoramento cultural e moral de seus jovens leitores (VERGUEIRO, 2007).

Desfazer essas barreiras não foi algo fácil e nem aconteceu com rapidez. Pelo contrário, um longo caminho foi trilhado por estudiosos e pesquisadores na busca de desfazer as mistificações preconceituosas construídas em cima de especulações e exageros, que nada mais eram que críticas desprovidas de estudos aprofundados, fruto da falta de um real conhecimento sobre o assunto.

A linguagem dos quadrinhos, por ser um misto de imagem e texto, era tida como superficial e desprovida de discussões profundas. Suas leituras, por sua vez, eram destinadas apenas para o lazer, o que, segundo alguns, estimulava a preguiça mental.

Aqui no Brasil, a recomendação dos documentos oficiais educacionais, como os PCN, para que os gêneros quadrinísticos fossem inseridos no ensino foi essencial para mudança de postura em relação à aceitação e reconhecimento do potencial pedagógico e educativo dos quadrinhos.

A BNCC de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental faz referência direta, nas práticas de linguagem, ao uso dos gêneros quadrinísticos, como a charge, o cartum e a tira, no ensino, indicando-os como prática de leitura, fruição e produção de textos, no rol dos gêneros literários e artísticos e apontando-os “[...] como representativos da diversidade cultural e linguística [...]” (BRASIL, 2017, p. 96) que podem favorecer experiências estéticas.

Hoje, os quadrinhos têm presença marcante nos livros didáticos, principalmente as tiras. O que pode ter contribuído para esse fato, além da recomendação dos PCN, foi o edital do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que recomenda que os textos dos livros didáticos apresentem textos com diversos códigos como multissemiótico, não-verbal, híbrido

e multimodal, características inerentes aos quadrinhos, que constituem um gênero eclético e com grande potencial para se trabalhar os mais variados assuntos.

Igualmente, em provas de concursos e vestibulares, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), a presença das tiras é marcante. Isso se dá pelo fato de que, mesmo curtas, as tiras quadrinísticas “reúnem muitas informações do ponto vista linguístico” (RAMOS, 2017, p. 172).

Assim, os gêneros quadrinísticos já estão na escola e apresentam um grande potencial como instrumento de ensino. No entanto, o que deve ficar claro, como defende Ramos (2017), são os objetivos do professor sobre a sua eficaz utilização como instrumento pedagógico.

E no tocante ao ensino e trabalho de língua portuguesa, os quadrinhos, com sua linguagem híbrida e lúdica, tornam-se uma importante ferramenta de ensino e apreensão de conhecimento, através da qual é possível analisar e investigar aspectos da língua e da linguagem em suas ocorrências no meio social, porque, além de caracterizar as personagens por meio de imagens, também as caracteriza pela linguagem.

Os quadrinhos são, portanto, um excelente material para se trabalhar a variedade linguística, como aponta Ramos (2007), por representarem com fidelidade as interações verbais de forma direta, evidenciando as marcas linguísticas. Neles, é possível constatar a heterogeneidade presente na fala dos personagens, os aspectos orais da língua, a diferença entre fala e escrita, além de ser uma importante ferramenta para se abordar a questão do preconceito linguístico que, infelizmente, ainda está tão arraigado na escola. Para o nosso estudo sobre a diversidade e variação linguísticas, selecionamos os quadrinhos (tiras) da “Turma do Xaxado”, que irão ser apresentadas a seguir.

2.3 As tiras infantis da “Turma do Xaxado”

Quadrinhos infantis seriam aqueles que apresentam como protagonistas personagens que são crianças ou animais (*animal strips*) com características humanas. Entretanto, nem todo quadrinho que apresenta criança como protagonista é destinado apenas ao público infantil. Nesses casos, mesmo a trama envolvendo um personagem infantil, este estará em situações que trarão um questionamento político e social que levam geralmente a uma reflexão mais profunda, permitindo, deste modo, uma dupla leitura.

A “Turma do Xaxado”, do quadrinista baiano Antonio Cedraz, representada a seguir na Figura 1, se enquadra bem nessa categoria. Com personagens infantis compostos por seis crianças e alguns adultos (pais e moradores da comunidade) que atuam numa realidade rural,

são abordadas tramas envoltas em situações semelhantes à realidade de muitos discentes brasileiros do campo. “Trata-se de um grupo de crianças, com características definidas em razão de sua brasilidade” (VERGUEIRO, 2009, p. 175).

Figura 2 - Personagens da “Turma do Xaxado”, de Antonio Cedraz



Fonte: Blog Mania de Gibi.

Disponível em: <<http://blogmaniadegibi.com/wp-content/uploads/2012/09/Personagens-da-turma-do-Xaxado.jpg>> Acesso em: 17/11/2018

Com histórias ambientadas no interior Nordeste, seus personagens caracterizam bem os brasileiros que vivem nessas regiões do país, vivendo suas tramas e representando as desigualdades sociais, além de refletirem com propriedade a heterogeneidade das variedades dos falares do povo do interior. Ao observar a figura acima, para fazermos uma breve descrição das personagens, podemos perceber uma grande pluralidade de indivíduos que representam bem a sociedade atual. O menino Xaxado (o quarto, da esquerda para direita), por exemplo, personagem principal, em torno do qual as tramas se desenvolvem, caracteriza o homem nordestino com seus trajes simples e um chapéu de couro. Neto de cangaceiro, ele está sempre atento aos problemas causados pela seca no sertão e os encara com muita criticidade e bom humor.

O personagem Zé Pequeno (o terceiro, da esquerda para a direita), por sua vez, tem fama de ser preguiçoso por estar, a todo o momento, fugindo da escola e ajudar no trabalho da roça. Porém, nas tramas, apresenta um comportamento aventureiro e está sempre em contato com a natureza nas suas peraltices, subindo em árvores e nadando em rios. Seu falar é carregado de expressões regionais, o que caracteriza o falante rural, pouco escolarizado.

Já a menina Marieta (a quinta, da esquerda para a direita) seria o oposto de Zé Pequeno. Amante dos livros e aluna dedicada, sonha em ser professora. Apresenta no falar uma variante do português brasileiro que mais se aproxima da variedade urbana padronizada. Nas suas interações com Zé Pequeno, a menina está sempre corrigindo o falar do menino. Ela é colocada como uma “defensora da língua portuguesa”.

Vergueiro (2009, p. 178) descreve a personagem Marieta como a que apresenta certo “esmero gramatical” no seu falar. Enquanto o Zé Pequeno seria aquele que mais caracteriza as expressões regionais, “buscando compreender este último não como um desvio da norma culta, mas como uma maneira própria de se expressar, característica do morador daquela região específica do país”.

A menina Marinês (a sexta, da esquerda para a direita), segunda personagem feminina da turma, é uma amante da natureza e está sempre em sua defesa. Nas histórias, está sempre às voltas com seu namorado Zé Pequeno.

O irmão de Marinês, Capiba (o segundo, da esquerda para a direita), é o violeiro da turma. Fã de Luiz Gonzaga, pretende com sua música sertaneja conquistar o mundo.

Filho de um rico fazendeiro da região, Arturzinho Albuquerque (o primeiro, da esquerda para a direita) é um menino mimado e avarento, que pensa apenas em si. Manipulador, tenta influenciar as pessoas com dinheiro.

Os outros personagens ficam a cargo do Saci e de outros nomes folclóricos. Há também os pais das crianças, o Padre guloso, o jumentinho Veneta. Os animais que assumem características humanas são: o porco Linguicinha, o cachorro Rompe-Ferro, a galinha Odete, o galo Valdisnei, os urubus Gervásio e Genésio.

Portanto, uma turma bem brasileira como esta, demonstra toda a pluralidade cultural e linguística dos indivíduos que vivem no interior do Nordeste brasileiro, com um jeito de falar que é próprio dos indivíduos da região. À medida que os discursos se dão de forma direta, numa representação da fala face a face, é possível observar algumas particularidades dos falares que podem coexistir numa mesma comunidade de fala.

Mas, se analisássemos a variação do português brasileiro presente nos níveis de fala dos personagens, que mesmo convivendo numa mesma comunidade de fala, possuem uma disparidade no falar e os imaginássemos dentro dos contínuos de Bortoni-Ricardo (2004) que veremos mais à frente, onde estariam situados, então, os falares dos mesmos?

Vejamos os contrastes existentes, por exemplo, nas falas das personagens Marieta e Zé Pequeno: em um extremo, temos Marieta mais próxima da variante urbana, mesmo sendo criança e da zona rural. No outro extremo, o Zé Pequeno, mais próximo do falar rural isolado, representando a fala de uma pessoa simples do interior nordestino.

2.3.1 “Erros de português” ou variedades linguísticas nas tiras da “Turma do Xaxado”

O debate sobre a diversidade linguística é algo complexo, pois, como já foi dito, dentro de uma mesma comunidade de fala podem coexistir várias normas. Na verdade, é essa variedade que dá sentido ou caracteriza uma comunidade linguística (FARACO, 2008). No entanto, muitas dessas variantes são estigmatizadas e seus falantes ou usuários são alvo de preconceito e exclusão. Na tira abaixo (Figura 3), de Cedraz (2012), podemos observar uma cena que, infelizmente, ainda é comum em nossa sociedade.

Figura 3 – Tira da Turma do Xaxado de Antonio Cedraz



Fonte: 1000 tiras em quadrinhos (CEDRAZ, 2012, p. 190).

Na tira acima (Figura 3), vemos que Marieta, uma garotinha de oito ou nove anos aproximadamente, moradora de uma pequena cidade da zona rural, interage com Zé Pequeno, que, como já mencionamos, tem a mesma idade e mora na mesma cidade que a menina. O garoto, por sua vez, apresenta um falar cheio de expressões regionais, fala caracterizada aqui no Brasil por suas diferenças dialetais e, como aponta Bortoni-Ricardo (2004, p. 30), essa “[...] variação regional se manifesta mais na pronúncia de alguns sons, no ritmo, na melodia e em algumas palavras”.

A menina pergunta o porquê do garoto, na concepção dela, “falar tudo errado”. O menino, por sua vez, não tendo uma resposta para a indagação, retruca com outra pergunta, também passiva de uma análise mais profunda: “*pur que tu fala tudo certo?*”.

O fato é que a tirinha é um excelente instrumento de reflexão sobre a diversidade linguística em sala de aula, pois possibilita o levantamento de uma série de questões sobre o uso da língua e o preconceito social advindo pelo uso de determinadas linguagens.

Analisando os falares das personagens e aplicando o modelo de análise linguística dos contínuos de Bortoni-Ricardo (2004), é possível situar qualquer falante do português brasileiro ao longo de três linhas imaginárias, aplicando os três contínuos, a saber: urbanização, oralidade/letramento e monitoração estilística. Desse modo, podemos notar, já

respondendo ao questionamento de Marieta, que estamos diante de duas variedades, e não de um falar certo e um falar “errado”.

A primeira fala foi produzida por Marieta, uma personagem que gosta muito de ler, estudar, pesquisar e sonha em ser professora. Em muitas tiras, a menina é retratada em tramas que demonstram sua relação com os livros (gosta de ler), seu esforço para tirar boas notas e situações em que ela apresenta certa resistência para aceitar outras variantes do português (CEDRAZ, 2012). Vejamos:

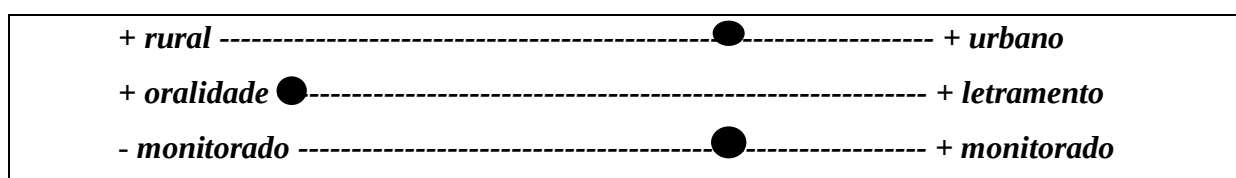
1. “*Zé Pequeno, por que tu falas tudo errado?*”

Quanto ao contínuo de urbanização, a menina pode ser situada na região rurbana, uma vez que tem antecedentes rurais e também mora na zona rural. No entanto, observamos que sua fala poderia ser enquadrada na zona urbana. Não há em sua fala traços descontínuos ou graduais.

Quanto ao contínuo de oralidade/ letramento, podemos situar sua fala no polo da oralidade, posto que a interação não é mediada pela língua escrita. Contudo, observando o emprego do verbo “falar” na frase de Marieta, notamos que ela empregou a forma “*falas*” na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo, de acordo com a norma-padrão do português, fato que não é comum na linguagem oral da maioria dos brasileiros, até mesmo dos mais escolarizados (FARACO, 2008).

Já no contínuo de monitoração estilística, notamos que a personagem monitora sua fala, porém essa fala não corresponde ao contexto da zona rural e da sua idade, uma vez que interage com um garoto de sua idade e, neste contexto, com um colega de escola, da comunidade e de brincadeiras. Pelo grau de intimidade entre os personagens, a conversa se processou no interior de uma moldura amistosa informal.

Esquema 4 – Modelo de análise sociolinguística dos contínuos



Fonte: Bortoni-Ricardo (2004).

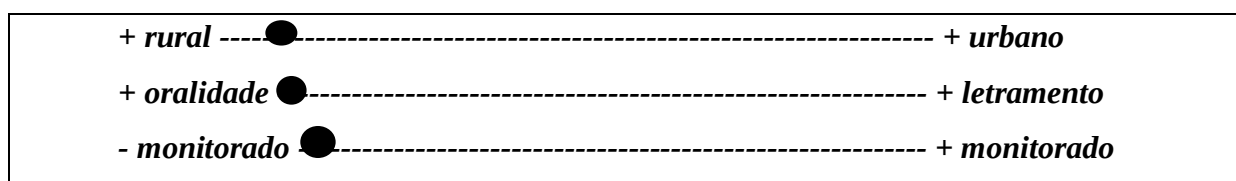
Por outro lado, analisando as falas de Zé Pequeno:

2. “*Num sei!*”/ “*E pur que tu fala tudo certo?*”

O garoto da zona rural é caracterizado nas tiras de Cedraz (2012) como arteiro, com fama de preguiçoso e, sempre que pode, vive fugindo da escola. Examinando os dois trechos

de sua fala, notamos que ocorrem traços descontínuos, próprios da variedade rural (e podemos dizer que não é um traço privativo do falar rural, mas que também ocorre abundantemente no meio urbano), como por exemplo, a expressão “num” (não) e, também, a expressão “pur que” (por que). Assim, podemos situar seu falar no polo mais próximo do rural, no contínuo de urbanização. No polo de oralidade/letramento, no polo oral, uma vez que não há influência da língua escrita e, no contínuo de monitoração estilística, no estilo menos monitorado, porque está interagindo com uma coleguinha de escola e comunidade.

Esquema 5 – Modelo de análise sociolinguística dos contínuos



Fonte: Bortoni-Ricardo (2004).

A tira em análise exemplifica que, dentro de um mesmo espaço geográfico, é possível identificar e diferenciar diferentes formas de falar. Podemos pensar em língua como identidade, isto é, a forma como falamos a nossa língua nos faz pertencer a uma determinada comunidade de fala. E toda diversidade linguística é igualmente importante e organizada quando atende às necessidades dos grupos que delas fazem uso. Não há, portanto, uma supremacia linguística ou um falar que seja melhor ou mais bonito que o outro. Pensar dessa forma é dar margem para o preconceito social e linguístico.

Não obstante, essas questões precisam estar no centro da discussão das aulas de língua materna, já que “na sala de aula, como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação, no uso da língua [...]” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 25). Em todos os domínios sociais, como a autora aponta, existem regras que determinam as ações sociais realizadas. Sendo assim, cada grupo social e cultural apresenta diferentes formas ou variedades, uma vez que mulheres não falam da mesma forma que homens; pessoas idosas não falam da mesma maneira que pessoas mais jovens; pessoas do campo não falam da mesma forma que as da cidade; pessoas de menor escolaridade falam de forma diferente de pessoas com maior escolaridade.

Corroborando com essa afirmação o que diz Mussalim *et al.* (2006, p. 55): “a linguagem é, sem dúvida alguma, a expressão mais característica de um comportamento social, sendo, por isso, impossível separá-la de suas funções sócio-interacionais”, ou seja, a língua é capaz de definir papéis sociais, à medida que os homens assumem esses papéis. Fatores que

diferenciam os grupos social e culturalmente, como gênero, idade e *status* socioeconômico também os diferenciam linguisticamente.

Aí, portanto, reside a beleza da língua. No diferente, ou melhor, nas diferenças. Perceber essa diversidade linguística é reconhecer o que a língua revela sobre nossa história cultural.

[...] Assim como não existem línguas “*inferiores*”, não existem variedades linguísticas “*inferiores*”. [...] Não é causal, portanto, que se julgue “*feio*” a variedade dos falantes de origem rural, de classe social baixa, com pouca escolaridade, de regiões culturalmente desvalorizadas [...] Em resumo: julgamos não a fala, mas o falante, e o fazemos em função de sua inserção na cultura social (MUSSALIM *et al.*, 2006, p. 42, grifos nossos).

Desta forma, compreendemos que estar aberto às diferenças é o primeiro passo para vencer a discriminação e o preconceito advindos da “cultura do erro”. Posto isto, fica evidente que não há mais como negar a necessidade de se discutir os fenômenos da variedade linguística na escola. Dentre os fatores para a constatação dessa realidade, está o desenvolvimento da sociolinguística, que ao longo dos anos vem colocando por terra a cultura do erro, que impera ainda nas escolas. Porém, há um longo caminho a ser trilhado na busca desse objetivo.

É de domínio social o conhecimento que o aprendizado da linguagem se dá desde os primeiros anos de vida do indivíduo que tem os seus primeiros contatos com a língua materna com as interações familiares. Esse aprendizado vai se ampliando ao longo da vida, à medida que ocorrem os primeiros contatos com os grupos sociais. Nesse processo, o indivíduo vai definindo e redefinindo seu comportamento linguístico.

Ao ingressar na escola, esse falante é, muitas vezes, tolhido a se enquadrar nos padrões linguísticos engessados de uma norma denominada culta, imposta como absoluta e unitária. O que fugir dos seus padrões é tido por marginal e incorreto. Postura essa que favorece o preconceito linguístico e consequentemente cultural, ou seja, o conhecimento linguístico adquirido pelo aluno até aquele momento é desconsiderado.

Essa postura pedagógica tradicional vai de encontro a uma prática educacional sensível aos saberes dos educandos, [...] “atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola, e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 38). Bagno (2002, p. 32) ratifica esse posicionamento quando diz:

Me (*sic*) parece muito mais interessante (por ser mais democrático) estimular, nas aulas de língua, um conhecimento cada vez maior e melhor de *todas as variedades sociolinguísticas*, para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o estudo exclusivo das variedades de maior

prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos.

O autor pontua, ainda, que a imposição e cobrança de um determinado padrão linguístico unitário é um projeto que vai de encontro a toda a dinâmica social da cultura e da língua. Sendo assim, “uma sociedade e uma cultura multifacetada e plural só pode abrigar uma língua multifacetada e plural” (BAGNO, 2002, p. 39).

Por conseguinte, esta pesquisa pretende aplicar o modelo de análise sociolinguística de Bortoni-Ricardo (2004), partindo da perspectiva de que uma proposta pedagógica que esteja atenta aos saberes do sujeito-aluno deve antes conhecer para, posteriormente, favorecer conscientização. Desta forma, o trabalho de combate ao preconceito linguístico poderá ser um desdobramento, a partir do estudo da variação e diversidade linguística.

CAPÍTULO 3 - AÇÕES METODOLÓGICAS

No presente trabalho, objetivamos refletir sobre a diversidade linguística dos estudantes, possibilitando o estudo da linguagem oral, como também o combate ao preconceito linguístico, ainda tão enraizado na sociedade contemporânea e na realidade de alunos do município de Sobrado-PB, alinhando, assim, a nossa proposta com a proposta interventiva do PROFLETRAS, que visa, no âmbito de sua investigação, a uma atuação direta na realidade escolar, no fazer pedagógico da professora-mestranda, contribuindo, assim, para o aperfeiçoamento do ensino e/ou resolução de um problema identificado na realidade escolar. De modo mais específico, objetivamos identificar o entendimento que os discentes têm sobre a variação linguística e como eles, como indivíduos sócio-históricos, percebem sua própria variante. Depois disso, verificar, no percurso da intervenção, os avanços alcançados quanto ao uso da linguagem, com o intuito de fazê-los compreender que, para cada situação de comunicação, há uma forma linguística adequada.

Dessa forma, descrevemos, nesta seção, os aspectos que dizem respeito à caracterização dos sujeitos, o *locus* da pesquisa, o contexto e etapas dela, bem como os procedimentos metodológicos e geração de dados. No processo de investigação, autores como Minayo (1994), Fonseca (2002), Thiollent (2011), Ghedin (2011), Moura e Lima (2014) e outros fundamentaram a realização da pesquisa.

3.1 Caracterização da pesquisa

Considerando que, no fazer pedagógico, teoria e prática são indissociáveis na busca de um ensino crítico e transformador, esta pesquisa se caracteriza como pesquisa-ação, pois, como afirma Ghedin (2011, p. 213), “a pesquisa-ação crítica não pretende apenas compreender ou descrever o mundo da prática, mas, sobretudo transformá-lo”. Desse modo, a interação e ação dos sujeitos envolvidos na pesquisa propiciou as mudanças necessárias na situação ou problemática detectada de forma cooperativa e participativa, seguindo a premissa de que pesquisa e ação, buscando o aperfeiçoamento da prática, podem e devem caminhar juntas.

Assim, aliando teoria e prática na busca de uma execução pedagógica que conduza à reflexão-ação-reflexão, a presente pesquisa é concebida, também, como qualitativa, espelhando-se na realidade social, pois, como aponta Minayo (2009), em análise realizada pela autora sobre “Pesquisa Social”, este estilo de pesquisa se ocupa com o nível de realidade

que não se pode ou deve quantificar, trabalhando com o universo dos significados, aspirações, motivos, crenças e valores, além das atitudes. Esses fenômenos, como diz a autora, fazem parte da realidade social e distinguem os seres humanos, pois, além de agir, eles são capazes de pensar e interpretar suas ações, a partir e dentro da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Cabe ressaltar que esses aspectos da pesquisa qualitativa também a diferenciam da pesquisa quantitativa, em que os resultados podem ser quantificados. Em outros termos, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser precisados matematicamente na explicitação da realidade, sendo influenciada pelo positivismo, como bem esclarece Fonseca (2002) e Minayo (2009). Por outro lado, a pesquisa qualitativa busca focalizar os aspectos dinâmicos, holísticos e individuais da experiência humana, objetivando compreender a totalidade do contexto dos sujeitos que estão vivenciando o fenômeno (POLIT, BECKER E HUNGLER, 2004, p. 201 *apud* GERHARDT, 2009, p. 33).

Reforçamos, também, que a proposta do programa do PROFLETRAS, que define que sejam investigadas e analisadas as dificuldades encontradas no ambiente e no contexto de atuação profissional do professor-pesquisador, está em consonância com a abordagem qualitativa que, segundo Fonseca (2002), permite uma maior proximidade do pesquisador em relação aos fenômenos estudados, já que os mesmos foram constatados em sua prática diária.

Nessa direção, no desenvolvimento dessa pesquisa, buscamos agir na realidade da sala de aula, objetivando solucionar os problemas identificados, de forma efetiva e cooperativamente, considerando os agentes envolvidos: a professora, que atua como discente da disciplina e conhece, além da realidade, as dificuldades sociais e de aprendizagem da língua materna, e o aluno, especialmente no que diz respeito ao reconhecimento da diversidade linguística brasileira e ao preconceito linguístico.

3.2 Sujeitos, *lócus*, processo avaliativo, contexto da pesquisa e posicionamento ético da pesquisadora

Este trabalho envolveu uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental (Anos Finais) de uma escola do município de Sobral-PB. A turma contém 22 (vinte e dois) alunos com faixa etária entre 11 (onze) e 14 (catorze) anos. Com eles, aplicamos o modelo de análise sociolinguística dos *continuum* (ou contínuos), trabalhando os fenômenos da diversidade linguística representadas nas tiras e no contexto social em que os discentes estão inseridos.

Ressaltamos que, em se tratando de uma turma com alunos menores de idade, seguimos as orientações do Comitê de Ética da Plataforma Brasil e adotamos alguns critérios que os sujeitos envolvidos deveriam atender para participar da pesquisa, a saber:

- a) Ter consentido participar da pesquisa e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE);
- b) Ter participado de todas as etapas da pesquisa, desde a apresentação da situação, passando pelo desenvolvimento, as produções e as atividades finais;
- c) Ter seguido as orientações propostas pela professora pesquisadora na realização das atividades solicitadas.

Posteriormente, conversamos com a direção da escola sobre o trabalho a ser desenvolvido e, em seguida, marcamos uma reunião com os pais dos alunos menores de idade que estariam envolvidos na pesquisa. O encontro ocorreu na última semana do mês de julho de 2019. Na ocasião, explicamos aos responsáveis presentes a importância do trabalho com a língua materna, mais especificamente com as variedades linguísticas, no entendimento que os fenômenos da diversidade da língua, assim como seus aspectos sociofuncionais precisam estar sempre em pauta nas aulas de linguagem. Elencamos, por fim, os objetivos do estudo e salientamos que sua realização não ocasionaria nenhum risco ou dano para os discentes.

Alguns pais e responsáveis pelos alunos não puderam comparecer na data e local marcado para o encontro, entretanto procuraram a professora pesquisadora em datas posteriores à reunião e receberam as mesmas informações sobre o estudo a ser desenvolvido.

Do total de 22 (vinte e dois) alunos, apenas 4 (quatro) pais ou responsáveis não autorizaram os registros das observações sobre o desenvolvimento da aprendizagem de seus filhos no decorrer da aplicação do projeto. Porém, autorizaram que participassem de todas as etapas das atividades e rodas de conversas.

A pesquisa foi realizada em uma escola do município de Sobrado (PB), localizada na Zona da Mata paraibana, onde 83% do alunado é oriundo da zona rural e depende de transporte escolar para que possam frequentar às aulas. A escola funciona nos turnos da manhã e da tarde, ofertando o Ensino Fundamental (Anos Finais), com a seguinte distribuição de turmas por turno:

- Manhã: 1 (um) sexto ano, 1 (um) sétimo, 1 (um) oitavo e 1 (um) nono ano;
- Tarde: 2 (dois) sextos, 1 (um) sétimo e 1 (um) nono ano.

A escola possui uma boa infraestrutura, com 8 (oito) salas de aula amplas, além de sala de informática, refeitório, biblioteca, sala dos professores, banheiros e espaço para recreação. Ela oferece, ainda, reforço de português e matemática nos contraturnos para os

alunos com baixo desempenho, além de aulas de informática e teatro, horta e jardinagem por meio do Programa Mais Educação. O corpo docente é proveniente dos municípios de Sobrado, João Pessoa, Mari, Sapé, Guarabira, Gurinhém, Riachão do Bacamarte, Itambé e Goiana, os dois últimos são municípios do Estado de Pernambuco.

A pesquisa contemplou efetivamente 18 (dezoito) alunos do sexto ano do Ensino Fundamental, com uma faixa etária entre 11 (onze) e 14 (catorze) anos (alguns apresentando distorção idade série). Muitos deles vivem em situação de vulnerabilidade social e econômica, residindo em comunidades rurais de baixa renda, filhos de trabalhadores rurais, empregadas domésticas e trabalhadores braçais de classe média baixa e baixa renda, inclusos nos Programa Bolsa Família do Governo Federal.

A professora pesquisadora, atuando como docente da turma e conhecendo a realidade da escola, está familiarizada com as dificuldades enfrentadas pelos discentes que, além de problemas financeiros, apresentam também dificuldades de aprendizagem, no que concerne à leitura, escrita e operações matemáticas simples, bem como problemas de ordem psicossocial.

Cabe salientar, também, que a escola não possui Projeto Político Pedagógico (PPP) e que as informações acima foram fornecidas pelo atual secretário de educação do município, o senhor Joílson Pereira da Silva, em uma pequena entrevista feita pela professora pesquisadora, a fim de coletar informações técnicas sobre a escola.

Sobre o processo avaliativo da pesquisa, buscamos adotar uma avaliação contínua, que se deu ao longo de todo o processo da pesquisa e aplicação do projeto, valorizando e estimulando cada conquista do discente de forma reflexiva, evidenciando que, como aponta Antunes (2003, p. 160), a respeito de como avaliar, há flexibilidade no uso da língua:

Existem diferentes maneiras de dizer (e de dizer bem) a mesma coisa; ainda que dentro do mesmo contexto ou, mais ainda, em contextos diferentes. Essa flexibilidade desfaria a ideia equivocada de que “só existe uma maneira certa de dizer as coisas”. Na verdade, a maneira certa de dizer as coisas depende da situação: depende de quem diz, a quem diz onde e para quê.

Desta forma, fica evidente que a avaliação, além de não inibir ou constranger o aluno, o estimula e valoriza sua produção, afastando a ideia de que avaliar é apenas um “caça-erro”, sem um fim em si mesmo. Pelo contrário, é uma oportunidade de crescimento intelectual em que o sujeito-aluno também é protagonista, capaz de questionar, relacionar ideias, levantar hipóteses, comentar e acrescentar.

Sendo uma pesquisa interventiva aplicada, que atuou no processo de ensino aprendizagem dos discentes da zona rural, a professora pesquisadora buscou pautar suas ações e atitudes em princípios éticos. Além de direcionar sua proposta de intervenção para o

aprendizado, também direcionou sua prática para o bem-estar dos sujeitos da pesquisa. A escolha da metodologia e da forma de avaliação objetivou abranger todo o processo de aplicação do projeto, estimulando os discentes a serem sujeitos de sua própria aprendizagem, conduzindo-os a uma reflexão sobre o uso e diversidade da língua materna, para uma atuação social mais consciente e crítica.

Cabe salientar, ainda, que os métodos avaliativos também ocorreram no sentido de representar não números de desempenho, mas de oportunizar a mudança de rumo e concepções, como também questionar os procedimentos metodológicos adotados na busca de uma mudança de atitude frente aos fenômenos linguísticos, estimulando e valorizando as produções dos alunos durante o processo de construção do conhecimento.

Procuramos assumir o compromisso de jamais submeter o alunado a procedimentos vexatórios e constrangedores, tais como a valorização e utilização do “erro” como instrumento humilhante e aviltante, posicionando-se contrariamente à postura de ensino tradicional, valorando os acertos e, da mesma forma, o “erro”, os quais serviram como reflexão e revisão dos procedimentos adotados e como ponto de partida para a superação de dificuldades encontradas ao longo do processo de aplicação da pesquisa.

Depois das breves explanações sobre os sujeitos, *lôcus*, contextos, processo avaliativo, bem como nossa postura ética na pesquisa, passamos ao detalhamento sobre a geração e os procedimentos de coleta e análise de dados.

3.3 Procedimentos metodológicos e geração de dados

Dentre os procedimentos para a geração e coleta de dados da presente pesquisa, salientamos que a roda de conversa, no início e no final da intervenção, como instrumento metodológico, permite uma comunicação prática e dinâmica entre discentes e professor, visando uma pesquisa qualitativa, pois, como afirma Moura e Lima (2014):

As rodas de conversa consistem em um método de participação coletiva de debate acerca de determinada temática em que é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam e escutam seus pares e a si mesmos por meio do exercício reflexivo. Um dos seus objetivos é socializar saberes e implementar a troca de experiências, de conversas, de divulgação e de conhecimento entre os envolvidos, na perspectiva de construir e reconstruir novos conhecimentos sobre a temática proposta (MOURA e LIMA, 2014, p. 101).

Desta forma, as rodas de conversa são importante instrumento de apoio pedagógico, extremamente úteis para o pesquisador/observador no contexto da pesquisa participante, como

se processa nesta proposta. Permitem um trabalho cooperativo em sala de aula, aprimorando as interações que se efetivam nas práticas de ensino e aprendizagem, à medida em que os interagentes têm a oportunidade de dialogar, de expor suas opiniões e concepções de mundo e, principalmente, de ouvir, num exercício reflexivo.

No que tange à pesquisa qualitativa, sendo ela um processo que se desenvolve em ciclos e, como afirma Minayo (2009, p. 26), “realiza-se fundamentalmente por uma linguagem baseada em conceitos, proposições, hipóteses, métodos e técnicas”, que é, portanto, uma linguagem que se desenvolve em ritmo singular, foi realizada uma comparação entre a primeira e a última atividade para a comprovação de que o desenvolvimento da pesquisa promoveu a aprendizagem. Após esse processo, havendo a identificação de dificuldades apresentadas pelos discentes, fizemos uma reavaliação do planejamento para realizar possíveis alterações metodológicas, porque, como defende ainda Minayo (2009, p. 27), “o ciclo de pesquisa não se fecha, pois toda pesquisa gera indagações novas”.

As gravações das aulas constituíram o *corpus* da pesquisa. Além disso, foram elaboradas atividades de diferentes formas, como leituras de tirinhas, atividades de análise das respostas sobre os questionamentos feitos pela pesquisadora, entre outras, sob constante supervisão e orientação da professora pesquisadora, uma vez que, como adverte Ramos (2007), as atividades de interpretação de tiras requerem o domínio de diferentes códigos, assim como a sequência da narrativa.

De caráter intervencionista, na presente pesquisa, propõe-se uma dupla perspectiva, propondo-se a ir além da observação e agindo como um projeto didático sobre a diversidade linguística por meio do gênero tiras da “Turma do Xaxado”. Assim, direcionamos os sujeitos envolvidos na investigação à prática social consciente e crítica no que concerne ao uso da língua materna, porque a pesquisa-ação intenta “dar aos pesquisadores e grupos de participantes os meios de se tornarem capazes de responder com maior eficiência aos problemas da situação em que vivem, em particular sob forma de diretrizes de ação transformadora”, como defende Thiollent (2011, p. 14). Em nossa investigação, essa condição foi possível à medida que todos os envolvidos na pesquisa se entrosaram profundamente na *práxis* do grupo social em estudo.

Salientamos que sobre o número de aulas necessárias para o desenvolvimento das etapas da pesquisa, as 14 (catorze) aulas planejadas inicialmente ocorreram sem maiores dificuldades. Os desdobramentos das aplicações das atividades ocorreram de forma contínua e interdependente, levando em consideração os fatores sociais e contextuais de sala de aula, além das aspirações e necessidades linguísticas dos sujeitos pesquisados.

3.4 Coleta dos dados por meio de ações planejadas

A coleta de dados se deu no período de agosto a novembro de 2019. Esta coleta obedeceu ao calendário escolar, durante os horários de aula da discente pesquisadora, em 4 (quatro) etapas, a saber:

3.4.1 Primeira Roda de Conversa e avaliação diagnóstica

A primeira roda de conversa e avaliação diagnóstica foi intitulada: “*Vamos conversar sobre...*”. Ela ocorreu num período de 03 aulas de 50 minutos cada, cuja finalidade foi apresentar a pesquisa aos discentes e buscar o entendimento deles sobre a variação linguística e sua própria variante.

No decorrer desta primeira roda de conversa, procuramos manter um ambiente de descontração e de conversa informal para que os interlocutores se sentissem o mais à vontade possível. Nela, explicitamos qual o objetivo da pesquisa e as causas que justificam sua realização, bem como quais atividades seriam desenvolvidas e qual gênero – de forma muito superficial - serviria de suporte para trabalhar questões concernentes à diversidade linguística.

Trouxemos também informações concernentes a como funciona uma roda de conversa e enfatizamos que a construção dos diálogos só é possível se os participantes adotarem uma postura de escuta e respeito dos turnos de fala, pois, [...] “a atividade receptiva de quem escuta o discurso do outro é uma atividade de participação, de cooperação em vista da própria natureza interativa da linguagem” (ANTUNES, 2003, p. 105). Ou seja, em qualquer processo de interação, assim como nas rodas de conversas, a figura do ouvinte é imprescindível. É necessário que locutores e locutários se adequem às condições de interação, considerando os turnos de fala e escuta.

Na ocasião, apresentamos para os alunos, com o auxílio de um projetor, a “Turma do Xaxado”, seu criador e seus personagens, procurando evidenciar que os mesmos também são moradores de uma pequena comunidade da zona rural do nordeste brasileiro e que, por conseguinte, poderiam possuir muito em comum com os sujeitos da pesquisa, em idade, situação socioeconômica, desafios diários e linguagem.

Neste item, direcionamos os questionamentos para avaliar o entendimento dos alunos sobre a diversidade linguística e sobre a percepção que eles têm sobre sua própria variante enquanto jovens moradores do meio rural, se, em algum momento (na escola ou fora dela), já se sentiram discriminados pelo seu modo de falar, deixando-os livres para imprimir seus

relatos à temática que julgassem importantes, diante das apresentações expostas. Logo após essa apresentação inicial, analisamos todos os dados obtidos a partir das gravações que fizemos para dar continuidade às etapas seguintes.

3.4.2 A Linguagem dos quadrinhos e “Turma do Xaxado”

Na segunda etapa da pesquisa, trabalhamos a leitura de diversas tiras da “Turma do Xaxado” previamente selecionadas. Em 04 aulas de 50 minutos cada, objetivando levar os alunos a conhecer as características da linguagem dos quadrinhos e verificar os contrastes presentes nas falas das personagens da “Turma do Xaxado”, trabalhando os fenômenos da diversidade linguística representados nas tiras.

Buscamos verificar, nesta etapa, o que os alunos já conheciam e aprofundamos as explanações nas áreas em que eles apresentaram um menor entendimento. Dedicamos duas aulas, do total de quatro, para, com o auxílio do projetor e leituras das tiras da “Turma do Xaxado”, explicar aos discentes, de forma expositiva, as características constitutivas da linguagem dos quadrinhos, conhecendo sua estrutura e especificidades.

Apresentamos, também, os elementos da narrativa, presentes nas sequências quadrinizadas das tiras, em que o enredo se desenvolve quadro a quadro, bem como os recordatórios, as metáforas visuais (estrelas que representam dor, lâmpada que se acende sugerindo uma ideia do personagem), as linhas cinéticas (traços paralelos que sugerem o movimento dos personagens ou objetos), os abundantes recursos metalinguísticos, entre outros.

Chamamos atenção para os balões como um traço distintivo desse gênero, pois eles são convenções gráficas em que se inserem as ‘falas’ ou ‘pensamentos’ dos personagens, ressaltando que são diferenciados por um signo de contorno que os envolve, assumindo significados diferentes como o balão cochicho, *splash*, eletrônico, glacial, tremido, em *off*, pensamento, uníssono e fala intercalada.

Num segundo momento, em que dedicamos duas aulas, a partir das mesmas tiras selecionadas para se conhecer a linguagem quadrinística, verificamos, junto aos discentes, as diferenças e contrastes existentes nas falas das personagens da “Turma do Xaxado”. Chamamos atenção, neste ponto, para os papéis sociais exercidos por esses personagens, analisando de que forma podemos perceber os reflexos deles no uso da língua.

Salientamos que, nesta etapa, as observações e análises sugeridas aos alunos foram direcionadas e devidamente orientadas pela professora pesquisadora, visto que se trata de uma

turma de 6º ano, em que alguns discentes não possuem maturidade para realizar essas observações e análises sem a devida condução do professor. Posteriormente, seguimos para a próxima atividade programada.

3.4.3 Realização de atividades a partir das tiras da “Turma do Xaxado”

A etapa de realização de atividades a partir das tiras da “Turma do xaxado”, ocorreu num período que compreendeu 04 aulas de 50 minutos cada uma. Objetivamos levar o discente a compreender por meio das narrativas das tiras quadrinizadas que há variedade da língua portuguesa brasileira e que essa diversidade é perceptível a partir da análise da realidade social em que essa língua é utilizada.

Neste terceiro conjunto de aulas de intervenção, partindo de uma prévia caracterização das personagens, foram elencados e evidenciados nas atividades fatores como o contexto social em que vivem, seus integrantes e as possíveis relações entre eles, evidenciando que a própria linguagem é capaz de caracterizar esses personagens.

Além dos aspectos mencionados, evidenciamos as possíveis influências linguísticas desses personagens, por exemplo: se são personagens infantis, se recebem influências dos pais, vizinhos e comunidade em que vivem em seu falar.

Após a aplicação deste grupo de atividades, analisamos as gravações feitas das aulas, aplicando o modelo de análise sociolinguística de Bortoni-Ricardo (2004), o modelo dos contínuos, para verificar se eles (os alunos) conseguiram se perceber como usuários de uma variante linguística que serve a determinados contextos comunicativos. Entretanto, consideramos, também, que eles poderiam, de acordo com a situação interacional, transitar pelas permeáveis fronteiras dos contínuos, organizando e selecionando os recursos linguísticos pertinentes. Também estávamos cientes de que determinadas variantes são estigmatizadas e alvo de preconceito social e linguístico e que, em certos contextos, exige-se o uso de variantes que mais se aproximam dos eventos de letramento, que são trabalhados na escola.

3.4.4 Segunda Roda de Conversa

Esta segunda roda de conversa teve a finalidade de verificar os avanços alcançados no que se refere à adequação ao uso da linguagem em diferentes contextos comunicativos, bem

como no que se refere à ampliação da consciência a respeito da riqueza da diversidade linguística brasileira. Ela ocorreu em 03 aulas de 50 minutos cada.

Por meio de uma segunda Roda de conversa, os discentes (sob a orientação da professora/pesquisadora) realizaram uma análise conjunta das atividades feitas, voltando para as tiras estudadas e as análises realizadas a partir delas. Estas foram trocadas e cada aluno teve a incumbência de discutir os aspectos que elencamos nos objetivos da atividade.

Chamamos atenção, nesta etapa, para fatores que podem estimular e favorecer o preconceito linguístico e seus danos devastadores, no intuito de levá-lo a perceber a necessidade dos alunos serem bidialetais, à medida que percebam que podem e devem monitorar sua fala nos diferentes contextos comunicativos e “em todos esses processos, ele (o aluno) tem sempre que levar em conta o papel social que está desempenhando” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 73).

Enfatizamos que as análises, reflexões e críticas nesta fase são concebidas no intuito de colaborar com o aprimoramento da aprendizagem, aspecto esse que deve ser focalizado desde a primeira etapa na apresentação da pesquisa, através da roda de conversa, para que a construção coletiva do aprendizado ocorra em ambiente de respeito mútuo.

CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS DADOS

Tendo em mãos os dados coletados a partir da aplicação das quatro etapas construídas e tencionando alcançar os objetivos da pesquisa, realizamos o cruzamento dos dados em um processo de investigação imbuído, sobretudo, na perspectiva de que, por meio da pesquisa participante, seja possível auxiliar os discentes a se tornarem agentes transformadores de suas realidades sociais.

Como afirma Brandão e Borges (2007), a pesquisa não se prestará apenas para solucionar problemas locais isolados, mas, a partir da realidade de vida dos participantes, “o propósito de uma ação social [...] é a autonomia de seus sujeitos” (BRANDÃO; BORGES, 2007, p. 55), ou seja, formar indivíduos motivados a mudar a conjuntura social de suas próprias vidas.

4.1 Análise da Primeira Roda de Conversa

Após expormos os caminhos metodológicos do estudo, prosseguimos rumo à análise dos dados, organizando a turma em forma de círculo e lembrando que a aula seria gravada em áudio para uma análise posterior. Assim, demos início a primeira Roda de Conversa, que serviria como avaliação diagnóstica, um instrumento por meio do qual, *a priori*, objetivamos conhecer percepção dos alunos sobre sua própria variante da língua e a variante linguística em si, uma vez que a BNCC (2017) orienta que a variação linguística, intrínseca a qualquer língua, e o valor social atribuído a ela precisam ser objeto de reflexão nas aulas de língua materna.

Buscando manter um ambiente descontraído nas Rodas de Conversa, explicamos que os alunos podiam expor suas opiniões livremente sobre os temas tratados, e aproveitamos para falar sobre o funcionamento da dinâmica da aula nas rodas de conversa. Além disso, expomos, rapidamente, os objetivos e etapas da pesquisa e quais atividades seriam desenvolvidas.

Sob a compreensão de que o português são muitos, iniciamos nossa discussão com a pergunta: “*Que idioma nós falamos?*” Ao pensarem um pouco, alguns alunos responderam:

[...]

P – que idioma nós falamos?

(Aluno – A01) – **éeee:... Nordestino...**

P- Nordestino?!?

(Aluno – Edvaldo) – **é...**

P – todo mundo concorda?

(Aluno – A02 e outros alunos) – **portuGUEI...**

P- qual?

(Aluno – A02) – **portuGUEI...**

P – é português?

(Aluno A03) – **não... o sotaque é Nordestino...**

P – Ahhhh:... o nosso sotaque é nordestino...então... quer dizer que a gente fala...

(Aluno – A04) – **CAIpira...**

[...]

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da Roda de conversa 01, 2019).

Usando uma variante da língua que mais se aproxima do polo rural, sob o prisma do contínuo de urbanização de Bortoni-Ricardo (2004), os quatro alunos que se anteciparam a responder à pergunta, mesmo que de forma distante, percebem que há formas distintas de falar um mesmo idioma. Poderíamos inferir que, ao dizer “*nordestino, portuquei e caipira*”, não há arbitrariedade nestas respostas, mas a ideia, ainda que um pouco vaga ou genérica, de que a língua portuguesa é heterogênea, ou seja, apresenta variação. Assim como afirmou o escritor português José Saramago (2004) em vídeo-documentário no YouTube que “não há uma língua portuguesa, há línguas em português”, podemos dizer que “*nordestino, portuquei e caipira*”, na visão dos alunos, constituem-se como realizações possíveis de usar a língua materna.

Quando, portanto, dizemos português, este nome não designa um objeto empírico uno, homogêneo, claramente delimitável e objetivamente definível por critérios apenas linguísticos (léxico-gramaticais). O nome singular recobre, de fato, uma realidade plural, ou seja, um conjunto de inúmeras variedades **reconhecidas histórica, política e culturalmente como manifestações de uma mesma língua por seus falantes**. (FARACO, 2008, p. 32, grifos nossos).

Ou seja, falantes de uma mesma comunidade linguística, em meio a tantas variedades que circundam uma variedade plural como a brasileira, conseguem perceber a sua variedade e as outras. O que, por sua vez, evidencia que as manifestações linguísticas não existem à parte de seus falantes, mas os sujeitos que as usam em contextos históricos, social e culturalmente são quem realmente a constituem.

Ao serem questionados se no Brasil todos falam o português da mesma maneira, a maioria dos alunos participantes da pesquisa afirmou que não. No entanto, como evidência dessa diferença, alguns começaram (entre risos) a reproduzir predominantemente alguns exemplos de expressões que são pronunciadas fora dos padrões linguísticos prestigiados socialmente, isto é, palavras que apresentam traços descontínuos, classificados por Bortoni-

Ricardo (2004) como aqueles que são “descontinuados”, ou seja, deixam se ser utilizados à medida que os falantes se aproximam mais do polo urbano.

[...]

P – nós falamos da mesma maneira... da mesma forma em todo o Brasil? todo mundo fala a língua portuguesa do mesmo jeito?

(A02 e outros alunos ao mesmo tempo) – **NÃO (frase exclamativa)**

P – não (frase exclamativa)... por que não (frase exclamativa)
((muitos alunos falam ao mesmo tempo))

P – falam o quê... A16? Estranho?

((vozes e risos))

(Aluno A03) – **PÊnalti, fala pen...**

((risos))

P – fala como?

(Aluno A03) – **fala PÊnalti é:.... penat... fala pen...**

P- pen?

(Aluno A03) –**é.**

((risos))

(Aluno A03) – **não... sério...**

(Aluno?) - **é pênalti...**

[...]

((muitos alunos responderam que já, ao mesmo tempo))

P – já observaram... alguém teria algum exemplo pra dá?

(Aluno A03) – **“poiTEra”**

P – “poiTEra?” que quer dizer o quê?

(Aluno A04) – **porTEra...**

P – PorTEIra. Alguém teria outro exemplo?

(Aluno A05) – **“CaCEla”... caCEla...**

P – Que é “caCEla”?

(Aluno A06) – **CanCEla...**

(Aluno A05) – **“CEla”...**

(Aluno A01) – **DentaDÜra...**

P – CEla? CaCEla...

((risos))

P – quem é que fala caCEla?

(Aluno?) – **falava...**

(Aluno A05) – **“amaLElo”.**

(Aluno A03) – **“muiÉ”.**

[...]

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da Roda de conversa 02, 2019).

É possível fazer uma breve análise de alguns desses traços descontínuos e até graduais (citados pelos discentes). Esse último, por sua vez, é assim chamado por ser de distribuição gradual, e, portanto, fazer parte do vernáculo de boa parte dos brasileiros. É o que podemos observar a seguir:

Quadro 1 - Traços linguísticos graduais e descontínuos e comentários

Traços Linguísticos (graduais e descontínuos)	Comentários
1. pen / penat – traços descontínuos	1. De acordo com os alunos, seria a palavra pênalti (palavra de origem inglesa e raiz etimológica latina <i>poenalitas</i> = “punição”), que significa, segundo dicionário Aurélio (2000), falta máxima punida com chute direto a 11m do gol.
2. poitera – traço descontínuo	2. Grande candela ou portão de entrada em propriedades rurais, segundo dicionário Aurélio (2000). Neste caso, temos a <i>ditongação</i> que é a criação de ditongos, mantendo a norma vocálica vogal e semivogal. Esse fenômeno está geralmente presente em variantes historicamente estigmatizadas (BAGNO, 2007).
3. portera – traço gradual	3. Neste caso, ocorre o oposto da <i>ditongação</i> que é a <i>monotongação</i> , fenômeno da língua falada em que há o apagamento do ditongo e, dessa forma, temos uma vogal simples. Segundo Bortoni-Ricardo (2004) e Bagno (2007), a monotongação é uma tendência frequente nos falares dos brasileiros, até mesmo, dos mais escolarizados. Portanto, a pronúncia de palavras como ‘bêjo’ (beijo); ‘caxa’ (caixa); ‘cadera’ (cadeira), em geral, não causa estranhamento.
4. cacela – traço descontínuo	4. Segundo os alunos, seria a palavra cancela (porta gradeada, em geral em madeira e de pouca altura ou armação metálica que abre e fecha ao trânsito a passagem de nível, de acordo com o dicionário Aurélio (2007)). Ela é pronunciada por pessoas que moram nos sítios. Neste caso, podemos estar diante do fenômeno da desnasalização, que consiste no apagamento de ditongos nasais.
5. amalelo – traço descontínuo	5. <i>Lambdacismo</i> , fenômeno linguístico que consiste

	na troca do R pelo L. É o traço descontínuo menos frequente e mais regionalizado (BAGNO, 2007).
6. muié – traço descontínuo	De caráter descontínuo, consiste na vocalização da consoante lateral palatal /lh/. Já a perda do /r/ final é, segundo Bortoni-Ricardo (2004) e Bagno (2007), um traço gradual observável algumas vezes nos falares urbanos escolarizados.

Fonte: A autora

Como podemos observar, nos exemplos dados, predominam os traços descontínuos, aqueles que recebem uma maior pressão discriminatória. Bagno (2007, p. 143) afirma que esses traços são evitados, repelidos e até ridicularizados por constituírem “a variedade linguística de falantes com baixo ou nenhum prestígio social”.

No entanto, as características dessas variantes linguísticas não são fenômenos aleatórios e que surgem por ignorância ou preguiça de seus usuários, como podemos constatar nos comentários acima, mas vêm sendo, como alerta o autor, alvo de muitas pesquisas e estudos que comprovam a lógica linguística de cada uma, portanto, são facilmente explicáveis.

Já os traços graduais, como o exemplo “*portera*,” que constitui o fenômeno da monotongação, classificado por Bagno (2007) e Bortoni-Ricardo (2004), está presente na língua de todos os brasileiros, uma vez que esses traços vêm paulatinamente abrangendo espaços até nos gêneros e falares mais monitorados.

Em suas interações na primeira roda de conversa, à medida que se sentiam mais à vontade com a professora e os colegas, podemos notar na fala dos alunos envolvidos na pesquisa a presença forte dos traços linguísticos graduais e descontínuos, principalmente o último. Os alunos são moradores da zona rural, a maioria filhos e netos de pessoas analfabetas ou semianalfabetas, alguns que até frequentaram a escola, porém não conseguiram se alfabetizar. Esse retrato demonstra que o analfabetismo ainda atinge majoritariamente a população rural, principalmente da região Nordeste do país, como aponta o levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE⁶, em cenário identificado

⁶ O IBGE divulgou, em junho de 2019, o mais recente mapa do analfabetismo brasileiro em Pesquisa por Amostra de domicílio Contínua. O mapa mostra que o país tem cerca de 11,8 milhões de analfabetos, pessoas de mais de 15 anos; e dessa população 14,8% concentra-se no Nordeste. Os dados apontam, também, que o Brasil reduziu o analfabetismo, de 7,2% para 6,8% entre os anos de 2016 e 2018, mas ainda não conseguiu atingir umas

em 2018 e divulgado em junho de 2019. Continuemos nossa análise da Roda de conversa. Instamos, agora, os alunos a falarem sobre as origens da língua portuguesa. Vejamos:

[...]

P – português... falamos a língua portuguesa... a língua portuguesa... Que nós falamos é:.... Ela já nasceu aqui no Brasil ou ela veio de outro lugar?

((vozes ininteligíveis e ruído))

(Aluno A07) – **NAceu aqui nu Brasil.**

P- veio de outros... de onde A05?

(Aluno A05) - de Portugal? ((o aluno respondeu baixo))

P- ok...

[...]

P – certo. - presta atenção... preste atenção... - é:... vocês... é:.... utilizam a mesma forma de falar... igual a de quem mora numa grande cidade?

[...]

(Aluno A05) – **tem doi jeito de falar...**

[...]

(Aluno A05) – **tem um que é mais avoroçado...**

[...]

P – É... deixa eu perguntar aqui pra vocês... Em algum momento... vocês já foram repreendidos duramente por alguém... não precisa falar nomes... e tal... pela maneira como vocês falam? [...] e como vocês se sentiram nessa ocasião?

[...]

(Aluno) - **eu me senti mei triste...**

P – fica triste... né?

(Aluno A02) - **mei pra baxo... né? qui tá querendo ser mai que eu...**

[...]

(Aluno A02) – **e... depois... essa pessoa mermo... otra vez... fala até...**

[...]

(Aluno A02) – **porque... através qui eu falo com a pessoa... aquela pessoa di que tô errado e tal... notos cantos... eu já vó falar o certo quela falô...**

[...]

P – e A06?

(Aluno A06) – **inhora?**

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da Roda de Conversa 03, 2019).

Observamos que os alunos recebem e mantêm influências e características linguísticas de seus meios sociais (pais, avós, vizinhos das comunidades rurais e escola), regidas, como afirma Bortoni-Ricardo (2004), por regras que pautam suas ocorrências linguísticas, porém apresentam sempre diversidade, variedade, característica, como já falamos aqui, inerente a qualquer comunidade linguística. Cada variante, por sua vez, carrega, nas reações sociais, diferentes avaliações que se compreendem entre estigma e prestígio.

O fato é que numa sociedade desigual e excludente como a brasileira, os critérios que valoram essas variantes não dizem respeito aos fenômenos linguísticos e as peculiaridades

que a constituem, porém são avaliadas sob juízos de valores imputados a quem os utiliza, o que acaba culminando em preconceito, conforme defendem Bagno, (2007), Lucchesi, (2015) e Bortoni-Ricardo (2004).

Direcionamos nossa discussão buscando compreender como a valoração negativa, atribuída a suas formas de falar, poderia de alguma forma resultar em preconceito e exclusão dos alunos. Assim, perguntamos se eles já foram repreendidos duramente por alguém devido a maneira como usavam a língua.

[...]

P – É... Deixa eu perguntar aqui pra vocês... Em algum momento... vocês já foram repreendidos duramente por alguém... não precisa falar nomes... e tal... pela maneira como vocês falam?

(Aluno A03) – **eu já...**

P – alguém já repreendeu...

(Aluno A04) – **eu...**

(Alguns alunos) – **já...**

P – Já? todo mundo aqui?

(Todos os alunos) – **já...**

[...]

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da Roda de Conversa 04, 2019).

Em seguida, perguntamos como os discentes receberam essa repreensão. Ao descreverem como se sentiram quando corrigidos por outros pela sua forma de se expressar fora e dentro da escola, podemos notar quanto nefasto pode ser esse procedimento se não for realizado de forma adequada.

[...]

P – e como vocês se sentiram nessa ocasião?

(Aluno A05) – **Bagunçado...**

P – Bagunçado?

((os alunos começam a falar ao mesmo tempo))

P – se senti mal? no caso...esse mal seria o quê, A04? já... já aconteceu isso contigo... A04?

(Aluno A04) – **já...**

(Aluno A05) – **na brincadeira...**

P – contigo também A18?

((o aluno balança a cabeça positivamente))

P – vocês se sentiram como no momento?

(Aluno A01) – **num aconteceu comigo...não...**

(Aluno?) - **eu me senti mei triste...**

P – fica triste... né?

(Aluno A02) - **mei pra baxo... né? qui tá querendo ser mai que eu...**

P – que a pessoa... ocorre que você tava querendo ser mais do que você?

(Aluno A03) – **É'...**

(Aluno A04) – **ahnn... não dizer nada... se corrigisse assim... normal...**

(Aluno A02) – **É... depois... essa pessoa mermo... outra vez... fala até...**

P – essa pessoa faz o quê? Também fala o quê?

(Aluno A06) – **errado também...**

P – Também fala errado?

(Aluno A02) – **É... é...**

P – É no...

(Aluno A02) – **mai... mai que corrigi a pessoa...**

[...]

P – só um minutinho... - vamos ouvir aqui o colega... fale (frase exclamativa)
fale (frase exclamativa)

(Aluno A02) – **porque... através qui eu falo com a pessoa... aquela pessoa di que tô errado e tal... notos cantos... eu já vó falar o certo quela falô...**

[...]

P – aqui na escola? aqui já aconteceu com você... a pessoa já te repreendeu de forma muito dura?

(Aluno A08) – **o professor chamou...**

(Aluno A04) – **já.**

P – e a pessoa... como é que a pessoa se senti? envergonhada? como é que a pessoa se senti?

(Aluno A04) – **envergonhado... triste e acha que a outra pessoa... a outra pessoa quer passar por cima da pessoa...**

(Aluno?) – **e retardado...**

(Aluno A02) – **e também fala errado...**

P – e... no caso... você acha... fica pensado que você que você é o que... retardado?

(Aluno A03) – **retardado...**

[...]

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da Roda de Conversa 06, 2019).

No momento em que o discente (falante) faz uso de um vernáculo que está mais distante da norma de maior prestígio que seu interlocutor utiliza, dentro da escola, o professor intervém, oferecendo a variante que mais se aproxima dos padrões linguísticos mais valorizados.

Porém, diante das respostas dadas pelos alunos de como se sentiram quando a intervenção em sua fala foi realizada de forma rude e inadequada, de que eles se sentiam: “*bagunçado*”, “*mei pra baixo*”, “*mei triste*”, “*envergonhado*”, “*inferiorizados*” e até “*retardados*”, podemos questionar: qual a melhor maneira para proceder com tal “correção”? Há um momento certo ou qualquer contexto seria adequado?

Principalmente, se essa intervenção for ministrada por um docente, é preciso mostrar que, além dos estudantes se apropriarem da norma de maior prestígio social, necessária na tentativa de diminuir o fosso discriminatório e excludente, eles precisam saber que esse “erro” se constitui apenas como “uma simples diferença entre duas variantes” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 37).

Posto que, quando a intervenção ocorre sem um olhar sensível aos saberes e as diferenças de cultura e linguísticas dos alunos e da escola, o ato de conscientizar sobre essa diversidade, que deveria fornecer aos discentes a forma linguística adequada aos estilos monitorados, pode transformar numa forma de humilhação, discriminação e preconceito,

gerando, dentre tantos males, a inibição, fazendo com que o simples ato de falar com os outros torne-se um martírio, calando o aluno, como podemos constatar no que relatam os alunos:

[...]

P – e... quando essa pessoa faz isso... a partir desse momento...que essa pessoa fala isso... É::... corrija você dessa maneira... dessa forma... vou usar aqui o termo... dessa forma negativa... como é que fica... a partir de então... pra você conversar com essas pessoas? você se senti à vontade pra conversar com essa pessoa... a partir daí... ou você fica envergonhado? você evita de falar com essa pessoa?

(Aluna A08) – **intão...**

(Alunos) - **eu evito...**

P – quem evita de falar?

(Aluno A06) – **eu...**

P – a maioria evita de falar... justamente pra não ser corrigido?

((a maioria dos alunos acena com a cabeça positivamente))

(Aluno A03) – **ixatamente...**

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da Roda de Conversa 07, 2019).

Acerca dessa percepção, Bortoni-Ricardo (2004) afirma que, numa postura pedagógica que seja mais sensível aos saberes dos alunos perante à verbalização de uma forma linguística não-padrão, são necessário dois procedimentos: primeiro, a identificação, que pode ser afetada se não for devidamente percebida ou se o professor desconhecer a norma que diz respeito a determinada regra; já no segundo procedimento, a conscientização da diferença é necessária, pois permite ao aprendiz a monitoração de seu próprio estilo. A autora alerta ainda que seja extremamente importante considerar “as características culturais e psicológicas dos alunos”. Ao escolher entre a não intervenção sistemática e a intervenção desrespeitosa, ficamos, é claro, com a primeira alternativa. O trato inadequado ou até desrespeitoso das diferenças vai provocar a insegurança [...] (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 42), como podemos constatar nos relatos acima.

Depreendemos, com isso, que é preciso apreender outros modos de falar, ou seja, ser bidialetal, saber transitar nas fronteiras fluidas dos três contínuos: urbanização, oralidade-letramento e monitoração estilística, segundo os papéis sociais que podemos assumir durante nossas interações sociais. Como afirma Bortoni-Ricardo (2005, p. 21), “A mudança constante de papéis sociais permite maior fluidez entre variedades linguísticas de natureza social”, característica típica que faz parte dos domínios linguísticos de falantes de sociedades modernas.

No cenário de grande diversidade linguística, os domínios linguísticos, por sua vez, podem partir de estímulos derivados do meio social ou mesmo da escola. Assim, [...] “cabe aos usuários das variedades não-padrão adotar a variedade socialmente aceitável – pelo menos

em certas circunstâncias, como em uma situação de fala pública [...]” (MUSSALIM *et al.* 2006, p. 43), o que poderá lhes possibilitar maior acesso aos meios sociais em que circulam normas de maior prestígio social.

Os alunos prosseguem afirmando que eles mesmos, em suas comunidades de fala, também já repreenderam seus interagentes de comunidades e até familiares pela maneira de usar a língua falada, como podemos constatar nos relatos abaixo:

[...]

P – certo... aí... eu perguntei se vocês em algum momento já foram repreendidos duramente “com” [quis dizer “por”] alguém porque falaram de uma certa maneira... vocês já me disseram que já... a maioria... né? A maioria disse que sim... mas... em algum momento... vamos fazer o papel inverso... em algum momento... vocês já fizeram isso com alguém?

(Aluno A03) – **eu já...**

((todos falam ao mesmo tempo))

(Aluna 08) – **eu...**

(Aluno?) – **eu já...**

(Aluno A01) – **esse minino do pênalti... eu que falei... Fessora...**

((risos))

(Aluno A01) – **eu que corriji ele...**

(Aluno A02) – **até com minha madrinha...** (risos)

P – com sua madrinha?

(Aluno A02) – **ela fazia comigo também...**

[...]

P - baseado na forma que essa a pessoa fala? por exemplo... alguém fala uma palavra que você considera que tá errada e você fica mangando daquela pessoa... rindo?

(aluno A05) – **eu já...**

(Aluno A04) – **eu já...**

((muitos alunos disseram que já ao mesmo tempo... entre risos))

P – ou então você corriji a pessoa no ato... assim?

[...]

(Aluno A03) – **“eu vou no banHEro”.**

((risos))

(Aluno A03) – **no banHEro... não...**

(Aluno A05) – **é ao banheiro...**

(Aluno A04) - **Ao banheiro... pô...**

[...]

(Aluno A06) – **A03...**

(Aluno A03) - **eu?**

(Aluno A06) – **você fala errado...**

(Aluno A03) - **eu?**

(Aluna A11) – **a minha vó...**

P – a sua vó utiliza dessa maneira?

(Aluno A05) – **minha mãe... meu pai...**

P – sua mãe e seu pai?

(Aluno A05) – **pai... pai erra muito... psiu... Eu corrijo pai di mÁI, miNIno...**

P – você corriji seu pai?

(Aluno A05) – **fala muito...**

(Aluno A03) – **num corriji não... porque ele nasceu primeiro do que tu...**

P – É... e simplesmente porque o papagaio fala as palavras de forma diferente ou tem um motivo maior por trás...

(Aluno A04) – **preconceito...**

[...]

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da Roda de Conversa 8, 2019).

Cabe salientar que entendemos comunidade de fala não como um meio social em que todos falam do mesmo modo, [...] “mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras” (MUSSALIM *et al.* 2006, p. 31). Porém, em seu núcleo, entre seus membros, pode haver estranhamento, às vezes, pela forma de falar, quando há algum desvio ou “desrespeito” aos usos linguísticos, fato que demonstra a diversidade linguística que pode operar num mesmo contexto social e o quanto a complexidade dos usos da linguagem está sujeita a avaliações, até mesmo por seus pares.

Nesta reflexão, percebemos também o que muitos estudiosos da linguagem já constatarem: em qualquer comunidade linguística existe diversidade ou variação, e essa pluralidade sempre estará sujeita à avaliação, “onde tem variação tem também avaliação” (BAGNO, 2007, p. 77). Pode haver, portanto, efeitos nefastos sobre a vida social decorrentes da pressuposição de homogeneidade linguística, que pode levar suposição de que a diferença vocabular é um mal a ser eliminado, fundamentando a prática de exclusão e impedimento e barreira ao acesso à bens sociais fundamentais.

A não aceitação das diferenças linguísticas, que produz numerosos preconceitos sociais e intolerância é, como aponta Mussalim *et al.* (2006), facilmente observável em diversos contextos como a mídia, nos meios institucionais e até nas relações sociais cotidianas. É preciso dizer, inclusive, que num país com quase 12 (doze) milhões de analfabetos em pleno século XXI, em que apenas “uma pequena parcela da população tem acesso ao consumo de bens materiais e culturais, bem como aos serviços de educação e saúde e ao espaço da cidadania” (LUCCHESI, 2015, p. 198), fomenta-se a insegurança no falar, firmada na falsa premissa de que ninguém sabe usar corretamente a língua.

De um lado, como diz o autor, existem as formas apontadas como incorretas ou impróprias pelos padrões linguísticos brasileiros, mas que, muitas vezes, seus fenômenos (graduais) paradoxalmente fazem parte do repertório verbal de muitos falantes que se localizam mais próximos dos polos urbanos, letrados e até mais monitorados dos contínuos.

No outro extremo, quando se trata de formas ou fenômenos linguísticos usados por falantes de baixa renda e com acesso restrito aos bens sociais (como é o caso do público-alvo da pesquisa), a avaliação negativa de seu repertório verbal é muito explícita e perniciosa,

demonstrando, muitas vezes, que “a avaliação é essencialmente social” (BAGNO, 2007, p. 77), ou seja, a avaliação não está sobre a língua, mas sim no seu usuário. Assim, o preconceito linguístico que deriva dessa apreciação negativa reflete as imensas desigualdades sociais que permeiam a sociedade brasileira, como também se serve dele para fazer perdurar essa estrutura excludente e opressora.

A partir das observações que podemos aferir na conversa inicial sobre as impressões dos alunos a respeito da diversidade linguística e avaliações sociais delas, como também com base nas percepções deles sobre sua própria variante, prosseguimos com a análise, desta feita com a leitura e comentários de algumas tiras da Turma do Xaxado, trabalhando com base nas falas dos personagens a variação linguística. Vejamos:

4.2 Trabalhando a variação e a diversidade linguística com as tiras da “Turma do Xaxado”

Na segunda etapa de nossa intervenção (em quatro aulas), procedemos a aplicação de algumas questões, criadas a partir da leitura e seleção de tiras da “Turma do Xaxado”, em que procuramos explorar os contrastes existentes nas falas das personagens, procurando fazer sempre um paralelo com a realidade linguística dos discentes envolvidos no estudo em curso. Neste ponto, os alunos podiam responder oralmente ou de forma escrita, se preferissem.

Antes, porém, indagamos a respeito do que eles já sabiam sobre os elementos constitutivos das narrativas quadrinizadas, verificamos que possuíam um vasto conhecimento sobre o assunto, sabendo distinguir os tipos e funções dos balões, das onomatopeias e outros recursos metalinguísticos das tirinhas. Em raros momentos, houve a necessidade da intervenção da professora, trazendo esclarecimentos a respeito das ferramentas linguísticas que compõem as narrativas sequenciais.

Podemos deduzir, portanto, que os aspectos da linguagem dos quadrinhos (como as tirinhas) eram familiares aos discentes, mesmo aqueles que não são plenamente alfabetizados, como é o caso de alguns alunos partícipes da pesquisa, devido à forte presença desses elementos nos livros e manuais didáticos utilizados na escola.

A densidade de conteúdo que é possível abordar por meio da leitura das narrativas quadrinizadas, como também a edição, reprodução acessível e tamanho diminuto, são ferramentas que facilitam e favorecem sua presença em livros, vestibulares, questões de provas criadas pelos professores, provas de concursos, apostilas, documentos oficiais

relacionados à educação, ou seja, fatores que também contribuem para “[...] incluir essa forma de história em quadrinhos na receita do ensino brasileiro” (RAMOS, 2017, p. 169).

Dentre as centenas de tirinhas disponibilizadas aos alunos para uma leitura inicial, selecionamos algumas tiras das quais utilizamos para formular questões para reflexões sobre a variedade linguística. No entanto, antes, fizemos uma breve apresentação em forma de *slides* sobre a turminha brasileira do Xaxado.

Abrimos nossa conversa, perguntando para os alunos: vocês conhecem a “Turma do Xaxado?” Apenas o aluno A09 relatou que, devido à menção ao nome da Turma no TALE (termo de assentimento Livro e Esclarecido), pesquisou em casa sobre a turminha, e acrescentou: “parece um pouco com a Turma da Mônica, professora”. Os demais, porém, disseram não conhecer ou nunca ouvir falar em seus personagens.

Comentamos, em seguida, que os personagens são uma criação do mestre cartunista Antônio Cedraz (1945-2014), com suas primeiras publicações no jornal “A Tarde Municípios”, em 1998, alcançando enorme sucesso com temáticas sociais, levantando questões e reflexões críticas referentes à cidadania e política, ambientadas numa pequena cidade nordestina. Destacamos, ainda, que esses materiais buscam mostrar a cultura, lutas, história, potencial desse povo tão sofrido. Não tardou para que a Turma ganhasse espaço em outros meios de comunicação como revista, jornais, internet, programas de incentivo à leitura e até a publicações em países como Cuba, Angola e Portugal.

As duas primeiras tirinhas trabalhadas (Figuras 4 e 5) são classificadas como cômicas seriadas: a primeira nomenclatura se dá pela criação do humor através de uma situação que leva a um desfecho inesperado, o que as aproxima do gênero piada; já sobre a segunda, por seu turno, podemos aferir que se trata de uma história, em que cada tira compõe um episódio (RAMOS, 2017).

A fim de trazer algumas reflexões sobre o valor social que o uso de certas formas linguísticas pode suscitar, não pelas características *per se*, mas por julgamentos impostos, muitas vezes, aos seus falantes, resultando em preconceito e exclusão, procedemos a análise da Figura 4. Como é possível observar, a narrativa é construída em três quadros, onde, no primeiro quadro, o ET se apresenta para Marieta e Xaxado (que se mostram espantados), esclarecendo a que se deve sua visita: “*Nós veio em paz*”, e qual seria, supostamente, seu objetivo na visita a Terra: “*A gente temos a missão de acabar com os problema dos humano da terra*”. No segundo quadro, Xaxado pergunta para Marieta qual a sua conclusão sobre o que o ET disse. Vejamos:

Figura 4 – Tira da “Turma do Xaxado”, de Antonio Cedraz



Fonte: 1000 tiras em quadrinhos (CEDRAZ, 2012, p. 67).

A situação humorística que está centrada no último quadro se dá pela resposta inusitada da garota que conclui: “*Que não existe vida inteligente em outros planetas*”, resposta que acaba causando mais espanto em Xaxado.

Mesmo sendo curta, percebemos o potencial de informações que se pode inferir da tira em análise, todavia elaboramos três questões e, para cada tirinha trabalhada, entregamos uma cópia impressa aos discentes com as questões e as apresentamos em Datashow para procedermos com a leitura e comentários. Solicitamos que os alunos respondessem oralmente e, posteriormente, se desejassem, de forma escrita na cópia que lhes foi entregue.

No tocante à tirinha (Figura 4), iniciamos as discussões informando, no primeiro quesito, que a construção do humor se dá a partir da conclusão da personagem Marieta sobre sua interação com o ET. Após a garota dizer, no último quadrinho, que não há vida inteligente em outros planetas. Então, perguntamos:

(a) Por que, provavelmente, Marieta chegou a essa conclusão?

Da qual obtivemos as seguintes respostas:

[...]

(Aluno A03) - **puque ela tava se achando...**

P - em que sentido?

(Aluno A05) - **ela queria ser mai que os ZÔto... porque ela num é inteligente...**

[...]

(Aluno A04) - **por causa da linguagem do ET...**

P - tem algo errado com a linguagem do ET?

(Aluno A05) - **tem... pobrema...**

[...]

(Aluna A10) - **aham... é porque ele tá falando tudo errado...**

[...]

(Aluna A11) - **porque o ET não fala certo...**

P - todo mundo concorda?

(Alunos em coro) - **simmm...**

[...]

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da intervenção 01, em Roda de Conversa, 2019).

Ao analisarmos a tirinha, é possível deduzir que a conclusão da menina se deu devido à forma como o ET fala, usando uma variante que é mais comum a pessoas menos escolarizadas e/ou indivíduos (como o ET) que não têm língua portuguesa como língua materna e, portanto, está aprendendo esse idioma, como podemos perceber pela ausência de concordância em alguns termos e o uso da palavra “pobrema”.

Os alunos A04, A10 e A11 notaram que a conclusão da personagem se deu devido ao uso da linguagem: *“Por causa da linguagem do ET”, “É porque ele tá falando tudo errado”* e *“Porque o ET não fala certo”*. Já A02 afirma que o que há de errado na linguagem do ET está na forma pronunciada da palavra “pobrema”, apresentando um traço descontínuo com a troca de /l/ por /r/ nos grupos consonânticos, com exemplos encontrados “em falares rurais e urbanos e, às vezes, até em falares urbanos” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 54), uma característica que geralmente recebe avaliação negativa e estigmas, como no caso da tira, ao associar a falta de inteligência a forma de falar.

Outro ponto a ser observado é o que disse a aluna A11:

[...]

Professora... assim... no caso... como ela falou... a senhora perguntou “porque ela teve essa conclusão”... porque eu acho que ela achou que só a gente... assim... que existe na terra... no mundo... que estuda... ela pensou que só a gente que estudava e só a gente que entendia das coisas... ou seja... também... quem também que não estudava sabe... só que eu acho que ela pensou na mente dela “ele não estudava... por que ele vai ser inteligente e saber falar certo?” [...].

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da intervenção 02, em Roda de Conversa, 2019).

Em sua fala, notamos que a discente faz a mesma avaliação comum a quem em seu vocabulário faz uso de termos descontínuos, que estão mais distantes do polo urbano do contínuo de urbanização (BORTONI-RICARDO, 2004). O fato do ET não estudar, portanto, faz com que algumas pessoas entendam que ele não era inteligente, não sabia utilizar adequadamente a língua. Em outros termos, essa concepção está assentada na ideia preconceituosa de que as pessoas sem escolarização ou menos escolarizadas não são inteligentes e, por isso, sua forma de falar é feia e errada, desprezando o fato de que a língua, sendo viva, está em mudança e apresenta, portanto, variação.

O rotacismo, por exemplo, (fenômeno que consiste na troca do /l/ pelo /r/ e vice-versa (lambdacismo), como em “pobrema”) que faz parte da formação da língua portuguesa, principalmente nas variantes linguísticas utilizadas pelas camadas populares estigmatizadas da sociedade, permitem que os fenômenos normais e intrínsecos a qualquer língua tenham

liberdade de se manifestar, principalmente numa sociedade como a brasileira, marcada por profundas desigualdades (BAGNO, 2015).

O Aluno A09, afirmou que concordava com a colega:

[...]

P - tu achas que ela chegou à conclusão que ele não estudava... por quê?

[...]

(Aluno A09) - **eu acho que o ET fala outra língua... mas ele tem que tentar estudar o português pra tentar se comunicar com as outras pessoas... só que ele não era muito inteligente... mas pode ser que não ela não tenha prova disso... [...].**

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da intervenção 03, em Roda de Conversa, 2019).

Frequentemente, a ideia de estudar a língua portuguesa está associada à ideia de apropriar-se apenas das normas e conceitos gramaticais, de uma gramática com normas petrificadas de uma língua aparentemente homogênea e inflexível, [...] “num conjunto de regras que, conforme constam nos manuais, devem manter-se a todo custo imutáveis[...].” (ANTUNES, 2003, p. 32). Tal entendimento, infelizmente, reduz a linguagem e toda sua complexidade a meros exercícios e nomenclaturas morfológicas e sintáticas que faz predominar o equívoco de que só há uma única forma de falar e escrever e as [...] “demais variedades devem ser vistas como deteriorações produzidas por mentes inferiores” (LUCCHESI, 2015, p. 25), criando ou alimentando os mitos de que a língua portuguesa é muito difícil ou que só se fala bem o português em Portugal.

Levando à frente as discussões, perguntamos:

(b) Essa conclusão de Marieta se justifica? Esse julgamento é justo?

[...]

(Aluno A01) - **aham...**

(Aluno A05) - **é justo...**

(Aluno A07) - **acho que não... professora...**

(Aluno A04) - **é não... professora...**

P - por que não?

(Aluno A04) - **porque cada um fala de seu jeito...**

P - então... não se justifica isso que ela falou?

(Aluno A04) - **NÃO (frase exclamativa)**

P - **Não?**

(Aluno A01) - **sim...**

(Aluno A05) - **não...**

P - vocês acham que ela está certa em dizer que não há vida inteligente em outros planetas somente pela forma que o ET falava?

(Aluno A02) - **NÃO (frase exclamativa)**

(Aluno A10) - **NÃO (frase exclamativa)**

(Aluno A11) - **NÃO (frase exclamativa)**

(Aluno A07) - **só ela que é inteligente?**

[...]

P - por que vocês acham que não?

(Aluno A03) - **porque cada um tem sua maneira de falar... minino...**

(Aluno A04) - **ela se acha de mai... professora...**

(Aluno A07) - **quer ser mai que os ZÔto...**

[...]

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da intervenção 04, em Roda de Conversa, 2019).

Na tira, percebemos que a garota faz uma avaliação negativa da fala do ET, baseada apenas em elementos linguísticos superficiais (a forma como pronunciava as palavras e organizava algumas sentenças linguísticas), criando um juízo de valor preconceituoso, deixando de lado algo que também é extremamente importante em qualquer processo de comunicação que é a interação, que se constrói com o envolvimento de diversos fatores, dentre eles o conteúdo e o contexto. Assim, podemos afirmar que extraterrestres, ao manter contato com os seres humanos por meio de uma língua que, provavelmente, não dominam, informam que vieram em paz com a missão de solucionar os muitos problemas da humanidade. Há neste ponto da tira a quebra de expectativa, pois o conteúdo é mais relevante, não a forma.

Neste trecho da roda de conversa em análise, podemos destacar os argumentos dos alunos A04 e A03, ao perceberem que cada um possui sua maneira de falar: “*Porque cada um fala de seu jeito*” e “*Porque cada um tem sua maneira de falar... minino*”. Contudo, é preciso desenvolver a competência comunicativa para escolher adequadamente a melhor forma de expressão, entre as muitas possibilidades possíveis no processo de interação em que os interlocutores estejam envolvidos, levando em consideração o contexto e o conteúdo do que se quer transmitir, como, também, o grau de monitoração que deve-se adotar em determinada situação de fala. Sendo assim, em virtude das diversas aproximações que podem coexistir na interação, independente da variação adotada, é preciso explorar todas.

Por conseguinte, continuamos perguntando:

(c) A compreensão de Xaxado sobre a visita do ET é a mesma de Marieta?

[...]

(Alunos) - **não** ((muitos disseram ao mesmo tempo))

P - Não?

(Alunos) - **não** ((muitos disseram ao mesmo tempo))

P - ou ele esperava outra resposta?

(Aluno A03) - **acho que outra resposta...**

(Aluno A04) - **ele ficou assustado...**

P - por que vocês acham que não?

(Aluno: A09) - **tá bem assustado...**

P - que que ele tava esperando ouvir?

(Aluno: A09) - **porque ele tava bem assustado...**

(Aluno A11) - **que não era um ET de verdade... que era alguém que estava com fantasia? (frase exclamativa)**

[...]

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da intervenção 05, em Roda de Conversa, 2019).

Diante dessas respostas, prosseguimos observando que, pelo contexto do texto, fica evidente que a compreensão de Xaxado ou o que ele esperava como conclusão não é a mesma da amiga. Até porque sua reação, como observado pelos alunos A04 e A09, perante a resposta da menina foi de susto, de surpresa, elemento usado pelo autor também como recurso visual para ajudar na construção da quebra de expectativa, o que é comum nas tiras cômicas.

Após esclarecer no segundo quesito da atividade que o ET emprega língua de maneira diferente da norma padrão, que esclarecemos ser um modelo para manter certa unidade da língua falada e escrita, perguntamos:

(a) Mesmo assim, é possível compreender o que disse o ET?

Em face da indagação, a maioria respondeu em coro que sim. Já esperávamos uma resposta positiva diante dessa pergunta, e acrescentamos que a norma padrão seria mais um modelo, dentre tantos, para utilizar a língua em certos contextos comunicativos. Esclarecemos sobre esse pressuposto que há outras maneiras de dizer a mesma coisa e muitas dessas formas estão, algumas vezes, mais distantes do polo urbano, mais formal que é onde se localiza, normalmente a variante que mais se aproxima da norma-padrão ou de maior prestígio social.

Outras variantes, no entanto, exercem papéis mais decisivos sobre outras, devido ao prestígio social que lhes é atribuído, em parte pela influência que seus usuários (falantes) lhe conferem. Mas, como alerta Bortoni-Ricardo (2005), é preciso respeitar os usos linguísticos que se afastam da norma de maior prestígio, sem ferir, porém, o direito inalienável de qualquer cidadão de se apropriar da norma de maior prestígio, uma vez que, quando tal conhecimento é negado ao indivíduo, principalmente, em uma sociedade marcada por exclusão e injusta distribuição de renda como a brasileira, mais portas, já tão estreitas, da ascensão social se fecham.

Por isso, é adequado saber transitar pelas fronteiras fluidas dos três contínuos, propostos pela supracitada autora, fazendo uso da linguagem de forma criativa, evitando os extremos em que num polo está toda e qualquer cultura linguística que não estiver próxima da norma institucionalizada, precisando ser “erradicada”, ou no extremo oposto, que defende que, em matéria de linguagem, independente do contexto, tudo é permitido.

Avançando nas discussões, focalizamos uma questão na personagem Marieta, que utiliza o padrão linguístico geralmente mais próximo da norma padrão. Vejamos:

(b) Se a Marieta fosse o ET, como provavelmente, ela falaria (organizaria) as palavras ditas pelo ET?

[...]

(Aluno A04) - **de forma diferente...**

(Aluno A05) - **escute... minha gente... a gente veio em paz... sei lá...**

(Aluno A02) - **escute pessoas...**

(Aluno A03) - **escute amiga... a gente veio em paz...**

[...]

P – E... na segunda fala dele... como ela diria?

(Aluno A04) - **a gente tem a missão de acabar com os problemas dos humanos...**

(Aluno A03) – **a gente tem a solução de acabar com todos os problemas...**

[...]

(Aluno A10 e A11) - **nós temos a missão de acabar com os problemas dos humanos da terra...**

P - no caso... tiraria o “a gente”... né? ela como gosta de uma forma de linguagem mais...

(Aluna A11) - **organizada...**

P - **Ou formal...**

[...]

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da intervenção 06, em Roda de Conversa, 2019).

Podemos observar que as muitas alternativas sugeridas pelos discentes revelam o que já comentamos acima: há mais de uma maneira de se dizer a mesma coisa. No caso, a opção dada pelas alunas A10 e A11: “*Nós temos a missão de acabar com os problemas dos humanos da terra*” seria a que mais se aproxima do padrão linguístico adotado pela personagem Marieta. Assim, aproveitamos a oportunidade para enfatizar que as muitas formas de falar são aceitas de maneiras distintas, algumas, como a utilizada pela personagem, conferem a seu usuário maior credibilidade e, por conseguinte, aceitação e poder persuasivo, enquanto outras colaboram para uma avaliação negativa do falante, negando-lhe oportunidades e bens sociais. Destarte, perguntamos no terceiro quesito:

(c) As formas de usar a língua podem levar as pessoas a serem julgadas positiva ou negativamente. O que isso pode gerar ou provocar?

Ao formularmos tal questão, esperávamos que o aluno percebesse que, diante da não aceitação de determinadas formas linguísticas, por serem recriminadas socialmente, pode haver a geração do preconceito linguístico. Vejamos:

[...]

P - Marieta julgou esse ET de forma positiva ou negativa?

(Alunos) - **negativa...** ((muitos alunos disseram ao mesmo tempo))

[...]

P - o que isso pode gerar... gente?

(Aluna A11) - **confusão?**

(Aluna A12) - **intrigas...**

[...]

(Aluno A01) - **raiva...**

(Aluno A04) - **tristeza...**

(Aluno A05) - **ódio...**

(Aluna A10) – **bullying...**

P - Ora... quem não já viu alguém sofrer bullying por usar a língua de forma diferente?

[...]

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da intervenção 07, em Roda de Conversa, 2019).

Diante de tantas palavras que nomeiam sentimentos e ações ruins, como: “*confusão, intrigas, raiva, tristeza e ódio*”, usadas para exemplificar o que o julgamento negativo pelo uso de certas formas linguísticas pode vir a provocar na pessoa julgada, podemos destacar o que disse a aluna A10 ao denominar a ação de “*bullying*”.

A expressão *bullying* tem chamado à atenção de pais, responsáveis, educadores e especialistas em comportamento humano, visto que é utilizada para designar comportamento agressivo, que expõe suas vítimas, geralmente crianças e adolescentes, à violência verbal e psicológica, a partir de suas características sexuais, físicas, jeito de ser e até de hábitos linguísticos dos indivíduos, em diversos contextos sociais. Podemos pensar que ser taxado de “retardado”, como relatou o aluno A03, na primeira roda de conversa, não seria uma violência verbal que pode causar danos psicológicos com efeitos perversos, além de inibição severa e bloqueio linguístico?

Continuando com a conversa, vimos que a aluna A10 afirma que o julgamento negativo também pode causar “*preconceito verbal*” ou linguístico:

[...]

(Aluna A10) - **pode gerar preconceito...**

(Aluna A11) - **preconceito verbal...**

P - preconceito verbal? o que seria o preconceito verbal?

(Aluna A10) - **preconceito pela forma de falar...**

P - vocês acham que existe isso mesmo ou não?

(Aluno A01) - **NÃO...**

(Alunos) - **SIM...** ((muitos disseram ao tempo))

P - tem gente que acha que sim e tem gente que acha que não... olha... se não existisse... acho que Marieta não teria dito isso para o ET [...] Por que é mais importante a forma como o ET falou do que o que ele falou?

(Alunos) - **o que ele falou...** ((muitos disseram ao mesmo tempo))

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da intervenção 08, em Roda de Conversa, 2019).

Criar uma sensibilidade em relação às diferenças linguísticas, a fim de combater a violência simbólica, censura e descrédito não é uma tarefa fácil, pois, como denuncia Faraco (2008, p. 180), sempre houve o intento histórico de criar uma esfera superior para homogeneizar os modos de falar: “o desejo de construir uma sociedade branca e europeizada levou essa elite a renegar as características linguísticas do país”. No século XVIII, proibiu-se o uso das línguas nativas (indígenas) em público e, na segunda metade do século XIX, impôs-

se sobre a sociedade “uma norma-padrão artificial que tanto tem atormentado gerações e gerações de brasileiros”, por meio de veto às variedades populares da língua.

O autor segue afirmando que, no período do Estado Novo getulista, houve a tentativa de estandardizar a pronúncia do país e calar o uso das línguas de imigrantes publicamente. Tais ações têm feito com que o país ainda tenha dificuldades para reconhecer e aceitar sua face linguística plural. A dificuldade residiria em como tratar a diversidade e sua representação para a sociedade, já que a pluralidade linguística é representada por meio de estigmas e valores negativos de nossos jeitos de falar. O que faz, também, com que privilegiemos a forma em detrimento ao conteúdo, como podemos observar no depoimento do aluno A04:

[...]

P - vocês concordam com Marieta que ele (o ET) não é inteligente?

(Alunos) - **Não...** ((muitos responderam ao mesmo tempo)).

P - Por acaso... vocês já foram julgados não pelo que vocês disseram? Vocês disseram até uma coisa importante... mas a pessoa prestou mais atenção na forma que você falou do que no conteúdo do que você falou? [...]

(Aluno A09) - **aham...**

(Alunos) - **Sim...** ((muitos disseram))

(Aluno A04) – **isso já aconteceu comigo... eu tirei um zero no 4º ano por causa disso... a professora não prestou atenção no que eu tinha escrito... só prestou atenção no que eu errei [...].**

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da intervenção 9, em Roda de Conversa, 2019).

A cultura “erro” tende a bloquear as discussões abertas em torno da variação, principalmente na escola, porque lidar com os “erros de português”, que seriam, como bem explica Bortoni-Ricardo (2004, p. 37), “[...] simplesmente diferenças entre variedades da língua [...]” ainda se constitui numa dificuldade para o professor, como já discutimos acima. Fator que tem, entre outros, contribuído para que ainda não tenhamos alcançado uma educação linguística de qualidade (FARACO, 2008), mesmo que os documentos oficiais que norteiam o ensino no país tenham feito um chamamento para que os assuntos referentes à diversidade da língua sejam trabalhados no chão da escola.

A Lei 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seu Art. 3º, prevê 11 (onze) princípios em que se deve pautar a Educação Nacional, dentre eles, podemos destacar: o Art. X, que diz que o ensino deve ser ministrado com base no princípio da “valorização da experiência extra-escolar”. Então, junto com suas vivências, cultura, visão de mundo, é evidente que o aluno traz consigo sua linguagem que também faz parte de sua identidade.

Essa linguagem trazida para o ambiente escolar pelo discente é carregada de diversidade que é, na escola, geralmente, interpretada como erro. Seus fenômenos podem conter uma amostra para se analisar a língua viva da sociedade em que interage esse aluno, pois, como diz Mussalim *et al.* (2006, p.27), parafraseando Benveniste (1963), “[...] a língua contém a sociedade e por isto é o interpretante da sociedade [...]”, uma vez que funciona também como instrumento de comunicação de seus indivíduos.

Porém, ainda temos dificuldade para admitir que o português brasileiro, assim como outros idiomas, é intrinsecamente marcado por uma grande variedade. Isso faz com que neguemos a legitimidade social dos vários falares do português, isto é, o que fugir do padrão é ridículo e inculto e seus falantes são excluídos e tratados com discriminação. A tentativa de segregar os falares populares vem desde a colonização do país e, quando o Brasil se tornou independente de Portugal, instituiu um padrão linguístico que, até certo ponto, não é falado nem mesmo pela própria elite. É algo inalcançável e o que se afastar do padrão é errado e precisa ser combatido, desconsiderando o fato de que “[...] do ponto de vista exclusivamente científico, não existe erro em língua, o que existe é variação e mudança [...]” (BAGNO, 2002, p. 71), daí resulta a difícil relação dos próprios falantes com sua língua.

Portanto, continuamos reproduzindo a divisão social e linguística da alta sociedade do século XIX, que combatia o que não fosse de origem europeia e branco, ignorando que Brasil é um país verdadeiramente multilíngue, de uma riqueza linguística incomparável, onde são faladas centenas de línguas indígenas, muitas línguas de imigrantes e, também, africanas que resistiram à repressão escravista.

Dadas essas considerações, prosseguimos com as atividades, colocando a segunda tirinha para discussão, que seria a continuação da tira seriada anterior. Nela, observamos que as intenções dos extraterrestres não eram tão pacíficas como havia dito na primeira cena narrada.

Figura 5 – Tira da “Turma do Xaxado”, de Antonio Cedraz



Fonte: 1000 tiras em quadrinhos (CEDRAZ, 2012, p. 67).

Na situação narrada no quadrinho, o ET que inicialmente se encontrou com Xaxado e Marieta se apresenta perante seu líder que imediatamente o indaga sobre o que trouxe da terra. O ET, por sua vez, relata que recebeu presentes dados por uma terráquea chamada Marieta. Então, vemos revelada na fala de seu chefe as reais intenções de sua visita, que não é nada amigável, quando ele diz: “Tomara que o que você trouxe sirva como ajuda pra nós conquistá a própria terra”.

O humor da tira está no último quadro quando o etzinho mostra os presentes recebidos da garota e diz, fazendo um link com sua última fala do segundo quadrinho: “... mas ela garantiu que nós pelo menos dominaria a língua portuguesa”, deixando o líder confuso. Vale observar que, para complementar o sentido da fala do ET, o autor deixa visível que ele recebeu três livros da garota: um de literatura, uma gramática e um dicionário.

Após a leitura da tira, formulamos as seguintes questões:

(1) Marieta deu para o ET três livros (literatura, gramática e um dicionário) e garantiu para ele que com esses livros os ETs dominariam a língua portuguesa. Você concorda com Marieta? Por quê?

[...]

(Alunos) - **Sim...** ((muitos disseram))

(Aluna A11) - **NÃO (frase exclamativa)... Não dominar... professora... mas aprender sim...**

(Aluno A09) - **a palavra dominar tá falada de forma diferente... tá com outro sentido...**

P - Que sentido?

(Aluno A09) – **é:... acho que aprender...**

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da intervenção 10, em Roda de Conversa, 2019).

Como podemos observar, boa parte dos alunos concordou que, com o auxílio dos três livros dados ao ET, é possível “dominar” a língua portuguesa. Já o aluno A09 ponderou que o termo “dominar” foi empregado com sentido conotativo, de aprender. Perante essas respostas, passamos para a segunda pergunta referente à tira em análise, antes de tecermos algumas considerações:

(2) O que seria dominar a língua portuguesa em sua opinião?

[...]

(Aluna A11) - **assim... na nossa língua... dominar seria aprender... se a gente não soubesse... seria aprender mais sobre a língua portuguesa...só que ele entendeu de uma maneira diferente... “dominar” ele pensou que iria “tomar” a língua portuguesa... como ele sabia tanto a importância da língua... aí ele pensou que ia dominar... tomar a língua portuguesa...**

[...]

P – pessoal... o que é uma pessoa que domina a língua portuguesa?

(Aluno A14) - **Tomar? (frase exclamativa)**

P - uma pessoa que “toma” a língua?

(Aluno A09) - **NÃO...**

(Aluna A10) - **uma pessoa que fala muito certo? (frase exclamativa)**

P - uma pessoa que fala muito correto? Essa domina a língua portuguesa?

(Aluno A09) - **é isso mesmo...**

P - você concorda com ela? ((indaguei a outro aluno))

(Aluno) - **sim...**

[...]

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da intervenção 11, em Roda de Conversa, 2019).

Pedimos para que os alunos refletissem sobre o fato de que em geral, com poucas exceções, quando chegamos à escola, já sabemos ou, até mesmo, “dominamos” a língua que falamos. Esse domínio é adquirido da convivência com outros falantes e ampliado com os livros, uma vez que a língua é social também. É, portanto, como esclarece Bortoni-Ricardo (2004) social, onde desenvolvemos nossa socialização.

No contexto do lar é onde as interações ocorrem de forma mais espontânea e livre de pressões. Entretanto, quando começamos a transitar pelo ambiente escolar, passamos a experimentar uma cultura de letramento em que vamos após o processo de alfabetização adentrar no mundo de novas formas de falar as palavras, no mundo da comunicação escrita propriamente dita.

Muitas vezes essa nova vivência pode provocar em alguns insegurança e medo, principalmente se nesse processo nos depararmos com interlocutores com certa carga vocabular e estando próximo da cultura de letramento, que usa a língua como meio para constranger ou ridicularizar quem ainda não adquiriu recursos comunicativos suficientes para estar mais próximo do polo de letramento (BORTONI-RICARDO, 2004), portanto, com uma cultura linguística predominantemente oral. Porém, Faraco (2008, p. 100) diz que os antigos, sabendo dessa prática de constranger por meio do uso da língua, já diziam “que a única autoridade em língua é o uso, isto é, a maneira habitual, comum, corriqueira de falar ou de escrever”.

Voltando às considerações feitas pelos alunos, analisamos um trecho da fala da aluna A11, quando diz que dominar a língua portuguesa “[...] *seria aprender mais sobre a língua* [...]” consideração que consideramos correta, pois já aprendemos a falar e, desde muito cedo, aprendemos no contexto do lar a argumentar e contra-argumentar com nossos pais e parentes quando queremos ou precisamos de algo. Também defendemos nossos pontos de vista, brincando com ou conversando com irmãos ou amigos em nossa vizinhança. Quando saímos desse ambiente, no entanto, que nos permite um certo relaxamento linguístico e adentramos em outros domínios linguísticos, ambientes onde é preciso um maior policiamento em relação ao que falamos e como falamos, monitoramos nossa fala, ou seja, variamos, mudamos nossa

linguagem. Reforçando esse raciocínio, Fishman (1972, p. 29) diz que os indivíduos de uma comunidade “adquirem lenta e inconscientemente as competências comunicativas e sociolinguística, com respeito ao uso apropriado da língua”.

Por isso, dominar a língua não se trata de falar “ *muito certo*”, como disse A10, mas saber que, nos diferentes contextos de interação, podemos desempenhar papéis sociais diversos, variar estilisticamente nossa linguagem, monitorando-a mais ou menos de acordo com a situação ou com o interlocutor.

Já os livros presenteados ao ET (a gramática, o dicionário e o livro de literatura) podem servir como ferramenta na aquisição desses domínios da língua. Contudo, não podem garantir que, ao se apropriar de determinadas regras gramaticais, eles tenham a capacidade de usar a língua com criatividade e adequação no complexo conjunto de variedade que constitui a língua. Apesar de algumas regras e normas obsoletas, a gramática pode auxiliar como manual para consulta dos falantes de certo idioma, assim como o dicionário.

A literatura, por seu turno, que, por volta do século II a. C., era usada pelos egípcios na cidade de Alexandria, servia como fonte de pesquisa pelos filólogos para registrar e descrever as regras gramaticais para serem usadas como modelo por outros escritores de obras literárias gregas (MATTA, 2009), isto é, um tipo de manual voltado à língua literária, que ainda podem ser usado como fonte para pesquisa e estudo da norma-padrão e de outras variantes que reproduz.

Segundo Faraco (2008), povos antigos, como os babilônios, por volta do ano 2000 a. C., já se procediam ao estudo gramatical. Os gregos e romanos, por sua vez, criaram a gramática como é conhecida na contemporaneidade, e a primeira gramática de autoria do alexandrino Dionísio Trácio, II a.C., trazia uma descrição dos aspectos da língua grega para forjar o modelo ideal da língua escrita, modelar nas obras dos poetas e prosadores. Esse modelo de análise da língua se perpetua até hoje. Como diz o autor (2008, p.133), “naquele momento, [esses modelos eram] a solução intelectual para os conflitos gerados pela percepção da diversidade linguística”. Ou seja, presta-se como instrumento de segregação, pois nasce da necessidade de alguns puristas em tentar controlar a variedade e heterogeneidade da língua, como se fosse possível através do estabelecimento de um padrão ou modelo.

A tentativa de resolver o conflito da variedade inerente a qualquer língua acabou criando conflitos ainda maiores, visto que, desprezou o fato que “todas as línguas são caracterizadas por grande diversidade, porque as experiências de vida das comunidades falantes são sempre muito diversificadas” (FARACO, 2008, p. 134). Acrescente-se, ainda,

que certas variedades alcançam prestígio social, ao passo que outras são censuradas e desprestigiadas socialmente.

Essa valorização estabelecida pela tentativa de padronizar os usos linguísticos defende também o falso pressuposto de que as outras variantes que estiverem mais afastadas da norma-padrão são desorganizadas e não possuem norma ou regramento, reforçando o fato que a valorização é de caráter social, pois como muitas pesquisas na área da sociolinguística têm demonstrado, todas as variantes da língua possuem estrutura e organização, ou seja, uma gramática organizada em várias normas internalizadas nos falares das pessoas.

Entretanto, essas gramáticas não são soltas e independentes. Pelo contrário, são historicamente interligadas e até dependentes umas das outras e em muitos pontos se sobrepõem, se imbricam, com exemplos observáveis no vocabulário e no processo de formação dessas palavras. Essa aproximação é que nos faz perceber que se trata da mesma língua, porém, usada de modos diferentes.

Dando continuidade à reflexão sobre a diversidade presente na língua, analisamos junto aos discentes a terceira tirinha quadrinística da Figura 6, que serviu como aporte para nossa atividade três.

Figura 6 – Tira da “Turma do Xaxado”, de Antonio Cedraz



Fonte: 1000 tiras em quadrinhos, Cedraz (2012, p. 80).

A tira retrata um jogo de futebol que apresenta uma situação inusitada da qual tomamos conhecimento, tanto pelas fisionomias das personagens (jogadores) como pelas palavras do padre. O vigário repreende a personagem Marieta, árbitra do jogo de futebol. Para expulsar os jogadores, a garota usa critérios que não fazem parte das regras de um jogo de futebol.

Após contextualizarmos a situação que se desenrola na tira, perguntamos:

(1) Que critérios (normas/regras) a menina usa para expulsar os jogadores?

[...]

(Aluno A15) - **o modo de falar de todos os jogadores...**

[...]

(Aluno A05) - **acho que ele disse “plassa” a bola... ((risos))**

[...]

(Aluno A07) - **porque ela fala certo e os jogadores fala errado...**

[...]

(Aluna A08) - **porque eles falam errado...**

[...]

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da intervenção 12, em Roda de Conversa, 2019).

Como podemos perceber, a resposta para essa primeira questão está explícita no texto, especificamente através das palavras *padre* no segundo quadrinho. “*O modo de falar de todos os jogadores*”, como apontou o aluno A15, foi usado como regra que provocava a expulsão dos jogadores.

Perguntamos em seguida:

(2) O que seria “falar errado” em um jogo de futebol entre amigos?

[...]

(Aluno A14) - **chamar nome...**

[...]

(Aluno A04) - **falar normal... Isso é normal...**

P - normal o quê?

(Aluno A07) - **falar errado num jogo...**

P - então existe algo estranho no comportamento de Marieta... porque normalmente em um jogo entre amigos... se fala...

(Aluno A03) - **fala o que quiser...**

(Aluno A05) - **pode até ser palavrão...**

(Aluno A01) - **é normal... isso de falar errado no jogo não existe...**

[...]

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da intervenção 13, em Roda de Conversa, 2019).

Neste momento, comentamos que realmente em um jogo de futebol, um ambiente de descontração, como uma pelada entre amigos e vizinhos, é perfeitamente natural que os envolvidos na ação usem uma linguagem mais relaxada, menos monitorada. Até porque, nessas situações, os jogadores estão mais preocupados em vencer a partida do que em usar a linguagem de uma determinada maneira, prevendo um julgamento negativo perante os ouvintes.

É tanto que alguns alunos destacaram falar “*normal*” e até utilizar palavrões como algo permitido durante o jogo. O aluno A03 diz que num jogo se “*fala o que quiser*”. É possível nesse contexto de interação que até o falante com maior grau de letramento relaxe em relação ao uso da linguagem, já que a língua é caracterizada por sua diversidade de usos em que se pode observar a flexibilidade e variedade.

Sendo assim, dependendo do papel social que desempenhamos numa determinada situação, monitoramos mais ou menos nosso falar, pois os campos de interação dos falantes

podem ser fluidos, dependendo da rede de papéis sociais que esteja a nossa disposição. Há, nesses casos, no mínimo três fatores que podem estabelecer a seleção vocabular do falante, a saber: os envolvidos na interação, o tópico da conversa e o local em que ela se realiza (BORTONI-RICARDO, 2005).

Faraco (2008) corrobora com esse entendimento, ao dizer que um mesmo indivíduo pode dominar mais de uma variedade, mais de uma norma efetivamente, uma vez que a comunidade sociolinguística em que se situa possui diversas normas/variantes. Assim, ele mudará sua linguagem de acordo com as redes de atividades e interações em que se envolver.

Passamos, então, para a questão seguinte, comentando o que o padre diz para Marieta: que educação e arbitragem de futebol são coisas diferentes e, conseqüentemente, ela devia parar de expulsar os colegas do jogo por falar errado, portanto:

(3) Que relação (ligação) há entre educação e “falar errado”?

[...]

(Aluno A01) - **num estudou muito...**

P - não estudou muito e acontece o quê?

(Aluno A05) - **fala errado...**

(Aluno A01) - **não sabe falar bem...**

(Aluno A05) - **vai pra escola pra aprender...**

P - aprender o que... A05?

(Aluno A05) - **IER, faLAR, escreVER...**

(Aluno A03) - **se não vai ficar falando errado...**

[...]

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da intervenção 14, em Roda de Conversa, 2019).

Os alunos acima reproduzem o senso comum de que é na escola que, dentre outras coisas, se aprende a falar direito. Por isso, lançamos a questão seguinte, informando que na tira em tela quem fala é apenas o padre. Reiteramos, ainda, que é por meio da sua repreensão a Marieta que se constrói o humor da tirinha:

(4) Quando ele associa educação a falar errado, é possível compreender que ele pensa da mesma maneira que a menina?

Alguns poucos alunos afirmaram que “*não*”, porém não souberam argumentar o porquê. Então, refletimos que, na historinha narrada, não sabemos como se processam os fatos anteriores, como realmente a menina expulsou os jogadores e as palavras ditas por ela no momento do ocorrido. O aluno A05 diz, como reproduzimos no trecho 12: “*acho que ele disse ‘plassa’ a bola*”. Assim, podemos conjecturar que ela expulsou de imediato o colega, corrigindo a palavra dita por ele. Portanto, é possível imaginar que a associação entre

educação e falar errado nesse contexto parte do vigário, que, a partir das ações da menina, chegou a essa conclusão.

Bortoni-Ricardo (2004, 2005, p.16) afirma que os anos de escolarização de uma pessoa e a qualidade da escola que frequentou podem influenciar também no repertório sociolinguístico desse falante. No entanto, a autora ressalta que a escola brasileira, como instituição social, centra seu trabalho com a língua apenas nos aspectos da língua da cultura dominante e de maior prestígio. Os aspectos e fenômenos da linguagem que se afastam da norma-padrão são geralmente ignorados, pois são tidos como defeituosos e, portanto, devem ser eliminados. Em outros termos, é como se “a escola brasileira se ocupasse mais em reprimir do que em incentivar o emprego criativo e competente do português” e do uso da língua como um fator social.

Como adverte ainda a autora, tal postura que não é culturalmente sensível aos saberes dos discentes, produz sérias consequências pedagógicas, dado que a linguística recomenda que o ensino da norma de maior valor social seja ministrado na escola, já que é um direito inalienável de qualquer indivíduo. Todavia, destaca-se que, concomitantemente a ele, haja a preservação dos saberes culturais e sociolinguísticos que o aluno traz consigo, antes mesmo de iniciar sua vida escolar, adquirida em seu meio social. Desta forma, a identidade cultural e linguística do discente é preservada.

A aquisição da variante de maior valor social, que normalmente acontece na escola, deve possibilitar uma ampliação na competência linguística, ou seja, fazer com que ele possa transitar nas fronteiras fluidas dos três contínuos (BORTONI-RICARDO, 2004), permitindo que, em suas interações, as variantes sejam utilizadas conforme as situações e contextos de fala.

Já na quinta questão, voltamos a abordar o preconceito linguístico.

(5) Sobre a atitude de Marieta, é correto afirmar que ela teve um comportamento preconceituoso? Comente.

[...]

(Aluno A04) - **aham... sim...**

(Aluno A03) - **sim...**

P - comente...

(Aluno A03) - **ela quer ser mái certinha que o ZÔto...**

(Aluno A07) - **quer ser mái inteligente...**

[...]

(Aluna A11) - **porque não é porque as pessoa não sabe que... ela deve expulsar as pessoa do jogo... as pessoa... aí... ela tá expulsando as pessoa... isso é um tipo de preconceito... porque cada um fala do seu jeito... eles se expressaram... só que eles falaram errado... isso não é uma**

maneira de... no caso... um jeito... alguma coisa de expulsar as crianças do jogo...

(Aluno A09) - **é como ela tivesse um tipo de preconceito...**

P - Como assim... um tipo de preconceito?

(Aluno A09) - **expulsou eles por causa da maneira que eles falaram...**

[...]

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da intervenção 15, em Roda de Conversa, 2019)

Achamos importante tratar, sempre que possível, da questão do preconceito linguístico, posto que ainda seja uma prática profundamente enraizada nos meios sociais e, principalmente, na escola, local que deveria servir de exemplo no seu combate.

Ora, a personagem expulsa os colegas durante o jogo, porque, como já comentamos, eles não empregam a língua dentro dos padrões linguísticos mais aceitáveis por ela. Esse cenário, de certa forma, não reproduz a face excludente do preconceito linguístico? Como o Aluno A09 disse: *“expulsou eles por causa da maneira que eles falam”*, fazendo uma analogia, o preconceito decorrente do uso da linguagem tende a afastar dos meios sociais mais promissores aqueles que não se encaixam dentro dos padrões linguísticos estabelecidos pela elite.

Ignorando o fato que bem colocou a aluna A11, que “[...] cada um fala de seu jeito [...]” e, num jogo entre amigos, o uso informal e livre da língua é permitido. Portanto, o pré-conceito, ideia preconcebida, sem fundamento empírico, nem reflexão ou análise científica, está ligado não ao uso ou a estrutura da língua, mas a valoração social que seus falantes recebem.

Desta forma, trazendo o termo para o campo da linguagem seria um juízo de valor construído por um indivíduo ou grupos de indivíduos acerca do modo de falar de outro indivíduo ou grupo, sem, no entanto, nenhum conhecimento concreto a respeito do real funcionamento da língua. Faraco (2008, p.100) alerta que, em se tratando de língua, os antigos sabiam que a única autoridade é o uso, ou seja, “a maneira habitual, comum, corriqueira de falar ou de escrever” de seus falantes.

No Brasil, entretanto, um país ainda extremamente desigual, portador de uma profunda dissensão socioeconômica que se projeta também nos usos que se faz da linguagem, isto é, do “falar deteriorado”, que serve como “uma segunda pele na discriminação do pobre como um ser sub-humano absurdamente, na absurdamente desigual sociedade brasileira.” (LUCCHESI, 2015, p. 22), o preconceito linguístico ultrapassa as barreiras da língua e divide a sociedade do país, colocando de um lado (acima) os que usam a variante urbana, tida como culta, e no

outro extremo (abaixo) os falantes das variantes populares, estes, alvo de uma inflexível e excludente discriminação linguística.

Continuando com a quarta atividade, trouxemos a tira em quadrinho (Figura 7) da qual procuramos tratar da necessidade de adequar e monitorar a linguagem. Vejamos:

Figura 7 – Tira da Turma do Xaxado de Antonio Cedraz



Fonte: 1000 tiras em quadrinhos (CEDRAZ, 2012, p.191).

Enquanto caminha com Zé Pequeno, Marieta tenta explicar para o amigo a “importância de uma gramática correta” para viver em sociedade, e segue dizendo, no segundo quadro, que “falar corretamente” pode ajudar na “completa compreensão de uma mensagem”. O problema é que seu interlocutor não consegue entender o que ela falou e diz isso, usando uma variante que é mais comum no meio rural, pois apresenta traços regionais: “Vixi! Dá pra ixpricá mió?!”, frustrando a coleguinha.

Após a leitura da tirinha com os alunos, perguntamos:

(1) O humor da tira explora uma falha na comunicação entre os personagens. O que pode explicar essa falha na comunicação?

[...]

(Aluna A16) – **é porque a Marieta fala correto e o Zé Pequeno não entende nada...**

(Aluna A10) - **porque ela falou muito formal...**

[...]

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da intervenção 16, em Roda de Conversa, 2019).

Para analisarmos essa primeira questão, temos que pensar no contexto comunicativo que a tira tenta representar. Bortoni-Ricardo (2005, p. 64) alerta que sendo o contexto situacional da comunicação um importante recurso à disposição do falante, ele não pode ser compreendido como algo estático, relativo ao ambiente físico, mas como algo “[...] essencialmente dinâmico e vai se construindo à medida que se processa a comunicação”.

Assim, à proporção que os interlocutores interagem, o contexto é construído definindo situações de acordo com os papéis sociais assumidos pelos interagentes. A aluna A016 diz que a falha na comunicação ocorreu “*porque Marieta fala correto e o Zé Pequeno não entende nada*”. No entanto, como bem coloca Bortoni-Ricardo (2005), as línguas naturais são essencialmente suscetíveis ao contexto e os eventos de fala mudam bastante. Por isso, nos processos de interação, os falantes precisam estar atentos à ação interpretativa da comunicação, flexibilizando seu repertório estilístico, ou seja, eles devem monitorar mais ou menos seu estilo conforme o grau de conhecimento partilhado com seus interagentes. Todavia, isso não acontece na situação narrada na tira em tela, porque, como observou a aluna A10, “*ela (Marieta) falou muito formal*”. Então, perguntamos se o contexto apresentado na tirinha exige uma linguagem formal ou informal, ao que alguns alunos, seguindo o mesmo raciocínio da aluna A10, responderam que “*informal*”.

Comentamos, em seguida, que temos na situação retratada no quadrinho uma conversa entre duas crianças que possuem aproximadamente a mesma idade (8 ou 9 anos) e moram na mesma comunidade, estudam na mesma escola, isto é, possuem a mesma rede de relações sociais. Portanto, são fatores que evidenciam que a formalidade e rebuscamento no linguajar da menina é totalmente inadequado ao contexto comunicativo. Em vista disso, perguntamos na segunda questão:

(2) A linguagem empregada por Marieta é adequada ao contexto?

[...]

(Aluno A04) – **NÃO (frase exclamativa)...**

P - por que não?

(Aluno A04) - **porque ela tá conversando com o amigo dela... num é com uma pessoa assim... adulta já...**

[...]

(Aluna A10) - **é uma conversa de amigos e não deve ter essa formalidade toda...**

(Aluna A11) – **é mesmo... assim... é tanto que ela fala tudo certo... bem... umas palavras que a gente nunca viu... ele mesmo vai entender tudo errado... num vai entender nada...**

[...]

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da intervenção 17, em Roda de Conversa, 2019).

De fato, como afirmou o aluno A04, a personagem Marieta parece não perceber que “*tá conversando com o amigo dela, num é com uma pessoa adulta [...]*” ou que já possua um vasto repertório vocabular, pois, como Labov diz (1972a *apud* Bortoni-Ricardo, 2005, p. 51) “*não existe falante de estilo único*”, mas a monitoração estilística utilizada por cada indivíduo no processo de interação dependerá dos recursos linguísticos que já tenha aprendido.

O Zé Pequeno, por seu turno, fazendo uso de uma linguagem carregada de traços descontínuos, “dá pra ixpricá mió”, mais próximo ao polo rural dos contínuos, não dispõe de recursos comunicativos para viabilizar a interpretação da variedade urbana e mais letrada usada pela amiga.

Em vários domínios sociais onde as atividades de oralidade acontecem, é natural que as conversas se conduzam com uma variante informal da língua (BORTONI-RICARDO, 2005). A aluna A10 disse que “*é uma conversa de amigos e não deve ter essa formalidade toda*”, porque “a escolha de estilo é essencialmente uma acomodação do falante às características de seu(s) interlocutor(es)” (BELL, 1984, *apud* BORTONI-RICARDO, 2005, p. 41), não havendo razões para a personagem usar uma linguagem tão formal na conversa com Zé Pequeno, já que o garoto ainda não dispõe de meios cognitivos tão complexos para a compreensão linguística.

A aluna A11 afirma em sua fala que a personagem usa “[...] *umas palavras que a gente nunca viu*”, provavelmente se referindo ao emprego da mesóclise em “explicar-te-ei”, sendo algo incomum no repertório linguístico de uma criança de oito ou nove anos ou, até mesmo, de falantes adultos escolarizados e por não ser comum entre os brasileiros.

Na interação, os indivíduos envolvidos necessitam, além de estarem atentos ao grau de acomodação com seu receptor e o contexto de produção, atentarem, também, para a complexidade cognitiva que pode envolver uma produção linguística (BORTONI-RICARDO, 2005).

Passamos então a terceira questão da tira em análise, explicando que:

(3) Em outras palavras, Marieta tenta explicar para o Zé Pequeno que falar fazendo uso das normas gramaticais é falar corretamente e que essa atitude é indispensável para viver em sociedade e, também, para ser compreendido (por todos em todos os contextos). Você concorda com essa afirmação?

Muitos alunos hesitaram responder, porque disseram que não compreenderam o que Marieta falou. Apenas o aluno A04 respondeu:

[...]

(Aluno A04) – **NÃO (frase exclamativa)...**

P - Por que não?

(Aluno A04) - **Porque depende da pessoa que a gente tá conversando...**

[...]

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da intervenção 18, em Roda de Conversa, 2019).

A explicação do aluno confirma que ele compreendeu que é preciso monitorar a linguagem de acordo, também, com o interlocutor.

Iniciamos na ocasião uma breve reflexão sobre o que a menina falou, tentando mostrar que as palavras de Marieta apresentam contradições e paradoxos evidenciados no último quadro, quando Zé Pequeno demonstra não ter entendido o que ela falou e pede para que explique melhor. Portanto, o “falar corretamente” utilizado por ela não a auxiliou na completa formulação e compreensão de sua mensagem. Outro ponto que podemos observar é a contradição presente no significado do que ela disse no primeiro balão, afirmando que a gramática correta é importante para a vida em sociedade. Então, lembramos que, na tirinha anterior (Figura 6), Marieta teve problemas para se socializar com os colegas durante o jogo de futebol, porque a gramática presente nos falares deles não estava correta. Por isso, ela os expulsava do jogo.

Logo, podemos afirmar que o jeito de falar de Zé Pequeno está mais adequado ao contexto comunicativo. Foi nessa mesma perspectiva que a aluna A11 replicou: “[...] *é mesmo... Ela devia falar com as palavras que ele é acostumado a escutar*”, raciocínio correto, já que existem momentos em que é necessário servir-se da língua dentro dos padrões linguísticos de maior prestígio, na norma-padrão, porém existem momentos que se a língua padrão for utilizada sem a observação do ambiente, do interlocutor ou do tópico da conversa, a moldura em que se enquadra a interação (BORTONI-RICARDO, 2004), corre-se o risco não ser compreendido, como ocorreu na tira em análise.

Ressaltar que a associação que a menina faz entre saber gramática ou as regras gramaticais são requisitos para falar correto constitui um equívoco, como coloca Antunes (2003), dado que as normas e regras da gramática são (apesar de algumas contradições) apenas orientações de como utilizar e combinar as variantes da língua, a fim de utilizá-las na produção de determinado efeito, ou seja, é mais uma ferramenta (como já colocamos acima), dentre tantas outras, na produção de enunciados funcionalmente inteligentes.

A autora afirma ainda que, por não haver língua uniforme, homogênea (pois a mudança é algo natural a qualquer língua, conforme a diversidade dos indivíduos e também as condicionantes no momento da fala!), “*variam as línguas de comunidades desenvolvidas e variam as línguas de comunidades subdesenvolvidas*” (ANTUNES, 2003, p. 90). Consequentemente, as línguas e suas gramáticas igualmente são variáveis, flexíveis e se adaptam às circunstâncias reais que a linguagem atua. Negar esse fato é a premissa defendida pela personagem do quadrinho em tela, de uma gramática que, desde sua origem, não aceita qualquer dos fenômenos e manifestações da língua falada, rechaçando a riqueza que constitui as outras variantes linguísticas.

Cabe salientar também que o apreço a chamada boa linguagem ou bem falar é um costume cultural que aqui no Brasil, em especial, atinge todas as camadas e níveis da sociedade, desde os mais ricos e escolarizados até os mais pobres e menos escolarizados. Todos, de forma geral, prestigiam ou supervalorizam a norma de maior valor social. Daí, nasce também a falsa ideia de que para apropriar-se dessa norma é preciso saber, ou melhor, memorizar o maior número de regras prescritivistas dessa gramática inalcançável.

Por isso, reforçamos “que qualquer pessoa, falante de uma língua sabe uma gramática. Até porque não existe língua sem gramática [...]” (MATTA, 2009, p. 125). Esse conhecimento gramatical que cada pessoa possui internalizado pode servir de suporte para o aprendizado de outras gramáticas, entre elas, a que compõe a norma-padrão.

Marcuschi (2008, p.56) corrobora com esse pensamento, afirmando que, sendo a língua um instrumento para agir, interagir e sendo essa mesma língua “variável e variada”, suas regras não podem ser inflexíveis ou constituir o centro do ensino de língua materna, uma vez que “a gramática não tem uma finalidade em si mesma, mas para permitir o funcionamento da língua por parte dos falantes”, ou seja, sua função sociocognitiva primordial é servir como instrumento que possibilite uma melhor ação comunicativa, sem, contudo, supervalorizar mecanismos da metalinguagem, que cabem apenas aos professores de línguas e aos pesquisadores da linguagem.

4.3 Reflexões sobre as atividades aplicadas: última Roda de Conversa

Buscando fazer um apanhado geral, junto aos discentes participantes da pesquisa, sobre as atividades temáticas abordadas, refletimos sobre:

- A diversidade linguística que permeia os diversos ambientes onde a linguagem se efetiva;
- O valor social atribuído a certas variantes e o preconceito linguístico que o uso de algumas variantes pode suscitar, como também a necessidade de, em determinados contextos, usar variantes mais próximas do polo urbano, dos eventos de letramentos, consequentemente, mais monitoradas, ou seja, serem bidialetais, de acordo com o papel social que estejam desempenhando.

Iniciamos nossa conversa com os alunos, indagando se eles se identificavam com as histórias (não apenas as que foram analisadas nas atividades, mas as outras tantas lidas) e com os personagens da “Tuma do Xaxado”, que são crianças vivendo aventuras e enfrentando

dificuldades numa pequena cidade do interior nordestino, retratando em certos aspectos a realidade brasileira.

A aluna A11 (uma das mais participativas e falantes) se comparou à personagem Marieta (entre risos) porque, segundo ela, às vezes, gosta de corrigir os colegas:

[...]

(Aluna A11) - **professora... às vezes eu fico rindo... mas às vezes eu corrijo pra fazer um bem pra ele... com carinho...**

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da intervenção 19, em Roda de Conversa, 2019).

Em seguida, a mesma aluna relatou que gostou mais do personagem Zé Pequeno “por ser mais engraçado” e tentou, de forma descontraída, fazer algumas associações entre os colegas de sala e os personagens da “Turma do Xaxado”, o que provocou muitos risos e comentários entre eles. Outros alunos, por sua vez, também relataram qual personagem gostaram mais, comentando com qual se identificavam e o porquê.

Apresentamos, depois, a tirinha da Figura 8 aos alunos (não havíamos apresentado ainda), a fim de verificar os avanços alcançados, fazendo links com os pontos abordados nas atividades anteriores, visto que a tira em tela tem o potencial de possibilitar diversas reflexões sobre a questão da variação linguística. Vejamos:

Figura 8 – Tira da Turma do Xaxado de Antonio Cedraz



Fonte: 1000 tiras em quadrinhos (CEDRAZ, 2012, p. 190).

O humor da tira quadrinística acima é construído pelas indagações das personagens, nas quais eles demonstram não saberem as respostas, “[...] por que tu falas tudo errado?” ao que Zé Pequeno diz não saber e pergunta de volta: “e pur que tu fala tudo certo?”. Depois da leitura, questionamos aos alunos: - O que seria falar errado?

[...]

(Aluna A11) - **adorei a resposta de Zé Pequeno... eu acho que seria empregar as palavras da forma informal...**

[...]

(Aluno A05) - **trocar as palavras? (frase exclamativa)**

[...]

(Aluno A09) - **usar uma língua fora da norma-padrão... ou seja... a mesma língua só que de forma informal...**

[...]

(Aluno A04) - **falar na norma da sua região...**

[...]

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da intervenção 20, em Roda de Conversa, 2019).

Antes de tecermos qualquer comentário sobre as falas dos alunos, perguntamos, logo em seguida: - E falar certo, o que seria?

[...]

(Aluna A11) - **no caso de Marieta... ela vai continuar falando tudo na língua-padrão na vida dela inteira... No caso de Marieta, ela vai continuar tudo dela na forma padrão.**

P - quando você diz assim “tudo dela” você quer dizer em todas as situações?

(Aluna A11) - **é... até agora que a gente viu é... né? (frase exclamativa)... só não sei se a gente for acompanhando em todos os quadrinhos vai ter alguma coisa diferente... mas eu acho que não...**

[...]

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da intervenção 21, em Roda de Conversa, 2019).

Pelas colocações dos alunos, como podemos observar, existe “o falar certo” e o “falar errado”. O errado seria empregar a língua informalmente, ou seja, segundo o entendimento dos alunos A11 e A09, seria “*fora da norma-padrão*”. Já o aluno A04 diz que seria “*falar na norma da sua região*”, isto é, usando sua própria variante. Porém, quando perguntado o que seria falar certo, a aluna A11 responde que, em se tratando de Marieta, “*ela vai continuar falando tudo na língua-padrão na vida dela inteira [...] tudo dela na forma padrão*”.

Provavelmente a discente estava querendo associar ao fato de a personagem sempre empregar seu modo de falar o mais próximo possível da norma-padrão, desconsiderando seus interlocutores que ainda não se apropriaram dos meios linguísticos para usar a mesma variante. Mesmo o falante que se situe no polo do letramento, precisa em algumas situações, dependendo da moldura linguística em que seu interlocutor também se enquadre, adequar o grau de monitoramento da sua linguagem ao contexto (BORTONI-RICARDO, 2004).

Por sua vez, o aluno A09 diz não concordar com a opinião da colega sobre “o falar certo”, mas acaba assentindo com o posicionamento dela:

[...]

(Aluno A09) - **não concordo... pra mim é falar da forma... jeito, do modo formal... mas se esse... - agora tem um porém... - se esse “tudo certo” for o “tudo certo Marieta”... a resposta é... pra mim... a resposta é usar a**

língua de uma forma extremamente formal... já que a dela é extremamente formal mesmo...

P - como assim “extremamente formal”?

(Aluno A09) - **tipo muito formal... tipo... às vezes ela fala... Ela diz “falas”... “explicar-te-ei”.**

[...]

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da intervenção 22, em Roda de Conversa, 2019).

O aluno tenta estabelecer um parâmetro entre o que seria “*falar certo*”, “*falar da forma, jeito, do modo formal*” e o “*tudo certo Marieta*”. Segundo suas palavras, seria “usar a língua de uma forma ‘extremamente’ formal”. Para exemplificar, o aluno usa o emprego do verbo “falas”, na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo, cujo emprego (já consagrado até no vocabulário dos mais letrados!) é “fala” (3ª pessoa do singular do presente do indicativo). Segundo Bagno (2007, p. 149), trata-se de uma “reorganização do paradigma de conjugação verbal, com o desaparecimento (na maioria das variedades) das formas correspondentes ao pronome tu e das correspondentes do pronome vós [...]”, portanto, caracterizado como um traço gradual.

Já o uso da mesóclise em “explicar-te-ei”, não é comum na fala dos brasileiros, nem mesmo dos falantes enquadrados mais próximos do polo urbano dos contínuos.

Na ocasião, tentando trazer para a pauta o que já havia sido discutido nas aulas anteriores, perguntamos: Até esse ponto, gente... Diante de tudo que conversamos, podemos afirmar que existe um “falar certo e um falar errado”?

Mesmo hesitando em responder, alguns disseram que “sim” e outros que “não”. A aluna A11:

[...]

acho que não... assim... como eu falei não... as pessoas assim... Sabe falar certo na ocasião formal... só num adequa as palavras na... nas situações que deve ser... pra mim... todas as pessoa sabe falar as palavras na forma padrão formal... mai não usam... falam é::... da forma informal...

[...]

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da intervenção 23, em Roda de Conversa, 2019).

Na sua resposta, a aluna mantém o raciocínio de suas respostas anteriores: que “falar certo” está associado a utilizar a língua formalmente, e o oposto de “falar certo” é o uso da linguagem informalmente. No entanto, a discente diz que as pessoas sabem “*falar certo na ocasião formal. Só num adequa as palavra na... nas situações que deve ser*”. Nesse trecho

final, em específico, observamos que a aluna reconhece a necessidade de adequar a linguagem nas ocasiões em que se faz necessário.

Diante dessas considerações dos alunos, enfatizamos que, em uma sociedade plural e multifacetada como a brasileira, em que diversas formas de falar o português brasileiro coexistem, não se pode falar ou assentir em um “falar certo” ou “falar errado”. Contudo, à medida que vamos nos apropriando de mecanismos linguísticos, dentre eles o que tenta reproduzir a norma de maior prestígio social, somos capazes também de adequar e monitorar o grau de nossa linguagem de acordo com o nosso interagente.

[...]

P - De acordo com o que a gente viu aqui ou até o que a gente viu aqui... não existe essa de falar errado... essa de que a forma de falar ser melhor do que aquela... todas são boas se forem usadas no contexto adequado... se eu uso a norma padrão... a língua de uma maneira mais formal no contexto certo... se eu uso a língua de uma maneira mais informal no contexto certo... beleza... então... num é que eu falo errado... ela fala errado... num é que ela fala melhor do que ele ou ele fale melhor do que ela... o problema é saber adequar... usar essas maneiras diferentes de falar nas situações adequadas...

[...]

aí vem pra cá ((voltando à atenção para as questões propostas))... “há quem diga que “fala bem” a pessoa que conseguiu adequar a fala ao contexto e ao interlocutor...” é o que eu falei pra vocês... quando eu vou falar... eu tenho que pensar em que local eu estou... para quem eu vou falar... com que objetivo... quem é a pessoa com quem eu vou falar... essa pessoa exige de mim o emprego da língua de uma maneira mais formal ou eu posso empregar essa língua... essa linguagem de uma maneira mais informal? [...] por exemplo... Marieta no jogo de futebol... expulsando os colegas que estavam pronunciando as palavras de uma determinada maneira... ela usou a língua no contexto adequado?

(Alunos) – não... ((muitos responderam ao mesmo tempo))

P – o contexto é o jogo de futebol com os amigos e o interlocutor... quem é o interlocutor? os amigos... a pessoa com quem ela estava falando... com quem ela estava interagindo eram os amigos... ela usou a língua ali de forma adequada?

(Alunos) – **não...**

P – houve um problema ali... né... que o padre teve que intervir... [...] nós falamos aqui várias vezes sobre a questão da formalidade e da informalidade... quando eu uso a língua de uma maneira mais formal é porque o meu interlocutor e aquele contexto, aquele lugar precisa... lembra que eu falei agora pouco... você tá... por exemplo... na igreja né... aí você é chamada para fazer uma oração ou você é chamado pra dá um... uma mensagem... sei lá... como é que você vai usar a língua naquele contexto? de uma maneira informal... como você conversa com seus colegas... brincando na rua?

(Alunos A02) – **não...**

P – não... você vai policiar a forma que pronuncia as palavras... você vai imaginar... “ei... tem pessoas aqui me ouvindo de todas as idades... então eu tenho que... né... eu num posso falar besteira”... não é assim que você vai pensar? (frase exclamativa) então veja... você vai adequar a sua linguagem... isso a gente faz a todo momento...gente...[...]

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da intervenção 24, em Roda de Conversa, 2019).

Também é preciso compreender que as pessoas possuem competências comunicativas distintas, e que todo falante faz uso da linguagem que lhe é própria, como afirma Bortoni-Ricardo (2004, p. 71), ao dizer que “todas as sentenças produzidas pelos falantes de uma língua são bem formadas, independentes de serem próprias da chamada língua padrão ou de outras variedades”.

A supracitada autora traz esse pensamento, explicando a teoria de Chomsky (1965) sobre a competência e desempenho linguístico. A primeira diz respeito ao conhecimento interno, pessoal que cada indivíduo possui para produção de sentenças linguística, O segundo termo, por sua vez, faz referência ao uso categórico que cada um faz da língua.

Assim, a autora explica que, sobre esse pressuposto, todo falante do português brasileiro, em qualquer moldura linguística que se posicionar dentro dos contínuos (de urbanização, de oralidade-letramento ou de monitoração estilística), é capaz de produzir usando as ferramentas linguísticas que internalizou uma comunicação eficiente e bem formada em suas interações, guiando suas comunicações dentro da norma linguística norma-padrão (NP) ou de variantes rurais e rurbanas.

Por isso, como adverte a autora, é preciso não confundir a noção de sentenças bem formadas com “erro”, noção que advém das gramáticas normativas.

A suposição de erro linguístico pode encadear muitas avaliações negativas sobre o falante, como denuncia Bagno (2002, p. 74), fundadas na falsa ideia que “alguém fala errado, porque pensa errado, porque age errado, porque é errado... [...] quem fala certo pensa certo, age certo, é certo [...]”. Sendo assim, as sentenças linguísticas do falante estarão sempre expostas à avaliações sociais positivas ou negativas e ele correrá também o risco de ser medido pelos mesmos critérios ideológicos.

Continuando a nossa discussão com os alunos, colocamos:

[...]

P – Aí... quando eu digo situações adequadas... [...] estou pensando em que? (frase exclamativa) no contexto em que eu estou... quem é o meu interlocutor... ou seja... com quem é que eu estou falando ou com quem é que eu vou falar... será que... se eu falar desta maneira... a pessoa vai me entender? (frase exclamativa) ou eu preciso adequar a minha língua a essa pessoa... por exemplo... na tirinha anterior... a Marieta diz “explicar-te-ei a importância...” se ela tivesse adequado à linguagem dela... ajustado a monitoração de sua linguagem ao Zé Pequeno... ele teria entendido aquilo que ela disse...

(Aluna A16) - **até mesmo respondido... né professora? (frase exclamativa)**

P – Justamente (frase exclamativa)... mas ela rebuscou demais... enfeitou... como A09 disse... “ela usou no extremo” [...].

P - no outro caso da tirinha do jogo de futebol [...] o contexto era o jogo de futebol com os amigos [...] Ela (Marieta) usou a língua de forma adequada... regulando a monitoração de sua fala?

(Alunos) - **não...**

[...]

(Aluno: A02) - **professora... eu concordo sim... a::... porque segui o exemplo... eu li... dí uma lidinha antes de eu responder sem saber... aí eu não entendi... porque a senhora falou no contexto certo [...] No caso... eu não respeitei aqui a vírgula... só que... quando a senhora falou no contexto certo... eu fui e entendi... [...]**

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da intervenção 25, em Roda de Conversa, 2019).

Nesta rápida explanação apresentada aos alunos, procuramos sintetizar alguns pontos debatidos, como também enfatizar a necessidade de alternar a monitoração da nossa linguagem para mais ou para menos, conforme o contexto.

Sobre a questão da adequação da linguagem, Bortoni-Ricardo (2004, p.73) explica ainda que Hymes (1966), reformulando a dicotomia proposta por Chomsky, propõe o conceito de competência comunicativa, que é mais amplo, uma vez que abarca regras culturais e sociais que ajustam a adequação da fala. Em outros termos, ao usar a linguagem durante suas interações, o sujeito não apenas usa preceitos, objetivando uma comunicação eficaz, “mas também, faz uso de normas de adequação definidas em sua cultura”. Normas que lhe conduzirão ao nível de monitoração conveniente.

Perante interlocutores desconhecidos, ou que denote uma maior formalidade de tratamento, empregará um estilo mais monitorado. No entanto, se a interação se der com pessoas íntimas, o uso da linguagem ocorrerá de maneira mais informal e a monitoração será mais relaxada.

Corroborando com esse posicionamento, Mussalim *et al.* (2006) afirmam que, nas situações ou contextos sociais de comunicação, as pessoas alternam sua fala conforme os interlocutores, seja porque esse interlocutor é “mais velho ou hierarquicamente superior”, seja porque estão num bar, em uma conversa descontraída ou em uma conferência, que exige um policiamento maior da fala. Outro exemplo que pode fazer com que mude sua fala é o assunto. Este pode variar entre uma fofoca ou tema científico. Nessas diferentes situações, “cada grupo social estabelece um contínuo de situações cujos pólos extremos e opostos são

representados pela formalidade e informalidade” (MUSSALIM *et al.*, 2006, p. 37). Se, porém, qualquer um dos partícipes das situações comunicativas não atender às expectativas interacionais de determinado contexto, receberá avaliações negativas.

Para exemplificar o que defende ainda a autora, ao dizer que “aprende-se a falar na convivência”, principalmente na familiar, apresentamos a tira da Figura 9. Nela, observamos um diálogo entre o Zé Pequeno e sua mãe, retratando uma situação engraçada que tenta atestar a fama de preguiçoso do garoto. A mãe pede para o filho jogar fora o que ele não gostar diante de uma pilha de brinquedos bagunçados. A atitude do menino que provoca o humor da tira mostra ele tentando jogar no lixo instrumentos de trabalho no campo com os quais ele ajuda seus pais.

Figura 9 – Tira da “Turma do Xaxado”, de Antonio Cedraz



Fonte: 1000 tiras em quadrinhos (CEDRAZ, 2012, p. 190).

O fato é que, na tira em tela, podemos observar as possíveis influências linguísticas recebidas por Zé Pequeno de sua mãe. A fala da mulher é carregada de expressões regionalistas e de traços graduais e descontínuos, assim como a do garoto.

Tomando como exemplo a fala da mãe, notaremos os traços graduais, presentes no vocabulário de todos os brasileiros, representado pelas expressões “num”, muito recorrente na fala espontânea. Essa realização linguística exprime “o advérbio NÃO, quando antecedente dos verbos, que tende a ser pronunciado como uma partícula átona, não acentuada, e isso leva a gente a reduzir o ditongo nasal /ãw/ à vogal nasal /u/”. A forma “gostá”, por sua vez, consiste no “apagamento do /r/ em final de palavra, sobretudo em final de infinitivos verbais” (BAGNO, 2007, p. 213).

Já os traços descontínuos, como vimos anteriormente, configuram características da linguagem dos falantes das classes sociais que estão na base da pirâmide, e na fala da mãe de Zé Pequeno está representado pela deslateralização de /λ/ - “fio” (Filho). A transformação do /

λ / em /L/ é um fenômeno que atrai, por sua vez, atenção negativa principalmente por falantes escolarizados da zona urbana.

Comentamos, também, com os alunos que, mesmo que recebamos e internalizemos influências linguísticas de nossos parentes mais próximos, nossa rede de relações sociais e os papéis sócio-históricos que desempenhamos tendem a se ampliar progressivamente, como no caso do garoto que já frequenta a escola (ambiente em que circulam uma gama maior de variantes) e também interage em sua comunidade.

Nesses ambientes é natural que qualquer falante absorva características linguísticas de outras variantes, principalmente na escola, pois constitui, a depender da qualidade de ensino oferecido, o lugar onde é possível adquirir gama maior de “recursos comunicativos para poder atender às convenções sociais que definem o uso linguístico adequado a cada gênero textual, a cada tarefa comunicativa, a cada tipo de interação” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 75).

Assim, voltando à transcrição da intervenção 25, podemos inferir que a aluna A16, ao dizer que o personagem Zé Pequeno teria “*respondido*” ao que Marieta falou, compreendeu a importância de se ajustar a linguagem ao contexto e aos interlocutores, percebendo que, se a personagem tivesse ajustado sua fala ao contexto e ao seu interagente (uma conversa informal com um colega de sua idade), o garoto teria compreendido perfeitamente a fala da menina.

Já que, no processo de interação, ambos os interlocutores partilham responsabilidades para que a comunicação ocorra de forma compreensível, é necessário, também, que o falante, principalmente na sociedade dinâmica e competitiva da contemporaneidade, adquira cada vez mais recursos linguísticos, buscando transitar sem embaraços nas tarefas de interação em que se envolver ao longo de sua vida. Tais recursos obtidos no alargamento da sua competência comunicativa lhe propiciarão uma maior segurança em relação ao uso da linguagem.

Prosseguimos as reflexões perguntando:

[...]

P - então... quando qualquer pessoa vai empregar a língua tem que se preocupar com o quê?

(Aluno A03) - **com a maneira que a gente vai falar...**

P - em que sentido [...] quando a gente vai falar com alguém... o que temos que observar?

[...]

(Aluna A10) – **a forma de falar...**

P - por que a gente tem que observar a forma de falar?

(Aluna A11) - **porque tem vez que a pessoa fala bobagem ou... até mesmo... uma palavra que o interlocutor da gente... que teja nos ouvindo não entenda...**

[...]

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da intervenção 26, em Roda de Conversa, 2019).

Nesse trecho, os alunos envolvidos (A03, A10 e A11) conseguiram perceber, como podemos notar, a importância de qualquer falante monitorar seu estilo para mais ou para menos, ou seja, de ser bidialetal, visto que “os falantes não são monoestilísticos, mas alteram a forma da sua expressão, adaptando-a às circunstâncias” (FARACO, 2008, p. 166).

No entanto, no processo de monitoração não há regras rígidas, mas expectativas sociais que podem oscilar em diferentes contextos. Cabe salientar que essas oscilações entre, muitas vezes, o emprego popular e o padrão da língua são mais aceitáveis na modalidade oral. Na escrita, mesmo mais conservadora que a língua falada, também pode haver variação, essa quebra de padrão, contudo, pode causar um estranhamento maior. No cenário de nossas análises, podemos recordar o relato da aluna A11, para nos servir como exemplo sobre esse estranhamento maior, ao mencionar sua experiência traumática com uma colega de sala que a repreendeu duramente, devido aos possíveis desvios ortográficos (destacando-os com caneta vermelha). Bagno (2001) explica que se deve ter em mente o fato de que a ortografia, mesmo sendo mais conservadora, não é uma língua, mas um artifício político. A constatação está nas centenas de pessoas que desconhecem as formas escritas de sua língua. No entanto, falam sem dificuldades sua língua, que possui normas e uma gramática.

Já o falante, por seu turno, durante o ato enunciativo, mobiliza seus conhecimentos linguísticos de maneira espontânea. Entretanto, o falante escolherá as estruturas linguísticas que promoverá uma monitoração maior ou menor, pois “o uso do estilo formal, em relação ao informal, requer uma atuação mais consciente” (MUSSALIM *et al.*, 2006, p.38).

A partir desse entendimento, comentamos com os discentes que todos têm o direito de aprender ou se apropriar das normas que regem o uso das variedades que gozam de maior prestígio social e que essa apropriação permitirá um uso mais consciente da linguagem em diversos contextos, como também, facultar-lhes acesso a certos meios e abrir-lhes portas.

[...]

P – [...] ela vai nos ajudar a abrir algumas portas... Tá... infelizmente... a gente sabe que o preconceito ele...

(Aluna A08 e outros alunos) – **existe...**

P - é... existe... e em determinadas situações se a gente... você não utilizar a norma-padrão... você vai ser alvo de discri...

(Alguns alunos) – **preconceito...**

[...]

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da intervenção 27, em Roda de Conversa, 2019).

Antunes (2007) afirma que ampliar a competência comunicativa dos alunos constitui uma das funções da escola e esta tarefa está diretamente ligada ao desenvolvimento do apreço pela diversidade linguística. Por meio desse entendimento, mesmo em face das discussões suscitadas pelo uso e estudo da norma-padrão, é preciso encará-la como uma das muitas variantes e que seu emprego precisa estar efetivamente ligado aos usos reais da língua, nos contextos exigidos.

Isso posto, como pontuamos no diálogo acima com a colaboração dos alunos, a não utilização da variante de maior prestígio em situações comunicativas que são exigidas pode causar estranhamento e até *preconceito*. Nas diferentes ocasiões sociais em que o indivíduo pode se envolver, não é estranha a oscilação linguística, já que as línguas são fatos sociais e estão condicionadas ao tempo e ao espaço, que tem sua razão de ser nos meios em que atua, múltiplos e variados, como a própria língua. Portanto, a norma-padrão não pode ser colocada como a melhor ou como suficiente para todas as situações interacionais. Todavia, ela não pode ser desprezada ou completamente ignorada como forma de protesto. “Deve, sim, ser usada, adequadamente, quando a situação assim o exigir. É uma opção que está disponível” (ANTUNES, 2007, p. 104).

Bortoni-Ricardo (2005, p. 63), corroborando a respeito da ideia de apropriar-se de recursos linguísticos para uma maior eficácia comunicativa, ressalta também que determinado ato de fala pode tornar-se inviável caso o falante não disponha de recursos linguísticos para estruturação vocabular ou retórica para esse ato. Isto é, o indivíduo deixa de dizer algo, porque não tem ou não acha uma maneira de falar. Outra questão abordada pela autora é o fato de que certos atos de fala podem causar algum grau de “estresse comunicativo”, termo criado por Givon (1979) e visto pela autora como um fenômeno “inversamente proporcional à quantidade de recursos comunicativos à disposição do falante”, quer dizer, o estresse ou pressão comunicativo são fatores que podem favorecer ou obstaculizar o uso da língua.

Há ainda, segundo a mesma autora, fatores que podem influenciar a viabilidade linguística, a saber: o apoio contextual, a complexidade cognitiva e a familiaridade com as rotinas comunicativas. O primeiro fator, já comentado aqui, diz respeito ao contexto situacional que envolve qualquer ato de fala. Ele é dinâmico e se constrói na proporção em que se processa a interação. Também é partilhado pelos interagentes de acordo com os papéis sociais exercidos por cada um.

Sobre o segundo fator, podemos refletir sobre o nível de complexidade cognitiva. Marcuschi (2008, p. 240) diz que a língua é “[...] uma forma cognitiva, com ela podemos expressar nossos sentimentos, crenças, ideias e desejos. Em resumo: mais do que uma forma, a língua é uma forma de ação”. No entanto, é preciso saber que há tarefas comunicativas que requerem um menor esforço cognitivo do falante, uma vez que ele já automatizou instrumentos linguísticos para sua realização, enquanto outros exigem maior esforço do indivíduo por este não dominar ainda instrumentos linguísticos suficientes para sua realização.

O terceiro fator, a familiaridade com as rotinas linguísticas, difere de uma cultura para outra. Porém, há outras que apresentam traços universais, como a narrativa, pedido de desculpa e discussões. “Quanto mais complexa a sociedade, maior o número e a variedade de rotinas e maior a variação na competência que os indivíduos exibem” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 66). Tal diversidade é indispensável em meios sociais com acesso restrito à escolarização. Já, nas culturas dominantes, as rotinas linguísticas são estruturadas com recursos da variedade de maior prestígio social.

Continuamos nosso diálogo com os discentes, retomando a questão do preconceito linguístico e lembrando a tirinha da Figura 4, em que o ET estabelece uma comunicação com Xaxado e Marieta. Indagamos os alunos sobre o que eles achavam do comportamento de Marieta diante do ocorrido.

A resposta que obtivemos dos alunos A04 e A11 foi que a personagem foi “*grossa e preconceituosa*”. Então prosseguimos:

[...]

P - [...] é correto a gente ficar ridicularizando... mangando ou mesmo corrigindo uma pessoa porque pronunciou uma palavra de forma diferente?

(Alunos) - **não...**

P - por que isso pode fazer o que com essa pessoa?

(Aluno A09) - **magoá-la...**

(Aluna A08) - **feri-la também...**

P - vocês acham que isso de corrigir grosseiramente pode acabar bloqueando a pessoa? a pessoa fica com medo de se expressar... fica com medo de falar... porque acha que vai falar errado... com medo de dizer alguma palavra ou pronunciar uma palavra de determinada maneira... com medo de outras pessoas ficarem julgando... vão ficar ridicularizando... vão ficar rindo [...] vocês concordam que é uma forma de preconceito quase semelhante a praticada por Marieta?

[...]

(Aluna A11) – **Ô... professora... a menina que estudou comigo [...] ela... a gente mandava... quando a gente era bestinha... a gente ficava mandando carta de amiga uma pra outra... aí a gente sempre mandava pra uma menina que a gente achava que era espetacular na sala... aí a gente mandava cartinha pra ela... aí teve um dia... assim... eu num disse pra minhas amigas... só que eu fiquei muito triste porque eu mandei... aí**

tinha várias palavras erradas... ela corrigiu de caneta vermelha e mandou eu corrigir minhas palavras e falar tudo certo e mandou eu assim... aprender com ela.

[...]

(Fonte: Dados da pesquisadora. Transcrição da intervenção 28, em Roda de Conversa, 2019).

Como já comentamos anteriormente, os efeitos do preconceito decorrente do uso de algumas variantes podem ser devastadores e alguns alunos conseguiram perceber essa questão (até porque alguns já foram vítimas, como pudemos constatar em depoimentos anteriores) ao afirmarem que rir, mangar ou, até mesmo, corrigir alguém de forma rude pode “*magoar*” ou “*ferir*” esse falante, causando certo bloqueio linguístico. Cabe destacar que “rir das formas variantes é muito fácil e sempre foi um recurso utilizado pelas pessoas” (BAGNO, 2007, p. 210), o contrário e ético seria estudar os fenômenos da diversidade linguística, demonstrando sua razão de ser.

O depoimento da aluna A11 é capaz de demonstrar bem isso, quando recebeu uma severa crítica da coleguinha por escrever algumas palavras fora dos padrões estruturalistas, que, como afirma Marcuschi (2008, p. 240), projetam a língua “como um código ou um sistema de sinais autônomos, transparente, sem história e fora da realidade social dos falantes”.

A aluna revela também que a colega de sala, provavelmente uma criança da mesma idade que ela – onze ou doze anos – pediu que, além de corrigir as palavras, ela falasse “*tudo certo*”, atitude que a deixou “muito triste”.

É interessante pensar também como tal atitude pode ter partido de uma criança de tão pouca idade, como já mencionamos. Podemos supor que, provavelmente, a menina já tenha recebido esse tipo de tratamento e, conseqüentemente o reproduziu, atitude que é geralmente própria das crianças (reproduzir o comportamento dos adultos). Refletimos, ainda, em quem, provavelmente, essa garota em questão se espelhou para corrigir “*de caneta vermelha*” os possíveis desvios ortográficos cometidos pela colega de sala A11, que, em um gesto carinhoso, lhe escreveu uma cartinha demonstrando seu carinho e amizade, mas teve o conteúdo de seu texto totalmente ignorado em função de equívocos gráficos.

Podemos afirmar, assim, que tal postura atesta o desconhecimento de que “a língua é um fenômeno cultural, histórico, social e cognitivo que varia ao longo do tempo e de acordo com os falantes” (MARCUSCHI, 2008, p. 204), ou seja, se a língua varia, muda, é porque seus falantes, indivíduos sócio-históricos, são igualmente mutáveis.

Portanto, concordamos com Bagno (2007), ao afirmar que é, na contemporaneidade, inaceitável uma pessoa ser submetida à humilhação e ao preconceito devido a sua maneira de falar em qualquer ambiente social, sobretudo, no contexto escolar, como vimos no caso relatado.

O autor denuncia ainda que, em qualquer comunidade linguística, em todo o mundo, existe esse tipo de julgamento negativo relativo ao uso de certas variantes. Há sempre indivíduos ou grupos de pessoas que se colocam como legisladores da língua, crendo que seu modo de falar é melhor ou mais bonito e certo do que os de outrem, como a colega da aluna A11 que “aconselha” a amiga a “*aprender com ela*”. Cabe, neste caso, reforçar o que diz Faraco (2008, p. 100): “em matéria, não há uma autoridade a que se possa apelar em busca da palavra definitiva”.

O ideal de língua perfeita, que muitos acreditam ser a norma-padrão ou língua-padrão a representante mais compatível não passa de um mito que, por sua vez, alimenta o sentimento de “superioridade” e “inferioridade” no uso da língua, ainda com raízes bem fincadas na sociedade brasileira.

Cabe salientar, que num país como o Brasil, com um vasto espaço territorial de milhões de habitantes, necessita, para que a comunicação vá além das regiões e não sofra empecilhos na sua constituição, de uma padronização linguística. No entanto, essa padronização precisa ser vista e analisada como uma opção entre as outras variantes, uma vez que uma sociedade plural e complexa se inclina sempre a multiplicar a variação linguística.

Portanto, essa padronização serviria para manter uma relação de relativa integração, criando uma variante que seja relativamente “livre” de marcas (o que é quase impossível) e que possa circular nos meios de comunicação social, nos documentos nacionais e no ensino. A padronização, reitero, não deve ser colocada como forma de aniquilar ou suprimir as outras variantes da rica língua portuguesa brasileira.

Sobre a variedade padrão que também está representada oralmente, todavia, é na escrita que ganha maior representatividade, por ter a escrita a possibilidade de transcender no tempo e de também ir além das fronteiras. Esta levará consigo um dos registros das variantes do português brasileiro que poderá ser lido e compreendido em qualquer parte do mundo onde haja um falante do português. A escrita apresenta relativa estabilidade e, por isso, tende a mudar menos, além de ser produzida com maior cuidado e planejamento, podendo até ser corrigida e reescrita, porque, ao escrevermos, temos tempo para monitorar nossa linguagem.

A língua padrão, por sua vez, faz parte da cultura, porém é mais uma de suas representantes linguísticas e não pode suprimir ou abarcar todas as funções sociais da língua.

Fato que tem, no Brasil, gerado inúmeros problemas para todos que estudam ou fazem uso da língua de um modo mais geral. Podemos dizer, também, que esse posicionamento contraria a função social da língua, pois a norma-padrão tem servido como instrumento de segregação, discriminação e exclusão. Isso se explica pela construção social do Brasil, que historicamente foi instituída sob uma cultura escravista.

As desigualdades sociais herdadas desse passado obscuro ainda estão presentes na atualidade. Basta observar a má distribuição de bens e riquezas nacionais, além do pouco acesso às culturas letradas escritas (LUCCHESI, 2015).

Discorrendo sobre a norma-padrão, Faraco (2008, p. 92) alerta sobre a “norma curta” que fomenta a cultura do “erro”, designando “um conjunto de preceitos e dogmas que não encontram respaldo nem nos fatos, nem nos bons instrumentos normativos”. Tais preceitos proclamados como axiomas são usados como desculpa para discriminar, humilhar e excluir por meio da linguagem.

A inflexibilidade dessa norma, que se baseia em preceitos contraditórios, de uma cultura gramatical rasteira, submete os falantes de variantes rurais e rurbanas a julgamentos negativos, injustos e grosseiros (como no caso da aluna A11 e do aluno A04, que relataram durante a aula ter tirado zero devido ao modo ortográfico considerado errado, e a ideia do seu texto, da sua resposta foi totalmente desconsiderada), desprezando o fato de a língua ser heterogênea, mutante, variada e que, portanto, faz-se necessário estar atento aos usos.

Por conseguinte, reforçamos a necessidade de combater a discriminação linguística, provocada também por fatores sociais, culturais, políticos e até históricos, que tentam condensar, em pleno século XXI, numa forma linguística “curta”, todos os diversos fenômenos da variação linguística. É preciso, como aponta Bagno (2007, p. 207), “elevar a autoestima linguística das pessoas”, demonstrando que não há língua ou forma de falar melhor, superior ou mais bonita que outra, pois todas são corretas, dotadas de organização e estrutura lógicas, desempenhando as diversas tarefas comunicativas para que foram designadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha do tema que tentamos abordar nesta pesquisa partiu de nossas observações diárias como professora. Notamos que, em suas interações, muitos alunos, eram vítimas de brincadeiras, chacotas e escárnios devido a maneira de usarem a língua. E isso ocorria por parte dos próprios colegas e, até mesmo, por parte de quem está na escola para fornecer-lhes uma educação de qualidade que deve se pautar, sobretudo, no respeito às diferenças, inclusive linguística.

Após termos nossa proposta de intervenção aprovada pelo Comitê de Ética e traçado os objetivos da pesquisa, buscamos estimular a reflexão sobre o uso da língua bem como contribuir para a conscientização a respeito da diversidade linguística e, em consequência, combater o preconceito advindo de certas variantes da língua.

Partimos, em seguida, para a construção e aplicação do nosso planejamento de aulas, visando à intervenção. Para isso, procuramos, inicialmente, a aprovação e consentimento dos pais ou responsáveis pelos estudantes. Todavia, dentre esses pais ou responsáveis, 4 (quatro) não autorizaram os registros das observações da pesquisa, permitindo apenas que seus filhos participassem das atividades propostas e Rodas de Conversa. Esses alunos, mesmo estando presentes nas aulas, não tiveram suas falas e opiniões sobre a temática abordada registradas, infelizmente. Lamentamos o ocorrido, pois as opiniões desses alunos poderiam ter contribuído enormemente para o enriquecimento do aprendizado coletivo.

Uma dificuldade encontrada foi que, durante as etapas que envolveram este trabalho, dos 22 (vinte e dois) alunos que tiveram sua participação e registros autorizados, apenas 16 (dezesesseis) se envolveram nas discussões e desses, poucos realmente de forma efetiva. Muitos preferiram permanecer calados (com vergonha de se expressar, porque os outros poderiam “mangar”, segundo alguns me confidenciaram em uma conversa privada) e, quando falavam, era em baixíssimo tom. Quando solicitávamos que repetissem, não faziam, com vergonha, inibidos. Assim, por mais que advertíssemos que não havia motivo para tal, já que estávamos ali para aprender juntos e compartilhar experiências, infelizmente, era esse o tipo de comportamento observado.

Valemo-nos da estratégia da pesquisa participante, em que a interação com os alunos possibilitou a descrição dos dados gerados como *corpus* com melhor propriedade. Assim, as atividades produzidas a partir das tiras da “Turma do Xaxado” (que na sua maioria foram respondidas oralmente, mesmo tendo disponibilizado cópias escritas), combinadas com as

Rodas de Conversa, constituíram os instrumentos utilizados na pesquisa para a geração dos dados.

Percebemos, também, que os textos quadrinísticos da “Turma do Xaxado” foram uma excelente ferramenta de apoio ao estudo de diversos assuntos que dizem respeito à língua, como também serviram para abordar temas referentes à diversidade linguística. As tiras foram bem recebidas pelos alunos, que se mostraram familiarizados com a linguagem imagética, já tão presente nos livros didáticos utilizados em sala.

Queríamos ir além, por considerar que os personagens da Turma eclética conseguem representar os tipos e as características do Nordeste. Buscamos, assim, as relações que podem ser estabelecidas entre os usos de algumas variantes e o julgamento que pode advir delas, ou seja, através da observação dos comportamentos linguísticos e sociais encenados pelos personagens, tentamos relacionar as vivências dos alunos. Deste modo, foi possível analisar a ligação entre saber-poder estabelecidos nos ambientes sociolinguísticos, bem como as estratégias para discriminar os falantes sob preceitos dogmáticos impostos aos que falam o português “correto” ou aqueles que falam “errado”. Tais abordagens suscitaram a inquietação e necessidade de discutir as práticas discriminatórias do preconceito linguístico, procurando estabelecer um divisor de águas entre os “donos” da variante de maior prestígio e aqueles considerados ineptos na sua própria língua.

Salientamos, porém, que o enquadramento linguístico que pretendemos aqui é ainda insuficiente, constituindo apenas um ponto de partida, uma vez que um retrato fiel da realidade sociolinguística de cada discente careceria de uma análise mais profunda e individual de aspectos sociais, culturais, econômicos, bem como o conhecimento sobre as redes de relações a que cada indivíduo e seu meio social como um todo estaria exposto.

Nossa primeira Roda de Conversa possibilitou uma comunicação dinâmica e prática entre os participantes da pesquisa e pudemos inferir a percepção dos discentes sobre a existência da variação linguística, mesmo que em uma concepção ainda em formação. No entanto, no decorrer da conversa, ficou evidente que essa concepção estaria apenas no trato dado à pronúncia de algumas palavras, ou seja, expressões que são típicas de algumas regiões do país, sobretudo nas que se enquadram na moldura do polo rural dos contínuos. É válido lembrar que esse foco muitas vezes é dado quando abordado pelos livros didáticos ao tratarem do tema, embora haja consenso de que a diversidade linguística opera em campos muito mais abrangentes como os que interferem na realidade sócio-histórica dos falantes brasileiros, a partir dos usos sociais e de sua relação com a língua.

As expressões citadas por eles para exemplificar essa diferença na pronúncia de alguns vernáculos, contudo, integram os traços graduais (que fazem parte do repertório linguístico da maioria dos brasileiros) e descontínuos (que são descontinuados, à medida que se seus usuários se aproximam do polo urbano), este último, predominantemente presente em falares rurais e rurbanos no contínuo de urbanização, que, por sua vez, possuem uma avaliação negativa, sendo a razão pela qual essas variantes da língua são consideradas de menor prestígio.

Um fato curioso que observamos foi que, mesmo apontando a maioria traços descontínuos que compõem o vocábulo de seus interagentes, os próprios alunos envolvidos no estudo, à proporção que se sentiram mais à vontade e, portanto, monitorando menos seus usos linguísticos, também apresentaram fortes traços descontínuos nas suas linguagens. Isso é perfeitamente natural, uma vez que, como moradores da zona rural do município que constituiu o *lócus* da pesquisa, como também pelas fortes influências linguísticas recebidas por seus parentes (no meio familiar) e, ainda, a comunidade em que residem, muitos são, ainda, analfabetos ou semianalfabetos.

Na primeira Roda de Conversa, abordamos, inclusive, a questão da humilhação, discriminação advinda por meio do emprego da língua. Neste ponto, em específico, questionando se os alunos já foram vítimas, obtivemos resposta positiva, o que não nos causou surpresa, já que, como mencionamos anteriormente, presenciamos alguns desses comportamentos entre eles e, pasmos, até de professores para com eles, o que nos inquieta profundamente. Tal postura no ambiente pedagógico demonstra um atraso no desenvolvimento de um trabalho consciente de ensino, comprometido com a ampliação de diversas competências do sujeito-aluno, além da competência comunicativa.

Os alunos, igualmente, revelaram que essa abordagem os deixou tristes e desestimulados, sentindo-se até “retardados”, o que nos mostrou o quão devastador pode ser tal atitude e que pode, inclusive, promover insegurança e baixa autoestima linguística nos indivíduos vitimados.

O interessante que essa atitude preconceituosa acaba sendo refletida nas interações dos alunos com seus parentes e amigos, evidenciando que, até dentro de uma mesma comunidade de fala, pode haver estranhamento pela forma de falar. Em outros termos, até diante daqueles com quem temos mais intimidade, nossa linguagem estará sujeita a avaliações.

Quanto partimos para as atividades formuladas a partir das tirinhas da “Turma do Xaxado”, aprofundando nossas discussões, veio à baila o falar “certo” e o “errado”, o que nos

permitiu refletir sobre diversos aspectos que podem fomentar as avaliações negativas e positivas pelas quais o uso da língua é submetido.

Um deles, trazido por uma aluna, assenta-se na falsa ideia preconcebida de que as pessoas que usam uma variante considerada “errada”, o fazem porque não são escolarizadas ou pouco escolarizadas. Por isso, lhes falta inteligência, capacidade de usar seu próprio idioma, sua fala. Logo, sua fala é errada ou feia. Essas avaliações e pressuposições transpassam as fronteiras linguísticas e são agregadas às características sociais do sujeito que se serve dela.

Já outros alunos chamaram atenção para o fato de que cada pessoa possui suas próprias características linguísticas que são internalizadas e acumuladas ao longo de suas experiências de vida. Assim, podemos aferir que cada pessoa carrega marcas sociais, regionais, etárias, de gênero, de *status* socioeconômico, de nível de escolaridade em sua linguagem. Contudo, enfocamos que é preciso, em qualquer situação de comunicação, regular o grau de monitoração de nossa fala, entendendo que nos processos interativos há sempre, na outra ponta, além do outro sujeito da comunicação, o contexto e o conteúdo a ser transmitido. O desalinhamento desses fatores pode prejudicar a comunicação.

No cenário de nossas conversas e análises, surgiu à palavra *bullying*, usada por uma aluna para exemplificar os efeitos que a utilização de determinada variante pode submeter seu falante. Classificação que consideramos pertinente, dado que o preconceito verbal (outra nomenclatura usada pela aluna para evidenciar a violência verbal simbólica) pode causar danos psicológicos, como o bloqueio verbal, por exemplo.

Ainda no campo dos questionamentos levantados sobre o valor social atribuído a algumas variantes, os depoimentos dos alunos A04 e A11 nos chamaram bastante atenção, por revelarem a face do preconceito dogmático a que foram submetidos. Nos dois casos, pudemos perceber que os saberes linguísticos e a experiência extraescolar dos discentes foram rechaçados em função da observância focada apenas na forma. No primeiro caso, por parte de uma docente, e, no segundo (por incrível que possa parecer), por uma criança da mesma idade da discente, que relatou sua experiência.

Outra questão que também dividiu opiniões suscitadas pela leitura das tiras tratou de fatores que poderiam fazer com que uma pessoa dominasse sua própria língua. Enquanto a percepção de um aluno apontava o fato de que se domina a língua à medida que se aprende mais sobre ela, a ideia de outra sinalizava para o “falar certo”, isto é, a doutrina do erro.

Nesse e em outros pontos de nosso estudo, procuramos enfatizar que a ideia de falar certo ou errado é um falso pressuposto, visto que língua é variação e mudança. Porém,

salientamos que, em toda situação de comunicação, é preciso adequar sua linguagem a um contexto que exige formalidade ou informalidade no emprego da língua.

Sendo assim, mesmo sujeito de suas ações de linguagem, é conveniente para o falante, saber transitar nas fronteiras fluidas dos contínuos comunicacionais, principalmente numa sociedade ainda tão desigual como a brasileira. Ser, portanto, multidialetal, adequando sua linguagem aos contextos e conforme os papéis sociais assumidos na interação.

Essas discussões nos levaram a refletir também sobre ferramentas que podem proporcionar uma maior segurança linguística, que podem ser tanto as experiências e convivências com outras variantes, quanto o estudo das normas que as estruturam, dentre elas a norma-padrão, considerando, contudo, nesse estudo que o falante precisa ser crítico da realidade linguística heterogênea e plural do Brasil.

Enfim, procuramos evidenciar em nossas intervenções que, em se tratando de língua, não há “erros”, mas sim formas distintas de empregar a linguagem, mas o erro estaria, não obstante, no que pudesse atravancar a comunicação entre os interlocutores, já que o que é chamado de “erro” hoje, apresenta, como muitos estudos demonstram, regras lógicas e estruturadas.

Enfatizamos ainda que, diante das afirmações acima, não nos é autorizado proclamar que, em matéria de língua (sobretudo da língua falada), tudo é permitido, mas é preciso buscar um meio termo entre o nosso papel como interlocutor e o nível de monitoração estilística dentro de dado contexto.

Concluímos, afirmando que, após nossas reflexões e análises, reconhecemos que, diante da problemática que envolveu, ainda há muito a ser feito no campo da nossa investigação. Sentimos que nossas inquietações aumentaram ao passo que compreendemos que o trabalho em sala de aula constitui fonte inesgotável de pesquisa, principalmente no campo da linguagem.

Mesmo assim, acreditamos que a contribuição deste trabalho pode alcançar dimensões bilaterais, à medida que pode proporcionar aos alunos envolvidos um olhar diferenciado e crítico quanto ao uso da sua e de outras variantes linguísticas, uma vez que poderão encarar os fenômenos referentes aos seus usos como possibilidades de utilização da língua, ampliando, assim, suas competências comunicativas. E, para esta professora, essa é uma forma de repensar o seu fazer pedagógico, buscando contribuir com a educação linguística de seus alunos.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ANTUNES, I. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, M; STUBBS, M; GAGNÉ, G. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- BAGNO, M. **Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**. 56. ed., rev. e amp. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BARBOSA, A. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. In: BARBOSA, A.; RAMOS, P.; VILELA, T.; RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (orgs.). 3. ed., 1 reimpresão. São Paulo: Contexto, 2007.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegamos na escola, e agora? Sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005 [*Linguagem*; 11].
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004 [*Linguagem*; 4].
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 22. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998a. BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997b.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Educação é a Base**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.
- BUCHMANN, K. **Provando comidas bizarras**. 2017. (12m36s). Disponível em: <<https://youtu.be/3XvnaonC0U8>>. Acesso em: 02 jan. 2018.
- BRANDÃO, C. R.; BORGES, M. C. **A pesquisa participante: um momento da educação**. Revista Educação Popular. v. 6, 2007.

- CAGNIN, A. L. **Os quadrinhos**. São Paulo: Ática, 1975.
- CEDRAZ, A. **1000 tiras em quadrinhos**. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010a.
- DIONISIO, A. P. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2011b.
- FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FISHMAN, J. A. A sociolinguística da linguagem. In: Fonseca, M. S. V.; NEVES, M. F. (orgs.) **Sociolinguística**. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974 (título original, 1972).
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. (Apostila).
- KLEIMAN, A. B. **Preciso “ensinar” o letramento?** São Paulo: Cefiel/IEL/Unicamp, 2015.
- LAGARES, X.; BAGNO, M. (orgs.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- LEFFA, V. J. **A metacognição**. In: Aspectos da leitura. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.
- LUCCHESI, D. **Língua e sociedade partidas: a polarização da sociolinguística no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MINAYO, M. C. S. et al. DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- MOURA, A. F. LIMA, G.A. A reinvenção da roda: Roda de Conversa: um instrumento metodológico possível. In: **Revista Temas em Educação**, v. 23, n. 1, jan./jun., 2014.
- MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 1. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- POLIT, D. F.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização**. Trad. de Ana Thorell. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- RAMOS, P. **Tiras no ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- SILVA, L. A. (org.). **A língua que falamos: português: história, variação e discurso**. São Paulo: Globo, 2005.

- SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Trad. Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- VERGUEIRO, W.; SANTOS, R. E. (orgs.). **A linguagem dos quadrinhos**. São Paulo: Criativo, 2015.
- VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. (orgs.). **Quadrinhos na educação**: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2009a.
- VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. (orgs.). **Muito além dos quadrinhos**: análise e reflexão sobre a 9ª arte. São Paulo: Devir, 2009b.

APÊNDICES

APÊNDICE A: PLANOS DE AULA

1ª RODA DE CONVERSA – AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

Data	Temáticas	Ações	Indicações de Leitura para alunos / professora
Agosto (3- aulas de 50 min.)	Apresentação do projeto: “Vamos conversar sobre” - Variação e Diversidade Linguística: ampliando a consciência linguística por meio das tiras da Turma do Xaxado. - Turma do Xaxado: personagens e autor. - Variação linguística - A língua que eu uso	1. Apresentação da pesquisa através de Roda de Conversa. 2. Apresentar a “Turma do Xaxado”, seus personagens e criador; 3. Buscar o entendimento dos alunos sobre a variação linguística; 4. Refletir sobre a percepção dos alunos a respeito de sua própria variante.	* CEDRAZ, A. 1000 tiras em quadrinhos. São Paulo: Martin Claret, 2012. *TVPE, Turma do Xaxado, Episódio 2. Zé Pequeno e Xaxado bolam um plano pra trazer a chuva. 2017. (1:00 min.). Disponível em: < https://youtu.be/OY4ekGOKzag>. Acesso em: 05 ago. 2019. *TVPE, Turma do Xaxado, Episódio 1. Xaxado e Arturzinho tem opiniões bem diferentes sobre qual o melhor prato pro almoço. 2017. (1:00 min.). Disponível em: < https://youtu.be/OY4ekGOKzag>. Acesso em: 05 ago. 2019. Leitura para o professor: *MOURA, A. F. LIMA, G.A. A reinvenção da roda: Roda de Conversa: um instrumento metodológico possível. In: Revista Temas em Educação, v. 23, n. 1, jan./jun., 2014. * RAMOS, P. Tiras no ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2017. *SILVA, L. A. (org.). A língua que falamos: português: história, variação e discurso. São Paulo: Globo, 2005.

Fonte: A autora.

2ª ETAPA – A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS E A “TURMA DO XAXADO”			
Data	Temáticas	Ações	Indicações de Leitura para alunos / professora
Setembro (4- aulas de 50)	- A linguagem dos quadrinhos – características e recursos metalinguísticos; - Contrastes existentes nas falas dos personagens da Turma do Xaxado; - Papéis sociais exercidos pelos personagens e reflexos no uso da linguagem.	1. Leitura de diversas tiras da “Turma do Xaxado”; 2. Conhecer as características da linguagem dos quadrinhos; 3. Verificar os contrastes presentes nas falas dos personagens; 4. Trabalhar os fenômenos da diversidade linguística representados nas tiras da Turma do Xaxado.	* CEDRAZ, A. 1000 tiras em quadrinhos. São Paulo: Martin Claret, 2012. *TVPE, Turma do Xaxado, Episódio 1. Xaxado pede ajuda a vários amigos, mas se esqueceu do principal. 2017. (1:00 min.). Disponível em: < https://youtu.be/a8INJwXIZgc>. Acesso em: 09 set. 2019. *TVPE, Turma do Xaxado, Episódio 11. Marieta e Xaxado se perguntam se existe mesmo anjo da guarda. 2017. (1:00 min.). Disponível em: < https://youtu.be/D1MxaGOjiDg>. Acesso em: 16 set. 2019. Leitura para o professor: * LAGARES, X.; BAGNO, M. (orgs.). Políticas da norma e conflitos linguísticos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. * VERGUEIRO, W.; SANTOS, R. E. (orgs.). A linguagem dos quadrinhos. São Paulo: Criativo, 2015.

Fonte: A autora.

3ª ETAPA – REALIZAÇÃO DE ATIVIDADES A PARTIR DAS TIRAS DA “TURMA DO XAXADO”			
Data	Temáticas	Ações	Indicações de Leitura para alunos / professora
Outubro (4 - aulas de 50 min.)	- As variedades linguísticas representadas nas narrativas quadrinizadas. - As características linguísticas dos personagens; - Influências linguísticas recebidas nos ambientes sociais em que os indivíduos interagem. - Fatores que pedem adequação da linguagem; - Valor social recebido pelas variedades prestigiadas e as estigmatizadas; - A necessidade de monitorar a linguagem em certos contextos.	1. Compreender por meio da leitura da tirinha e questões propostas que a língua é variada e que essa variedade é perceptível pela realidade social de seus falantes; 2. Caracterizar os personagens das tirinhas, evidenciando contexto social e relações entre eles, além de verificar se a linguagem empregada pelos personagens é capaz de caracterizá-los; 3. Verificar as influências linguísticas recebidas nos ambientes sociais em que os personagens vivem, tentando traçar um paralelo entre as situações vivenciadas pelos personagens e as vivências dos alunos. 4. A partir do paralelo entre as situações vivenciadas pelos personagens e os alunos, verificar se conseguem compreender a necessidade de: - em certos contextos, adequar sua linguagem; - perceber o valor social positivo ou negativo atribuído às variedades linguísticas; - perceber a importância de monitorar sua linguagem.	* CEDRAZ, A. 1000 tiras em quadrinhos. São Paulo: Martin Claret, 2012. Leitura para o professor: * BAGNO, M. Preconceito linguístico. 56. ed., rev. e amp. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. * FARACO, C. A. Norma culta brasileira: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. * LUCCHESI, D. Língua e sociedade partidas: a polarização da sociolinguística no Brasil. São Paulo: Contexto, 2015. * VERGUEIRO, W.; BARBOSA, A.; VILELA, T.; RAMA, A.; RAMOS, P. (orgs.). Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2007.

Fonte: A autora.

4ª ETAPA – ÚLTIMA RODA DE CONVERSA

Data	Temáticas	Ações	Indicações de Leitura para alunos / professora
Novembro (3 aulas de 50)	- Verificação dos avanços alcançados por meios das atividades realizadas ao longo da pesquisa.	1. Verificar os avanços alcançados no que concerne à necessidade de adequar a linguagem em diferentes contextos comunicativos; 2. Verificar se houve a ampliação da consciência a respeito da diversidade linguística; 3. Chamar a atenção sobre fatores que podem favorecer o preconceito linguístico; 4. Compreender a necessidade de ser bidialetal, monitorando a linguagem e levando sempre em consideração o contexto.	* CEDRAZ, A. 1000 tiras em quadrinhos. São Paulo: Martin Claret, 2012. Leitura para o professor: *BAGNO, M; STUBBS, M; GAGNÉ, G. Língua materna: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2002. *BAGNO. M. Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola Editorial, 2001. * BORTONI-RICARDO, S. M. Nós chegamos na escola, e agora? Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005 [Linguagem; 11]. * BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004 [Linguagem; 4].

Fonte: A autora.

APÊNDICE B: ATIVIDADES PROPOSTAS⁷

Atividade 1



1 . A construção do humor da tirinha se dá a partir da conclusão de Marieta sobre a interação com o ET. No último quadrinho, a garota afirma “que não existe vida inteligente em outros planetas.

- Por que Marieta chegou a essa conclusão?
- Essa conclusão de Marieta se justifica? Explique.
- A compreensão de Xaxado sobre a visita do ET é a mesma de Marieta? Comente.

2. O ET emprega a língua de forma diferente da norma-padrão (que seria um modelo para manter uma certa unidade da língua falada e escrita).

- Mesmo assim , é possível compreender o que disse o ET?
- Se Marieta fosse o ET, como provavelmente ela falaria (organizaria) as palavras que o ET disse?

3.As formas de usar a língua podem levar as pessoas a serem julgadas positiva ou negativamente. O que isso pode gerar? Explique.

⁷ Atividades elaboradas pela autora.

Atividade 2



1. Marieta deu para o ET três livros: um de literatura, uma gramática e um dicionário. E garantiu para ele que com esses livros os ets dominariam a Língua Portuguesa.

- Você concorda com Marieta? Por quê?
- O que seria dominar a Língua Portuguesa na sua opinião?
- Há algo de errado com a forma de falar dos extraterrestres da tira? Comente.

Atividade 3



- Marieta como arbitra de futebol expulsa os jogadores por critérios que não fazem parte do jogo. Que critério a menina usa para expulsar os jogadores?
- O que seria “falar errado” em um jogo de futebol entre amigos?
- O padre diz para Marieta que educação e arbitragem de futebol são coisas diferentes e conseqüentemente que ela devia parar de expulsar os jogadores por falar errado. Que relação (ligação) há entre educação e “falar errado”?
- Sobre a atitude de Marieta, é correto afirmar que a garota teve um comportamento preconceituoso? Comente.

5. Na tira em tela, quem fala é apenas o padre. É por meio da sua repreensão a Marieta que o humor da tirinha é construído. Quando ele associa educação a falar errado, é possível compreender que ele pensa da mesma maneira que a menina?

6. Há situações em que é necessário o uso da língua de forma mais formal, uma vez que, nesses contextos usamos uma variante que esteja mais próxima da norma-padrão. Sob esse entendimento, responda:

- Cite algumas situações em que o emprego de variante mais formal é necessária
- Num jogo de futebol entre amigos, como no contexto da tira de Cedraz, que variante linguística é mais comum, formal ou informal que não exige a rigidez da norma-padrão? Explique.

Atividade 4



5. Na tira em tela, quem fala é apenas o padre. É por meio da sua repreensão a Marieta que o humor da tirinha é construído. Quando ele associa educação a falar errado, é possível compreender que ele pensa da mesma maneira que a menina?

6. Há situações em que é necessário o uso da língua de forma mais formal, uma vez que, nesses contextos usamos uma variante que esteja mais próxima da norma-padrão. Sob esse entendimento, responda:

- Cite algumas situações em que o emprego de variante mais formal é necessária
- Num jogo de futebol entre amigos, como no contexto da tira de Cedraz, que variante linguística é mais comum, formal ou informal que não exige a rigidez da norma-padrão? Explique.

Atividade 5



1. O humor da tira é construído pelas indagações das personagens, das quais eles demonstram **não** saber a resposta. Sendo assim, responda:
 - a) O que seria “falar errado”?
 - b) E falar certo, o que seria?
2. Há quem diga que “fala bem”, a pessoa que conseguiu adequar sua fala ao contexto e ao interlocutor. Você concorda com essa afirmação? Por quê?

APÊNDICE C: SLIDES USADOS PARA APRESENTAR A “TURMA DO XAXADO”⁸

Vocês conhecem a Turma do Xaxado?



- Criada pelo mestre cartunista Antonio Cedraz, suas primeiras tirinhas foram publicadas no jornal “A tarde Municípios” no ano de 1998.
- O sucesso das tiras do Xaxado foi tão grande que passaram a ser publicadas diariamente no Caderno 2 do jornal.

⁸ Slides produzidos pela autora.

XAXADO / Antonio Cedraz



- São narrativas engraçadas e inteligentes, bem roteirizadas que nos levam a diversas reflexões educativas.
- As historinhas regionais ambientadas numa pequena cidade do interior nordestino da Bahia, tratam de assuntos de relevância sociais, ecológicas e ambientais que perpassam a região atingindo uma compreensão global.

XAXADO/Cedraz

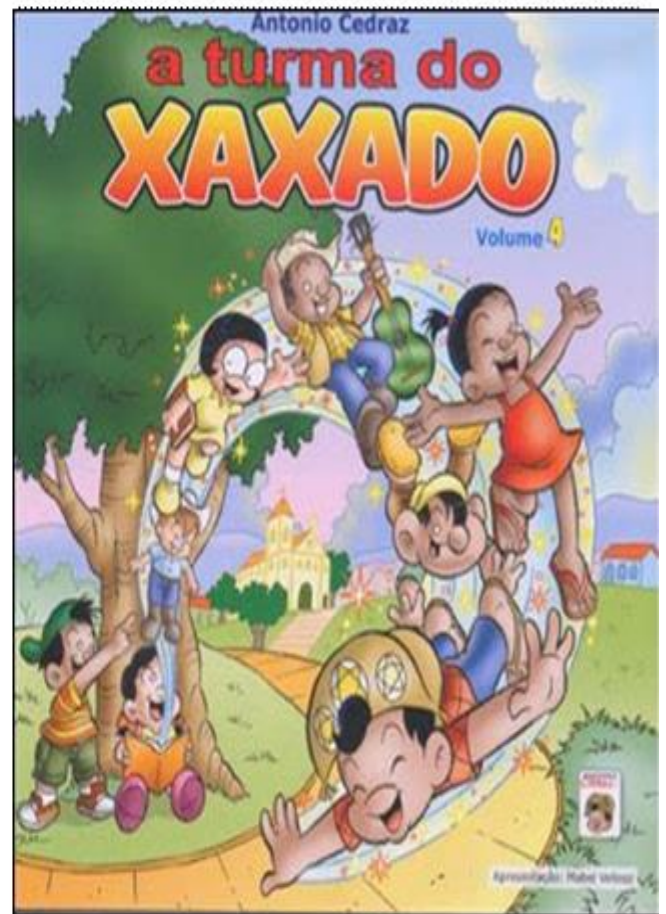
www.xaxado.com.br



“ A Turma do Xaxado” é formada por personagens tipicamente brasileiros, cada um com seu jeito próprio de falar, pensar e agir, passando pelas várias classes econômicas, graus de instrução, etc. É uma turminha heterogênea como o povo brasileiro, vivendo histórias que falam de nossa terra, encantos e problemas, mas sem perder de vista a universalidade da experiência humana.

Uma turminha bem brasileira

A *Turma do Xaxado* vive em uma pequena cidade do interior, mas suas aventuras não se limitam a este espaço. Volta e meia está na cidade grande ou em ou em espaços imaginários , convivendo com muitos dos seres fantásticos que povoam a cultura brasileira, como o saci, a mula sem cabeça e o caipora, ou em aventuras com livros encantados, anjos monstros e muita ação.



APÊNDICE D: TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Orientação para Alunos – Resolução 466/12 do CNS)**

Prezado (a) aluno (a),

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “**VARIAÇÃO E DIVERSIDADE LINGUÍSTICA: AMPLIANDO A CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA DOS ALUNOS DA ZONA RURAL POR MEIO DAS TIRAS DA “TURMA DO XAXADO”**”, que está sendo desenvolvida pela professora **ELIZABETE BEZERRA DA SILVA**, aluna do PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS, CAMPUS IV - MAMANGUAPE, do CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO – CCAE, da UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, sob a orientação da Profa. Dra. **ROSEANE BATISTA FEITOSA NICOLAU**.

O objetivo geral do estudo é realizar um trabalho de reflexão e conscientização sobre a variação linguística, que possibilite o estudo do uso da linguagem oral e o combate ao preconceito linguístico, com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de uma Escola, em Sobrado. Os objetivos específicos são os seguintes: conhecer o entendimento dos discentes (alunos) sobre a variação linguística e sobre sua própria variante linguística (forma de falar) por meio de atividades (avaliação diagnóstica); aplicar atividades com o fim de trabalhar os fenômenos da diversidade linguística presentes nas tiras de quadrinhos e no contexto social em que os alunos estão inseridos; verificar os avanços alcançados pelos alunos no que se refere ao uso da linguagem e de sua variedade, percebendo a riqueza da diversidade linguística brasileira e se eles compreenderam que, para cada situação comunicativa (oral e escrita), deve ser utilizada uma forma linguística adequada.

Ressaltamos que pretendemos, com este trabalho contribuir para o desenvolvimento de uma prática pedagógica capaz de tornar os alunos mais competentes no uso da língua portuguesa em diferentes situações de fala.

Solicitamos a sua colaboração para participar das leituras e atividades nas aulas que ministraremos, participando das rodas de conversas, debatendo sobre os textos lidos e submetendo o material resultante dessas atividades a um processo de avaliação formativa e somativa. Solicitamos, ainda, sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da linguística aplicada e publicá-los em revista científica. Enfatizamos que, por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido no mais absoluto sigilo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Destacamos, contudo, que a pesquisa visa ao aperfeiçoamento de um procedimento metodológico e não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde dos participantes. Para que nenhum desconforto psicológico venha a acontecer, será escolhido um local privado, sem a interferência de pessoas alheias ao estudo.

A pesquisadora responsável estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento (autorização) para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma via desse documento. Como trata-se de um documento elaborado em duas vias, a primeira deverá ser rubricada por mim e pelo pesquisador responsável e a segunda assinada por ambos.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador Responsável

Contato do Pesquisador Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Elizabete Bezerra da Silva
Endereço (Setor de Trabalho): E.M.E.F. Professora Berenice Soares Monteiro, Rua Projetada, 391 – Conjunto Ana Celia, Sobrado - PB,
58342- 000 - Telefone: (83) 3661-1003.

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências Médicas, 3º andar, Sala 14 – Cidade Universitária Campus 1- Universidade Federal da Paraíba Bairro : Castelo Branco – CEP 58.051-900 – João Pessoa/PB

☎ (83) 3216-7617 – E-mail: comitedeetica@ccm.ufpb.br.

**APÊNDICE E: TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO –
PAIS/RESPONSÁVEIS DOS ESTUDANTES**

**TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO –
PAIS/RESPONSÁVEIS DOS ESTUDANTES**

O (A) seu (a) filho (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada **VARIAÇÃO E DIVERSIDADE LINGUÍSTICA: AMPLIANDO A CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA DOS ALUNOS DA ZONA RURAL POR MEIO DAS TIRAS DA “TURMA DO XAXADO”**, desenvolvida por **ELIZABETE BEZERRA DA SILVA**, aluna regularmente matriculada no Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS do Centro de Ciências Aplicadas e Educação – CCAE/ Mamanguape, da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Profa. Dra. **ROSEANE BATISTA FEITOSA NICOLAU**.

O objetivo geral do estudo é realizar um trabalho de reflexão e conscientização sobre a diversidade linguística, que possibilite o estudo do uso da linguagem oral e o combate ao preconceito linguístico, com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola onde seu filho (a) estuda, na cidade de Sobrado. Os objetivos específicos são os seguintes: conhecer o entendimento dos discentes (alunos) sobre a variação linguística e sobre sua própria variante linguística (forma de falar) por meio de atividades (avaliação diagnóstica); aplicar atividades com o fim de trabalhar os fenômenos da diversidade linguística presentes nas tiras de quadrinhos e no contexto social em que os estudantes vivem; verificar os avanços alcançados pelos alunos no que se refere ao uso da linguagem e de sua variedade, percebendo a riqueza da diversidade linguística brasileira e se eles compreenderam que, para cada situação de comunicativa (oral e escrita), deve ser utilizada uma forma linguística adequada.

Justifica-se o presente estudo pela necessidade de estudar sobre a diversidade linguística no centro das discussões das aulas de língua materna e por testar uma proposta de ensino que visa ampliar a consciência linguística dos discentes por meio do reconhecimento sobre a riqueza da diversidade linguística brasileira, que possa contribuir com a diminuição do preconceito linguístico, principalmente no meio escolar.

A participação do seu (a) filho (a) na presente pesquisa é de fundamental importância, mas será voluntária, não cabendo ao (a) mesmo (a), qualquer obrigação de fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela professora (pesquisadora responsável), se não concordar, bem como, participando ou não, nenhum valor lhe será cobrado, como também não lhe será devido qualquer valor.

Os riscos aos quais seu (a) filho (a) poderá ser exposto(a) são comuns nesse tipo de pesquisa. Por exemplo, caso o professor comente ou avalie uma atividade do aluno, poderá desencadear inibição no (a) mesmo (a) e, com isso, dificultar seu progresso nas atividades. Porém, esse tipo de situação é diminuído pelo procedimento aplicado no trabalho, o das rodas de conversas, o qual foca na avaliação formativa que mira no processo de construção do conhecimento participativo e reflexivo e não no resultado final, auxiliando o aluno na superação dos problemas apresentados em relação ao uso da linguagem. Em contrapartida, os benefícios são: a possibilidade de ampliar o repertório linguístico (aumentar o vocabulário); a oportunidade de refletir sobre o uso da língua, adequando a fala a diferentes contextos; a possibilidade de conhecer as linguagens dos quadrinhos (verbal e visual) e seus mecanismos para a construção de sentido.

Em todas as etapas da pesquisa, serão fielmente obedecidos os Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resolução nº. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que disciplina as pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil.

Solicita-se, ainda, a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos ou divulgá-los em revistas científicas, assegurando-se que o seu nome será mantido no mais absoluto sigilo por ocasião da publicação dos resultados.

Caso a participação de seu (a) filho (a) implique em algum tipo de despesa, a mesma será ressarcida pela pesquisadora responsável, o mesmo ocorrendo caso ocorra algum dano.

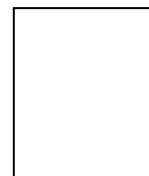
A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Eu, _____, declaro que fui devidamente esclarecido (a) quanto aos objetivos, justificativa, riscos e benefícios da pesquisa, dou o meu consentimento para que meu (a) filho (a) possa participar dessa pesquisa e para a publicação dos resultados. Estou ciente de que receberei uma via deste documento, assinada por mim e pelo pesquisador responsável. Como se trata de um documento em três páginas, a primeira e a segunda deverão ser rubricadas tanto pela pesquisadora responsável quanto por mim, assim como a última deverá ser assinada por ambos.

Sobrado-PB, ____ de _____ de 2019.

 Profa. Elizabete Bezerra da Silva
 Pesquisador responsável

 Participante da Pesquisa



Testemunha

Contato do Pesquisador Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Elizabete Bezerra da Silva

Endereço (Setor de Trabalho): E.M.E.F. Professora Berenice Soares Monteiro, Rua Projetada, 391 – Conjunto Ana Celia, Sobrado - PB, 58342-000 - Telefone: (83) 3661-1003.

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências Médicas, 3º andar, Sala 14 – Cidade Universitária Campus 1- Universidade Federal da Paraíba Bairro : Castelo Branco – CEP 58.051-900 – João Pessoa/PB

☎ (83) 3216-7617 – E-mail: comitedeetica@ccm.ufpb.br

APÊNDICE F: AUTORIZAÇÃO DO COMITÉ DE ÉTICA

AUTORIZAÇÃO DO COMITÉ DE ÉTICA

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
MÉDICAS DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA / CCM



DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: VARIAÇÃO E DIVERSIDADE LINGUÍSTICA: AMPLIANDO A CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA DOS ALUNOS DA ZONA RURAL POR MEIO DAS TIRAS DA TURMA DO XAXADO

Pesquisador: ELIZABETE BEZERRA DA SILVA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 13316019.3.0000.8069

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.394.183

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa para Mestrado vinculado ao PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS do CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO- CCAE da Universidade Federal da Paraíba, da pesquisadora ELIZABETE BEZERRA DA SILVA, sob orientação da Profa. Dra. Roseane Batista Feitosa Nicolau. O estudo seria realizado por meio de uma pesquisa-ação, com abordagem qualitativa. Constará das seguintes etapas: Apresentação do projeto por meio da primeira roda de conversa e avaliação diagnóstica (03 aulas de 50 minutos cada); Leitura de diversas tiras da "Turma do Xaxado" previamente selecionadas. (04 aulas de 50 minutos cada); Atividades a partir das tiras da Turma do Xaxado (04 aulas de 50 minutos cada); Teste de autoavaliação/Segunda roda de conversa (03 aulas de 50 minutos cada).

A pesquisa realizar-se-á em uma escola do município de Sobrada (PB) e contemplará aproximadamente 20 (vinte) alunos do sexto ano do Ensino Fundamental, com uma faixa etária entre 11 (onze) e 14 (catorze) anos (alguns apresentando distorção idade série). Dentre os procedimentos para a geração e coleta de dados da presente pesquisa, salienta-se a roda de conversa como instrumento metodológico. Será utilizada também a metodologia da análise linguística dos contínuos. As gravações das aulas constituirão o *corpus* da pesquisa.

Critério de Inclusão:

Alunos regularmente matriculados no 6º ano ensino fundamental da instituição escolhida como

Endereço: Centro de Ciências Médicas, 3º andar, Sala 14 - Cidade Universitária Campus 1

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Mu JOAO PESSOA

Telefone:

(83)32:

E-mail: comitedeetica@ccm.ufpb.br



UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
MÉDICAS DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA / CCM



Continuação do Parecer: 3.394.183

cenário da pesquisa.

Critério de Exclusão:

Alunos regularmente matriculados no 6º ano ensino fundamental que se recusarem a assinar o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e/ou cujos pais/responsáveis se recusarem a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Realizar com alunos do 6º ano da zona rural do município de Sobrado – PB um trabalho de reflexão e conscientização sobre a diversidade linguística, que possibilite o estudo do uso da linguagem oral e o combate ao preconceito linguístico.

Objetivo Secundário:

- Conhecer o entendimento dos discentes sobre a variação linguística e sobre sua própria variante linguística por meio de atividades (avaliação diagnóstica);
- Aplicar o modelo da análise dos três continua (contínuo de urbanização, oralidade-letramento e contínuo de monitoração estilística), por meio de atividades, com o fim de trabalhar os fenômenos da diversidade linguística presentes nas tiras e no contexto social em que os discentes estão inseridos;
- Verificar os avanços alcançados pelos discentes no que se refere ao uso da linguagem e de sua variedade, percebendo a riqueza da diversidade linguística brasileira e se eles compreenderam que, para cada situação de comunicativa (oral e escrita), deve ser utilizada uma performance linguística adequada.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Como em qualquer processo de ensino-aprendizagem de língua materna, os riscos e benefícios deste projeto são semelhantes. Assim, durante algumas etapas de aplicação e realização de atividades, o fato de os alunos terem suas produções comentadas/avaliadas pela pesquisadora pode inibi-los. Entretanto, nos procedimentos avaliativos da pesquisa, prevendo riscos, tencionamos adotar a avaliação formativa, que parte do princípio de que, devidamente orientado pelo professor/pesquisador, o aluno é capaz de avaliar suas próprias produções.

Benefícios:

Outro ato que pode minimizar os riscos é o fato de a professora pesquisadora conhecer o contexto social dos alunos, além de manter um bom relacionamento com os discentes e seus familiares. Ademais, para os discentes, sujeitos da pesquisa, os benefícios são os seguintes: 1. A

Endereço: Centro de Ciências Médicas, 3º andar, Sala 14 - Cidade Universitária Campus 1

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Mu JOAO PESSOA

Telefone:

(83)32:

E-mail: comitedeetica@ccm.ufpb.br



UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
MÉDICAS DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA / CCM



Continuação do Parecer: 3.394.183

possibilidade de ampliar o repertório linguístico;2. A oportunidade de refletir sobre o uso da língua nos diferentes contextos e os papéis sociais desempenhados pelos interlocutores que são percebíveis através do uso da linguagem;3. O estímulo à reflexão sobre os estigmas sociais advindos pelo uso da linguagem e determinadas variantes;4. A possibilidade de conhecer as linguagens constitutivas dos quadrinhos (imbricamento da linguagem verbal e visual) e seus mecanismos para a construção de sentido. Os principais benefícios para a Sociolinguística, área na qual se insere este projeto são:1. A testagem da metodologia da análise linguística dos contínuos, possibilitando aos alunos os benefícios de reconhecer a sua própria variante e a capacidade de monitorar sua linguagem em diferentes contextos comunicativos;2. O reconhecimento de que a diversidade linguística é fator de riqueza e dinamismo e, a partir desse entendimento, combater o preconceito linguístico.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa em tela apresenta relevância científica, uma vez que estimulará reflexão e conscientização sobre a diversidade linguística e o combate ao preconceito linguístico.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram devidamente apresentados: Folha de rosto (com assinaturas); Previsão de orçamento para o estudo; Cronograma de execução; Certidão de aprovação do departamento/colegiado de origem do estudo; Carta de anuência. Quanto ao TCLE e Termo de Assentimento, necessitam adequações abaixo listadas.

Recomendações:

Segundo diretrizes contidas na Resolução 510/2016, do CNS o estudo proposto apresenta algumas fragilidades concernentes a aspectos éticos/metodológicos, apontadas no item “listas de pendências e inadequações”. Ressalta-se a importância da atenção às correções das pendências apontadas neste parecer.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após análise dos aspectos éticos-metodológicos da pesquisa proposta, constatou-se a necessidade de alterações/ajustes no protocolo de pesquisa de forma a possibilitar julgamento adequado dos aspectos éticos e metodológicos, em consonância com a Resolução 510/2016, do CNS/MS, conforme listados abaixo:

- No TCLE e Termo de Assentimento: ajustar a linguagem para uma melhor compreensão dos participantes e pais/responsáveis; substituir o termo “cópia” por “via”; retificar os dados para o CEP.

Endereço: Centro de Ciências Médicas, 3º andar, Sala 14 – Cidade Universitária Campus 1

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Mu JOAO PESSOA

Telefone:

(83)32:

E-mail: comitedeetica@ccm.ufpb.br



UFPB – CENTRO DE CIÊNCIAS
MÉDICAS DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA / CCM



Continuação do Parecer: 3.394.183

do CCM; corrigir o nome do orientador (consta Prof. Dr. ERIVALDO PEREIRA DO NASCIMENTO).

Considerações Finais a critério do CEP:

O protocolo de pesquisa foi considerado PENDENTE pelo Colegiado do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos -CEP/CCM/UFPB, em Reunião Ordinária realizada no dia 30 de maio de 2019, conforme recomenda a Resolução CNS nº 466 de 12 de dezembro de 2012, CNS e Norma Operacional Nº 001/2013, CONEP.

Para emissão do parecer de aprovação, aguardamos o atendimento das questões (lista de inadequações). As pendências deverão ser elencadas de forma ordenada, conforme os itens de considerações deste parecer, seguidas de suas respectivas respostas. O prazo expira em 30 dias.

Solicitamos realizar as recomendações sugeridas e enviar via online/Plataforma Brasil ao CEP-CCM/UFPB.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1330087.pdf	07/05/201 12:10:03		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	7_TERMOS_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.pdf	07/05/201 11:59:48	ELIZABETE BEZERRA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	8_TERMOS_DE_ASSENTIMENTO.pdf	07/05/201 11:59:05	ELIZABETE BEZERRA DA SILVA	Aceito
Orçamento	6_ORCAMENTO_FINANCEIRO.pdf	07/05/201 11:56:40	ELIZABETE BEZERRA DA SILVA	Aceito
Cronograma	5_CRONOGRAMA_DE_EXECUCAO.pdf	07/05/201 11:56:15	ELIZABETE BEZERRA DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	4_PROJETO_DETALHADO.pdf	07/05/201 11:55:09	ELIZABETE BEZERRA DA SILVA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	3_TERMOS_DE_ANUENCIA.pdf	07/05/201 11:54:52	ELIZABETE BEZERRA DA SILVA	Aceito
Outros	2_CERTIDAO_DE_APROVACAO.pdf	07/05/201 11:54:25	ELIZABETE BEZERRA DA SILVA	Aceito

Endereço: Centro de Ciências Médicas, 3º andar, Sala 14 - Cidade Universitária Campus 1

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Mu JOAO PESSOA

Telefone:

(83)32:

E-mail: comitedeetica@ccm.ufpb.br



UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
MÉDICAS DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA / CCM



Continuação do Parecer: 3.394.183

Folha de Rosto	1_FOLHA_DE_ROSTO.pdf	07/05 11	ELIZABETE BEZERRA DA SILVA	Aceito
----------------	----------------------	-------------	-------------------------------	--------

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOAO PESSOA, 15 de junho de 2019

Assinado por:

**Iaponira Cortez Costa de Oliveira
(Coordenador(a))**

Endereço: Centro de Ciências Médicas, 3º andar, Sala 14 - Cidade Universitária Campus 1

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Mu JOAO PESSOA

Telefone:

(83)32:

E-mail: comitedeetica@ccm.ufpb.br

APÊNDICE G: TRANSCRIÇÃO DAS RODAS DE CONVERSA

Trechos da primeira Roda de conversa:

[...]

Professora – que idioma nós falamos?

(Aluno – A01) – éeee:... Nordestino...

P- Nordestino?!?

(Aluno 01) – é...

P – todo mundo concorda?

(Aluno – A02 e outros alunos) – portuGUEI...

P- qual?

(Aluno – A02) – portuGUEI...

P – é português?

(Aluno A03) – não... O sotaque é Nordestino...

P – Ahhhh:... O nosso sotaque é nordestino... Então... Quer dizer que a gente fala...

(Aluno – A04) – CAIpira...

P – É:... A08 tá dizendo que a gente fala... O que A08?

(Aluno – A08) – tu não disse aí... ((falando com outro aluno)).

P – quem disse? Não tenham medo falar... Não... A gente tá aqui fazendo o quê?

(Aluno?) – prenDENdu...

P – aprendendo (frase exclamativa)... Então... Não tenham medo de errar... Não... Que idioma nós falamos?

(Alunos) – portuGUÊS...

P – português... Falamos a língua portuguesa... A língua portuguesa... Que nós falamos é:... Ela já nasceu aqui no Brasil ou ela veio de outro lugar?

((vozes ininteligíveis e ruído))

(Aluno A07) – NAceu aqui nu Brasil.

P- veio de outros... De onde A05?

(Aluno A05) de Portugal? ((o aluno respondeu baixo))

P- ok...

((conversas paralelas))

P – pessoal... - eu queria pedir, por favor... - pra vocês...

P – nós falamos da mesma maneira... Da mesma forma em todo o Brasil? Todo mundo fala a língua portuguesa do mesmo jeito?

(A02 e outros alunos ao mesmo tempo) – NÃO (frase exclamativa)

P – não (frase exclamativa)... Por que não (frase exclamativa)

((muitos alunos falam ao mesmo tempo))

P – falam o quê... A16? Estranho?

((vozes e risos))

(Aluno A03) – PÊnalti, fala pen...

((risos))

P – fala como?

(Aluno A03) – fala PÊnalti é::... penat... Fala pen...

P- pen?

(Aluno A03) – é.

((risos))

(Aluno A03) – não... Sério...

(Aluno?) - é pênalti...

P – ei, mas essa diferença que vocês estão falando aqui... Que você estão falando aí, essa::... Essa forma de falar “pen”... pen... é o quê? de PÊnalti, é?

(Alunos) – é...

P – vocês verificam somente aqui em Sobrado ou isso é uma característica... sei lá... de outro lugar?

(Alguns Alunos) – de outro lugar...

((vozes ininteligíveis))

(Alguns Alunos) – Tôdu lugar...

P – todo lugar é assim?

(Alunos) - é...

(Aluna A013) – dependi da pessoa...

(Alunos) - é...

((vozes ininteligíveis))

P – bora lá... É::...

(Aluno A02) – amaLElo... É... AmaLElo...

((risos))

P- Aí, vocês falaram... Disseram que a gente fala de forma diferente... Não fala igual... Vocês citaram alguns exemplos... Algumas palavras... - pessoal... Psiu! É::... Só um minuto... - e

vocês utilizaram uma forma de falar igual... Vocês aqui de Sobrado... Quem é que mora no sítio aqui? Levanta a mão...

((quase todos os alunos levantaram a mão))

P – todo mundo mora no sítio... Exceto A17... né?

(Aluna A11) – né no sítio não... Fazenda...

((muitos alunos falam ao mesmo tempo))

(Aluno?) – tu mora aqui também macho, oxi...

P – mora onde? No sítio?

[...]

(Aluna A11) – eu sou fazenda...

P – fazenda?

(Aluno?) – fazenda né sítio... não?

(Aluna A11) – Não... Sítio é só uma casa em cima da colina... fazenda é...().

(Aluno?) – tu mora dentro do matu.

P – certo. - presta atenção... Preste atenção... - é::... Vocês... É::... Utilizam a mesma forma de falar... Igual a de quem mora numa grande cidade?

(Alguns Alunos) – não...

P- existe diferença?

(Alguns alunos) – existe...

P- alguém poderia me explicar que diferença é essa?

(Aluno?) – o carioca comu...

(Aluno A05) – tem doi jeito de falar...

(Aluno A03) – fala aí, comu no carioca... Depois tu fala nodestino de novo...

(Aluno?) - oxi...

((breve silêncio e risos depois))

Professora- e aí, Fer... A04?

(Aluno A04) – oi?

(Aluno A03) – tem doi... (Na sala, há dois alunos que se chamam A04. Por isso, o aluno disse que havia dois).

P – os dois... Os dois... Eu quero ouvir os dois... Qual é essa diferença? Na forma de falar... De vocês que moram numa pequena cidade para alguém que mora numa cidade grande... Como por exemplo... João Pessoa? Existe alguma diferença ou é tudo a mesma coisa? Todo mundo fala da mesma forma?

(Aluno A07) – da mesma maneira...

P- ahnn?

(Aluno A07) – da mesma maneira...

(Aluno A04) – não... É diferente...

P – quais diferenças?

(Aluno?) - o sotaque...

(Aluno A05) – tem um que é mais avoroçado...

((risos))

P – fala uma palavra em cima da outra?

(Alguns Alunos) – é...

P – É... Deixa eu perguntar aqui pra vocês... Em algum momento... Vocês já foram repreendidos duramente por alguém... Não precisa falar nomes... E tal... Pela maneira como vocês falam?

(Aluno A03) – eu já...

P – alguém já repreendeu...

(Aluno A0) – eu...

(Alguns alunos) – já...

P – Já? Todo mundo aqui?

(Todos os alunos) – já...

P – e como vocês se sentiram nessa ocasião?

(Aluno A05) – Bagunçado...

P – Bagunçado?

((os alunos começam a falar ao mesmo tempo))

P – se senti mal? No caso... Esse mal seria o quê, A04? Já... Já aconteceu isso contigo... A04?

(Aluno A04) – já...

(Aluno A05) – na brincadeira...

P – contigo também A18?

((o aluno balança a cabeça positivamente))

P – vocês se sentiram como no momento?

(Aluno A01) – num aconteceu comigo... Não...

(Aluno?) - eu me senti mei triste...

P – fica triste... né?

(Aluno A02) - mei pra baxo... né? qui tá querendo ser mai que eu...

P – que a pessoa... Ocorre que você tava querendo ser mais do que você?

(Aluno A03) – É'...

(Aluno A04) – ahnn... Não dizer nada... Se corrigisse assim... Normal...

(Aluno A02) – É... Depois... Essa pessoa mermo... outra vez... Fala até...

P – essa pessoa faz o quê? Também fala o quê?

(Aluno A06) – errado também...

P – Também fala errado?

(Aluno A02) – É... É...

P – É no...

(Aluno A02) – mai... mai que corriji a pessoa...

P – mas no caso... Você... Você... Você acha... Você considera... Presta atenção no que eu vou falar pra vocês... É bem sério... Queria ouvir também as meninas... Você considera que essa pessoa corrige você... Porque você falou errado?

(Aluno A06) - num considero...

P – considera?

(Aluno A01) – eu considero não... vei...

P – considera não? Por que você acha que não?

(Aluno A01) – quem tá falando é a pessoa... E como é um só... Se senti metendo na vida do zoto...

Professora – tão se intrometendo na vida dos outros?

((os alunos falam ao mesmo tempo))

Professora – só um minutinho... - vamos ouvir aqui o colega... Fale (frase exclamativa) fale (frase exclamativa)

(Aluno A02) – porque... através qui eu falo com a pessoa... Aquela pessoa de que tô errado e tal... Notos cantos... Eu já vó falar o certo quela falô...

P – certo... aí... Eu perguntei se vocês em algum momento já foram repreendidos duramente “com” alguém porque falaram de uma certa maneira... Vocês já me disseram que já... a maioria... né? A maioria disse que sim... Mas... Em algum momento... Vamos fazer o papel inverso... Em algum momento... Vocês já fizeram isso com alguém?

(Aluno A03) – eu já...

((todos falam ao mesmo tempo))

(Aluna 08) – eu...

(Aluno?) – eu já...

(Aluno A01) – esse minino do pênalti... Eu que falei... FEssora...

((risos))

(Aluno A01) – eu que corriji ele...

(Aluno A02) – até com minha madrinha... (risos)

Professora – com sua madrinha?

(Aluno A02) – ela fazia comigo também...

P – isso... Isso dentro... Isso aqui é::... Essa... Essa... Maneira de corrigir que vocês falaram...

Aconteceu aqui dentro da escola ou fora da escola.

((os alunos falam ao mesmo tempo))

(Aluno?) – foi...

(Aluno?) - aqui na escola...

(Aluno A04) – aqui já aconteceu comigo.

Professora – aqui na escola? Aqui já aconteceu com você... A pessoa já te repreendeu de forma muito dura?

(Aluno A08) – o professor chamou...

(Aluno A04) – já.

Professora – e a pessoa... Como é que a pessoa se senti? Envergonhada? Como é que a pessoa se senti?

(Aluno A04) – envergonhado... Triste e acha que a outra pessoa... A outra pessoa quer passar por cima da pessoa...

(Aluno?) – e retardado...

(Aluno A02) – e também fala errado...

Professora – e... No caso... Você acha... Fica pensado que você que você é o que... Retardado?

(Aluno A03) – retardado...

Professora – e... Quando essa pessoa faz isso... A partir desse momento... Que essa pessoa fala isso... É::... Corrigi você dessa maneira... Dessa forma... Vou usar aqui o termo... Dessa forma negativa... Como é que fica... A partir de então... Pra você conversar com essas pessoas? Você se senti à vontade pra conversar com essa pessoa... A partir daí ou você fica envergonhado? Você evita de falar com essa pessoa?

(Aluna A08) – intão...

(Alunos?) - eu evito...

Professora – quem evita de falar?

(Aluno A06) – eu...

Professora – a maioria evita de falar... Justamente pra não ser corrigido?

((a maioria dos alunos acena com a cabeça positivamente))

(Aluno A03) – ixatamente...

Professora – entendi...

Professora – É... Olha só... os modos... Os modos... Quando eu digo modo é o jeito... A maneira... Tá certo? Os modos de uso da língua frequentemente é... Podem gerar estranhamento... A forma que você fala ou a forma que alguém fala com você pode causar um estranhamento... Isto é... O que seria esse estranhamento? Pessoal... “vamo” fazer silêncio (frase exclamativa) É::... Seria levar as pessoas a serem julgados de forma positiva ou...

(Aluno?) – negativa...

Professora - negativa... tá... De acordo com a maneira que você fala... Por exemplo... Vocês falaram aqui que já foram frequentemente corrigidos por alguém de forma dura... Que vocês se sentiram tristes... É... A partir de então não... Não... Não... Não tiveram... Evitaram falar... né? Ficaram aborrecidos e sentiram que essa pessoa queria ser... Queria ser mais do que você... né isso?

(Aluna A08) – É...

Professora – Então... tô dizendo que os modos de uso da língua... O modo que a gente fala... Frequentemente... Pode causar estranhamento... A gente pode estranhar o modo que alguém falou... Alguém pode estranhar a forma que a gente fala... né? E o quê... Esse estranhamento causa? Esse estranhamento leva... É... Leva as pessoas a serem julgadas de forma positiva e de forma...

(Aluno A06) - negativa...

P – negativa... Tá certo. Então... Diante disso... Preste atenção... Você... - essa pergunta é individual... Eu queria que cada um falasse um pouquinho... - você já se sentiu discriminado pelo seu modo de falar dentro... Aqui na escola... Ou fora dela?

((alguns alunos acenaram com a cabeça que sim))

(Aluno A05) – eu já senti por mim mermo...

(Aluno A04) – já...

Professora – já? Eu queria que cada um falasse um pouquinho... A05... Que começou... Você já sentiu isso aqui na escola? Já sentiu discriminado?

(Aluno A05) – por mim mermo...

Professora – você se sentiu discriminado... Como assim, A05? Não entendi...

(Aluno A05) – assim é...

((risos))

Professora – A04... Diga aí...

(Aluno A04) - o quê?

Professora – você já se sentiu discriminado pelo seu modo de falar?

(Aluno A04) – já...

Professora – aqui... Dentro da escola ou fora dela?

(Aluno A04) – já... Nos dois...

Professora – nos dois lugares... É::... Como isso aconteceu? Queria que você me contasse exemplos... Assim... Não precisa citar nomes de ninguém...

(Aluno A04) – tava falando cum o minino sobre outra minina... Aí chegou uma pessoa e disse que... Mandou baixar o tom de voz... qui tava falando muito outo qui tava xingando ota pessoa...

Professora – então... A pessoa te repreendeu num foi pela forma que você falou... Foi pelo tom... Você tava falando alto... E então, A04? Já aconteceu contigo você já se sentiu discriminado pela sua forma de falar? Alguém já tratou você de forma negativa porque você se comunica de determinada maneira...

((o aluno acena com a cabeça que positivamente))

Professora – como é que você percebeu isso? Que você foi discriminado?

((o aluno dá uma resposta muito baixa... ininteligível))

Professora – ahnn... Como é que você notou isso? Hunn...?

((breve história contada pela professora para contextualizar))

Professora – quem já sentiu isso, essa discriminação?

((alguns alunos acenaram com a cabeça positivamente))

Professora – você ficou triste?

(Aluno A05) – arrasado...

P – e o meu amigo ali... Que tá desenhando... Já sentiu isso?

(Aluno A18) – não...

Professora – nunca foi? E você... Nunca? A18... Já aconteceu contigo... A18? Você já se sentiu discriminada pela sua maneira de falar? Alguém tratou você de forma negativa... Pela forma que você fala?

((a aluna, muito tímida, acena com a cabeça positivamente)).

P – A08?

((a aluna responde acenando que não))

Professora – NÃO? (frase exclamativa)...

Professora – A017?

(Aluno A02) – eu já... Só que foi com minha prima... Só que a diferença que di qui ele foi discriminado... E eu não... Foi cum a minina...

Professora – como foi? Você poderia contar pra gente?

(Aluno A02) – tá... Tá a rente tava... Eu tava é::... Ela foi inventar uma mentira e... Falar a verdade. Aí minha madrinha mandou eu baxa a voi... Começo a dizer tá e coisa...

Professora – e A06?

(Aluno A06) – inhora?

Professora – e aí... A06... Tu já se sentiu discriminado pela tua forma de falar? pela forma que você pronuncia as frases? Já se sentiu?

(Aluno A06) – já não...

Professora – não... E você? É A18... né?

(Aluno A18) – não...

Professora – não...

(Aluno A02) – talvez já pode ter acontecido e ele não sabe contar... né...

((vozes ininteligíveis))

Professora – e aí... Eu já perguntei... Eu acho que já perguntei a vocês... Se vocês também... Eu disse... Já aconteceu o inverso... né... vocês já trataram alguém de forma positiva ou negativa?

((vozes ininteligíveis))

Professora- baseado na forma que essa a pessoa fala? Por exemplo... Alguém fala uma palavra que você considera que tá errada e você fica mangando daquela pessoa... Rindo?

(aluno A05) – eu já...

(Aluno A04) – eu já...

((muitos alunos disseram que já ao mesmo tempo... entre risos))

Professora – ou então você corrigi a pessoa no ato... Assim?

[...]

(Aluno A03) – “eu vou no banHEro”.

(risos)

(Aluno A03) – no banHEro... Não...

(Aluno A05) – é ao banheiro...

(Aluno A04) - Ao banheiro... pó...

Professora – É verdade... Agora... Escutem essa... tá... Prestem atenção (frase exclamativa)... A linguagem pode evidenciar... Ou seja... Pode mostrar quem somos socialmente... Isto é... Nossa posição social... Nosso grau de escolaridade... Nossa timidez ou agressividade... Nosso gosto... Nossa cultura... Nosso grupo ou nossa tribo... Enfim... Pela linguagem... Mostramos nossa forma de ser e de ver o mundo... Vocês concordam? É possível... A gente percebe pela

linguagem... Pela forma que alguém fala se essa pessoa estudou mais ou menos? Vocês acham ou não? É tudo a mesma coisa?

((os alunos acenam com a cabeça que não))

Professora – é não... A mesma coisa não? Por exemplo... Uma pessoa... Então... E também uma pessoa que mora... Que mora não... Isso a gente já falou... Uma pessoa de mais idade... Ela se comunica... Ela fala da mesma forma que uma pessoa que... Que... Que seja mais jovem?

(Aluno A05) – NÃO...

Professora – há diferença? Vocês já observaram isso na casa de vocês?

(Aluna A08) – já...

(Aluno A06) – Já...

((muitos alunos responderam que já, ao mesmo tempo))

Professora – já observaram... Alguém teria algum exemplo pra dá?

(Aluno A03) – “poiTEra”

Professora – “poiTEra?” que quer dizer o quê?

(Aluno A04) – porTEra...

Professora – PorTEIra. Alguém teria outro exemplo?

(Aluno A05) – “CaCEla”... caCEla...

Professora – Que é “caCEla”?

(Aluno A06) – CanCEla...

(Aluno A05) – “CEla”...

(Aluno A01) – DentaDUra...

Professora – CEla? CaCEla...

((risos))

Professora – quem é que fala caCEla?

(Aluno?) – falava...

(Aluno A05) – “amaLElo”.

(Aluno A03) – “muiÉ”.

(Aluno A07) – muLHER.

Professora – muiÉ? E essa diferença... Vocês observam... Mas jovens... Entre os mais jovens e mais velhos... Mas vocês não... Por exemplo... A04 é... A05 o disse que A18 fala também...

(Aluno A18) – falava...

Professora – exemplo... O meu pai... Ele tem oitenta anos e é uma pessoa que sempre morou na zona rural... E meu pai tem... Na fala dele... Muita coisa da zona rural... E::... Eu... De vez

em quando... Me pego falando essas coisas assim... Por exemplo... “ô tem um moi de coisa pra fazer”... Um moi de coisa é um monte de coisa... Isso acontece com vocês de pegarem esse jeito de falar do avô e a gente... né... Usar?

((os alunos acenam com a cabeça positivamente))

Professora – por que vocês acham que acontece isso?

(Aluno A01) - porque nasce na Paraíba...

Professora – somente porque é da Paraíba... homi?

((os alunos falam ao mesmo tempo))

Professora – é o quê... A04? ((o aluno falou baixo))...

(Aluno A04) – NAda não...

(Aluno A01) – nos Estados Unidos... né... É porque nasce na Paraíba...

(Aluno A02) – né... Só poque nasceu na Paraíba... Não...

(Aluno A04) – dexa de ser preconceituoso... miNIno...

Professora – eita (frase exclamativa)... A04 falou uma palavra aí... Deixa de ser o quê?

(Aluno A04) – preconceituoso...

Professora – você acha que isso é preconceito?

((o aluno responde que sim com a cabeça))

(Aluno A02) – sim...

Professora – por exemplo... Por exemplo... Trata uma pessoa de forma posi/negativa pela forma que a pessoa fala? Será que existe esse tipo de preconceito?

(Aluno A06) – CRAro...

(Aluno A05) – acho que sim...

Professora – tem? Acho que... Isso é preconceito ou não? Ou só existe preconceito por opção sexual... Em relação... Existe também esse preconceito em relação a forma que fala?

(Aluno A04) – humrum...

(Aluno A05) – não sei...

Professora – alguém aqui... Por exemplo... Não sei vocês já ouviram casos de parentes? Eu já vi casos de parentes e pessoas da região Nordeste... Da nossa região... Quando se mudam para uma grande cidade ou vão pra outra... Outras regiões do país perdem sua forma de falar... Sua característica de fala... Porque elas ficam com vergonha... Já ouviram? Ficam com vergonha de falar daquela... Da sua maneira... né... Do jeito que aprendeu... Do jeito que... De mostrar sua raiz através da linguagem... Vocês acham que isso acontece?

((os alunos afirmam que sim com a cabeça))

(Aluno A02) – a pessoa que eu falei agora...

Professora – é o quê?

(aluno A02) – a pessoa que eu disse que quer ser mais do que o zoto...

Professora – a pessoa que veio de João Pessoa.

(aluno A02) – é...

Professora – por que quer ser mais? por que fala de forma diferente?

(Aluno A02) - É... É...

(Aluno?) - meu primo...

(Aluno A05) – chama a gente de matuto...

((muitos alunos concordaram com A05))

(Aluno A07) – tipo João é matuto... pressora...

Professora – chamaram você de matuto... é? Chamam vocês de matutos...

((os alunos confirmam))

(Aluno?) – a primeira coisa é que olham logo sua “RÔpa.”

(Aluno A02) – aí quando veem uma coisa assim... “mai” diferente assim... Chamam você logo de matuto...

(Aluno A06) – dizem que são um mÓI de matuto... fessora... porque ele mandou eu pedi o Whatsapp da nega pá ele... Não fui... Aí eu chamei ele de matuto...

((pedi silêncio à turma))

(Aluno A05) – meu primo me chamou de matuto... Eu dei um murro no “oi” dele...

P – dá um muro no olho? “vigi” que violência (frase exclamativa)

((risos))

(Aluno A01) – é os paraibanos...

((os alunos falando ao mesmo tempo))

(Aluno A03) – meu primo que mora em Campina Grande... Dá vontade de dá um cascudo naquele “boy”...

((consigo perceber que estão contando um para o outro quando foram taxados de matuto – me pareceu que quase todos já passaram por isso))

(Aluno A04) – só quer ser rico... mai num é...

Professora – mas ele (A02) falou aqui em relação à questão da roupa... Isso acontece também pela forma de falar...

(Aluno A07) – acontece...

((muitos alunos respondem ao mesmo tempo – ininteligível))

(Aluno A05) – minha tia mandou eu ir pá casa...

Professora – dizem o quê... A04?

(Aluno A04) – que a pessoa tá fora da moda...

(Aluno A03) – É... É...

Professora – mas vocês... Pronto (frase exclamativa)... Vocês citaram... ÊI... Você estão citando a questão de roupa de... De vestimenta... Mas vocês acham que isso acontece na forma de falar?

(Alunos A05 e A04) – humrum...

Professora – a pessoa discriminar você porque você fala de determinada maneira... Porque você é do:... Do interior?

(Aluno A02) – aí a pessoa vai pra João Pessoa... Aí a pessoa fala já cum... outra vai tal... Aí... Chama você de matuto... ÓIA o matuto ali, vÊI do sítio e tal...

(Aluno A03) – É...

(Aluno A06) - É do sítio... vÊI do sítio mermo...

((mostrei pra eles uma tirinha que trás a questão do preconceito para que pudéssemos levantar mais questões e debater))

Professora – aí... Ela pega o papagaio e volta e diz... “vim devolver o seu papagaio”... Aí... O dono diz “Argum pobrema”?

((risos))

P – como é A04?

(Aluno A04) – já sei com quem ele aprendeu...

P – aprendeu o quê?

(Aluno A04) – esses nomes tudo errado...

P – aprendeu com quem? Com o vendedor... né? Então veja... Psiu (frase exclamativa)... O humor da tira é construído a partir das diferenças de uso da língua portuguesa... Olha só... As diferenças de uso da língua portuguesa... O papagaio utiliza a língua... né... De forma... A mulher utiliza a de outro... No primeiro quadrinho... O papagaio fala algumas palavras que causam estranhamento... Vocês conhecem alguém... Psiu (frase exclamativa)... - vocês conhecem alguém que fala assim... Igual a esse papagaio aí da tirinha e esse dono da loja?

(Aluno A06) – A03...

(Aluno A03) - eu?

(Aluno A06) – você fala errado...

(Aluno A03) - eu?

(Aluna A11) – a minha vó...

Professora – a sua vó utiliza dessa maneira?

(Aluno A05) – minha mãe... Meu pai...

Professora – sua mãe e seu pai?

(Aluno A05) – pai... Pai erra muito... Psiu... Eu corrijo pai di mÁI, miNIIno...

Professora – você corrige seu pai?

(Aluno A05) – fala muito...

(Aluno A03) – num corrija não... Porque ele nasceu primeiro do que tu...

Professora – É... E simplesmente porque o papagaio fala as palavras de forma diferente ou tem um motivo maior por trás...

(Aluno A04) – preconceito...

Professora – por causa do preconceito? Por conta da linguagem do papagaio? Quem tem um papagaio em casa... Geralmente gosta de se exibir quando chega visita em casa... né? “ÊI... vem vê meu papagaio... ele fala assim... assim... assim... assim... né verdade? é verdade... tem papagaio em casa... tem esse hábito... então... a mulher talvez... vocês acham que a mulher queria que os visitantes... as pessoas que fossem visitá-la... que o papagaio aprendeu a falar daquela forma com ela? será que foi isso?

(Aluno A04) – foi...

Professora – que fez com que ela dissesse não (frase exclamativa) vou devolver... Porque eu não quero que as pessoas pensem que ele aprendeu a falar comigo ou não?

(Aluno A03) – foi...

P - e isso é o quê? O que essa mulher fez?

(Aluno A09) – preconceito...

Professora – É preconceito... né? Ela teve preconceito pelo modo de falar... E::... Veja... Esse modo de falar... A gente entendendo na tirinha... Que partiu do antigo dono dele que falava desta...

(Alunos) – forma...

Professora – dessa maneira... Dessa forma... Certo...

[...]

Roda de Conversa com discussões sobre a Tira da Turma do Xaxado de Antonio Cedraz, Figura – 4, (CEDRAZ, 2012, p. 67)

((São dadas orientações e exortações para participação de todos os alunos))

P – É... Então a gente vai voltar a falar [...] a gente vai voltar a falar sobre variação linguística e eu preciso ouvir vocês... Na aula passada... É... Naquela aula... Eu pedi que vocês falassem...

Eu quero... Já que vocês falaram bastante naquela aula... Eu quero que vocês falem mais... tá... [...] vamo fazer a leitura dessa tirinha... Essa tirinha... Vamos ler a tirinha? Não se preocupe com as perguntas que tem aí não... No momento... Quero que vocês se preocupem em ler essa tirinha... É... Leitura da tira em que Marieta conversa com o Et [...] vocês conseguiram entender?

(Aluno A05) – acho que sim... Penso que não...

(Aluno A03) – porque ela pensa que ele é doido...

P – porque ela pensa que ele é doido?

(Aluno A03) – porque ele num sabe escrever... Num sabe falar...

P – por que ele não sabe escrever... Num sabe falar?

(Aluno A04) – não... ((ininteligível))

P – Por que o quê?

(Aluno A04) – porque não tem como acabar com os problemas em nosso país...

P – por que o quê?

(Aluno A03) ((repetindo o que o colega falou anteriormente)) – porque não tem como acabar com os problemas em nosso país...

P – eu entendi... Mas::... Mas aí dá pra gente identificar quais são esses problemas?

(Aluno A07) – acabar com a corrupção...

Aluno? – ele quer acabar com os humanos...

P – Ah::... Ele quer acabar com os humanos?

(Aluno A05) – não tem como ver... O fim da corrupção no Brasil...

P – Ah::... Entendi... Entendi... [...] inteligente em outros planetas... Tá certo? (frase exclamativa) alguém falou porque ela não iria conseguir acabar com os problemas em nosso país... Outro falou porque::... Pela forma que::... Que::... Que o ET fala... Enfim... Agora vamos ler as questões... tá... Eu queria que agora a gente fizesse a leitura... Eu quero que vocês escutem cada perguntinha... Presta atenção cada um... Viu... Antes de mais nada... Coloque o nome de vocês aí no... ((orientações para os alunos preencherem a ficha de identificação da atividade))

P – lê... Por favor... A01... ((alguns alunos iniciam a leitura das questões)) alguém poderia ler? Vamo ler todo mundo... Então?

((a aluna A08 inicia e conclui a leitura))

P – Muito bem... Obrigada... A08 (frase exclamativa)... A construção... Onde tá assim... Ó... No último quadrinho... A garota afirma...

(alguns alunos complementam a leitura da questão) – Que não existe vida inteligente em outros planetas...

P – ela diz isso... né... Olha só a pergunta... “A construção do humor da tira se dá a partir da conclusão de Marieta sobre a interação com ET”... Ela tem uma interação... Ela tem um contato com o ET... E a partir desse contato com o Et... Ela tira uma conclusão... Ponto... No último quadrinho... Ela afirma que não existe vida inteligente em outros planetas... Né isso? (frase exclamativa)... Letra “A”... Por que Marieta chegou a essa conclusão? Por que é que Marieta disse que não existe vida em outro planeta?

(Aluno A01) – não sei...

(Aluno A05) – É...

(Aluno A03) – não existe vida em outro planeta?

P – não existe vida “inteligente”...

((muitos alunos falam ao mesmo tempo))

P – não... Não é pra escrever nada... ((respondendo a um aluno))

(Aluno A05) – é pessoal... né... Essa pergunta?

P – não... É de acordo a...

(Aluno A08) – texto...

P – a tirinha...

(Aluno A03) – porque ela tava se achando...

P – em que sentido? Por que ela queria ser...

(Aluno A05) – ela queria ser mai que os ZÔto...porque ela num é inteligente...

(Aluno A07) - ela queria ser professora?

P – é por que ela queria ser professora?

(Aluno A03) – não... Se ela quisesse ser uma professora tinha dito ali... Né?

P – por que que vocês acham que ela chegou a essa conclusão?

(Aluno A07) – ela queria ser mais inteligente que os zotos... Eu acho...

P – alguém conseguiu perceber por que ela chegou a essa conclusão?

(Aluno A04) – por causa da linguagem do ET...

P – por conta da linguagem do ET?

(Aluno A05) – pode ser...

P – tem algo de errado com a linguagem do ET?

(Aluno A05) – tem... “pobrema”... ((citando o que o ET falou))

P – A04 disse “por causa da linguagem do et...” tem algum problema com a linguagem dele?

(Aluno A07) - acho que tem...

P – tu acha que tem?

(Aluno A07) – acho.

P - qual será esse problema... A07? Por que ele diz é... “Pobrema”?

(Aluno A11) – É...

(Aluno A07) – acho que é...

P – então... Por isso que ela diz que ele::... Que não há vida inteligente em outro::... Em outro planeta? Tudo bem... Vamos seguir...

(Aluno A04) – professora...

P – Oi...

(Aluno A04) – eu tô lembrando da outra aula... ((o aluno conta algo que ocorreu na aula passada))

P – essa conclusão de Marieta... Ela se justifica? Ela é certa?

(Aluno A01) – Sei lá... homi...

(Aluno A05) – É...

P – A04 disse que é por conta da forma que o ET fala... E aí até A05 [...] a letra “B” diz assim... ((intervenção por causa de conversas paralelas)) essa conclusão de Marieta... Isso dela dizer que não existe vida inteligente em outro planeta... Isso se justifica? Somente pelo fato do ET falar de uma forma diferente? Vocês acham que isso é::... Como é que eu posso dizer... Vocês acham que isso é::... É justo?

(Aluno A01) – é justo...

(Aluno A07) – é não, professora...

P – por que não?

(Aluno A05) - porque existe vida em todos os planetas...

(Aluno A11) – desde quando? (frase exclamativa)

((Risos e conversas paralelas))

(Aluno A11) – tá bom...

(Aluno A04) – por que cada um fala do seu jeito...

P – porque cada um fala do seu jeito? Então... Se justifica o que ela falou de dizer que não há vida inteligente porque o ET fala de forma diferente? Não?

(Aluno A04) – não...

(Aluno A03) – não...

(Aluno A01) – sei não...

(Aluno A07) – sim...

(Aluno A12) – sim...

((Alguns alunos disseram que sim e outros que não))

P – vocês acham que sim ou não? Vocês acham que ela tem razão...

(Aluno A05) – tem razão não...

P – vocês acham que ela tem razão em dizer que não há vida inteligente em outro planeta somente pela forma que o::... Que o ET fala?

((muitos disseram que não ao mesmo tempo))

P – isso... /no caso/... Olha o que que ela tá dizendo em outras palavras

(Aluno A05) – só ela que é inteligente...

P - olha ela tá medindo a inteligência...

(Aluno A03) – dela com a do outro...

P - pela forma de?

(Aluno A04) – falar...

P – falar... Isso é justo? Isso é certo... Na opinião de vocês?

(Aluno A01) – é nada... home...

((outros alunos balançaram a cabeça em sinal negativo))

P – não? Vocês concordam que não?

(Aluno A05) – concordo que não?

P – Não? Por que vocês acham que não? Por que não é justo? Por que não é?

(Aluno A04) - porque cada tem sua maneira de falar...

(Aluno A01) – ela se acha de mai...

(Aluno A05) – quer ser mAI inteligente que o ZÔto...

P – Ela quer ser mais inteligente que os outros? Ok... A compreensão de Xaxado... Xaxado diz assim... ó... “e então Marieta... tu chegou a alguma conclusão?” ela diz “cheguei” ele diz “e qual foi? ((psiu))... A compreensão de Xaxado sobre a visita do ET é a mesma de Marieta? vocês acham que Xaxado tem a mesma compreensão sobre a visita do::... do ET... tem a mesma compreensão de Marieta?

(Aluno A03) – não...

(Aluno A12) – não...

P – por que não?

(Aluno A03) – porque ele é um ET e ela é uma menina...

P – por que ele é um ET e ela é uma humana?

(Aluno A03) – porque ele só tem cabeça e oi...

(Aluno A01) – e ela também...

((risos))

P – não... Não... Olhe... Marieta... Pela fala... Ei... Marieta... Pela forma de falar do Et é::... Marieta chegou à conclusão que não existe vida inteligente em outro planeta... Xaxado chegou a essa mesma conclusão que ela... Não?

(Aluno A04) – não...

Alunos – não ((muitos falaram ao mesmo tempo))

P – a compreensão dele sobre a visita do ET era a mesma que ela?

Alunos – NÃO ((muitos falaram ao mesmo tempo))

P – por quê? Por que vocês acham que não? Olhem pra tirinha...

(Aluno A11) - diga de novo aí... Professora...

(Aluno A01) – porque ele vem de outro planeta...

P – Marieta concluiu né... Pela forma que o ET fala que não existe vida inteligente... É::... que não existe vida inteligente em outro planeta... Tá bom... Esta foi à conclusão de Marieta... Mas e Xaxado? Xaxado teve essa mesma compreensão sobre a do::... Do ET? OU ele teve uma outra compreensão? Ou ele... Vamos dizer assim... Ele esperava outra resposta... Na opinião de vocês?

(Aluno A03) – outra resposta...

(Aluno A04) – ele ficou assustado...

P – Ele ficou assustado também com a::... Com a::... Resposta dela... né? (frase exclamativa) olha... Olha a forma que ele olha pra Marieta...ele fica tão surpreso com a resposta... Talvez realmente não seja isso... Não... Não tenha sido isso que ele estivesse esperando ouvir... Talvez não tenha sido essa... Não tenha sido essa a conclusão que ele quisesse que Marieta é::... Viesse a ter... Pessoal... [...] tirinha... Ainda sobre a tirinha... A questão número dois diz assim... /presta atenção... Todo mundo/ (frase exclamativa) “O ET emprega a língua de forma diferente da norma padrão”... /presta atenção, que isso é sério, viu.../ e o que seria essa norma padrão da língua? A norma padrão seria um modelo para manter uma certa unidade da língua falada e escrita... A norma padrão é o dizem por ai é a que vem registrada aqui... Ó... ((mostrando um dicionário para os alunos)) no dicionário... Nos livros de gramática... Tá... Esta norma padrão... Ela serve como modelo... Como modelo para que a gente possa em determinadas situações... Se guiar em relação ao emprego da língua... O que que tá escrito aí? Da língua fala e da língua o quê?

(Aluno A08) – escrita...

P - escrita... [...] emprega a língua de forma diferente da norma padrão é::... Baseado nisso que eu expliquei... Mesmo assim... Na letra “A” [...] mesmo assim é possível compreender o que

disse o ET? Mesmo ele falando dessa forma diferente... Nós conseguimos compreender o que o ET falou?

(Aluno A01) – não...

(Aluno A08) – sim...

Alunos – sim ((outros alunos disseram que sim, ao mesmo tempo))

P – Sim ou não? Quem é que acha que sim... Levanta a mão... Três pessoas só? Quatro... Cinco... Seis? O restante acha que a gente não conseguiu o que o ET falou... Por que ele falou de uma forma diferente?

(Aluno A01) – é...

P – veja... O ET disse assim... Ó... “escute... terráquea... nós veio em paz”... Dá pra entender o que ele quis dizer com isso?

(Aluno A05) – dá...

P - “terráquea”... Ele tá falando com quem?

(Aluno A18) – com a menina...

P – com Marieta... Com a menina que mora aonde? “Terraquea”... Por que ela é de onde?

(Aluno A11) – da terra...

P – da terra... “nós veio em paz”... O que que ele quis dizer com isso?

(Aluno A03) – que não queria arrumar problema...

P – ele não veio em guerra... Ele não veio pra arrumar problema... Ele veio em paz... É uma missão de paz... Mesmo ele falando... Organizando as palavras dessa maneira... Dá pra gente entender o que ele falar ou não?

(Aluno A03) – dá...

(Aluno A04) – dá...

P – dá pra gente entender... Se... /continuando/... “a gente temos a missão de acabar com os pobremas dos humanos na terra”... deu pra gente entender o que ele quis dizer? Mesmo... Por exemplo... Na palavra “pobrema”... Problema ele dizendo “pobrema” ((pronunciando bem devagar)), a gente consegue entender a mensagem? Veja... Mesmo ele usando a língua de uma forma DI... Diferente... Nós conseguimos sim entender o que o ET falou... Então o que que a gente pode tirar disso? Que lição a gente pode tirar disso... Na opinião de vocês? Existe alguma lição que a gente pode tirar disso? ((os alunos não souberam responder))... Se Marieta fosse o ET... Como provavelmente ela /or/... Ela falaria... Eu pudei entre aspas... Ó... Como provavelmente ela organizaria as palavras que o ET disse? Como provavelmente ela diria... Mais ou menos... Isso aí... Na opinião de vocês? Como é que vocês acham que ela organizaria essa fala do ET? Ela diria da mesma maneira ou ela diria diferente?

(Aluno A04) – falaria diferente...

P – como é que vocês... Que ela falaria... por exemplo... Quando o ET disse... “Escute terráquea... nós veio em paz”... Como é que ela diria isso?

P – escute... ahamm...

(Aluno A17) – escute... Minha gente... A gente veio em paz... Sei lá...

P – escute... Minha gente... A gente veio em paz?

(Aluno A03) – não rimou...

(Aluno A17) – Escute... Pessoas... Sei lá... Sei não...

((risos))

P – como será que Marieta organizaria... A gente... Como?

(Aluno A04) – escute humana... A gente viemos em paz...

P – escute humana... A gente viemos em paz? Alguém tem outro palpite?

(Aluno A03) – escute amiga... Nós viemos em paz...

P – escute amigo... Nós viemos em paz... Olha só... É mais ou menos... /A03 chegou um pouco mais próximo... Né.../ ela dizia... Ó::... Ela diria mais ou menos assim... “escute terráqueo”... Porque ela seria uma ET feminina... né... “escute terráqueo”, nós... /A03 falou aí... / “nós viemos em paz”... né... Porque aí ó:: quando ele diz... “nós veio... nós veio”... Nós é plural, é mais de um e veio é singular. Então aí faltou fazer a concordância do “nós” com o verbo “veio”... Entendeu? Marieta faria essa concordância... Porque ela é uma menina que gosta muito de ler e tudo mais... E::... Na segunda fala dele, em que ele diz assim... “e então”... É::... “a gente temos a missão de acabar com os problema dos humano da terra”... Como que ela diria isso? Como é que ela falaria isso? “a gente temos a missão de acabar com os problemas dos humanos...” ela diria assim dessa maneira?

(Aluno A04) – não...

P – como é que vocês acham que ela falaria? Digam aí pra mim... Quero ouvir palpites... Num tenha medo de errar não... tá... Não tenha medo de errar...

(Aluno A03) – professora...

P – diga aí [...] como é que vocês acham que ela::... Como é que vocês...

(Aluno A05) – escute...

P – escute... ET... Continue... /é porque ela estaria falando com eles que seriam... ah... Não... Ele não seria o ET... Seria humano... Ela que seria o ET... Como que ela falaria para o... (a professora chama a atenção da turma) como é que ela falaria essa frase aqui... Ó... “a gente temos a missão de acabar com os problemas dos humanos da terra”?

(Aluno A04) – a gente tem a missão de acabar com os problemas?

(Aluno A05) – a gente teremos...

P – a gente o quê... A04? Você falou? Fale mais alto... Que eu não ouvi...

(Aluno A04) – sei mais não...

((risos))

(Aluno A03) – a gente tem a solução de acabar todos os pobremas...

((risos))

(Aluno A01) – a gente teremos...

P – a gente teremos...

(Aluno A07) – a solução de acabar com os humanos da terra...

(Aluno A17) – eita... Com os humanos da terra...

((risos))

[...]

P – A18... Tem algum palpite de como ele diria? Como será que Marieta... Se fosse o ET diria? Como será que Marieta se fosse o ET diria? É::... A gente temos a missão... psiu...

(Aluno A18) - a gente temos a missão de ajudar os humanos da terra...

P – a gente temos a missão de ajudar os humanos da terra? Seria isso?

(Aluno A01) – a gente tem a missão de...

P – a gente tem a missão de quê... A01? [...] /Bora... Gente.../ como vocês acham que ela diria? vamo... Gente... vamo lá... Como vocês acham?

(Aluno A04) – falei até errado já o nome “pobrema”... Eu já tô falando até errado já o nome “pobrema”...

((risos))

P – de tanto reproduzir o que o ET disse... né... A gente acaba até confundindo... É natural isso...

(Aluno A18)– é verdade... Professora...

P – vocês num acham que ficaria interessante... [...] /é o quê... A18? Não... Homem... Fala aí... A gente tá fazendo uma atividade oral ((após o silencio do aluno))[...] Os meninos aqui... é.../ A18... Como é que você acha que ele diria essa fala? É::... A gente temos a missão de acabar os pobremas...

(Aluno A11) – da terra...

P – dos humanos da terra... Como é que tu acha que ela diria isso? Faz uma ideia de como ela diria isso? Se ela... Por exemplo... Fosse o ET? [...] olha só... A04 disse... “a gente tem a missão de acabar com os problemas da terra”... Vocês acham que seria assim?

Alunos – Sim ((muitos alunos disseram ao mesmo tempo))...

(Aluno A07) – eu acho que sim...

P – sim... seria assim... Eu acho ainda mais... Eu acho ainda mais... Eu acho que... Pelo estilo de Marieta... Ela num ia colocar a gente... Ela ia dizer “nós”... Ela ia substituir o “a gente” por “nós”... Talvez... Ela dissesse... “nós temos a missão”... “temos a missão de acabar com os problemas dos humanos da terra da...”

(Aluno A04) - da terra...

P – da terra...

(Aluno A17) – a gente num sabe não o que ela ia falar não...

((risos))

[...]

P – as formas... /A07 leu aqui mais tinha um pessoal conversando... Teve colega inclusive que atrapalhou A07... A07 e A01.../ as formas de usar a língua podem levar as pessoas a serem julgadas positivas ou negativamente... Olha só... As formas de usar a língua podem... /olha só que coisa séria.../ podem levar as pessoas a serem julgadas positiva ou negativamente... Nós já conversamos sobre isso na aula passada... Num foi isso? (frase exclamativa)... O que pode GE... O que isso pode gerar... Gente? A forma da pessoa falar... Levando a pessoa a ser tratada de forma positiva ou negativa... Isso pode gerar o quê?

(Aluno A04) – raiva... Briga...

P – raiva... Briga? Por parte...

(Aluno A03) – uma grande amizade...

P – amizade?

(Aluno A04) - amizade é?

(Aluno A03) – É...

((risos))

P – Gabriel disse “raiva... briga... é... por exemplo... psiu...

(Aluno A04) – discussão...

P – Discussão? Por exemplo... Marieta disse que não existe vida inteligente em outro planeta baseado... Baseada no::... Na forma que o ET falou... Ela disse... “ó”... Não existe vida inteligente em outro planeta... Ela chegou a esta conclusão através da forma que o ET falou... Ela julgou o ET positiva ou negativamente?

(Aluno A01) – positiva...

(Aluno A04) – negativamente.

P – negativamente... Quando ela fez isso... Psiu... Quando ela fez isso... Ela foi o quê?

(Aluno A03) – ela foi...

[...]

P - quando ela...

(Aluno A03) - ela foi arrogante...

P - ela foi arrogante... O que mais?

(Aluno A01) – inteligente...

(Aluno A03) – inteligente... Boy?

P – Cê acha que ela foi inteligente de dizer que “não existe vida em outro planeta”? “vida inteligente em outro planeta”? Ela foi arrogante... O que mais? Que que ela gerou?

(Aluno A04) – ignorante...

P – ignorante... O que mais? Que que ela gerou?

(Aluno A03) – insensível...

(Aluno A17) – uma idiota... Uma otária...

P – sim... E como foi que ela tratou esse:... Esse:... Que sentimento ela provocou nesse ET?

(Aluno A04) – tristeza... Eu acho...

(Aluno A03) – tristeza...

(Aluno A07) – raiva...

(Aluno A03) – raiva... Ódio...

(Aluno A01) – olha a cabecinha dele... Chega ficou assim ó... Desanimado...

(Aluno A17) – a cabeça dele... Eu acho que caiu...

P – sem entender... né... E vocês acham que esse tipo de comportamento pode gerar aquilo que A04 falou no início da aula? Não sei se você lembra... Vocês lembram?

(Aluno A04) – eu me lembro... O quê?

P – que é uma atitude que leva a pessoa a ser julgada negativamente pela forma que a pessoa fala?... Isso pode gerar?... Quem lembra o que é? A pessoa julgada negativamente pela forma que a pessoa fala... Isso pode gerar o quê?

(Aluno A04) – raiva... Briga?

P – não... Isso aí é o sentimento que a gente sente... Mas isso tá gerando que tipo de coisa? Quem lembra?

(Aluno A17) – desgosto...

P – não... Isso foi uma coisa que A04 falou logo no início... pré... con...

Alunos - conceito... preconCEito ((alguns alunos completaram falando ao mesmo tempo))

P – Preconceito... Ó... A04 falou logo no início... Se através da língua as pessoas podem ser julgadas de uma forma positiva ou negativa... E neste caso aqui Marieta tratou o ET de uma

forma:... Ela fez um julgamento dizendo que em outro planeta não havia vida... Somente porque o ET falou daquela forma... Ela foi o quê? pré...

(Aluno A04) – preconceituosa...

P – preconceituosa... Ela julgou o ET... Simplesmente pela forma que ele fala... E olha... Eu perguntei a vocês... “pessoal... vocês conseguiram entender o que o ET falou... mesmo ele falando dessa forma?” conseguiram... né... Vocês entendem o que ele falou... Então... Houve... Será que porque ele falou dessa forma ele não é inteligente? Olha só... Olha que coisas grandiosas esse ET fala... Olha que coisas mais importantes... Olha que coisas mais relevantes do que a forma de falar o ET traz... Ó... “escute terráquea... nós veio em paz”... Ele tá querendo dizer que veio a terra e ele não quer o quê? (frase exclamativa)... Guerra... Ele não quer briga... Tá... Ele quer paz... Ele continua... Ó... “nós temos a missão de acabar com os problemas dos seres humanos...” isso num é muito mais relevante? Isso num seria muito mais relevante de ser observado do que a forma que esse ET fala?

(Aluno A04) – se ela tivesse prestado atenção no que ele falou... né...

P – ela não prestou atenção no conteúdo da fala... Ela prestou atenção em que?

(Aluno A07) – nele?

P – somente na forma que ele falou... Mas no conteúdo que é muito mais importante... Superior... Ó... Dizer que veio acabar com todos os problemas da terra... E olha que a gente tem muitos problemas... Isso aí é uma coisa extremamente superior... né? (frase exclamativa)... E ela só se preocupou com o quê?

(Aluno A04) – com a conversa...

P - com a forma que o ET falou... Então... Ela julgou esse ET como... Positiva ou negativamente?

Alunos - negativa... ((alguns alunos responderam ao mesmo tempo))

P – negativamente... eí... eí, psiu... Isso é brincadeira... Mas isso aqui tá chamando atenção muitas vezes... Pra uma coisa muito séria que acontece com a gente...

(Aluno A03) – verdade...

P – às vezes a pessoa tá falando uma coisa tão séria... Mas você só absorve dali uma palavra... Uma vírgula que a pessoa falou errada... Que a pessoa empregou errada... né? (frase exclamativa)... Por exemplo... Eu não sei se vocês já ouviram falar... Mas existe um poeta chamado Patativa do Assaré... Ele utiliza a língua de uma forma maravilhosa... Cheia de expressões regionais... Se eu não tiver enganada... Ele é cearense... E nos poemas de Patativa do Assaré... Ele diz verdades incríveis sobre a vida... Sobre a sociedade... Sobre o mundo...

Sobre o ser humano... Mas ele emprega as palavras bem::: parecidas... Da forma bem parecida que esse... Às vezes... Ele troca o “r” pelo “l”... Mas isso diminui a mensagem?

(Aluno A11) – não...

P – não... O conteúdo é muito mais importante do que a forma que ele fala... Então... A gente tem que começar a pensar em relação a isso... O que mais é importante... O conteúdo do que foi dito ou a forma?... Tá... Essa tirinha nos leva a pensar nessa situação... né... Pra nossa... aham?

(Aluno A04) – eu tirei um zero no quarto ano por causa disso...

P – por conta disso?

(Aluno A04) – a professora não prestou atenção no que eu tinha escrito... Só prestou atenção no que eu errei...

P – na forma que você escreveu... Ela não prestou no conteúdo do que você escreveu... Mas só na forma que você... Isso realmente acontece... né... Às vezes... Até pra gente... Alguém nos manda um texto com palavras tão bonitas... Mas se a pessoa escreveu uma palavrinha errada ali... A gente desconsidera toda aquela mensagem... Só foca naquela mensa... Naquela palavra que a pessoa falou... né... É:::... Então... Isso é um julgamento... Psiu... Isso é um julgamento o quê... Positivo ou negativo?

Alguns alunos – negativo...

P – isso produz o quê? Pre...

Alguns alunos - preconCElto...

P – preconCElto... Comecem... Olha aqui pra mim... Eu vou passar um desafio pra vocês... a gente não vai poder se estender mais... Mas comecem a observar isso... Comecem a prestar atenção sobre essas coisas no cotidiano de vocês... No dia a dia... Nas conversas que vocês têm com os amigos... Com os familiares... Comece a observar esse julgamento positivo e negativo que essas pessoas fazem... [...]

Continuação da transcrição das rodas de conversa com discussões sobre as Tiras da Turma do Xaxado de Antonio Cedraz, Figuras – 4 e 5, (CEDRAZ, 2012, p. 67)

[...] Atenção... Vamos conversar um pouquinho sobre esta tirinha... Depois de ter apresentado pra vocês a turminha do Xaxado... Tá certo. Depois vocês podem... Logicamente... Pesquisar um pouco mais... Ler um pouco mais quem tiver acesso à internet... Tá certo... A gente vai fazer a leitura de outras tirinhas... Mas neste momento vamos prestar atenção nesta tirinha... É:::... Não sei se tá dando pra ver direitinho... Mas de qualquer forma eu vou... Fazer a leitura

pra vocês que diz assim “escute terráquea...” cês tão entendendo a cena... né... Temos aqui um ET que chegou na terra e tal... Aí o ET diz assim... “escute terráquea nós veio em paz...” olha a cara de Marieta pra ele... Arregalou os olhos... né... “a gente temos a missão de acabar com os pobremas dos humanos da terra”... Xaxado tá meio assustado com a visita de um ET... Olha a carinha dele e Marieta tá assustada... Marieta tá espantada... Aí Xaxado diz assim... “e então Marieta... Tu chegou a alguma conclusão?” Aí ela diz assim... “cheguei”... “e qual foi?”... Aí ela olha pra o Xaxado e diz... “que não existe vida inteligente em outros...”.

Alguns alunos – planeta...

P – “planeta”...

(Aluno A09) – não entendi...

P – não entendeu?

Alguns alunos – NÃO (frase exclamativa)...

P – alguém entendeu?

Alguns Alunos – NÃO (frase exclamativa)...

(Aluno A10) – isso é uma pessoa vestida de ET?

P – isso é uma pessoa vestida de ET? Será?

(Aluno A11) – ah::... ((som de quem descobriu a resposta))

P - pra gente vê se.../psiu... Ei.../ por que o quê... A10?

(Aluno A10) – ela tá falando tudo errado...

P – quem tá falando tudo errado?

(Aluno A10) – o ET...

P – o ET tá falando tudo errado? Vamo lá (frase exclamativa)... Vamos as perguntas... Aí vocês vão acompanhando e eu quero ouvir as respostas de vocês... Lembrando que cada um tem que de uma... Fala... Esperar a vez do colega falar... Pra gente entender... tá... A construção do humor dessa tira se dá a partir da conclusão de Marieta sobre a interação com o ET... O ET vem a terra e é um ET mesmo viu... A10... E... Aí... Marieta tem uma conclusão sobre essa interação com o ET... Essa conclusão é que provoca o humor... Que traz a graça a essa tira... Agora... Atenção (frase exclamativa)... No último quadrinho... A garota afirma que não existe vida inteligente em outros?

Alguns alunos – plaNEtas...

P – plaNEtas... Essa é a conclusão que ela chega que não existe vida inteligente em outros planetas... Por que Marieta chegou a essa conclusão? Por que será que ela disse isso... Que não existe vida inteligente em outro planeta? Por que que ela achou que.../ no caso.../ por que que ela percebeu que não existe vida inteligente em outro planeta... Por quê?

(Aluno A10) – pelo fato do ET não falar certo...

P – pelo fato de quê? Pelo fato do ET não falar certo? Todo mundo concordo ou alguém tem uma visão diferente?

Alunos (a maioria) – sim:::...

(Aluno A09) – eu já sei porquê...

P – você concorda com ela pelo fato do ET não falar certo... Você concorda com esse ponto de vista... De A10?

(Aluno A09) – concordo e ainda tem uma prova aí... né...

P – tem uma prova... né... Daqui a pouco a gente vai pra essa prova que eu acho que você tá...tá apontando aí... Vamos ver se realmente é uma prova... Essa conclusão de Marieta.../psiu.../essa conclusão de Marieta de que “não existe vida inteligente em outro planeta”... Essa conclusão ela se justifica... Ela tem razão de ser?

((alguns alunos disseram que sim e outros que não. Outros fizeram sinal com a cabeça))

Alunos – sim...

Alunos – não...

P – não? Sim ou não? Quem acha que sim... Levanta a mão... Poucas pessoas acham... eita a maioria que sim que ela tem razão? Só uma pessoa aqui acha que não... “quela” não tem razão? Então... Eu vou... Quero ouvir a minoria... Por que que você acha que ela não tem razão?

(Aluno A14) – num sei...

P – você não é o único que diz que... Ela disse que não há vida inteligente em outro planeta... aí eu tô perguntando por que Marieta chegou a essa conclusão? voCÊs já me disseram... Aí eu pergunto... “essa conclusão de Marieta se justifica?” foi dito aqui pelo pessoal e vocês concordaram que Marieta disse que não existe vida inteligente em outro planeta... Porque o ET fala tudo errado... Como A 10 disse... Isso se justifica? Isso é correto? Isso realmente é uma conclusão a se chegar que o não é... Vamos dizer assim... Não é inteligente por que ele fala tudo errado? Tu concorda com isso ou não? voCÊs concordam com isso ou não? Quem concorda?

(Aluno A10) – eu tô meio em dúvida...

(Aluno A11) – É...

P – tá em dúvida? Por quê? Bora, gente... Eu quero ouvir vocês... Você acha que não se justifica é... A09? Por que não se justifica essa conclusão?

(Aluno A09) – porque primeiro ela não tem provas disso... Segundo ela viu o ET... Ela tava assustada porque não... Porque provavelmente ela não sabia que o ET existia... Mesmo ela sendo muito... Mesmo ela sendo inteligente...

P – mas tu acha... Mesmo ela sendo inteligente... Ela viu o ET... Ela ficou assustada... Mas tu acha que ela ficou assustada pelo fato do ET ser um ET? Foi essa a conclusão que ela chegou que não existe vida inteligente... Como foi que ela chegou a essa conclusão que não existe vida inteligente em outro planeta? Como que ela chegou a essa conclusão? O que levou ela a pensar nisso? Vocês me disseram que ela chegou a essa conclusão... porque o ET fala tudo errado... Aí... Eu tô dizendo... “essa conclusão dela se justifica”... Ou seja... Essa conclusão dela tem razão de ser? Tem razão? Porque ele fala tudo errado... Então... No caso... Os ETs falam tudo errado... Não existe vida inteligente em outro planeta? Fale... A11... Você levantou a mão...

(Aluno A11) – não... Assim... No caso como ela falou... A senhora perguntou por que ela teve essa conclusão... Porque eu acho que ela achou que só a gente assim que existe na terra... No mundo que estuda... Ela pensou que só a gente que estudava e só a gente que entendia das coisas... ou seja... Também quem... Também que não estuda sabe... Só que eu acho que ela pensou na mente dela... “ele não estuda... por que ele vai ser inteligente?” aí... Então... Acho que ela pensou essa conclusão...

P – mas tu acha que ela chegou à conclusão que ele não estuda... por quê?

(Aluno A09) – agora eu pensei um motivo pra ser “sim” e outro motivo pra ser “não”...

P – diz aí... A 09... Qual o motivo...

(Aluno A09) – é porque... Tipo... Que essa conclusão é porque o ET pode não... Falar outra língua... Mas ele tem que tentar estudar o português pra poder se comunicar com as outras... Só que ele não era muito inteligente... Mas pode ser não... Porque não tenha prova disso... Pode ser que essa espécie de ET fale uma língua parecida com o português...

P – ok... Vamos analisar... Vamos pra frente... né... Na letra “C”... “a compreensão de Xaxado sobre a visita do ET é a mesma de Marieta?” [...] /você acha que a compreensão que Marieta teve com a visita do ET... A compreensão que ela teve foi.../ qual foi à compreensão que ela teve? [...] que não havia vida inteligente em outro planeta... A compreensão de Xaxado é a mesma dela?

Alguns alunos – não...

P – por que vocês acham que não? Olha a carinha dele aí no último quadrinho... Ele parece surpreso ou não com a resposta de Marieta?

Alguns Alunos ((ao mesmo tempo)) – Sim::...

P – será que era isso que ele esperava ouvir dela?

Alguns Alunos ((ao mesmo tempo)) – não:::...

P – será que era essa a conclusão que ele queria?

Alguns alunos ((ao mesmo tempo)) – Não:::...

P – por que não? O que ele tava... Sei lá... Esperando ouvir aí?

(Aluno A11) – que não era um ET de verdade... Que era alguém que tava fantasiado?

P – que o quê? Que não era um ET realmente... Que era alguém que estava fantasiado? Será? Vamos analisar... né...[...] ela chegou a essa conclusão pela forma que o ET fala... Vocês me disseram... Aí... Eu perguntei [...] /a discussão aqui é essa.../ vamos esquecer a forma que ele tá vestido aí... Vamos pensar que realmente é um ET... Eu tô dizendo pra vocês que não é uma pessoa desfaçada de ET... É um ET... Realmente... Marieta diz que ele... Que em outro planeta não há vida inteligente... Eu perguntei pra vocês... Vocês me disseram pela forma que o ET fala... Aí eu perguntei... “essa conclusão de Marieta se justifica?” ela tem razão quando ela diz isso? (frase exclamativa) alguns disseram que sim... A maioria disse que sim... Outros que não... E eu disse... “a compreensão de Xaxado é a mesma de Marieta?” Xaxado tem essa mesma compreensão? (frase exclamativa) olha... No último quadrinho... A expressão de Xaxado... Me parece que não está... [...] me parece que essa não era a resposta que Xaxado queria ouvir... né... Olha como ele tá... Olha a expressão...

(Aluno A11) - tá surpreso...

P – olha a expressão de Xaxado... Olha como ele tá aí... [...] o ET emprega a língua de forma diferente da norma padrão... O que seria essa norma padrão? Seria um modelo para manter uma certa unidade da língua falada e escrita... Geralmente está registrada aonde?

Alguns alunos – no dicionário...

P – no dicionário... né:::... Nas gramáticas... Vez por outra... A gente tá vendo um assunto que traz uma regra gramatical... Na vida escolar de vocês... Vocês vão ver muitos assuntos relacionados a isso... né... É uma norma... É um modelo que serve de exemplo a ser seguido... Por exemplo... Por exemplo... Quando o ET disse assim... “com os ‘pobremas’”... Será que a palavra “pobrema” que o ET falou aí está registrada dessa mesma forma aqui no dicionário?

Alguns alunos ((ao mesmo tempo)) – Não:::...

P – não... né... Como estaria registrada?

Alguns alunos ((ao mesmo tempo)) – problema...

P – problema... não é... Então essa norma padrão que ela traz aí... Que a questão traz é mais ou menos um modelo pra que a gente possa seguir... né... Que todo mundo possa ler e

entender... Vamos dizer assim... Tá certo? (frase exclamativa) até aí... Tudo certo? Deu pra entender? Vamos pra primeira... “mesmo assim é possível compreender o que o ET disse?”

(Aluno A11) – sim...

P – mesmo usando essa língua... Empregando a língua de forma diferente da norma padrão...

A gente consegue entender o que ele fala... Sim ou não?

Alguns alunos ((ao mesmo tempo)) – sim:::...

P – todo mundo conseguiu compreender o que ele disse?

Alunos ((a maioria ao mesmo tempo)) – sim:::...

P – se Marieta fosse o ET... Como provavelmente ela falaria... Como provavelmente ela organizaria as palavras que o ET disse? [...]

(Aluno A10) – escute... Terráquea,nós viemos em paz...

P – A10 disse “escute terráquea...”.

(Aluno A10) – nós viemos em paz...

P – nós viemos em paz... Teria alguma outra forma da gente dizer a mesma coisa? Mas... Aqui... No caso... Ele tá tratando de Marieta... né... Como Marieta diria... [...] e a segunda? “a gente temos a missão de acabar com os pobrema dos humanos da terra”... Como é que Marieta provavelmente diria isso?

((muitos alunos falando ao mesmo tempo – ininteligível))

P – como?

(Aluno A11) – nós temos a missão...

(Aluno A10) – Nós temos a missão de acabar com os problemas dos humanos da terra...

(Aluno A11) – de acabar com os problemas...

P – com os problemas...

(Aluno A11) – dos humanos...

P – com os humanos da terra... Nós temos a missão de... Como tiraria o “a gente”... né... Ela como gosta de uma língua... De uma linguagem mais formal... É:::... Mais o quê... A11?

(Aluno A11) – organizada...

P – mais organizada... Ela tiraria o “a gente”... né... Nós temos a missão de acabar com os problemas dos humanos na terra... né...[...] gente... As formas de usar a língua podem levar as pessoas a serem julgadas positivas ou negativamente... né... Por exemplo... Marieta aí julgou esse ET de forma positiva ou negativa?

Alguns alunos – negativa...

P – olha que coisa interessante... Vocês me disseram que conseguiam entender o que o ET disse do jeito que ele disse... Vocês disseram... né... As formas de usar a língua podem levar as pessoas a serem julgadas positiva ou...

Alguns alunos – negativamente...

P – o que isso pode gerar, gente? Essa forma de julgar as pessoas pela forma que elas falam?

(Aluno A11) – confusão?

P – confusão?

(Aluno A11) – sim...

P – pode gerar o quê?

(Aluno A13) – intrigas...

P – intrigas...

(Aluno A10) – mágoa...

P – mágoa...

(Aluno A10) – *bullying*...

P – *bullying*? Ora... quem aqui num já sofre algum *bullying* e alguém falou... Porque usou uma palavra ou disse uma palavra de forma diferente? Quem aqui nunca ouviu isso? Todo mundo já viu né? (frase exclamativa)

(Aluno A11) – É...

P - Todo mundo já viu alguém sofrendo *bullying*... Sendo motivo de chacota... Porque falou uma palavra de uma forma diferente... Mesmo... Olha aqui... /tá pedindo pra explicar.../ explique porquê... O que gera esse comportamento... Esse julgamento positivo e negativo? Isso pode gerar uma coisa muito pior que vocês ainda não me disseram o que é... Em relação à fala... Ah::... Alguém falou baixinho aí... hamm? Pode gerar o quê?

(Aluno A10) – brigas?

P – briga já foi falado... Intriga já foi falado... Briga... Intriga... hamm? Pode gerar pre-con...

Alguns alunos completaram – ceito...

(Aluno A10) – eu já tinha falado... Professora...

P- eu ouvir alguém falar baixinho... Ouvi alguém dizer preconceito... Alguém falou bem baixinho preconceito... Aí... Eu perguntei... “hamm?” e ninguém repetiu... Mas eu ouvi alguém falar preconceito aí... Então ó... Essa forma... /psiu.../ essa coisa que muitas vezes as pessoas têm de julgar as pessoas de forma positiva ou negativa pela forma que a pessoa fala pode gerar preconceito... Explique isso pra mim... Alguém consegue explicar o porquê...

(Aluno A11) – oh... Professora...

P – diga...

(Aluno A11) - repete aí... Por favor... O que a senhora perguntou...

P – olhe... As formas de usar... De usar a língua podem levar as pessoas a serem julgadas positivas ou negativamente... Eu perguntei o que isso pode gerar? Vocês disseram... Briga... Intriga... *bullying*... Aí... Alguém falou bem baixinho aí “preconceito”... Vocês duas... né... É::... A18 e A10 falaram bem baixinho... “preconceito”... explique que tipo de preconceito é esse...

(Aluno A11) – é preconceito verbal...

P – preconceito verbal?

(Aluno A11) - Uhummm...

P – o que seria esse preconceito verbal?

(Aluno A10) – preconceito pela forma de falar...

P – preconceito pela forma de falar? Será que isso existe mesmo ou não? Vocês acham que existe?

Alguns alunos ((ao mesmo tempo)) – não...

Alguns alunos ((ao mesmo tempo)) – sim...

P – não? Tem gente que acha que sim... Tem gente que acha que não... Olha... Se não existisse... Marieta não teria dito isso ao ET... Porque... Gente... Vamos raciocinar... É mais importante aí o que o ET falou ou a forma como o ET falou?

(Aluno A09) – o que ele falou...

(Aluno A18) - a forma...

P – o mais importante é a forma como ele falou ou o que ele falou?

(Aluno A11) e outros alunos – o que ele falou...

P - o que ele falou... Olha... O conteúdo da fala dele... Presta atenção... O conteúdo da fala desse ET é muito mais importante do que a forma que ele falou... ei, gente... Ele... Olha só o que esse ET diz... Ó... “escute terráquea... Nós veio em paz”... Ou seja... Nós estamos aqui na terra... Mas a gente não veio buscar guerra... A gente não veio buscar briga... A gente tá em paz... a gente não quer guerra com os humanos... Isso não é importante não?

(Aluno A14) – É...

P – isso não seria mais importante a ser observado... Do que a forma como ele disse isso? Aí... Ele continua ó... “a gente temos a missão”... Ou seja... Nós temos a missão de acabar com os problemas... Ele disse “pobrema”... Tá... Mas seriam os problemas dos humanos da terra e olhe que nós seres humanos temos muitos problemas... Né gente (frase exclamativa)... Muitos problemas e olha só... Esse ET veio com a missão de acabar com os problemas da terra... Isso

não seria muito mais importante de ser observado do que simplesmente a forma como esse ET falou? Vocês acham que sim ou não?

Alguns alunos ((ao mesmo tempo)) – sim:::...

P – o que seria mais importante relevante aí? O que seria aí? Seria observar o conteúdo do que ele disse... Não a forma como ele disse... Porque ele traz uma mensagem... E olha... Ele traz... VoCêS concordam com Marieta que esse ET não é inteligente?

Alguns alunos ((ao mesmo tempo)) – não...

P – ele é inteligente ou não?

Alguns alunos ((ao mesmo tempo)) – sim...

(Aluno A11) – É...

(Aluno A09) e outros – ele é...

P – ele é muito inteligente... né... Olha que mensagem forte... Ele não veio em guerra... Ele veio em paz... Porque geralmente... Né gente... Os filmes que tratam de ET... O ET vem lutar com o ser humano... Não é assim? (frase exclamativa) e ele vem logo... Ó... Como quem diz assim... “eu não quero briga... não quero guerra... vim em paz”... né... Olha que esse ET me parece... Como vocês concordam... Disseram agora... Me parece que é muito inteligente... Mas Marieta prestou atenção nisso... No conteúdo da mensagem?

(Aluno A11) – não...

P – Marieta prestou em quê? Diga...

(Aluno A11) e outras alunas – na forma que o ET falou...

(Aluno A09) – professora...

P – diga...

(Aluno A09) – falando que o ET vem em guerra... Eu acho que é quase todos...

P – quase todos, é...

[...]

P - [...] por acaso vocês... Em algum momento... Já foram julgados... Não pelo que vocês disseram... Vocês disseram até uma coisa realmente importante... Mas a pessoa prestou mais atenção na forma que você disse... Do que...

(Aluno A11) – Aham...

P - no que você disse? A pessoa olhou mais uma palavra que você falou errado... A pessoa olhou mais o que você colocou... Já aconteceu isso com vocês?

Alguns alunos ((a maioria)) – sim...

P – todo mundo? A pessoa não presta atenção no que é mais importante... Ou seja... [...] isso acontece no nosso dia a dia... Às vezes... O colega nos manda uma mensagem no Whatsapp

ou alguém diz uma coisa tão importante em casa e a gente fala... Disse uma palavra errada... E esquece de observar... né verdade? (frase exclamativa) Esquece...

(Aluno A18) – no grupo...

P – olha no grupo... né... Esquece de observar... Esquece de prestar atenção no conteúdo que é mais importante... Porque... Olha aqui, vocês disseram pra mim... Eu... Vocês disseram pra mim que o ET... Vocês disseram pra mim que o ET...

(Aluno A18)– Eu só falo errado no grupo...

((risos))

P – voCÊs disseram pra mim que o que o ET falou... Vocês conseguiram compreender... Mas Marieta só conseguiu ver...

(Aluno A14) – o lado ruim...

P – e ela fez um julgamento... né... Ela foi o que com esse ET?

(Aluno A11) – grossa...

P – além de grossa... Ela foi pre...

Alunos ((a maioria)) – preconceituosa...

P – preconceituosa... né... Ela esqueceu de avaliar o conteúdo e ela julgou somente pela forma que ele usou as palavras... Pela mensagem que ele traz... A gente nota que ele realmente é muito inteligente... né...[...]

Leitura e comentários sobre a tira nº 5

P – A atividade 2 é uma continuação da atividade 1... né... É uma tirinha que continua a primeira tirinha... [...] aí... O ET volta lá pra... Pra::... Eu acredito que pra nave mãe... né... Essa daqui... ó... É o que essa daqui?

(Aluno A18) – a mãe...

P – a mãe? Que isso na cabeça dela?

Alguns alunos - é o rei...

P – é um rei... Uma rainha... né... E ela vem dizendo assim... Ó... É::... Ela pergunta... “e então... soldado...”/ psiu.../ “e então... soldado... o que trouxeram de precioso da terra?” aí... O ET diz assim.../ o que entrou em contato com Marieta.../ aí diz assim... “um negocio de mais é...” “um negócio de mais grande importância... majestade... quem deu a nós foi um terráquea chamada de Marieta... como são tolos aqueles terráqueos... tomara que o que você trouxe sirva como ajuda pra nós conquistar a própria terra”... Aí... O ET diz... “a terra... eu não sei”... Se vai dá pra gente conquistar a terra... “mas ela garantiu que nós pelo menos dominaria a

língua portuguesa”... e ele tá carregando aqui... [...] isso aqui é um dicionário... Isso aqui é uma gramática que Marieta deu a ele... E aqui um livro de literatura...

(Aluno A09) – entendi...

P – entendeu? Marieta deu para o ET três livros... Um de literatura... Uma gramática e um dicionário... E garantiu para ele que com esses livros os ETs dominariam o quê?

Alguns alunos – o português...

P – num era a terra não... Era a língua portuguesa... Vamos lá... Você concorda com Marieta?

(Aluno A09) e outros alunos – sim...

P – você acha que com esses três livros... Um livro de literatura... Um livro de gramática e um livro... E um dicionário... É possível dominar a língua portuguesa?

(Aluno A11) – não...

Outros alunos – sim...

(Aluno A11) – Não dominar... Professora... Mas aprender sim...

P - não dominar... Mas aprender...

(Aluno A11) – é...

(Aluno A09) – a palavra “dominar” tá falada de forma diferente... Tá com outro sentido...

P – tá com outro sentido... né... Então... Vocês concordam com Marieta nesse sentido... O que seria “dominar a língua portuguesa” na opinião de vocês?

(Aluno A11) - assim... Aprender...

[...]

(Aluno A11) – assim... Na nossa língua... “dominar” seria aprender... Se a gente não soubesse... Seria aprender mais sobre a língua portuguesa... Só que ele entendeu de uma maneira diferente... “dominar”... Ele pensou que iria “tomar a língua portuguesa”... Como ele sabia tanto a importância da língua portuguesa... Aí ele pensou que ia dominar... Tomar a língua portuguesa...

P – A09... Você ia dizer o quê? [...] esqueceu? Alguém mais? /eu quero ouvir outras pessoas viu.../ vamos lá, gente... O que seria dominar a língua portuguesa... Na sua opinião? O que é uma pessoa que domina a língua portuguesa... Na sua opinião?

(Aluno A14) – tomar?

(Aluno A09) – usar?

P – uma pessoa que “toma” a língua?

(Aluno A09) – não...

Alguns alunos - ((ininteligível))

P – ei... Psiu... Vamos falar um de cada vez... Diga... A10...

(Aluno A10) – uma pessoa que fala muito certo?

P- uma pessoa que fala muito “correto”... Essa domina a língua portuguesa?

(Aluno A18) – é isso mesmo...

P – você concorda com ele?

(Aluno A18) – sim...

P – É:.... Há algo de errado com a forma de falar dos extraterrestres da tira?

(Aluno A11) - sim...

P – o que é que há de errado com a forma de falar deles? Comente... O que que tá errado? Ele diz... Ó... “e... então... soldado... o que trouzeram de precioso da terra?”

(Aluno A11) – “trouzeram”...

P – “um negócio de mais grande importância... majestade”... “quem deu a nós foi uma terráquea chamada Marieta”... “como são tolos aqueles terráqueos... tomara que o que você trouxe sirva como ajuda para nós conquistar a própria terra”... Olha a carinha de malvada da... da:.... Eu acho que uma rainha...

Alguns alunos ((ao mesmo tempo)) – é uma rainha...

P – aí... Ele diz... “a terra eu não sei... mas ela garantiu que nós pelo menos dominaria a língua portuguesa...” ela ficou “hamm... hamm...” sem entender nada... né.... Porque ela queria dominar outra coisa... né? (frase exclamativa) ela queria dominar o quê?

Alguns alunos ((ao mesmo tempo)) – a terra...

P – e Marieta manda os livros pra dominar a língua portuguesa... né...

((risos))

P – então... Há algo de errado com a forma de falar deles?

((alguns disseram “sim” e outros disseram “não”, ao mesmo tempo))

P – sim ou não?

Alguns alunos – sim...

P – o que vocês identificam de errado aí nessa tira?

(Aluno A11) - trarão...

P – trarão... Que mais?

(Aluno A11) – “trarão”... ahamm...

((risos))

[...]

(Aluno A09) – mais grande...

(Aluno A10) – chamada de Marieta...

P – mais grande?

[...]

(Aluno A09) – “de mais grande”... “de mais grande”... Eu acho também...

[...]

P – é lógico que a forma que esses ETs... Eles organizam as frases são bem diferentes... Não é... Do que nós estamos acostumados a ouvir... Então... Eles trazem aí alguma coisa em relação à concordância... né... Como... Por exemplo... “e... então... soldado... o que trouxeram”... Olha o tempo verbal... o que “trazeram” é no passado... né... O que que você trouxe... Seria assim... né...

Alguns alunos ((ao mesmo tempo)) – é::...

P – o que você trouxe de precioso da terra... Aí ele diz... Ó... “um negócio de mais de grande importância majestade... Quem deu a nós...” seria quem nos deu... Num é... “foi uma terráquea chamada de...”.

Alunos – Marieta...

P – chamada de Marieta... Né gente?

Alguns Alunos – chamada Marieta, né...

P – aí... Diz assim... “como são tolos aqueles terráqueos... tomara que o que você trouxe sirva como ajuda pra nós conquistar a própria terra”... Seria o quê? Pra nós conquistarmos... né... Conquistarmos a terra... Aí ele diz... “a terra eu não sei... mas ela me garantiu que nós pelo menos dominaria”... Seria dominaríamos... né isso... “a língua portuguesa”... Num é... Deu pra entender?

Alguns alunos ((ao mesmo tempo)) – sim...

P – então... O que fica aqui... O que é que fica em evidência... Num é? Muitas vezes... Nesse julgamento que fazem nosso... Num é... [...] e eu acredito que vocês passam e já passaram... Vocês disseram que sim... Que as pessoas... Inclusive... A gente acaba fazendo isso também... né... Quem já fez isso? Quando alguém fala alguma palavra errada... Faz “falou errado”... Quem já fez isso?

(Aluno A18) – eu... Com certeza... E também falei...

P – esse comportamento é correto?

Alguns alunos – não...

P – esse comportamento é correto... Gente?

(Aluno A18) – oh... Professora...

P – esse comportamento...

(Aluno A18) – essas meninas no grupo me corrige direto?

P – as meninas no grupo ficam corrigindo você?

(Aluno A11) - assim... Professora...

P – e como é que você se sente quando elas fazem isso?

(Aluno A18) – normal...

P – normal? Não fica triste... Aborrecido não?

(Aluno A18)– eu faço isso...

(Aluno A11)– mas... Às vezes... Tá corrigindo pra fazer tipo um bem pra ele... Assim com carinho... Às vezes... A pessoa rir... Porque a pessoa achava engraçado mesmo... Mas tem vez que a pessoa quer só pra fazer o bem pra aquela pessoa...

((Muitos alunos falando ao mesmo tempo))

[...]

(Aluno A18) – meus tios... Eu fico rindo...

P – teu tio fala o quê? /só um minuto.../ “ôimbu”?

((o aluno faz sinal positivo com a cabeça))

P – aí você fica rindo do seu tio? Mas você entende que “ôimbu” é...

Alguns alunos ((completaram ao mesmo tempo)) – ônibus...

((risos))

P – aí... Gente... Aí... Ó... O que que a gente pode tirar de lição de tudo isso? Ó... Que... Primeiro... Mais importante... Em determinadas situações... né... É o conteúdo... Não a forma... A forma é importante em determinadas situações... Vocês acham que nessa situação... Digamos... Uma nave pousa e... Aí... Os ETs entram em contato com você naquela hora... E os eles falam dessa forma que falam... Qual é mais importante... A visita de um extraterrestre ou a forma que esses extraterrestres falam?

Alguns alunos ((ao mesmo tempo)) – a visita...

P – a visita... né... Que que ele pretende com essa visita? Será que ele veio em paz? Será que vai nos ajudar? Vai nos exterminar... né? Mas não... Nessa ocasião aqui... Marieta não quis saber disso... Marieta só quis julgá-lo pela forma que ele fala... E... Às vezes... A gente faz isso com o colega... Eu acredito que isso machuca... Aí... Minha colega disse assim... “a gente fala com carinho”... Tem a forma pra gente fazer essa correção... né... Tem o momento e também tem situações que a gente vai ver em outras tirinhas que é necessário sim... É necessário sim utilizar a língua de uma forma... Usando... Vamos dizer assim... A norma padrão... né... A::... Forma padrão que é essa que a gente encontra registrada nos livros... Nas gramáticas... Mas será que é sempre?

Alguns alunos ((ao mesmo tempo)) – não...

P – então... A gente vai refletir sobre isso...

[...]

Discussões acerca da tira da Turma do Xaxado de Antonio Cedraz, Figuras – 1 e 6 da dissertação, (CEDRAZ, 2012, p. 80)

[...]

P – vamos ler... [...] vamos ler essa tirinha aí... Quem é que lembra o nome desses personagens? Vocês lembram? Eu apresentei pra vocês...

(Aluno A17) – Marieta...

P – Marieta...

(Aluno A17) – Zé Pequeno...

P – Zé Pequeno... Esse que tá na frente... Não parece porque tá sem o chapéu... É o... É o Xaxado... Né... Ele tá sem aquele... Sem aquele chapéu... Esse daqui é o Xaxado ó... Cadê aqui... Meu Deus... Esse aqui ó... É o Xaxado... Esse aqui é o Zé pequeno... Esse aqui é um outro menino... O padre que tá em várias histórias... Tá... E essa daqui é a Marieta... Quer que tá acontecendo... Vamos olhar... Vamos ler a tirinha... Leiam no... Na cópia que eu entreguei pra vocês que tá melhor... É um jogo de futebol em que Marieta ela é árbitra... Né... Aí o padre chega pra ela diz ó...

(Aluno A03) – “Marieta... minha filha”...

(Aluno A17) – “Marieta... minha filha”...

P - e alguns alunos ((leitura conjunta)) – “arbitragem de futebol e educação são coisas” o que?

(Aluno A08) – distintas...

P – distintas... Sabe o que é “distinta”? São coisas diferentes... Né...

(Aluno A03) – é verdade...

P – olha o que ele tá dizendo “Marieta... minha filha... arbitragem de futebol são coisas diferentes...” “portanto...” Aí... No quadrinho seguinte... A gente observa os meninos chateados... Ó a cara dos meninos como estão bravos e Marieta num tá nem ó... Toda aborrecida também... “pare de expulsar os jogadores só por falarem errado”... No segundo quadrinho... A gente consegue entender o que aconteceu... vocês entenderam essa tirinha aí? Entendeu o que aconteceu?

(Aluno A03) – yes...

P – só porque o que?

(Aluno A07) – porque falou errado...

P – aí ela fez o que? Expulsou porque eles estão falando errado... Dá pra saber o que eles estão falando errado aí?

(Aluno A17) – não...

P – num dá... Né... Porque aí a gente já pe... Nessa tirinha já é uma sequência... Né... A gente tem uma pós-ação... Né... Marieta como árbitra de futebol expulsa os jogadores por critérios que não fazem parte do jogo... Ei... Os meninos aqui que gostam de jogar... A forma de falar do jogador é critério pra esse jogador ser expulso?

(Aluno A17) – num sei nem o que é “critério”...

P – “critério” é... É...

(Aluno A03) – vocabulário...

(Aluno A17) – vocabulário... oia...

((risos))

(Aluno A17) – aí é sabido...

((risos))

P – É... Não... Critério é uma norma... Se o jogador fala de determinada forma ele é colocado pra fora do jogo?

Alunos ((ao mesmo tempo)) – não...

P – eu sei que existem outras normas... Ou seja... Existem outros critérios... Por exemplo... Se o jogador derrubar o outro...

(Aluno A17) – falta...

P - propositalmente... Então ele é o que?

(Aluno A03) – falta...

P – se ele insistir nisso né...

(Aluno A07) – cartão amarelo...

P – falta... Pode vim primeiro o cartão o que?

(Aluno A07) – amarelo...

P – e depois ele é...

(Aluno A17) – vermelho...

P - vermelho ele é expulso... Né... E tem outras penalidades que pode fazer com o que o jogador... Me digam aí...

(Aluno A17) – bater a bola na mão na área...

P – a bola bater na mão... Que mais? Tem outros critérios ou são só esses dois?

(Aluno A03) – arrancar as canelas dos zotos...

P – dá né... Aquelas come que chama... É...

(Aluno A07) – carrinho...

P - pronto...

(Aluno A07) – zummm...

P - enfim... Isso...

(Aluno A03) – dá o volante, né...

((risos))

P – isso... Mas o fato desses jogadores falarem de uma determinada maneira é critério para eles serem expulsos?

(Aluno A04) – não...

(Aluno A05) – não...

Alunos ((ao mesmo tempo)) – não...

P – não... Então ó... Ver só... Olha o que tá dizendo aí na atividade... “Marieta... como árbitra de futebol... expulsa os jogadores por critérios que não fazem”... /psiu... / “não fazem parte do jogo”... A forma de falar do jogador não é critério... Não é uma norma pra ele ser colocado pra fora do jogo... É? (frase exclamativa)

(Aluno A03) – não...

P – não é...

(Aluno A05) – acho que ele diz: “plassa” a bola...

P – ele... Ele disse o que? plassa...

(Aluno A05) – acho que ele diz “plassa a bola”

P – acha que ele disse “plassa” a bola? Que critérios a menina usa para expulsar os jogadores? Qual foi o critério que ela adotou para expulsar esses jogadores?

(Aluno A17) – porque só ela fala certo... Eu acho...

P – porque ela fala certo?

(Aluno A04) – os jogadores fala errado...

P – porque o que? Porque eles falam errado é... Luiza? Então... A pergunta é “que critérios a menina usa para expulsar os jogadores?”... Porque segundo ela... Luiza disse... Porque... Segundo ela... Fazem o que?

(Aluno A07) – fala errado...

P – falam errado... Segundo ela... Esse é o critério... Né... Aí a segunda pergunta.../ eu quero ouvir respostas, tá gente, vamo lá.../ “o que seria falar errado em um jogo futebol entre amigos?” digamos... Vocês aqui... Estão numa pelada lá no campo perto de casa com seus colegas...

(Aluno A03) – uma pelada...

P – o que seria falar errado nesse jogo de futebol você e seus colegas...

(Aluno A01) – normal... Normal...

(Aluno A03) – normal...

P – existiria esse “falar errado” num jogo de futebol entre amigos?

(Aluno A01) – como assim? Isso é normal... Isso aí...

P – isso é normal falar o que?

(Aluno A07) – errado...

P - falar errado no jogo de futebol é normal?

(Aluno A07) – sim... aham...

P - então... Então existe algo estranho ou não no comportamento de Marieta?

(Aluno A05) – foi o que falei ainda agora...

P – existe... Porque ó... Ele falou “é normal”... É normal por quê? No jogo de futebol entre amigos... Normalmente...

(Aluno A05) – fala o que quiser...

P – fala o que... A05?

(Aluno A03) – o que quiser...

P – fala o que quiser... Não é A03!? Fala o que quiser... Você se sente a vontade... Se for seu colega... Seu vizinho... Seu primo... Alguém falou ali que pode sair até o que?

(Aluno A05) - briga...

P – palavras...

(Aluno A01) – ah... minino...

P – pode até sair palavras e sai muito... Né...

[...]

(Aluno A05) – o caba num pode nem errar uma bola que vive “disculambando”...

P – e outra coisa... /ei... Ei... Psiu... Os meninos/ [...] os meninos que assistem mais futebol é... Eu não assisto muito... Mas os poucos que eu já assisti... É... Eu observo... Lendo... Tentando ler... Né... A... A boca do jogador... Eles falam muito... Os jogadores de grandes times... Né... Eles falam muito palavrão também... Então... É... A01 disse isso é o que? É normal... Então será... O que será falar errado em um jogo de futebol entre amigos? O que seria isso?

(Aluno A05) – ham?

P – falar errado em um jogo de futebol entre amigos? Você tá ali jogando com seus amigos... Existe esse... Esse “falar errado”?

(Aluno A05) – se existisse?

P – existe isso?

(Aluno A07) – não... Não... Não...

P – não... Né... Ele disse é normal... Geralmente com amigos... E se esse amigo tiver mais ou menos a mesma idade da gente... A gente se comunica de uma forma bem à vontade... Num é isso? (frase exclamativa) o ambiente... Ele é um ambiente descontraído... A gente num se preocupa muito ali em tá policiando o que a gente vai dizer ou não... Sai palavrão... Xinga a mãe... Xinga a tia... Xinga a vó... Fala uma palavra de um jeito... Fala de outro... Né... Enfim... Então.../ ei... Eu perguntei a vocês e vocês ficaram “ham... é normal”.../ será que existiria esse falar errado entre... No jogo futebol... Será que existe... Vou... Vou mudar aqui... Será que existe esse “falar errado” num jogo de futebol entre amigos... Existe isso?

(Aluno A05) – existe...

(Aluno A03) – existe...

(Aluno A01) – aham...

P – falar errado?

(Aluno A05) - poucas vezes...

P – Hamm... Mas nessas poucas vezes que isso acontece... Geralmente acontece o que... Entre os jogadores que são amigos ali? Que que acontece geralmente?

(Aluno A03) – tem uns que tenta corrigir...

P – tem outros colegas que fica tentando corrigir?

(Aluno A01) – alguns que ser melhor do que o zoto lá...

(Aluno A03) – é...

P – Alguns querem ser melhor e tenta corrigir? Aí o outro diz o que? Fala do jeito que quiser é? /enfim... Vamos continuar... [...]o padre disse pra Marieta que educação e arbitragem de futebol são coisas diferentes... Ele disse são coisas... É::... Distintas... Distintas são diferentes... E consequentemente que ela deveria parar de expulsar os jogadores por falar errado... Agora olha a pergunta aqui pra vocês... Que relação... Relação é que ligação.../ botei entre aspas... / que ligação há entre educação e falar errado? Tem alguma coisa a ver uma coisa com a outra? Educação...

(Aluno A01) – não estudou muito...

P – o que? Não estudou muito... Ai acontece o que?

(Aluno A05) – fala errado...

P – fala errado?

(Aluno A03) – não sabe falar bem...

P – não sabe falar bem? Então vocês...

[...]

(Aluno A17) – palalelepipado...

((risos))

P – é o que... A05?

(Aluno A05) – às vezes... Aprende de criança...

P – A05 tá dizendo... “às vezes aprende de criança”... Então... Vocês... [...] vocês acham que existe uma relação... [...] vocês acham que existe uma relação entre educação e falar errado... Existe?

(Aluno A17) – talvez...

(Aluno A01) - é importante...

P – talvez por quê?

(Aluno A17) – e eu sei... Talvez...

((risos))

P – a pergunta é... /psiu... Ei.../ a pergunta é “que relação ou que ligação há entre educação e falar errado?” ou... O que que uma coisa tem a ver com a outra?

(Aluno A05) – porque vai pra escola pra aprender...

P – vai pra escola pra aprender o que... A05?

(Aluno A05) – ler... Falar...

(Aluno A17) – é... Ler... Escrever... Falar...

P – ler... Falar... Escrever... Estudar? E se a pessoa não tiver isso... Se a pessoa não fizer isso... O que vai acontecer?

(Aluno A04) – fica falando errado...

(Aluno A03) – é analfabeto...

[...]

P – vai ficar falando errado, né... É essa a concepção de vocês? Então vocês acham que uma coisa tem a ver com a outra? (frase exclamativa) VoCÊs acham que tem uma ligação sim? (frase exclamativa) né... Falar errado e educação... No caso seria a falta de educação... Né... Ó, ele diz ó... “Marieta minha filha arbitragem de futebol e educação são coisas diferentes... portanto... pare de expulsar os jogadores por falarem errado”... Então a ligação é... O que que vocês querem dizer... Se a pessoa não estudar... Né isso? (frase exclamativa) se a pessoa for pra escola aprender a ler... A escrever... A se comunicar de forma adequada nos lugares adequados... Ela conseqüentemente vai falar... Errado... Na concepção de vocês... Né? Certo... [...] número quatro agora... Sobre a atitude Marieta... O que Marieta fez... Vamos pensar sobre o que ela fez... Ela tava expulsando aí os meninos porque os meninos... Segundo ela... Falava

errado... Sobre essa atitude dela... É correto afirmar... Ou seja... É certo afirmar... Que a garota teve um comportamento preconceituoso?

(Aluno A04) – uhummm...

(Aluno A03) – sim...

P – vocês acham que ela teve um comportamento preconceituoso?

((Alguns alunos fizeram sinal positivo e outros negativos com a cabeça))

(Aluno A03) – yes...né...

P – né... Não? Não foi preconceituoso da parte dela ou foi?

(Aluno A01) - foi nada...

P – a maioria acha que foi um comportamento preconceituoso... Como assim... Como foi um comportamento preconceituoso?

(Aluno A03) – que ela quer ser mais certinha que o zoto...

(Aluno A17) – quer ser mais inteligente...

(Aluno A03) – é... Quer ser mais inteligente...

(Aluno A17) – só porque ela sabe ler... Escrever...

P – ela quer ser mais inteligente porque sabe ler e escrever? Vocês concordam ((perguntando para outro grupo de alunos que não responderam)) então... Ela foi preconceituosa?

(Aluno A05) – foi...

P – por conta disso? Ei... Pra gente entender um pouquinho essa pergunta do número quatro... A gente tem que pensar aqui ó ((apontando para a tirinha)) em um jogo de futebol entre amigos... Entre colegas... Geralmente da mesma faixa etária... Ou seja... Da mesma idade... Deve haver essa preocupação com a forma de falar?

(Aluno A04) – não...

P – olha... É um jogo de futebol... Lugar de descontração... de... de diversão... Em que ó... Ei... Quase tudo... Na forma de falar é permitido...

(Aluno A05) – quase tudo não... Tudo...

P – quase tudo... Ó... Falou “tudo”... Porque xingasse a mãe... A vó... Até a terceira geração...

((risos))

P - chamasse palavrão...

[...]

P – será que ali.../ psiu... Ei... [...]/ será que ali é um ambiente de tá tão preocupado com a forma de falar? Vocês acham?

(Aluno A07) - não (frase exclamativa)...

(Aluno A04) – não (frase exclamativa)...

P – não... Ali é um ambiente de descontração... De diversão... Ninguém ali vai tá tão preocupado... [...] então... A do número dois nos ajuda a responder a de numero quatro que diz assim... “é correto afirmar que Marieta teve um comportamento preconceituoso?”... A gente pode dizer isso? Ora, Num jogo de futebol é lugar da gente tá se preocupando porque fulano falou uma palavra... Mas é um lugar pra...

(Aluno A01) – e muito... Professora...

(Aluno A17) - aonde doido... Tu soi um professor... Tu soi um arbitro num é um professor não...

[...]

P – eu acho que deve... Eu acho que essa não deve ser a preocupação... Né... A05disse ali “você é...” /A05 não, é... Danilo.../ “tu é... tu é...um...”

(Aluno A17) – árbitro...

P – “um árbitro... num é um professo”... Né... Então é um ambiente pra se brincar... Pra se descontrair e essa preocupação que Marieta teve... Ela não faz muito sentido... Vocês concordam?

((alguns alunos acenaram positivamente com a cabeça))

P - então... Ela teve um comportamento preconceituoso... Porque os meninos falavam de uma determinada maneira e ela fazia o que?

(Aluno A04) – corrigia...

P – [...] dizia... Ó... “fora... fora”... E isso não é critério que um árbitro use... Não é critério que um árbitro use num jogo de futebol... Concordam?

(Aluno A03) – uhum...

[...]

((outros alunos acenaram positivamente com a cabeça))

P – Sim? [...] /continuando... /É::... Na tira em tela quem fala é apenas o padre... Ei... A gente sabe o que aconteceu primeiro pelo que o padre diz... E depois a gente... Analisando a fisionomia dos meninos... Os meninos tão aborrecidos com Marieta e olha a cara dela... Né... Com os braços cruzados... Com a cara de... Né... Que também tá se achando... Né... Com a razão... E a gente fica sabendo É::... É por meio de sua repreensão... Ou seja... Por meio da repreensão do padre... A repreensão que ele dá em Marieta [...] é por meio da repreensão a Marieta que é construído [...] o humor da tira... Ela... O que torna essa tira engraçada... Tá... O que traz humor a essa tira é justamente essa repreensão que o padre dá... Aí a gente entende que o que tá acontecendo... Não é uma coisa normal... Né... Ou é uma coisa normal?

(Aluno A04) – não...

(Aluno A03) – não...

P – vocês acham que isso é normal? Que Marieta fez?

(Aluno A03) - não (frase exclamativa)

P – Não é uma coisa normal... Quando ela associa educação a falar errado... É... Ou melhor... Quando ele... Ou seja... Quando o padre associa educação a falar errado... É possível compreender que ele pensa da mesma forma que a menina?

(Aluno A03) - não...

P – porque quem faz... Quem tem essa... Quem dá... Ei...

(Aluno A17) – quem dá educação é os pais...

P – não... Quem traz essa conclusão... Ei... Marieta num fala na tira não... hein... Gente... Só quem fala aí é o padre... [...] então... Ele que diz o que é que tá acontecendo... Ela dá... Tá acontecendo uma ação e ele dá nome a essa ação... Ele... Ele... Narra essa ação... Aí, eu pergunto... Ele... Será que o padre... Pela forma que ele disse... Ó... “Marieta minha filha... arbitram de futebol e educação são coisas distintas”... Ou seja, são coisas diferentes... “portanto... pare de expulsar os jogadores só por falarem errado”... Então, é possível compreender que ele pensa da mesma maneira que Marieta, Ou seja, que educação está ligada... Está associada a falar errado?

Alguns alunos ((ao mesmos tempo)) – não...

P – vocês acham que não? Observe que quem fala é o padre... Não é Marieta... Ele que traz a conclusão da história... Tá... Ele que contextualiza essa história... Então... A gente pode dizer que ele é... Pensa da mesma maneira que a menina? Que educação tem uma relação com “falar certo” ou “falar errado”?

P – vocês acham que não...

(Aluno A04) – não...

P - tem certeza?

(Aluno A04) – certeza absoluta...

P – porque... Pense... Olha a gente fica sabendo o que aconteceu aí.../ como eu disse pra você... Presta atenção.../ a gente fica sabendo o que aconteceu aí pelas palavras do padre... a gente num sabe como é que aconteceu... Vamo imaginar [...] Fernando disse que... Provavelmente o menino falou o que? Tu lembra o que tu disse?

(Aluno A05) – é... plassa a bola...

P – plassa a bola... Aí... Ela disse “fora!”... Como será que ela disse? “fora (frase exclamativa) porque é passa a bola e não plassa a bola...” né... Ela num disse... Será que ela disse assim... “ei... fora... você não estudou... num sabe falar... fora do jogo (frase exclamativa)”?

(Aluno A17) – você é um burro...

P – num é... Será que ela disse isso... “você é um burro... saia do jogo... você falou plassa à bola”?

[...]

P – ei... Pessoal... O padre... [...] a gente não sabe... [...] ao certo como foi que desenrolou essa ação... O que a gente sabe é... O que a gente fica sabendo é através do padre... Então... É possível sim... A gente entender que o padre pensa da mesma maneira que ela... Que educação está ligado ao fato de falar certo ou falar...

(Aluno A04) – errado...

P – errado... A gente num sabe realmente como foi... O que realmente ela tava dizendo... “ei... fora (frase exclamativa) você falou tal palavra errada” ou “fora (frase exclamativa) você não estudou... não sabe falar...” enfim... A gente não sabe mais ou menos o que aconteceu...

(Aluno A05) – burro fora...

P – a gente tem uma ideia... Ela pode ter dito isso... Né... “burro... fora (frase exclamativa)” quem associa educação a “falar errado”... Nesse contexto aí... É quem? O padre... Tá... Então é possível sim... Dizer que ele pensa igual à menina... Por quê? Porque a gente fica sabendo o que aconteceu pelas palavras de quem?

(Aluno A03) - padre...

(Aluno A04) e outros alunos ao mesmo tempo – padre...

P – do padre... Tá... Número seis diz assim... “há situações em que é necessário o uso da língua de forma mais...” o que? De forma mais... Formal... “uma vez que nesses contextos... usamos uma variante que esteja mais próxima da norma...”.

(Aluno A07) - padrão...

P – “padrão...” lembra que a gente fez um exercício... O último exercício tinha uma pergunta sobre é... A questão da norma padrão? [...] olha só a pergunta do número seis... “há situações em que é necessário o uso da língua de forma mais formal...” o que seria usar a língua de forma formal e de uma maneira informal? Pra gente responder essa pergunta... A gente tem que entender o que é uma situação formal pra se usar a língua e o que é uma situação informal... Tá... “nesse contexto... usamos a língua uma variante que esteja mais próxima da norma padrão”... [...] havia sim um... Um quesito no exercício passado explicando o que seria essa norma padrão... Geralmente é a língua como está registrada ali... Ó... Naquele livro... No dicionário... Tá... Nós estudamos em língua portuguesa algumas regras... Algumas normais... Alguns padrões gramaticais da língua... Né isso? (frase exclamativa) é a forma... Essa norma padrão... Ei... Essa norma padrão serviria como um modelo pra se usar a língua... Uma forma

a ser seguida... Tá... E o que seria... [...] o que seria a forma padrão... A maneira formal de falar e o que seria uma maneira informal? Ei... Vamos pensar...

(Aluno A01) – informar a ele alguma coisa aí...

P – seria informar alguém?

(Aluno A17) – informa como se não sabe falar certo...

P – pronto... Vamos procurar entender isso aí... [...] o que seria uma maneira formal...

(Aluno A17) – O que é isso formal?

P – isso que a gente vai discutir agora... O que seria uma maneira formal ou informal de usar a língua? (frase exclamativa) vamos entender usando um contexto... Num jogo de futebol [...] só pra gente entender uma situação...

(Aluno A01) – sim...

P - você tá ali jogando uma pela com os amigos... Lá perto de sua casa... Você quando conversa com esse amigo... Você tá preocupado... Nesse jogo de futebol... Em pronunciar as palavras de maneira correta...

(Aluno A01) – não...

P - em organizar as frases de maneira...

(Aluno A17) – eu tô preocupado em jogar bola...

P – não... É? Hammm?

(Aluno A17) – jogar bola...

P – não... Você tá em jogar bola... Ali... Como a gente viu... É uma coisa que sai... A gente não se preocupa se vai dizer uma palavra faltando um “r”... Faltando um “l”... Enfim... Ali é uma situação informal... Em que não há necessidade... Não há tanta preocupação em se utilizar conforme ela estar sendo, ó... Conforme ela está... É::... Registrada [...] no dicionário... Ou em uma gramática... Agora, presta atenção, daqui a alguns anos... Alguns de vocês... Podem dizer assim... “pô... eu vou é... Me candidatar a uma vaga... chegou uma empresa... eu vou me candidatar naquela empresa...” aí você vai tudo... Todo candidato a uma vaga de empresa... Passa por uma entrevista de emprego... Ele é entrevistado por alguém... Pra falar sobre suas pretensões... Que que ele deseja daquele cargo... O que que ele pretende... Falar um pouco sobre suas habilidades... Suas experiências... Aí... Digamos que seja você essa pessoa... Quando você for falar com esse entrevistador... Você vai falar da mesma forma que você fala com seus amigos jogando futebol?

Alunos ((a maioria ao mesmo tempo)) – não...

P – você vai procurar usar a língua... [...] de uma maneira formal... Procurando respeitar e seguir à risca.../ vou dizer logo assim.../ o que está registrado ali no dicionário ou em uma

gramática... Procurando organizar as frases conforme as regras da gramática... Deu pra vocês entenderem o que é formal ou informal?

Alguns alunos ao mesmo tempo – sim...

P – deu pra entender? [...] vou Explicar de novo... No jogo de futebol... Vou deixar o jogo de futebol... Vou passar outra situação... Tu tá ali conversando na tua rua... Perto da tua casa com teus colegas... De noite... Aquele bate papo, teus colegas da mesma idade e vai... E vem... Risada vai... Conta uma fofoca tal... Todo mundo conversando ali à vontade... Ali conversando com teus colegas... Tu vai te preocupar...

(Aluno A07)– de falar errado...

P – em falar uma palavra de determinada maneira... Em pronunciar as palavras de maneira correta? Não, você vai estar à vontade... Com pessoas da sua mesma... Geralmente da sua idade... Então, você está usando ali uma maneira formal... Ou melhor, informal da língua... Né... Você não tá preocupado se você pronunciou um “r” a mais ou trocou um “r” pelo um “l”... É mesma coisa de um jogo de futebol... Tá ali à vontade... Você está à vontade... Então... Você usou a língua de uma maneira informal... Informal... Deu pra entender o que é?

(Aluno A07) Fernando – uhum...

P – já o formal... Por exemplo... Você se envolveu numa briga lá na sua rua... Você mais velho... Se envolveu numa briga lá na sua rua... Por causa de uma determinada situação... E você e essa pessoa vão parar na frente de um juiz... Diante desse juiz, você vai falar da mesma maneira que você fala com seus colegas... Conversando lá perto da sua casa?

(Aluno A07) - tá falando formal...

(Aluno A03) – não vai não...

P – você falar o quê?

(Aluno A07) – formal...

P – de uma maneira mais formal... E o que seria essa maneira formal... Olha o que ele tá dizendo aqui ó... “seria o uso... seria o... A língua mais próximo da norma padrão”... Que é essa que geralmente está registrada aqui ó... Que está registrada aqui... No dicionário... Né... No dicionário... A palavra “algum” tá registrada... Né... E a gente sabe que não é como aquela tirinha que a gente viu que o cara disse “argum”... Será que aqui ((apontando para o dicionário)) tá “argum”?

((risos))

P – não... Né...

(Aluno A05) – “pobrema”...

P – diante de um juiz... Que é uma autoridade... Você vai procurar [...] assim como você quando for conversar com esse juiz... Você vai procurar uma calça... Né... Se for uma menina... Uma saia mais composta... Uma blusa mais composta... Se for os meninos... Uma calça... Um sapato... Porque quando você vai pra essa audiência...você veste uma roupa... “pera aí... eu vou pra uma audiência... eu vou falar com o juiz”...

(Aluno A17) – arrumado... Né...

P – você... “eu vou me arrumar” ei... A mesma coisa... Não é só a roupa que você muda não... Viu...

(Aluno A07) – é a fala...

P – você muda sua forma de falar... Você troca as palavras... Você procura pronunciar as palavras de uma determinada...

(Aluno A17) - fica nervoso quando for falar...

P – troca é... É::... O colega disse assim... “você vai falar certo”... Você vai procurar usar a palavra de uma determinada forma que esteja mais próxima da norma...

(Aluno A04)– padrão...

P – padrão... Que é mais ou menos a que está usada aqui ((apontando para o dicionário))... Sabe por que diz a forma mais próxima? Porque ninguém... Gente, olha aqui pra mim... Ninguém fala... Seja lá quem for... Um juiz ou numa entrevista de emprego... Né... Eu já ouvi uma situação de uma pessoa que fez uma prova pra uma determinada empresa... Tirou uma boa nota aí foi pra entrevista de emprego... Quando foi pra entrevista de emprego foi reprovada...

(Aluno A17) – ôooo...

P – porque a pessoa não soube... Assim... Da forma que... Que ela colocou uma roupa adequada para participar dessa... Dessa entrevista de emprego ela... Ela não usou a linguagem...

(Aluno A05) - certa...

P – adequada... Né... A17 disse “certa”... [...] não usou... Então a maneira formal é essa em que a gente se preocupa em pronunciar as palavras da... Mais ou menos como elas estão registradas no dicionário... [...] já o informal... A maneira informal é aquela que a gente fala sem se preocupar muito [...] né... Porque a situação ela é informal... Ela é uma situação de distração... De tranquilidade... A pessoa com quem a gente tá conversando... Geralmente via ser mais ou menos do mesmo nível... Aí a gente não se preocupa muito em pronunciar... Deu pra entender?

((a maioria acenou positivamente com a cabeça))

P – aí... Vem à pergunta... “cite algumas situações em que o emprego da variante mais formal é necessária” [...] em que situações é mais necessário usar a língua de uma forma... De uma maneira mais formal?

(Aluno A17) – numa empresa... Né...

P – numa empresa... O que mais?

(Aluno A17) – os jogadores profissionais também tem que falar... Todas as línguas...

P – um jogador profissional tem que falar todas as línguas? Mas em que momento? Na hora do jogo?

(Aluno A17) – não...

(Aluno A07) – na hora que vai...

(Aluno A17) – pra outros países...

(Aluno A07) – é... Quando ele vai... É... Esqueci...

P – na hora que vai o que? E quando eles participam daquelas entrevistas coletivas?

(Aluno A07) -É::...

P – né... Eles ali certamente estão usando uma... Uma forma linguística [...] ele ali naquela situação... Ali na entrevista... Chama coletiva de imprensa... Né... Ele tá ali falando... Procurando... Adequar a sua forma... A sua maneira de falar a um jeito mais formal... Outra situação... Me diga aí... Que a gente usa a língua de maneira mais formal... Que outra situação?

(Aluno A17) – o engenheiro...

P – onde? O engenheiro? Por exemplo... Você... Quem é católico... Quem é evangélico... Seja lá sua religião... Quando você vai lá pra missa... Quando você vai pro culto ou qualquer outra... Qualquer outro encontro religioso... Quando você tem a oportunidade de conversar com esse líder religioso... Você usa a língua de maneira mais informal ou formal?

Alguns alunos ao mesmo tempo - formal...

P – como? Formal... Né... Ó... Pera aí... Vou falar com seu fulano... Dona fulana dessa maneira... Né... Eu vou... Ele é mais velho... Eu tenho respeito por essa pessoa... Então... Eu vou falar de uma maneira mais formal... Né... Então numa entrevista de emprego... Numa... Numa do jogador... Uma coletiva de imprensa...

(Aluno A07) - no jornal...

P – no jornal... O jornal tá sendo apresentado lá na tv... Né... O jornalista que tá apresentando ali aquele [...] jornal... Ele tá usando uma língua... Uma forma de falar... Uma maneira de falar mais formal... [...] deu pra entender... Gente? Letra “B” no jogo de futebol entre amigos como no contexto da tira de Cedraz... Que variante linguística é mais comum... Formal ou informal?

(Aluno A04) – informal...

P – não joga de futebol? Qual é a variante mais comum... A formal ou a informal?

(Aluno A04) – informal...

(Aluno A07) – a informal?

P – informal? No jogo de futebol?

Alguns alunos ao mesmo tempo – informal...

P – informal... Você tá jogando ali ó... Vocês disseram aqui que sai palavrão... Xingando a mãe... vocês disseram que a gente ali num jogo de futebol num tá muito preocupado com a forma que tá... Tá preocupado com o jogo... Né... Tá jogando com pessoas ali geralmente da sua idade... Então, ali é um ambiente de descontração... É um ambiente... /vamos dizer assim.../ mais tranquilo... Então... É a maneira mais informal... Que não exige a rigidez da norma padrão... Sim... Num é? (frase exclamativa) usa-se a informal por quê? (frase exclamativa) porque eu acabei de falar... Ali é um ambiente de descontração... Você tá jogando com pessoas geralmente da sua idade... A sua preocupação ali no momento num é a forma que você vai falar... A sua preocupação ali é...

(Aluno A03) – a bola...

P – em vencer o jogo... Em jogar bem... Num é assim? (frase exclamativa)...

[...]

Continuação da transcrição das Rodas de Conversa com comentários diversos sobre as variações que a língua pode apresentar

[...]

Professora: ahnn... Muito bem... A10... O que faz uma língua ser viva é ela ser falada... Existem línguas mortas... Como assim? (frase exclamativa)... Elas estão registradas em livros... né? (frase exclamativa)... Há registros antigos dessas línguas... No entanto... Ela não é falada pelas pessoas... Elas são estudadas... Mas elas não são faladas... Por exemplo... Latim... Que deu origem a outras línguas... né? (frase exclamativa)... E tem várias outras... É::... Cadê aqui... É::... Provavelmente existem outras línguas faladas por habitantes de lugares inóspitos... Ou seja, ainda não descobertos... A divisão de línguas por continentes é a seguinte... Aí eu trago aqui... Ásia... ((enumeração)) Oceania, América, Europa... Estima-se que metade dessas línguas irá o que... Gente?

Alunos: desaparecer...

P – irá desaparecer até o que?

Alunos: o ano de 2050...

P – que significa que uma língua irá existir... Deixar de existir a cada 5 dias... Isso é algo... Assim... Muito alarmante... E o que faz com que uma língua... Ela deixe... /presta atenção.../ [...] o que faz com que uma língua deixe de existir é justamente isso... As pessoas deixam de? Alunos: falar...

P- falar... Ela vai entrando em desuso e acaba morrendo... né? (frase interrogativa)... Ela morre mesmo... Passa a não ser uma... Uma língua viva...

P – eu passei pra vocês uma atividade na aula passada que dizia assim... Ó... Falava sobre a variedade padrão... Lembra? E eu vim explicando o que era a variedade padrão... O que é uma espécie de modelo... né isso? (frase exclamativa)... Que é usada... E a gente encontra... Geralmente aonde? É um modelo que a gente encontra aonde? É um modelo que a gente encontra aonde? Dicionários... Gramáticas... Geralmente é aquele modelo que a gente estuda na escola... Tá certo? (frase exclamativa)... Ela é uma das formas... É uma das formas de falar a língua... Aí... Olha aí embaixo o que tá escrito... “variedades linguísticas são as variações que uma língua apresenta em razão das condições de quê? sociais... culturais e regionais nas quais ela é?... utilizada.”... Então... O que que a gente comentou agora pouco... né... Que nós comentamos agora pouco? (frase exclamativa) uma língua... Ela pode mudar de lugar para lugar... De pessoa para pessoa... Porque o Brasil é um país extremamente o quê? (frase exclamativa) diverso... O Brasil é um país extremamente plural... né? (frase exclamativa) várias pessoas... Várias culturas... Várias idades... Várias classes sociais... Então... Já que existe... As pessoas não são iguais... O Brasil é grande... Tem muita diferença... Né A13? (frase exclamativa) então... É natural que a língua também seja diferente... A língua que essas pessoas falem seja diferente... Ei... Professora... Que quer dizer que é outro idioma? (frase exclamativa) não... É o mesmo português... Ele só muda de pessoa para pessoa... Cada um usa de uma forma?

(Aluno A11) – diferente...

P – diferente... Muito bem (frase exclamativa)... Aí... Eu vou entregar aqui pra vocês um material pra gente começar analisar...

Continuação das discussões sobre a tirinha da Turma do Xaxado nº 1 e 6 da dissertação

- Fonte: 1000 tiras em quadrinhos, Cedraz (2012, p. 80)

P – e olha a cara de Marieta... Olha a expressão dos jogadores... Aí... A gente tem o Xaxado... Tá sem chapéu... Mas é o Xaxado... Esse primeiro... tá... Ele tá sem o chapéu... Mas é o Xaxado... E o do meio é quem?

Alguns alunos – Zé Pequeno...

P – Zé Pequeno... Eu tava pensando que o terceiro fosse... É... Artuzinho... Num é Artuzinho não... Tá? É::... Zé Pequeno é o do meio e o da frente Xaxado... Ele tá sem boné... Sem aquele chapéu... né? (frase exclamativa)... E a Marieta tá aí ó... Vocês entenderam essa tirinha? Entenderam o contexto?

(Aluno A11) – sim...

P – entenderam o que que aconteceu?

Alguns alunos – sim...

P – tudo mundo entendeu ou ficou com dúvida?

(Aluno A09) – professora...

P – diga... Primeiro ele...

(Aluno A09) - ele parece ser um padre... Só que ele... Eu tenho certeza que ele não é... Segundo... Ele é o pai de Marieta...

(Aluno A11) – o pai de Marieta?

(Aluno A10) – é não...

(Aluno A09) – olha o início... Quando ele diz aqui... “minha filha...”

(Aluno A11) – é não... Isso é tipo uma expressão que as pessoas usam... Entendeu? “minha filha” é uma expressão... “ô minha filha...”.

P - ah::... Sem comentários...

((Risos))

[...]

P – e aí Marieta tá expulsando os jogadores... Porque... Segundo ela... Eles falam...

Alguns alunos – errado...

P – errado... Segundo ele não... Olha só que interessante... A gente fica sabendo o que aconteceu aí num é por Marieta... É pelo? Pelo...

Alguns alunos – padre...

P – é pelo padre... Marieta como a árbitra de futebol... Expulsou os jogadores por critérios que não fazem parte do jogo... Ora... Num jogo de futebol... Falar de forma diferente ele é...

(Aluno A11) – expulso...

P – expulso... Isso não é um critério de um jogo de futebol... Ou é? (frase exclamativa)

Alguns Alunos – não...

P – é ou não é?

Alguns alunos: - não...

P – não... Não é... Mas ela como árbitra de futebol... Ela adotou esse critério... né? (frase exclamativa)... Que critérios a menina usa pra expulsar os jogadores?

((silêncio))

P - eu acabei de falar... né? (frase exclamativa)... Quais são os critérios “quela” usa pra expulsar esses jogadores?

(Aluno A11) – por eles falarem errado...

P – por eles farem o quê?

Alguns Alunos – errado...

P – errado... Dá pra gente observar aí que eles estão falando errado?

Alguns alunos – não...

P – não... Porque a gente... É como:.... É um pós... Pós acontecimento... né? (frase exclamativa)... O que vem... Tem como saber se realmente... Enfim... né... O que seria falar errado em um jogo de futebol entre amigos?

((silêncio após a pergunta))

P – e aí?... O que é falar errado em um jogo de futebol entre amigos?... O que seria isso? Falar errado?... Alguém poderia dizer?

(Aluno A11) – assim... Entre amigos... As pessoas acham comum... né? (frase exclamativa)... Porque já convive com aquela pessoa e sabe como ele fala... Mas tem pessoas que acham uma coisa... Ó meu Deus (frase exclamativa)... Uma coisa... Isso e aquilo... Acham feio...

P – tem gente conversando ((conversas paralelas))... Ouviram o que a colega falou aqui?... /eu vou tirar ((advertências sobre as conversas paralelas que persistiram)).../ A colega colocou assim... “entre amigos...” /repete aí... Porque tem uma pessoa conversando.../.

(Aluno A11) – assim... Entre amigos... As pessoas acham comum... Porque convivem com aquela pessoa... Mas... Assim... Pessoas acham que outras pessoas que vem de fora... Acham que é uma coisa muito... Que não é coisa que vejam no dia a dia assim... Mas eles acham bem diferente...

P – Acham estranho... Todo muito concorda ou não? Alguém acha diferente? Por que a pergunta é a seguinte... Ó... É:.... “o que seria falar errado num jogo de futebol?”

(Aluno A09) – Entre amigos?

P – entre amigos?... Ali é um grupinho dali da rua... Um grupinho dali próximo da minha casa... Eu vou jogar uma pelada... Será que existe entre esse grupo de amigos um “falar certo”

e um “falar errado”?... Ou o que seria falar correto... Alguém poderia... Alguém tem... Ela deu a opinião dela... Eu quero ouvir de outra pessoa... Ah::... Que seria falar errado em um jogo de futebol entre amigos?... São amigos que estão ali jogando... Existe ali um “falar errado”?... Na opinião de vocês? A14? [...]... Existe aí um falar certo... Um falar errado entre amigos?

Alguns alunos – não...

P – não? Vocês acham que sim? A09? A10? Alguém? Eu quero ouvir vocês... Lembre que participar também vale... Viu... E aí?

(Aluno A09) – ((ininteligível))

P – existe... É::... Falar errado em um jogo de futebol entre amigos?

(Aluno A09) – sim...

P – sim? O que seria esse falar errado entre um jogo de futebol? Entre o jogo de futebol... Num jogo de futebol entre amigos... Num jogo de futebol entre amigos? Digamos... Você... Se imagine naquela situação... Você tá ali jogando com as meninas... Queimado ou outro esporte que goste... Vôlei ou até mesmo futebol com as meninas que moram próximo da sua casa... Os meninos também... Aquela peladinha... Tal... Existe ali um falar errado ou não... Meninos?

((Silêncio))

((Alguns alunos sinalizaram que “não” com a cabeça))

P – não? Por que não?... Existe ou não?... O que seria falar errado ali com seus colegas?

(Aluno A11) – existe... Por exemplo... Na educação física... Vocês num jogam futebol... né? (frase exclamativa)...

Alunos – aham...

P – ali existe um falar errado... Ali?... Vocês são colegas de sala... Vocês são amigos... Existe ali um falar errado entre vocês?

Alguns alunos – ((alguns alunos balançaram a cabeça dizendo que não))

P – Não?... Eita... Tem gente que disse que “sim”... Tem gente que disse que “não”... Não?... Por que não existe um falar errado?... Por quê?... Por quê?... Diga aí... Diga, meu amor... Fale (frase exclamativa)... Quem disse “acho que não” [...] eu quero ouvir outra pessoa... Quem disse que não?... Por que não? Por que não existe falar errado? Eu quero que vocês se expressem... Atividade... aham...

(Aluno A09) – pra mim... Pra mim... Em um futebol entre amigos... Não... Porque isso não faz o menor sentido... Porque... Porque você::... Você... Porque não pode existir um falar errado entre um jogo... Porque primeiro... Isso não pode estar em regras num jogo de futebol normal... Qualquer jogo de futebol não existe um falar errado...

P – alguém concorda aqui com A09 ou tem alguém que diverge da opinião dele? Concorda? Tu concorda? ((dirigindo-se a um aluno que acena com a cabeça positivamente)).

P – Ô... Como A09... né? (frase exclamativa)... E a gente... Vamos imaginar a situação... Você tá ali brincando com seus amigos... Jogando com seus amigos e justamente nesta hora... Na hora de falar com seus amigos... Na hora de brincar com seus amigos... Você vai ter que observar a forma que você tá falando ou se você falar alguma palavra que uma outra pessoa considere que aquela palavra é errada... Você é expulso daquele jogo de futebol... Isso parece não fazer sentido... né gente? (frase exclamativa)... Isso parece... Porque são amigos... né... Geralmente da mesma idade... Num é verdade? (frase exclamativa)... E num jogo de futebol é uma situação formal ou informal?

Alguns alunos – formal...

(Aluno A09) – não sei...

P – pronto... Não sabe o que é formal e informal... A gente vai chegar lá... Tá certo... /É::... Eu queria... Não... Eu quero que vocês deixem a...

[...]

**Continuação das discussões sobre as Tiras da Turma do Xaxado de Antonio Cedraz,
Figuras – 6 e 7 da dissertação, (CEDRAZ, 2012, p. 80 e 191)**

[...]

P – Marieta adota um critério... né... Adota uma norma pra o jogo de futebol que não existe... Não é... Jogador não é expulso de um jogo de futebol porque ele se comunica de determinada maneira... Ele se expressa de determinada maneira... Essa regra não existe... Ou existe... Meninos?

Alguns alunos ao mesmo tempo – não...

P – ou existe... Meninas?

Algumas alunas ao mesmo tempo - não...

P – não... né... Essa regra ela não existe... [...] o que seria falar errado em um jogo de futebol entre amigos?

(Aluno A18) – quem sabe... Chamar nome...

P – chamar nome?

(Aluno A18) e outros alunos – É::...

[...]

P - agora... [...] o que seria falar errado no jogo de futebol entre amigos? Isso existe?

(Aluno A18) – não... Que eu saiba não...

P - alguém saberia me dizer o que é falar num jogo de futebol? Entre amigos...

(Aluno A14) - xinga...

P – ahmmm?

(Aluno A14) - xingar o outro...

P – xingar um aos outros? Será que isso?

(Aluno A16) – É::...

P – vamos deixar essa resposta... Essa pergunta que a gente vai responder que daqui a pouco a gente volta pra ela... Diz assim ó... “o padre disse para Marieta que arbitragem de futebol e educação são coisas diferentes e... consequentemente... ela deveria parar de expulsar os jogadores por falar errado” ... Que relação... Aí eu coloquei entre aspas... Que ligação aí... Existe entre educação e falar errado? Tem alguma ligação... Entre educação e falar errado? Vocês acham que tem alguma ligação?

(Aluno A18) – existe...

P – existe? O que seria? A10... Existe alguma ligação entre educação e falar errado?

[...] tu acha que tem alguma ligação? Vocês acham que existe alguma ligação?

((alguns alunos fizeram sinal positivo com a cabeça))

P - o que seria? ahhh... O que seria? A09...

(Aluno A09) – seria falar errado... Tipo errar... Tipo colocar letras diferentes...

P – trocar as letras nas palavras...

(Aluno A09) – isso... Isso é o que aprende na educação...

P – isso é coisa que a gente aprende na educação? Diga...

(Aluno A10) - era o que ia falar...

P – era o que você ia falar? você concorda no caso com ele?

(Aluno A10) – uhum...

P – alguém tem um... Uma [...] opinião diferente? Alguém acha que não em nada a ver educação com falar errado? ou vocês acham que tem alguma coisa a ver... Uma coisa com a outra... Educação com falar errado? Tem alguma ligação? Tem? Ou não?

Alguns alunos ao mesmo tempo – têm...

P – por que tem? Me explique... Eu quero que vocês me expliquem... [...] qual é essa ligação entre educação e falar errado... Segundo a tirinha... Qual é essa ligação? Me explique...[...] o que o padre disse faz sentido? Me digam aí... Quer que vocês acham? [...] ou isso que num... Num tem nada a ver? [...] educação é o que na opinião de vocês?

(Aluno A11) – É::... Respeitar as pessoas

P – aprender a respeitar as pessoas... O que mais... O que?

(Aluno A18) – aprender mais...

P – aprender mais... O que é educação?

(Aluno A10) – não falar palavrão...

P – um palavrão?

(Aluno A11) – não falar palavrão...

P – não falar palavrão? Mas será que essa educação que tá falando aí... Tá se referindo a esse tipo de educação? A ser cordial... A tratar as pessoas bem ou essa educação que ele tá falando aí é educação que a gente adquire na escola? Ou seja... Escolarização? Que que vocês acham? [...] ou educação de estudar mesmo... De aprender?

Alguns alunos ao mesmo tempo – de estudar...

P – de estudar? De aprender?

((alguns alunos fizeram sinal positivo com a cabeça))

P – É::... Então vocês acham que existe uma relação entre “falar errado” e educação? Existe uma ligação entre essas duas coisas?

((outros alunos fizeram sinal negativo com a cabeça))

P - não? por que não?

(Aluno A19) – por que não?

P – por que o que? [...] É::... O quarto diz assim... “sobrea a atitude de Marieta... é correto afirmar que a garota teve um comportamento preconceituoso?

A maioria dos alunos ao mesmo tempo – sim::...

P – ela foi preconceituosa?

Alunos – sim::...

P – como ela foi preconceituosa?

(Aluno A11) - porque não é porque as pessoas que ela deve expulsar... No caso do jogo as pessoas... Aí ela tá expulsando as pessoas... Isso é um tipo de preconceito... Porque cada um fala do seu jeito... Eles se expressaram só que eles falaram errado... Isso não é uma maneira de... No caso... Um jeito... Alguma coisa de expulsar as crianças do jogo...

P – não seria um motivo... né...

(Aluno A1) – É...

P – não é motivo pra isso...

(Aluno A09) – é como se ela... Ela tivesse um tipo de preconceito por uma coisa...

P – como esse tipo de preconceito... Como foi?

(Aluno A09) – ela expulsou eles por causa da forma que eles falam...

P - aí a gente... /nesse número quatro/ a gente pensa no número dois... Ei... Em um jogo de futebol entre amigos... Que é um ambiente de descontração... Geralmente você está jogando com pessoas da sua idade... Em um jogo de futebol as pessoas estão preocupadas com a forma de falar?

Alunos ((a maioria ao mesmo tempo)) – não...

P – olha só... Isso é uma coisa pra gente pensar... O que seria falar errado em um jogo de futebol entre amigos? Ei... Entre amigos existe um grau de intimidade... Então eu não vou estar no jogo... Preocupada com a maneira de pronunciar determinada palavra... Pelo contrário... né... Já... Alguém falou ai que seria... Que “falar errado” num jogo de futebol entre amigos... Seria chamar palavrão... né...xingar a mãe... né assim... É um ambiente [...] de descontração... Que você tá jogando ali com pessoas da sua idade... Geralmente é assim... Então as pessoas... Os jogadores... jogadoras num tão ali preocupados se pronunciaram de determinada maneira...[...] veja que coisa... Será que teria resposta pra essa número dois? O que seria em um jogo de futebol entre amigos? Será que existe isso no jogo de futebol entre amigos? (frase exclamativa) será que num jogo de futebol entre amigos existe “falar errado”? Ou melhor... Será que existe “falar errado”? [...] olha... Vamos pensar sobre isso... né... Aí vocês me disseram que Marieta teve uma atitude preconceituosa... Ela foi preconceituosa porque ela queria que os colegas falassem certo... né... Esse “certo” seria da forma que ela...

Alguns alunos ((ao mesmo tempo)) - fala...

P – fala... Mas será que a maneira de Marieta falar é a única “certa”?

Alguns alunos ((ao mesmo tempo)) – não...

P – quem é que determinou isso... Que a maneira de Marieta falar é a única maneira certa de falar? Ora... são coisas pra gente pensar... E porque é que o... O:.... Essa relação entre educação e falar errado... O padre diz assim [...] “Marieta... minha filha... pare”... “arbitragem de futebol e educação são coisas distintas”... Quer dizer... são coisas diferentes... “pare de expulsar os jogadores por falarem errado”... Então... Quer dizer... Eles falam errado porque não tem educação? (frase exclamativa) eita... Vamos pensar sobre isso... Você ia falar o que... Arthur?

(Aluno A09) – é que agora eu percebi essa parte que tá falando que... Porque ela fez isso... Quem disse que ela só fala certo... Porque onde tava dizendo que... Como era cada personagem da Turma do Xaxado... tava dizendo que ela era inteligente... Certo? (frase exclamativa) tá dizendo... E ela mesmo deve saber disso...

P – deve saber disso o que? Que ela deve saber?

(Aluno A09) – que é inteligente...

P – que ela é inteligente... Que... Portanto... Algumas pessoas que falam diferente dela não são inteligente? A gente pode tirar essa conclusão?

Alguns alunos ao mesmo tempo - não...

P – isso é uma coisa a se pensar... Se ela pensou isso... Se ela pensa ela... Não tá tendo uma atitude de preconceito?

Alguns alunos ao mesmo tempo - sim...

P – vocês não disseram... Vocês disseram que ela teve uma atitude de preconceito porque ela expulsou os colegas... Porque... Segundo ela... Eles estavam falando...

Alguns alunos ao mesmo tempo - errado...

P – errado... Olha só... Tem algumas coisas aí que a gente precisa entender... tá... Na tira em tela... O número cinco... Quem fala é apenas o padre [...] é por meio da sua repreensão a Marieta que é construído o humor da tira... [...] quando ele associa educação a falar errado... É possível compreender que ele pensa da mesma maneira que a menina?

(Aluno A18) – não...

P - vocês acham... /olha só... Vamos pensar... /a gente fica sabendo o que aconteceu aí no segundo quadrinho... Porque o padre fala... Nós não vemos Marieta expulsar os colegas... Vemos?

Alguns alunos ao mesmo tempo - não...

P – não... A gente ler no segundo quadrinho dos colegas... Olha a cara de raiva... Marieta com cara de desdém ó... Num tá nem aí... “expulso mesmo... mai tá...” olha a cara dela... “e apois...” né... Mas a gente não ver como é que ela faz isso... A gente não ver como ela faz pra expulsar esses colegas... Como será que mais ou menos ela fez? né... Um colega disse uma palavra lá... “suta”... Querendo dizer “chuta”... aí ela disse... “ei... fora (frase exclamativa)” Por quê? Porque você disse “suta” e não “chuta”... Será que foi assim? A gente não sabe... A gente imagina... Quem nos explica o que aconteceu é o padre... É ele que chega à conclusão de que educação e arbitragem de futebol são coisas diferentes... Distintas... Então... A partir disso é possível a gente dizer que ele tem a mesma opinião que Marieta? Ou melhor... Que ele pensa igual a ela?

((Alguns alunos fizeram sinal negativo com a cabeça))

P – não? Vocês acham que não? Há situações em que é necessário o uso da língua de forma... [...] de maneira mais formal... Uma vez que nesses contextos usamos uma variante que esteja mais próxima da norma padrão... [...] e o que seria esse jeito formal de usar a língua? (frase exclamativa) [...] com os seus colegas lá do WhatsApp ou numa entrevista de emprego?

Alunos ao mesmo tempo – numa entrevista de emprego...

P – não é... E em qual situação você usou a língua de uma maneira mais informal?

(Aluno A11) – nos grupos de whatsapp...

P - no grupo de whatsapp, numa conversa com os amigos na calçada de casa... Deu pra entender?

Alunos ao mesmo tempo – sim...

P – então... Há situações em que é necessário o uso da língua de forma... [...] de maneira mais formal... Deu pra entender? São essas situações que... Dependendo do que a gente vai falar... A gente muda nossa maneira de falar... A gente adequa também a nossa maneira de falar...

(Aluno A11) – até mesmo com os professores...

P – até mesmo com os professores... Uma vez que nesses contextos usamos uma variante que esteja mais próxima da norma padrão... Que seria aquele modelo que a gente discutiu a semana passada... né... De uso da língua... né... O menino falou aqui na outra aula... “o do jornal”... O cara que tá lá apresentando o jornal... Ele usa a língua de uma maneira mais formal... Tá sendo transmitido pra um público enorme... Então... A forma que ele fala se aproxima mais da forma padrão que seria um modelo... né... Sob esse entendimento... Entendo agora... Eu espero que vocês tenham entendido o que é a maneira formal de falar e a maneira informal... Espero que todos tenham entendido... Todos entenderam?

Alunos ao mesmo tempo – sim...

P – Deu pra entender o que é a maneira... o jeito formal de falar e o jeito informal?

Alunos ao mesmo tempo - sim...

P – Vamos para a letra “A”... “cite algumas situações em que o emprego da variante mais formal é necessário”... Em que situação eu devo usar o jeito formal da língua? [...] eu citei dois exemplos aqui... Citem outros exemplos...

(Aluno A10) - com as pessoas de fora...

P – como assim pessoas de fora?

(Aluno A11) – assim... Como se fosse uma pessoa que... Uma visita na nossa casa...

P – com uma visita... A gente tem que usar uma linguagem mais formal?

(Aluno A11) – é...

P – outro exemplo... Diga... A09... [...] me diga uma situação em que é necessário a gente usar a língua de uma maneira mais formal... Diga... A10...

(Aluno A10) – num tribunal?

P – no tribunal... Olha... Diante do juiz você até pra... Numa audiência quando a gente vai no juiz... Se apresenta na frente do juiz... A gente não pode ir com qualquer roupa... né... Ou calça... Se for uma mulher... Uma saia mais composta ou uma calça... Não pode ir só com...

(Aluno A11) – um top...

P – um top... não pode... a gente quando vai conversar com o juiz... a gente muda a roupa e também muda o que?

Alguns alunos ao mesmo tempo – a linguagem...

P – a fala... O jeito de falar... Então... A gente usa língua de uma maneira mais...

Alguns alunos ao mesmo tempo – formal...

P – formal... Deu pra entender?

Alguns alunos ao mesmo tempo – sim...

P – vocês compreenderam? Quero ouvir outro exemplo... Com visitas... A... No tribunal... Aonde? [...] será que o jogador futebol... Em algum momento... Ele usa a língua de um jeito mais formal?

(Aluno A10) - sim...

P - os meninos que gostam... Em que situações o jogador de futebol...

(Aluno A10) – entrevista...

P – entrevista... [...] os jogadores de futebol geralmente [...] não dão aquelas coletivas de imprensa? (frase exclamativa)

((alguns alunos fizeram sinal positivo com a cabeça))

P – eles estão ali conversando... Embora não... Não seja assim uma coisa muito formal... Mas eles procuram se aproximar o máximo...

(Aluno A17) – é...

P – não é? Eles procuram ser o mais formal possível dentro daquilo que eles sabem... Diga... A09...

(Aluno A09) – falando com o chefe de trabalho...

P – o seu chefe... Ei... Um dia... Quando você tiver um patrão uma patroa... Você não vai falar com seu patrão... Sua patroa do jeito que você fala com seu amigo... Sua amiga lá da rua não... Vai? (frase exclamativa)

Alguns alunos ao mesmo tempo - não...

P – você pode até ser demitido... né...

(Aluno A16) – é...

P – que mais? Tem outro exemplo que a gente deve usar a língua de jeito mais formal? alguém poderia dar outro exemplo? Tem muitas situações... Muitas... [...] /psiu.../

(Aluno A11) – professora...

P - diga...

(Aluno A11) – ó um exemplo... Quando a mãe da gente descobre que a gente fez alguma coisa errada... Um exemplo na escola

P - ahamm

(Aluno A11) – aí... A pessoa vai tentar explicar... Você gaguejando... Fica tentando explicar... aí... A pessoa... Ó... ouuu..... É::... Fica tentando procurar as palavras da melhor maneira possível pra que a mãe entenda o que aconteceu na escola...

((risos))

(Aluno A18) – poi eu falo pra ela não entender...

P – tu já faz o contrário... né... A18... Já para que ela não entenda...

((risos))

P – olha só... Vamos agora analisar outra situação... No jogo de futebol entre amigos... Como na tirinha de Cedraz... Que variante linguística é mais comum... A formal ou a informal? Que não exige a rigidez da norma padrão... Porque a informal ela não exige a rigidez da norma padrão... Da gramática... No jogo de futebol entre amigos é comum o uso da linguagem formal ou informal?

Alguns alunos ao mesmo tempo – informal...

P – formal ou informal?

(Aluno A11) - informal...

P – informal... né... Aí explique... Porque você está ali entre...

Alguns alunos ao mesmo tempo – amigos...

P – amigos...

(Aluno A11) – aí num quer saber a palavra que vai falar...

P – né... Você tá ali geralmente com pessoas da mesma idade...

(Aluno A11) - tem intimidade com a pessoa...

P – tem intimidade... Que também conta se você tem intimidade com aquela pessoa... Num é verdade? (frase exclamativa) ou com aquele grupo...

P - [...] Olha só... O acesso às variedades linguísticas de maior prestígio social é um direito de todos... Todo mundo tem o direito de aprender a norma... A variedade linguística de maior prestígio social... A variedade de maior prestígio social é aquela que mais se aproxima da maneira padrão de falar... Que é aquela maneira que se aproxima mais da língua como ela está registrada no dicionário e nas gramáticas... Todo mundo tem o direito de aprender... Tem o direito... É por isso que a gente vem para...

Alguns alunos ao mesmo tempo – escola...

P – escola... né... A gente... né... Já quer saber usar a norma padrão em que são exigidos... [...] em contextos que são exigidos permitem um aspecto da linguagem de igualdade entre as pessoas... Usar a norma padrão no contexto que ela é exigida... Permite em relação à língua igualdade entre as pessoas... Olhe... Nós discutimos lá na sala que o Brasil é um país plural... É um país desigual... né... Tem gente de toda idade... Tem gente de toda raça... De toda cor... De toda cultura... né assim? (frase exclamativa)

Alguns Alunos ao mesmo tempo – é...

P – então já... Saber usar essa norma que se aproxima mais da norma padrão permite... Faz com que as pessoas... Pelo menos no aspecto da linguagem... Elas se aproximem... Elas se tornem um pouco... O que... Ó... Iguais... Por exemplo... Foi você que falou num juiz né? Diante do juiz... Porque é que você estar procurando adequar a sua linguagem? Respeito... Segundo... Porque quer se entendido por ele e que você quer de alguma forma que ele lhe respeite e... Ele diga... “não essas pessoas tá usando uma linguagem de uma determinada maneira, então ela merece respeito”... Deu pra...?

(Aluno A11) – sim...

P – porém é preciso saber adequar a nossa linguagem... Formal ou...

Alguns alunos completaram - informal...

P - ei... Eu preciso saber em que momento usar a linguagem formal e em que momento usar a linguagem...

Os alunos completaram - informal...

P – não é toda hora que eu vou usar a linguagem formal e não é toda hora que eu vou usar a linguagem...

Os alunos completaram- informal...

P – informal... Não é... De acordo com a situação... né... Diante dessas informações... Leia o texto abaixo [...] É::... Antes da gente ir para a atividade quatro... Eu vou aproveitar essa tirinha que a gente analisou anteriormente... Porém, é preciso saber adequar a nossa linguagem... Adequar... Ei... Quando a gente vai à praia... As meninas abrem lá o guarda roupa pegam o vestido mais longo que elas tiverem... A calça jeans... É assim... Pra ir à praia?

Os alunos responderam ao mesmo tempo – não...

((risos))

P – não... Pega o biquíni... O maiô... né? (frase exclamativa) tem umas meninas que gostam de umas... Umas bermudinhas... De uns shortes...

P - os meninos quando vão à praia...

(Aluno A11) – usam calção... ((risos))

P – calção... Sunga...

(Aluno A18) - apói eu uso shorte...

((risos))

P – psiu... Mas digamos que você foi convidado... Você foi convidada [...] pra ir ao casamento da sua tia... Aí você vai de biquíni ou de sunga...

((risos))

P - quando chegar lá... Sua tia diz... “endoidou”...

((risos))

P – Enlouqueceu... Porque como é que a pessoa vem um casamento...

(Aluno A11) - de biquíni... ((risos))

P – de biquíni...

(Aluno A11) – é um casamento aquático... ((risos)) e olhe lá...

P – olha só... Então... Quando você vai pra um casamento... Você sabe adequar a sua roupa a situação... né verdade?

Os alunos ao mesmo tempo – é...

P – você sabe adequar a sua roupa pra ir pra praia... Pra ir pra um passeio... Pra ir “prun” shopping... Ei... Tem gente que não gosta... Mas você sabe adequar a sua roupa pra vim pra “es”...

Alguns alunos ao mesmo tempo – cola...

P – “cola” existe uma roupa adequada pra vim pra escola... Ei... Foi falado aqui que diante do juiz... A gente vai vestido de qualquer maneira?

Alguns alunos ao mesmo tempo – não...

P – né... Se aquela pessoa exige um determinado grau de... De respeito... Se aquele local também exige um determinado grau... De formalidade... A gente vai procurar uma roupa mais formal... né assim? (frase exclamativa) então... Isso acontece também... Do jeito que a gente adequa... Ei... Do jeito que a gente adequa a roupa... A gente também adequa a linguagem... E o que é adequar? É usar as coisas no... No local correto... Por exemplo... Marieta tava expulsando os meninos porque os meninos falavam de uma determinada maneira no jogo... Marieta estava sendo adequada?

Os alunos responderam ao mesmo tempo – não...

P – ela não usou... Ela não entendeu que dentro... Que no jogo entre amigos é possível sim você falar à vontade... Trocar um “R” por um “L”... né... É normal... Porque aquele ambiente... Você estar entre amigos... Com pessoas da sua idade... Você tá num ambiente de descontração... Então... Marieta tá precisando aprender isso... Que a gente pode usar a

língua... a gente deve adequar... Assim como a gente adequa a roupa... A gente... Imagine se Marieta tiver como árbitra desse jogo de futebol... De longo... De salto alto...

((risos))

P – né... [...] a gente ia dizer... “oxente... essa menina parece que meia...”.

(Aluno A18) – meia lélé...

((risos))

(Aluno A18) – é...

P – né... A gente num ia... /não pera ai.../ olha só... Ela tá com uma roupa de arbitra... Ó... Um [...] uma bermuda... né... Uma camiseta... né... Ela soube adequar à roupa... Mas Marieta não tá sabendo adequar a...

Os alunos completaram – a fala...

P – A fala... Olha só... Então... Aqui ó... Diante dessas informações... Leia a tira abaixo... [...] o humor dessa tira é construído em cima dessa falha na comunicação entre os dois... O que pode explicar essa falha na comunicação? [...] por que a comunicação entre eles falhou? humm... Alguém poderia dizer porque a... A comunicação entre os dois falhou? Marieta... “explicar-te-ei a importância de uma gramática correta para uma vida em sociedade... para falar corretamente... falar corretamente auxilia a completa compreensão de uma mensagem... compreendes?” Zé Pequeno diz... “vixe... dá pra ispricar mió?” então... Houve uma falha na comunicação... O que explica essa falha? que falha é essa?

(Aluno A11) – ela falou certo e Zé Pequeno falou errado? (frase exclamativa)

P – como?

(Aluno A11) – é porque ela falou errado... É::... Certo e Zé Pequeno falou errado...

P – ela falou errado...

(Aluno A11) - ela falou certo...

P – ela falou certo...

(Aluno A11) - e Zé Pequeno fala errado...

P - é isso?

Alguns alunos ao mesmo tempo – sim...

P – é essa a falha na comunicação? Por isso que...

(Aluno A09) - professora...

P - diga...

[...]

P - voltando aqui para o assunto... A falha da comunicação... Vocês concordam com isso que A11 disse?

Alunos ao mesmo tempo – sim...

P – é porque ela fala certo e Zé Pequeno fala errado?

(Aluno A09) - não...

(Aluno A11) - não...

P - foi isso que... Foi... Foi essa a falha na comunicação dos dois? Foi o que... A10? [...] por que ele não compreendeu o que ela falou... Por quê?

(Aluno A10) - porque ela falou muito formalmente? (frase exclamativa)

P – ela falou muito formalmente? [...] vamos continuar... Daqui a pouco a gente volta... Qual seria o contexto de comunicação [...]? Explique... Esse contexto aí é um contexto formal... Informal? Que que vocês acham? É um contexto formal? Esse contexto aí exige uma fala formal ou exige uma fala informal? [...]

(Aluno A09) – formal porque estar explicando...

(Aluno A18) – ao dois...

P - formal porque está explicando?

(Aluno A18) – os dois... Eu acho... Um fala errado... Outro fala certo.

P – um fala... Não... Eu quero saber se esse contexto aí... Tem dois amigos conversando... Duas crianças... Mais ou menos da mesma idade... Neste contexto aí... É... Que fala seria mais adequada... Formal ou a informal? É isso que eu quero que vocês digam... Explique esse contexto aí... O contexto é... Tem duas pessoas adultas conversando?

Alguns alunos ao mesmo tempo – não...

P – são.../ olha o contexto.../ são duas crianças... Da mesma idade mais ou menos... né... Colegas de escola... Colegas de:... De comunidade... né... Brincam juntos... Esse é o contexto... Levando em consideração a sua resposta do quesito anterior... Responda... [...] a linguagem empregada por Marieta é adequada a esse contexto?

(Aluno A11) - não...

P – a forma que ela fala é adequada aí... Esse contexto?

Alguns alunos ao tempo - não

P – por que não? [...]

(Aluno A10) - porque é uma conversa entre amigos? (frase exclamativa) e não deve ter essa formalidade...

P – porque é uma conversa entre amigos e não deve ter esse... Essa...

(Aluno A10) – formalidade...

P – essa formalidade... Diga...

P – e... Mesmo assim... O tanto que ela falar tudo certo bem... Umas palavras que a gente nunca viu... Ele mesmo vai entender tudo errado do mesmo jeito...

P – tô entendendo...

(Aluno A11) - num vai entender nada...

P – então ele não... Ela não foi adequada na sua forma de falar nesse contexto aí? Que um contexto de uma conversa entre duas crianças... Dois amigos... Numa mesma comunidade... Numa mesma cidade... Colegas de escola... Ela não usou a linguagem adequada... né...

(Aluno A11) – hunrum...

P – Marieta começa sua fala... Usando o verbo na mesóclise... ei... O que é isso... Verbo na mesóclise?

(Aluno A11) – na mesóclise?

P - presta atenção... [...] eu coloquei entre parênteses... Ó... [...] que é o usar o pronome no meio do...

(Aluno A11) complementa a leitura – verbo...

P – verbo... Olha como tá...”explicar-te-ei” ... O “ti” é o pronome e ele está no meio do...

Alguns alunos – verbo...

P – verbo... Explicar... aqui é “ei” é o verbo... O pronome ficou no meio... Você vão estudar isso bem::: amplamente no oitavo ano... Que é colocação pronominal... É a próclise... Mesóclise e a ênclise... tá... Não se preocupem com isso não... Marieta... Uma menina de aproximadamente oito... Nove anos usou o verbo na mesóclise... “explicar-te-ei”... A pergunta é::... É comum... Na sua opinião... Uma criança utilizar na sua linguagem diária... O verbo desse modo?

(Aluno A11) – não...

P – vocês acham que isso é uma coisa comum?

Alguns alunos ao mesmo tempo – não...

P – por que não?

(Aluno A09) - porque ela ainda é uma criança...

P – ela ainda é uma criança? Diga...

(Aluno A11) – e também porque... Assim... Quando se explica na teoria... A gente somo tudo sabido... né... Aí...

P – não tinha necessidade dela usar a mesóclise...

(Aluno A11) - é...

P – porque eles têm tudo à mesma idade... [...]

(Aluno A10)– nem os adultos...

P – nem os adultos... A10... Não é comum... né... Nem você escuta os adultos utilizando geralmente o verbo na mesóclise... Principalmente aqui no Brasil... Aqui no Brasil... Nós não temos esse hábito de usar tanto a mesóclise... né... Apenas usado no futuro é... Presente ou no futuro do pretérito se não é... Não houver uma palavra atrativa que exija a próclise... Mas não se preocupe com isso não... tá... Então... Nem adulto a gente vê... E uma criança de oito anos... Uma menina de oito anos usa a mesóclise... Então... Ó... Não é comum... né... Concordam?

Alguns alunos ao mesmo tempo – sim...

P - em outras palavras [...] Marieta tenta explicar para Zé pequeno que fa... Que falar fazendo uso das normas gramaticais é falar o que?

(Aluno A11) - corretamente...

P - e que essa atitude é indispensável... Ou seja... É indispensável falar usando a língua dentro das normas gramaticais... Sempre é indispensável para uma vida em sociedade... Quer dizer... E também ser compreendido por todos os interlocutores... Então... Se você usa a língua de uma forma que respeite sempre as normas gramaticais... Que respeite sempre as palavras registradas do jeito que elas estão no::... No dicionário... É uma coisa indispensável para se viver na sociedade e para ser compreendido por todos os interlocutores... Ou seja... Se você usar a língua dentro da norma... É::... Das regras gramaticais... Sempre... Você sempre vai ser compreendido... Você concorda com essa afirmação?

Alguns alunos – sim...

P – é verdade o que ela diz? Sim ou não?

Alguns alunos hesitantes – sim...

P – sim ou não? Todo mundo concorda? Usar a língua sempre da norma culta faz com que você sempre seja compreendido?

(Aluno A11) – não...

(Aluno A10) - não...

(Aluno A20) – não...

P – e é indispensável pra você viver dentro da sociedade? Viver numa sociedade?

Alguns alunos ao mesmo tempo – não...

P – é indispensável? Sim ou não?

Alguns alunos ao mesmo tempo – não...

P – a maior prova que o que ela fala não é verdade é que o próprio Zé Pequeno [...] não consegue entender o que ela falou... E como é que auxilia uma boa convivência em sociedade se... Na tirinha anterior... Ei... Na tirinha anterior ela (Marieta) teve problemas em... Ela tava

arrumando problemas... Inimizades com os amigos... Expulsando os amigos... Porque... Segundo ela... Os amigos falavam as palavras...

Alguns alunos completaram – errado...

P - errado... Então... Falar... Usando a língua sempre na norma culta... Sem se preocupar com o contexto... Auxilia... Ajuda a pessoa a viver numa sociedade?

(Aluno A11) – não...

P – não... A gente tem que saber adequar a língua às situações... Tem momentos que realmente é extremamente necessário você usar a língua [...] dentro da norma...

(Aluno A17) – padrão...

P – culta... Padrão... De maneira formal... Mas há momentos que se você fizer isso... Se você usar a língua desta maneira... Correrá o risco de você não ser...

(Aluno A11) complementa – entendido...

P - entendido... Então... Além do contexto... Ei... [...] que eu tenho que adequar a minha linguagem... Eu tenho que adequar a minha linguagem ao contexto... A situação... Ali eu tô conversando com meu amigo... Meu colega de rua... Meu colega de escola... Brinca comigo... A gente vive aventuras... Então... Eu tenho que adequar a minha linguagem tanto ao contexto... Que uma conversa entre amigos... Como ao meu interlocutor... Ei... O que eu vou falar... Do jeito que eu vou falar... Vai fazer com que o meu interlocutor entenda? (frase exclamativa) se não... Eu vou ter que fazer o que?

(Aluno A11) – falar com as palavras que ele é acostumado a escutar...

P – falar com as palavras que ele é acostumado a escutar... A11 disse... Isso quer dizer o que? Que eu vou adequar... Adequar a minha linguagem ao meu interlocutor e vou adequar a minha linguagem ao contexto...

(Aluno A09) – professora...

P – diga...

(Aluno A09) – eu acho que eu tô encontrando uma coisa aqui em Marieta... Tipo... Ela é uma menina inteligente... Não é? (frase exclamativa) por que que ela não entende que tem outro jeito de falar?

P – pois é... Marieta... [...] sabe porque você se disse Marieta é uma menina inteligente... Por que que ela não sabe que existe uma maneira informal? Ei... Porque o fato de Zé Pequeno falar... Ó... “Vixe... tá pra isplacar mió”... Não quer dizer que Zé Pequeno não seja inteligente... Não... Zé Pequeno simplesmente usa a língua de uma maneira diferente da de Marieta... E detalhe... Do jeito que... Eu não sei vocês... Mas pelo nível eu já conheço... Eu consigo compreender o que Marieta disse... Mas o que Zé Pequeno disse... Ao contexto... Está

mais adequado... O jeito que Zé Pequeno falou está mais adequado ao contexto do que o jeito que Marieta falou...

(Aluno A11) – é mermo...

P – não é não? (frase exclamativa)

(Aluno A11) – que tem que acostumar a ver alguém falando as palavras erradas... mai ela é... É::... Não sei o que... “esti – ei”... Eu sei lá como ela fala “compreendeste”... Não sei o que...

P – pois é...

((risos))

P – tem um contexto assim com a roupa... Lembra a história da roupa? Então... Marieta tá com esse problema... né... Marieta precisa aprender a adequar a situação... Num jogo de futebol entre amigos... Ela não pode expulsar os colegas... Porque os colegas pronunciam as palavras de uma forma diferente da dela... né... E ela tentou usar uma linguagem bem sofisticada... Uma linguagem bem formal... Que nem todos os adultos usam... Pra explicar pra um menino... Da mais ou menos a idade dela... Que é o Zé Pequeno... Tem entre oito e nove anos... A importância de se usar a gramática... É::... Que ela disse que é importante a gramática pra viver em sociedade... Será que só se vive bem na sociedade... Se se usar a gramática?

Alguns alunos ao mesmo tempo – não...

P – não... [...] então... Ó... Será que eu tenho que saber usar todas as regras gramaticais pra viver bem na sociedade?

Alguns alunos ao mesmo tempo – não...

P – isso não é uma condição é... É::... Primordial... né... É importante? É porque a gente viu aqui... Ó... “ter acesso às variedades linguísticas de maior prestígio”... Qual a que tem maior prestígio? Qual é a maior... A mais prestigiada? É a que se aproxima mais da que está registrada no dicionário... Na gramática... É essa que tem maior prestígio... A sociedade aceita mais estar... tá... Então... Todo mundo tem o direito de saber... De aprender essa norma... tô colocando ali como norma padrão... Isso faz com que as pessoas se tornem, pelo menos na linguagem... Iguais... Não quer dizer que elas vão se tornar iguais... né... Porque... Por exemplo... Uma pessoa que é pobre que usa a norma padrão... Com uma pessoa que é rica... O fato dela usar a linguagem de uma maneira padrão com a pessoa que é rica não vai torná-la... Não vai mudar a sua condição social... Não vai torná-la rica... Vai? (frase exclamativa)

(Aluno A11) - não...

P – não... Não vai... Diga...

(Aluno A11) – e até mesmo isso tem vezes que as pessoas vão... Vamos dizer assim... As pessoas pobres falam com uma linguagem mais adequada do que as pessoas que têm mais condição... Falam melhor do que aquelas pessoas que estão...

(Aluno A17) - que é “pobi”...

(Aluno A11) – que é pobre... Vamos dizer assim... E ainda tem isso... Eu já percebi... professora...

((risos))

P – as pessoas que são ricas têm uma linguagem mais o que?

(Aluno A11) – que assim... Mais formal...

P – mais formal?

(Aluno A11) - as pessoas dizem que... [...] tem mais... Tem uma linguagem mais formal e as pobres falam tudo errado... né... Informal... Só que... Às vezes... Eu já percebi isso... Tem pessoas pobres que falam com a linguagem melhor do que as pessoas ricas...

(Aluno A10) – tem vezes que as pessoas pobres falam de um jeito só pra mostrar que é aquilo que não é...

P – pois é... né... Veja só como a questão... Fala de uma maneira... Só pra mostrar ser aquilo que não é... O rico pra mostrar ser pobre e o pobre pra mostrar...

(Aluno A11) - que é rico...

P - olha só como a questão da linguagem estar em todo lugar... [...] presta atenção...

[...]

Roda de conversa com comentários sobre as Tiras da Turma do Xaxado de Antonio Cedraz, Figura – 8 e da dissertação e de outras tiras lidas, (CEDRAZ, 2012, p. 190)

[...]

P - vamo lá... vamo lá... Psiu! vamo lá! Podemos? Podemos começar?

Alguns alunos ao mesmo tempo – sim::...

P – tá aí outra situação em que esses dois personagens estão conversando... né... Marieta e Zé Pequeno mais uma vez dialogando... E aí Marieta... /olha a carinha dela.../ meio com desdém... Olha o olhinho meio cerrado... Meio... Zé Pequeno... “por que tu falas...” olha... “por que tu falas...” olha como ela emprega o verbo... “por que tu falas tudo errado?”

João – “num sei”...

P – aí Zé Pequeno diz... “num sei... e pur que tu fala tudo certo?”

(Aluna A11) - adorei a resposta de Zé Pequeno... Eu acho que seria empregar as palavras da forma informal...

P – aí ela faz... Porque ó... Ela também não sabe a:.... Não sabe a:....

(Aluna A11) ((complementa)) – resposta...

P - vê só... O humor da tira é construído pelas indagações dos personagens das quais eles demonstram não saberem as...

Alguns alunos complementam - respostas...

P – Ela pergunta pra Zé Pequeno por que... E olha a carinha dela perguntando... Tá gente... Meio assim... Os olhos meio cerrados como quem tá meio entediada... né... “por que tu falas tudo errado?”... “num sei... pur que tu fala tudo certo?”... nÉ... A resposta responde com outra pergunta... Então... Ela... O humor dessa tira é construído pelas indagações das personagens que demonstram... Nenhum... Nem outro sabe as respostas para essas perguntas... Agora... Sendo assim... Responda... Eu quero ouvir todo mundo... Viu... Lógico que não é tudo mundo falando ao mesmo tempo não... [...] aí... Diz assim... “o que seria falar errado?”... Diga você primeiro...

(Aluna A11) – empregar no... Na forma informal...

P – falar “errado” seria empregar as palavras de... Da forma informal? Da maneira informal? O que seria “falar errado”? Diga... A10...

(Aluno A05) - tocar as palavras? (frase exclamativa)

P - trocar as palavras? Outra resposta... O que seria esse falar “errado”? Hum? Eu quero ouvir vocês... Bora... Gente... Diga... Diga... A09...

(Aluno A09) - usar uma língua fora da norma-padrão... Ou seja... A mesma língua só que de forma informal...

(Aluno A04) - falar na norma da sua região...

P – falar na form... Não falar ou falar na norma da sua região?

(Aluno A04) – falar na forma da sua região...

P – mas... Aí... Vamo lá pra letra “B”... Depois a gente faz os comentários gerais... E o que seria “falar certo”?

(Aluna A11) - no caso de Marieta... Ela vai continuar falando tudo na língua-padrão na vida dela inteira... No caso de Marieta... Ela vai continuar tudo dela na forma padrão.

P - quando você diz assim “tudo dela”... Você quer dizer em todas as situações?

(Aluna A11) - É... Até agora que a gente viu é... né? (frase exclamativa)... Só não sei se a gente for acompanhando em todos os quadrinhos vai ter alguma coisa diferente... Mas eu acho que não...

P – diga... A09...

(Aluno A09) - não concordo... Pra mim é falar da forma... Jeito... Do modo formal... Mas se esse... Agora tem um porém... Se esse “tudo certo” for o “tudo certo Marieta”... A resposta é... Pra mim... A resposta é usar a língua de uma forma extremamente formal... Já que a dela é extremamente formal mesmo...

P – quando você diz “extremamente formal”... Como assim “extremamente informal”?

(Aluno A09) - tipo muito formal... Tipo... Às vezes ela fala... Ela diz “falas”... “explicar-te-ei”...

P – isso... Ela usa “falas”... né... “explicar-te-ei”... Sim... Diga... Querido... Você ia falar? Fale... O que seria... E “falar certo” o que seria?

(Aluno A18) – eu ia falar a mesma coisa que ele...

P – você ia dizer mais ou menos a mesma coisa? Alguém... O que seria aí... O que seria “falar certo”? Quando Zé Pequeno diz... “num sei... pur que tu fala tudo certo?”... O que seria esse “falar certo” que Zé Pequeno disse aí? Ahmm? [...] os colegas aqui deram três respostas... Vocês concordam com isso... Não?

Alguns alunos ao mesmo tempo – sim...

P – então... Adiante... Vamo... Vamo ser bem sincero aqui... Gente... Até esse ponto... Até tudo o que a gente viu... Existe um “falar certo” e um “falar errado”?

((Alguns alunos disseram que sim e outros que não ao mesmo tempo))

P – sim ou não?

((Alguns alunos disseram que sim e outros que não ao mesmo tempo))

P - existe um “falar certo” e um “falar errado”? E o que seria esse... Acha que não?

((voltando-se para um aluno que fez sinal negativo com a cabeça))

P - o que seria... Se você tá dizendo que sim... o que seria esse “falar certo” e o que seria esse “falar errado”?

(Aluna A11) - acho que não... Assim... Como eu falei não... As pessoas assim... Sabe falar certo na ocasião formal... Só num adequa as palavras na... Nas situações que deve ser... Pra mim... Todas as pessoa sabe falar as palavras na forma padrão formal... Mai não usam... Falam é::... Da forma informal...

P – de acordo com o que a gente viu aqui ou até o que a gente viu aqui... Não existe essa de “falar certo ou falar errado”... Não essa da forma de falar... Essa forma de falar ser melhor do que aquela... Todas são boas se forem usadas no contexto ade...

Alguns alunos completaram – quado...

P - de acordo com o que a gente viu aqui ou até o que a gente viu aqui... Não existe essa de falar errado... Essa de que a forma de falar ser melhor do que aquela... Todas são boas... se forem usadas no contexto adequado... Se eu uso a norma padrão... A língua de uma maneira mais formal no contexto certo... Se eu uso a língua de uma maneira mais informal no contexto certo... Beleza... Então... Num é que eu falo errado... Ela fala errado... Num é que ela fala melhor do que ele ou ele fale melhor do que ela... O problema é saber adequar... Usar essas maneiras diferentes de falar nas situações adequadas... Aí... Quando eu digo situações adequadas eu estou pensando em que? (frase exclamativa) no contexto... Em que lugar eu estou... Quem é o meu interlocutor... Ou seja... Com quem é que eu estou falando ou com que é que eu vou falar...

(Aluna A11) – pra que ele me entenda...

P – será que eu falando desta maneira a pessoa vai entender? Ou eu preciso adequar a minha língua a essa pessoa? Por exemplo... Na tirinha anterior... A Marieta diz... “explicar-te-ei a importância de uma gramática correta”... Se ela tivesse adequado a linguagem dela a Zé Pequeno... Teria havido comunicação... Zé Pequeno teria entendido aquilo que ela falou...

(Aluna A16) - até mesmo respondido... né... Professora? (frase exclamativa)

P – justamente (frase exclamativa), mas... Mas ela rebuscou de mais... enfeitou... Vou fazer aqui o que A09 disse... “ela usou no extremo”... Foi isso que você usou? (frase exclamativa)

(Aluna A09) – uhum...

P - no extremo... Então... Eu tenho que pensar o contexto em que eu estou falando e para quem ou com quem eu estou falando... A partir daí... É que eu devo pensar... Não em “falar errado”... “falar certo”... Mas é adequado ou não é adequado falar isso aqui com essa pessoa? Deu pra entender?

Alguns alunos ao mesmo tempo – aham...

P – deu pra entender a diferença?

(Aluna A11) – sim...

[...]

P - aí vem pra cá ((voltando à atenção para as questões propostas))... “há quem diga que “fala bem” a pessoa que consegui adequar a fala ao contexto e ao interlocutor...” é o que eu falei pra vocês... Quando eu vou falar... Eu tenho que pensar em que local eu estou... Para quem eu vou falar... Com que objetivo... Quem é a pessoa com quem eu vou falar... Essa pessoa exige de mim o emprego da língua de uma maneira mais formal ou eu posso empregar essa língua... Essa linguagem de uma maneira mais informal? [...], por exemplo... Marieta no jogo de

futebol... Expulsando os colegas que estavam pronunciando as palavras de uma determinada maneira... Ela usou a língua no contexto adequado?

(Alunos) – não... ((muitos responderam ao mesmo tempo))

P – o contexto é o jogo de futebol com os amigos e o interlocutor... Quem é o interlocutor? Os amigos... A pessoa com quem ela estava falando... Com quem ela estava interagindo eram os amigos... Ela usou a língua ali de forma adequada?

(Alunos) – não...

P – houve um problema ali... né... Que o padre teve que intervir... Diga... A11...

(Aluno A02) - professora... Eu concordo sim... A:.... Porque segui o exemplo... Eu li... di uma lidinha antes de eu responder sem saber... Aí... Eu não entendi... Porque a senhora falou no contexto certo [...] no caso... Eu não respeitei aqui a vírgula... Só que... Quando a senhora falou no contexto certo... Eu fui e entendi... [...]

P – entendi... [...] agora... Você tem que explicar aqui... Você concorda aqui é:..... Fala bem a pessoa que consegue falar no contexto correto ou adequar a sua fala ao contexto e ao interlocutor? Você concorda com essa afirmação?

((a aluna faz sinal positivo com a cabeça))

P – daí... Se sim ou se não... Você tem que explicar o porquê... Olhe... Concordo com isso... Porque nós falamos aqui várias vezes sobre a questão da formalidade e da informalidade... Quando eu uso a língua de uma maneira mais formal é porque o meu interlocutor e aquele contexto... Aquele lugar precisa... Lembra que eu falei agora pouco... Você tá... Por exemplo... Na igreja né... Aí você é chamada para fazer uma oração ou você é chamado pra dá um... Uma mensagem... Sei lá... Como é que você vai usar a língua naquele contexto? De uma maneira informal... Como você conversa com seus colegas... Brincando na rua?

(Alunos A02) – não...

P – [...] não... Você vai policiar a forma que pronuncia as palavras... Você vai imaginar... “ei... tem pessoas aqui me ouvindo de todas as idades... então... eu tenho que... né... eu num posso falar besteira”... Não é assim que você vai pensar? (frase exclamativa) então... Veja... Você vai adequar a sua linguagem... Isso a gente faz a todo momento... Gente... [...] Então... Quando qualquer pessoa vai empregar a língua tem que se preocupar com o quê?

(Aluno A03) - com a maneira que a gente vai falar...

P - em que sentido [...] quando a gente vai falar com alguém... O que temos que observar?

(Aluna A10) – a forma de falar...

P – a forma de falar... Por que a gente tem que observar a forma de falar?

(Aluna A11) - porque tem vez que a pessoa fala bobagem ou... Até mesmo... Uma palavra que o interlocutor da gente... Que teja nos ouvindo... Não entenda...

P – é... A gente leu o texto na primeira aula... Que... Por exemplo... Numa entrevista de emprego... Uma situação extremante formal... Você vai falar com o entrevistador da mesma forma que você fala com seus colegas conversando ou com um colega mais íntimo? (frase exclamativa)

(Aluna A11) e outros colegas ao mesmo tempo – não...

P – não... Você vai fazer o que? (frase exclamativa) você vai adequar a sua linguagem... Aí... Quando eu digo isso... O que que a gente deve pensar... É correto esse posicionamento de... De Marieta quando ela diz assim... O ET diz assim... “escuta... Marieta... escuta... terráquea... Nós veio em paz... A gente temos a missão de acabar com os po... os pobremas dos humanos na terra” ... Aí o Xaxado... “qual é a conclusão que você chegou... Marieta?”... E diz “que não há vida inteligente em outros planetas”... Ela foi o que aí?

(Aluna A11) – grossa... Preconceituosa...

P – grossa... Preconceituosa... Ei... Ela se preocupou mais com a forma que ele falou de que com o que ele...

Os alunos completaram – falou...

P – falou... A mensagem dele era extremamente importante... Diga...

(Aluna A11) - ô professora... Eu também tenho um caso... Quando eu tava estudando na outra escolinha... Teve uma menina... A gente ia fazer uma redação... Aí... Ela disse assim... “eu não sei usar palavras adequadas”... Aí... Eu disse assim... “a gente vai te ajudar”... Aí... Eu não tive tempo de ajudar... Porque já tinha acabado o horário da gente ir embora... Aí... Ela foi e pediu a fila pra menina... A menina foi e deu sabendo que ia se prejudicar... Ela deu e falou tudo com as formas de falar certa... Tudo... Aquilo e aquilo... e a menina não prestou atenção nas coisas... Teve um dia... Aí... A professora disse assim... “sua redação foi muito bem... você podia explicar ou até mesmo fazer outra redação pra mim?”... Ninguém pôde ajudar e ela falou tudo direitinho... aí... a professora disse assim... “assim não é falando nada da sua vida... mas porque da outra redação... você fez melhor do que essa?”... Aí... Ela foi e disse... Foi pra diretora... As duas ficou de castigo... Porque a menina não... A menina ajudou... Mas ela não prestou atenção no que a menina estava falando... Da outra vez... Duas se prejudicou...

P – no caso ela fez a redação no que a colega disse...

(Aluna A11) – foi...

P – não foram as ideias dela... É isso que você tá querendo dizer?

(Aluna A11) – Aham...

P – entendi... É::... Então... Vamo pensar agora... Vamo trazer pro nosso ambiente... É::... Eu não sei vocês... Mas eu já perguntei em outras turmas e já presenciei situações em que o alunos ele são ví... Vítima... Vamos dizer assim... De preconceito... Porque ele fala determinada palavra... né... E aí... É correto a gente ficar ridicularizando... Mangando ou mesmo corrigir essa pessoa de maneira grosseira?

Alguns alunos ao mesmo tempo – não...

P – porque isso pode fazer o que com essa pessoa?

(Aluna A09) – magoá-la...

P – magoá-la... Entristecê-la e... [...] de alguma forma... Às vezes nem... Vocês acham que isso corrija ou que isso acaba bloqueando a pessoa... A pessoa fica com medo de se expressar... Fica com medo de falar... Porque acha que vai falar “errado”... Com medo de dizer alguma palavra ou pronunciar alguma palavra de determinada maneira... Com medo que outras pessoas vão ficar jugando... Vão ficar ridicularizando... Vão ficar rindo... Então... A gente tem que pensar também “como é que eu devo É::... me portar daqui pra frente em relação às palavras ou até mesmo corrigir meu colega”... Será que é correto eu tá corrigindo meu colega na frente de todo mundo? (frase exclamativa)

Alguns alunos ao mesmo tempo – não...

P – quando eu faço isso... De alguma forma... As pessoas... Ou os outros colegas... né... Isso também não é uma forma de preconceito? Não é? (frase exclamativa) vocês concordam que é uma forma de preconceito? É uma forma de preconceito quase semelhante ao que Marieta faz? Diga...

(Aluna A11) – ô, professora... A menina que estudou comigo... Ela... A gente mandava... Quando [...] a gente era bestinha... A gente ficava mandando carta de amiga uma pra outra... Aí... A gente sempre mandava pra uma menina que a gente achava que era espetacular da sala... Aí... A gente mandava cartinha pra ela... Aí... Teve um dia... Assim... Eu num disse pra minhas amigas... Só que eu fiquei muito triste... Porque mandei... Aí... Tinha várias palavras erradas... Ela corrigiu de caneta vermelha e mandou eu corrigir minhas palavras e falar tudo certo e mandou eu... Assim::... Aprender mais com ela...

P – nossa (frase exclamativa)... Tá vendo... Então... Essa questão de preconceito linguístico é algo muito sério... Né gente... A gente tem que ter muito cuidado quando alguém falar de determinada maneira... Né... “ah, eu vou... fulano fala assim... fulano pronuncia essa palavra de...” a gente tem que ter muito cuidado... Porque isso acaba de alguma forma... /olha o que a gente falou aqui ó... [...]ó... / “o acesso às variedades linguísticas de maior prestígio social é um direito de...”.

(Aluna A11) – todos...

P – já que saber usar a norma padrão em contextos que são exigidos... Exigidos... Permite no aspecto da linguagem... Permite o que... Gente? Igualdade entre as...

Alguns alunos completaram – pessoas...

P – pessoas... Tá... Porém... É preciso saber adequar nossa linguagem formal ou informal de acordo com a...

Alguns alunos completaram – situação...

P – situação... Diante dessas informações... /aí é o exercício que a gente fez em seguida.../ então... É bem interessante isso que é... A11 falou e eu espero que vocês reflitam sobre isso... Né... Ó... Se eu vou falar... “fulano pronunciou uma palavra assim... Fulano disse em tal lugar... ou você vai sair daqui de Sobrado... vai pra uma determinada... Vai ali pra João Pessoa... [...] Sim... Pessoal... Então... A gente tem que ter muito cuidado... Porque do jeito que A11... por exemplo... recebeu esse bilhete da amiga... todo corrigido de vermelho... né... E ela nem se preocupou com o conteúdo né... do::... Da mensagem que você mandou pra ela... Eu tenho certeza que era extremamente mais importante do que as palavras que você escreveu... É::... De determinada forma trocando um “r” pelo um “l”... Enfim... Não é... Então... Isso é uma coisa muito séria... Isso traz problemas pras pessoas no futuro... É::... Na vida adulta... Na vida profissional... Na vida social e pode causar bloqueios... Pode fazer com que a pessoa com medo de se expressar... Com medo de falar com os outros... [...] Por conta... Não quer... Tem medo de ser corrigido... Entenderam... pessoal?

Alguns alunos ao mesmo tempo – sim...

[...]

ANEXOS

ANEXO A: TEXTOS DE APOIO⁹

OS DEZ ANOS DA TURMA DO XAXADO

Sérgio Mattos*



Tive o privilégio de conhecer Antonio Luiz Ramos Cedraz, ou simplesmente Cedraz – considerado hoje um dos melhores mestres do quadrinho nacional – ainda nos anos 70 do século passado, quando eu editava o suplemento “Jornal de Utilidades”, do jornal A Tarde. Àquela época, este baiano, nascido no município de Miguel Calmon, ainda bancário, apareceu na redação com o seu jeito de ser, simples e tímido, mas determinado a apresentar alguns de seus primeiros personagens de quadrinho e a divulgá-los nas páginas do vespertino. Ganhou minha atenção, admiração e espaço no suplemento semanal que editava aos sábados, até meados de 1970, e que marcou época na história do jornalismo

contemporâneo por ter inovado como um jornal de serviços, dando também oportunidade a jovens cronistas, poetas, fotógrafos, artistas e ao talento excepcional de Cedraz.

Já àquela época, Cedraz fazia o que gostava e gostava do que fazia, fator extremamente importante para a persistência com que venceu os obstáculos rumo ao sucesso e ao reconhecimento, que vem obtendo em todo o território nacional. Entre os inúmeros troféus recebidos, destacam-se o Prêmio Ângelo Agostini, que lhe conferiu o título de “Mestre do Quadrinho Nacional”, e os cinco prêmios HQ Mix, uma espécie de “Oscar” brasileiro da categoria, oferecido pela Associação dos Cartunistas do Brasil, com sede em São Paulo.

Tenho agora a satisfação de apresentar este livro da Turma do Xaxado quando o personagem está completando 10 anos de existência. Mais uma vez o destino me permitiu a honra de ser um dos primeiros a publicar um trabalho de Cedraz, pois foi exatamente no suplemento “A Tarde Municípios”, do jornal A Tarde, do qual fui editor, que as tiras do Xaxado começaram a ser publicadas no ano de 1998, duas vezes por semana. O sucesso das tiras do Xaxado foi tanto que imediatamente passaram a ser publicadas diariamente no Caderno 2 do jornal. Observe-se que a arte produzida por Cedraz se impôs e se impõe sozinha pela qualidade inerente a este baiano, cuja simplicidade, criatividade e comunicabilidade são universais. Suas historinhas encontram espaços por serem inteligentes, bem roteirizadas e engraçadas sem perderem o senso reflexivo e educativo. Suas histórias são atuais, contextualizadas e de inserção social. Além de defenderem os interesses da região, transmitindo as preocupações e reivindicações do semiárido nordestino, os personagens da Turma do Xaxado, expressam um entrelaçamento de eventos e relações sociais globais quando discutem questões sociais, ambientais e ecológicas. Em suas historinhas regionais, existe uma perfeita compreensão e consciência do mundo como um todo.

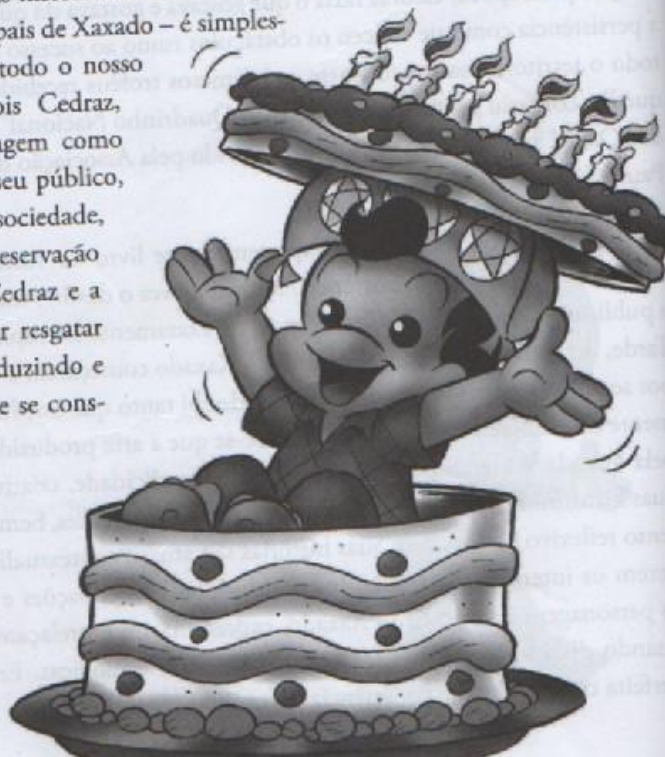
⁹ CEDRAZ, A. **1000 tiras em quadrinhos**. São Paulo: Martin Claret, 2012.

Cedraz é exemplo de dedicação, de paciência, de perseverança, de profissionalismo e de amor à arte que produz. Da Turma do Joinha, nos anos 70 para cá, passando por Lúbio, a Turma da Pipoca até a Turma do Xaxado, ele evolui, é claro, mas seus personagens e historinhas continuam sendo cons-truídos, definidos e inspirados na experiência de nordestino que ele carrega. O regionalismo se impõe e dá uma aura especial aos seus personagens, principalmente os da Turma do Xaxado, cujas histórias acabam obtendo um caráter universal, pois identificam-se com os leitores, independentemente de faixa etária, etnias ou país de origem, devido às suas características que permitem a transmissão do humor. A simplicidade e comunicabilidade de Cedraz são regionais e, ao mesmo tempo, universais. Há muito suas historinhas romperam as barreiras territoriais baianas, invadindo não apenas os jornais brasileiros, mas também os de Angola, de Cuba e de Portugal. Em 2003, o Projeto Turma do Xaxado recebeu apoio institucional da UNESCO.

No ano de 2008, a Turma do Xaxado completou 10 anos de sucesso, e o entusiasmo de seu criador é o mesmo dos idos de 1970, quando suas primeiras tiras começaram a ser publicadas pela grande imprensa. Ao longo de mais de 35 anos, Cedraz consolidou seus personagens e se consolidou com muita competência ganhando respeitabilidade como profissional da área. Cedraz não subestima a inteligência de seu público e sabe explorar com sensibilidade as sutilezas, emoções e espontaneidade de cada situação, sem perder a graça e sem deixar de registrar sua crítica e dar sua contribuição à cultura.

Cedraz, posso afirmar, profissionalizou-se na arte dos quadrinhos, e hoje, fora do eixo Rio-São Paulo, é o maior e mais importante produtor de quadrinhos e um dos mais produtivos do Brasil. Sua regularidade criativa é uma benção para todos nós. Este quarto livro-álbum da Turma do Xaxado, comemorativo dos 10 anos – reunindo as historinhas de Zé Pequeno, Arturzinho, Marieta, Marinês, Capiba e de Seu Enoque e dona Fulô, os pais de Xaxado – é simplesmente fantástico! Este trabalho merece todo o nosso apoio, divulgação e leitura atenta, pois Cedraz, como ninguém, sabe fazer uso da imagem como instrumento de opinião, influenciando seu público, atuando como consciência crítica da sociedade, como educador e responsável pela preservação de nossas raízes culturais. Parabéns a Cedraz e a sua equipe e obrigado por nos permitir resgatar os sonhos da infância. Continuem produzindo e sonhando, pois com belos sonhos é que se constrói o futuro.

* Sérgio Mattos é jornalista, poeta e autor de livros como *História da Televisão Brasileira: uma visão econômica, social e política* e *Mídia Controlada: a história da censura no Brasil e no mundo*.



A Turma do Xaxado



O principal personagem
É neto de um cangaceiro.
O seu nome é Xaxado,
Muito alegre e justiceiro,
Atento à vida do campo
Do Nordeste brasileiro.



O Zé Pequeno tem fama
De ser lerdo e preguiçoso,
Mas isso não é verdade,
Ele é muito buliçoso,
Ouve música, se diverte.
Além disso, é amoroso.

Marieta é uma jovem
Que gosta muito de ler.
Deseja ser professora
E estuda pra valer,
Passa horas pesquisando
Com alegria e prazer.



O personagem Arturzinho
É filho de um fazendeiro.
É um rapaz avarento
Que só pensa em dinheiro.
Além de ser egoísta,
É vaidoso e encrenqueiro.



Em defesa do planeta,
Marinês vive a lutar,
Estimulando as pessoas
A vida valorizar,
Defendendo a natureza
De maneira exemplar.

O Capiba é fã da música
Sertaneja de raiz.
Cantar e tocar viola
Lhe deixa muito feliz.
O seu sonho é ser artista,
Assim como seu Luiz!



Tem o brincalhão Saci,
Também a galinha Odete,
Personagens engraçados
Que sabem 'pintar o sete';
Além do padre guloso,
Um grande cabra da peste!



Agora você já pode
Nessa viagem embarcar
Com a turma do Cedraz
E poder se alegrar.
Além de lhe divertir,
Xaxado vai lhe ensinar!

Versos do professor e cordelista
Antonio Barreto

ANEXO B: TRECHOS DO LIVRO DIDÁTICO DOS ALUNOS¹⁰

Variedades linguísticas são as variações que uma língua apresenta em razão das condições sociais, culturais e regionais nas quais é utilizada.

Norma-padrão e variedades de prestígio

A língua está sempre em mudança, em renovação. Palavras novas surgem a todo instante e formas antes valorizadas caem em desuso com o tempo. Com a Internet, até mesmo a forma de escrever as palavras tem se modificado.

Justamente para evitar que cada um use a língua à sua maneira, em todo o mundo existem especialistas que registram, estudam e sistematizam o que é a língua de um povo em certo momento, o que dá origem à **norma-padrão**, uma espécie de "lei" que orienta o uso social da língua. Essa norma-padrão é a que está registrada nos dicionários e nos livros de gramática.

É claro que a norma-padrão não existe como uma língua de fato, pois ninguém fala português em norma-padrão em todos os momentos da vida. Ela é um modelo, uma referência que orienta os usuários da língua a, sempre que precisam, usar o português de modo mais formal.

Há momentos descontraídos, em que ela não é necessária, mas há momentos em que ela é obrigatória, como quando fazemos uma entrevista para conseguir um emprego, quando apresentamos um trabalho escolar, participamos de um debate, escrevemos uma carta para uma autoridade pública, redigimos um requerimento, etc. Dada a importância da norma-padrão, a escola se propõe ensiná-la a todas as crianças e jovens do país, preparando-os para ingressar na vida social.

Qual é a sua tribo?

A linguagem revela mais do que pensamentos e sentimentos. Revela também quem somos socialmente, isto é, nossa posição social, nosso grau de escolaridade, nossa timidez ou agressividade, nosso gosto cultural, o grupo ou a tribo de que fazemos parte — enfim, pela linguagem mostramos nossa forma de ser e de ver o mundo. Por isso, a língua que falamos pode tanto nos abrir quanto nos fechar portas socialmente. Na tira abaixo, por exemplo, palavras e expressões como "estamos ligados", "só!", "mó feliz", "10 paus" contribuem para caracterizar as personagens: jovens que se consideram "descolados" e, por isso, incorporam a gíria em sua linguagem cotidiana.



(Anelli. *Sanque bom*. São Paulo: Devir/Jacarandá, 2000. p. 37)

¹⁰ CEREJA, W.R.; MAGALHÃES, T.C.; **Português: linguagens** (6º ano). 9 ed. Reform. São Paulo: Saraiva 2015.

As variedades do português que mais se aproximam da norma-padrão são prestigiadas socialmente. É o caso das variedades linguísticas urbanas, faladas nas grandes cidades por pessoas escolarizadas e de renda mais alta. Outras variedades, faladas em lugares distantes dos grandes centros, ou faladas por pessoas analfabetas ou de baixa escolaridade, ou por pessoas mais pobres, são menos prestigiadas e, por isso, frequentemente aqueles que as falam são vítimas de preconceito.

Acesso às variedades de prestígio: questão de cidadania!

Você já percebeu como algumas pessoas simples, sem instrução e sem facilidade para se expressar ficam tímidas diante de outras pessoas que falam com clareza e fluência?

Ter acesso às variedades linguísticas prestigiadas socialmente e saber se expressar por meio delas tem sido um privilégio de poucos, mas é um direito de todo cidadão. Conhecendo a norma-padrão e apropriando-se de variedades de prestígio social, o cidadão fica em pé de igualdade linguística com as outras pessoas e, assim, torna-se mais fácil ouvirem sua voz e respeitarem seus direitos.

Norma-padrão é uma referência, uma espécie de modelo ou de "lei" que normatiza o uso da língua, falada ou escrita.

Variedades urbanas de prestígio, também conhecidas como **norma culta**, são as variedades empregadas pelos falantes urbanos mais escolarizados e de renda mais alta.

Variação linguística e preconceito social

Você já deve ter ouvido alguém dizer que o português de uma cidade ou de um Estado é melhor do que o de outro lugar. Do ponto de vista linguístico, não existe uma variedade linguística melhor ou mais correta do que outra. Mesmo que uma variedade seja bastante diferente da norma-padrão, ela será boa se permitir aos seus falantes se comunicar e interagir entre si de modo eficiente.

Contudo, as variações da língua frequentemente são motivo de preconceito. Pessoas de baixa escolaridade, ou vindas do interior ou de regiões distantes dos grandes centros urbanos podem ser ridicularizadas ou inferiorizadas por falarem uma variedade diferente daquelas prestigiadas socialmente.

Na tira de Fernando Gonsales, a mulher devolve o papagaio porque não se identifica com a variedade linguística falada pela ave. Ou talvez para evitar que pensassem que ela ou a família dela tivessem sido o modelo para aquele modo de falar do papagaio.

Falar bem é falar adequadamente

Leia esta tira, de Adão Iturrusgarai:



(Folha de S. Paulo, 13/8/2005.)

Tipos de variação linguística

As variações de uma língua podem ocorrer por diferentes motivos. Conheça, a seguir, alguns deles.

Diferenças de lugar ou região

Diferenças geográficas têm relação com variações da língua. Por exemplo, algumas cidades do interior usam uma variedade linguística diferente da falada na capital; o português falado no Rio Grande do Sul é diferente do falado em Pernambuco ou no Pará; o português falado no Brasil é diferente do falado nos países africanos de língua portuguesa.

As diferenças podem ser de som (pronúncia), de vocabulário e até de construções frasais. Veja um exemplo na tira a seguir.



A língua portuguesa no mundo

A língua portuguesa tem presença significativa em quatro continentes. Além de ser falada no Brasil (América do Sul) e em Portugal (Europa), está presente em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe (na África) e em Goa e Timor Leste (Ásia).

Se, dentro do Brasil, notamos variações linguísticas de uma região para outra, imagine de um continente para outro!

Fonte: Marcelo Duarte. *O guia dos curiosos - Língua portuguesa*. São Paulo: Panda, 2003. p. 58.



Maurício de Sousa Produções

Na tira, a fala de Chico Bento (1º quadrinho) está de acordo com a língua falada pela maior parte dos brasileiros, já que falantes de toda parte podem dizer "quiria" em vez de **queria** e "sê" em vez de **ser**. Porém, na fala do outro garoto (3º quadrinho), o emprego de "discurpa" em vez de **desculpa** mostra que ele é um falante do dialeto caipira, no qual frequentemente o **l** é trocado pelo **r**: "arto" (alto), "parmo" (palmo), "lençor" (lençol), etc.

Escolaridade e classe social

A variedade linguística que você observou na tira de Fernando Gonsales reproduzida na página 39 é um exemplo das variações ocasionadas pelo baixo grau de escolaridade: o emprego de "bicicreta", "cocrete" e "cardeneta" é comum entre pessoas que frequentaram pouco ou não frequentaram a escola.

Diferenças históricas

Com o passar do tempo, uma língua sofre variações. Leia estes versos de uma cantiga de roda:

Chora, menina, chora
Chora porque não tem
Vintém.
Menina que está na roda
Parece uma toleirona,
Bobona.

(Domínio público.)

Nesses versos, há duas palavras que caíram em desuso: **vintém** e **toleirona**. **Vintém** é uma antiga moeda de pouco valor, e **toleirona** é pessoa tola, bobalhona.

Oralidade e escrita

Em princípio, a língua oral é mais espontânea do que a língua escrita. Na língua oral são comuns, por exemplo, as repetições, as quebras na sequência de ideias, problemas de concordância e o uso de expressões de apoio, como **né?**, **tá?**, **entendeu?**, **hum...**, etc. Já a língua escrita é mais monitorada, pois temos condições de escolher bem as palavras, de corrigir o texto e melhorá-lo até transmitir exatamente o que desejamos.

Contudo, essas diferenças entre oralidade e escrita têm diminuído bastante, principalmente nos dias de hoje. Primeiramente porque hoje a maior parte dos brasileiros sabe ler e escrever e, quanto mais uma pessoa lê, mais ela tende a empregar formas da língua escrita quando está falando em situações formais. Em segundo lugar porque, com o uso da Internet, as fronteiras entre o oral e o escrito têm se enfraquecido, já que os textos de *e-mails*, *orkut*, *twitter* e *facebook*, embora sejam escritos, aproximam-se bastante da fala.

O português na Ilha da Madeira

O brasileiro que vai à Ilha da Madeira tem a impressão de que ouve um português igual ao falado em Portugal. No entanto, há muitas diferenças entre o português falado na ilha e o falado no continente. Conheça algumas das palavras e expressões madeirenses:

abelhinha: automóvel, táxi

à pata: a pé

canalha: conjunto de crianças

catchu: bola de futebol

fazer ramelas: fazer inveja

joeira: papagaio, pipa

menino: pessoa inteligente, esperta

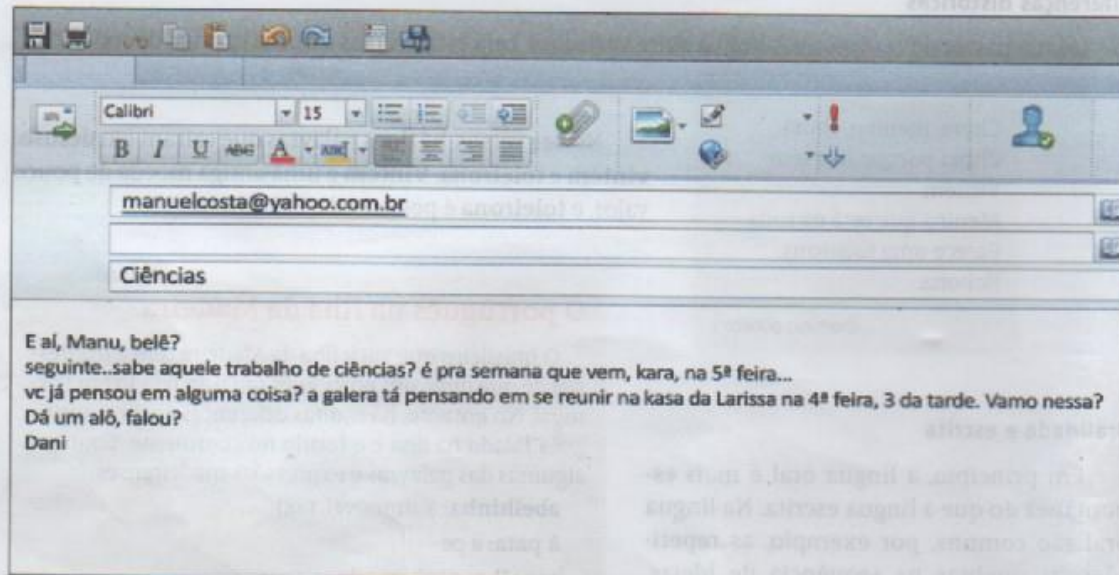
penca: nariz



Madeira, ilha da costa africana dominada pelos portugueses desde o século XV, onde se fala o português madeirense.

Formalidade e informalidade: graus de monitoramento

Às vezes, mesmo sem perceber, falamos em determinadas situações de modo diferente do habitual. Por exemplo, quando falamos em público; quando, em busca de emprego, somos entrevistados; quando conversamos com pessoas mais instruídas do que nós ou com pessoas que ocupam cargo ou posição elevada. Nessas situações, monitoramos mais o que dizemos, evitando gírias, expressões grosseiras e palavras ou expressões que demonstrem intimidade com o interlocutor, como **fofinha**, **safado**, **pra caramba**, **dia de cão**, **é um saco**, etc., e, por isso, nossa fala se aproxima mais da norma-padrão. Quando isso ocorre, dizemos que a língua apresenta maior grau de formalidade. Quando, entretanto, ela apresenta menor monitoramento, dizemos que a língua é informal. Veja, como exemplo, este e-mail:



A informalidade que se nota no e-mail se dá em vários níveis. A intimidade que há entre os interlocutores é revelada no emprego de palavras reduzidas, como **Manu**, **belê**, **pra**, **tá**; no uso de gíria, observada em **galera**; e na utilização de grafia própria de textos que circulam na Internet, ocorrida em **kara** e **kasa**.

A gíria

Você já deve ter reparado que alguns grupos sociais — por exemplo, o grupo dos estudantes, o dos jogadores de futebol, o dos policiais, o dos esquetistas, o dos funkeiros, o dos surfistas, etc. — usam na fala certas palavras e expressões que lhes são próprias. Esse tipo de variedade linguística é chamado de **gíria**. Normalmente criada por um grupo social ou profissional, a gíria, por sua expressividade, pode tanto desaparecer rapidamente quanto se estender à linguagem de todas as camadas sociais.

Gírias antigas

Pergunte aos seus pais e a seus avós se eles chegaram a utilizar algumas destas gírias antigas:

- bafafá:** confusão
- bicho:** forma de tratamento
- boko-moko:** pessoa que não sabe se comportar
- carango:** cârro
- chuchu beleza:** bom, bem-feito
- cri-cri:** chato
- nos trinquês:** ótimo, certo
- plá:** conversa
- prafrentex:** avançado
- tá ruço:** está ruim

Fonte: Karin Fusaro. *Gírias de todas as tribos*. São Paulo: Panda, 2001. p. 120-3.